

Bruno Azambuja Araujo

**A cordilheira em movimento:  
Uma análise agroecológica da expansão Inca nos Andes Centrais  
(século XV)**

Dissertação submetida ao Programa de  
História da Universidade Federal de  
Santa Catarina para a obtenção do  
Grau de mestre em História Cultural.  
Orientador: Prof. Dra. Eunice Sueli  
Nodari

Florianópolis  
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Araujo, Bruno

A cordilheira em movimento: : uma análise  
agroecológica da expansão Inca nos Andes Centrais  
(século XV) / Bruno Araujo ; orientador, Dra.  
Eunice Nodari, 2017.

305 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de  
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História,  
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. História. 2. História Ambiental. 3. História da  
América. 4. Perspectiva agroecológica. 5. Cosmvisão  
andina. I. Nodari, Dra. Eunice . II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação  
em História. III. Título.

Bruno Azambuja Araujo

**A cordilheira em movimento: uma análise agroecológica da  
expansão Inca nos Andes Centrais (século XV)**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de  
“Mestre em História Cultural” e aprovada em sua forma final pelo  
Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de  
Santa Catarina

Florianópolis, 25 de setembro de 2017.

---

Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Beatriz Gallotti Mamigonian  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Eunice Sueli Nodari  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Lise Fernanda Sedrez  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Juliana Salles Machado Bueno  
Universidade Federal de Santa Catarina



## **AGRADECIMENTOS:**

O trabalho acadêmico, por vezes aparentemente solitário, esconde as contribuições que além de o sustentar, o engendram. Desde o apoio incondicional da família e dos amigos, às contribuições acadêmicas dos colegas e professores junto com o financiamento da pesquisa por instituições de fomento, muitos são os atores que possibilitaram a realização deste trabalho.

Agradeço primeiramente à minha família, que apoiou a mudança de estado mesmo sabendo das implicações que a distância física de um ente querido nos impõe. Dentre eles meu pai Luiz Antônio e minha mãe Sonia, que além do suporte emocional, foram atores fundamentais para que tudo isso ocorresse. Às minhas irmãs, primos e tios, que mesmo sem entender muito da minha temática e objetivos de pesquisa, contribuíram com o carinho e o olhar de quem conhecia muito bem quem a realizava.

À segunda família que prestou todo suporte, mesmo que a distância, com a atenção, o carinho e o olhar “humanístico” que desde que nos conhecemos me proporcionam: meu agradecimento especial à Luiz Antônio, Alice Ewbank e Dona Dulce.

Aos amigos que conseguem manifestar o apoio mesmo solicitando constantemente a presença para troca de afetos que, embora não relacionados diretamente à pesquisa, são vitais para que esta se desenvolva com alguma lucidez. Aos grandes grupos de amigos do “Palhinha” e da “pelada de quinta”, que permaneceram diariamente na

minha vida apesar dos 1200 km de distância entre o Rio e a ilha de Santa Catarina.

Agradeço aos colegas e amigos que conheci aqui em Florianópolis. Aos colegas do Labimha que proporcionaram trocas e aprendizados fundamentais. Ao professor João Klug que esteve presente quase na figura de um co-orientador durante meu mestrado. À minha orientadora e professora Eunice Nodari, por me acolher com o carinho e as contribuições necessárias, aceitando uma temática um tanto diferente de um aluno vindo do Rio de Janeiro. Ao CNPq, pelo apoio financeiro fundamental para a realização da difícil tarefa de ser pesquisador no Brasil atual.

Aos amigos que levarei para a vida, em especial: Maíra, Silvia, Talita, Karine, Tom, Leandro, Jonatã, Jenny e Esther que estiveram presentes nos aprendizados que transbordaram a academia, dividindo alegrias, inquietudes e saberes.

Às duas madrinhas que tive nesse período: Silvana Granato e Milena Falcão, pelo acolhimento amoroso e incondicional, e por encamparem o papel de porto seguro nas possíveis turbulências de uma vivência numa zona de convergência intertropical.

Mas a história desse trabalho não poderia ser escrita sem mencionar especialmente alguns personagens.

A temática escolhida surge de uma viagem ao Peru e a Bolívia feita nos idos tempos de 2007, com três amigos (a princípio): Pedro, Henrique e Fábio. Durante esse quase mês e meio, ainda com o olhar de um jovem de vinte anos, não poderia imaginar que as impressões

causadas ali poderiam me marcar tanto para a escolha de uma temática de mestrado oito anos depois. Um agradecimento especial a esses irmãos que me confirmam cada vez mais que o saber se desenvolve da experiência e dos sentidos que nela são apreendidos. Nesse aspecto, agradeço também a professora Lise Sedrez por me incentivar a materializar isso nos parâmetros acadêmicos necessários, estabelecendo a relação entre a história andina Inca com a história ambiental.

O deslocamento para outra cidade envolveu mais que um até breve aos amigos e familiares, uma grande passagem. Agradeço à minha querida avó Clea a qual vi pela última vez em casa, falante, um dia antes de viajar para o processo seletivo de mestrado. Nunca esquecerei dos aprendizados e do apoio mesmo sabendo que sua intenção era ter por perto todos os netos e que o sul do país, onde já tinha vivido, era um lugar desagradavelmente frio para ela. Meu pesar de não ter voltado a tempo para dar minhas impressões e contar de minha aprovação para desenvolver essa pesquisa.

Para não me alongar ainda mais e para terminar com a merecida alegria que acompanhou todo esse movimento, um agradecimento especial a minha companheira incondicional Cecilia Ewbank. Por abraçar a ideia de uma mudança e se entregar dedicando a ela corpo, alma, mente e coração. Às experiências compartilhadas diariamente, aos pequenos e grandes momentos de descobrimento, individual e duplo, à força dada para superar os obstáculos, aos apontamentos certos e aos sonhos conjuntos que ainda estão por se realizar.

## RESUMO:

A expansão da influência Inca sobre os Andes Centrais durante o século XV não foi somente uma dominação territorial sobre outros grupos étnicos que ali antes habitavam. Esse processo promoveu uma reorganização das formas de se relacionar com esse ambiente que por ser diverso e heterogêneo foi um protagonista desse movimento. A verticalidade da cordilheira andina foi fundamental, portanto, para uma análise que tenta dar conta dos aspectos sócio-ambientais que vieram a constituir, posteriormente, o *Tawantinsuyu*. Para isso, se utilizará da História Ambiental e sua perspectiva agroecológica, que parte da observação desses aspectos ecológicos em conformidade com a produção agrícola para refletir sobre as problemáticas que essa relação ocasionava ao movimentar fluxos de energia em ambientes tão específicos. Para compreender de que modo essa reorganização ficou marcada na história através da construção desse ambiente nas palavras dos cronistas a partir do século XVI, utilizaremos também dois alimentos dos mais representados por eles e característicos desse metabolismo social: o milho e a batata. Os mesmos são icônicos para análise das relações entre as cosmovisões andinas no momento que populações eram deslocadas por entre ambientes diversos, levando consigo saberes, plantas e animais.

**Palavras Chaves:** História; História ambiental, História Inca; Perspectiva agroecológica; Metabolismo sócio-ambiental; Agricultura na América Latina; cosmovisão.



## **ABSTRACT:**

The expansion of Inca ethnicity into the central Andes during the fifteenth century was not only a territorial domination over other ethnic groups that had lived there before. This process promoted a reorganization of the ways of relating to this environment which, being diverse and heterogeneous, was a protagonist of this movement. The verticality of the Andean mountain range was fundamental, therefore, for an analysis that tries to give account of the socio-environmental aspects that later constituted the Tawantinsuyu. To do this, we will use Environmental History and its agroecological perspective, which starts from the observation of these ecological aspects in accordance with the agricultural production to reflect on the problems that this relationship caused when moving energy flows in such specific environments. To understand how this reorganization was marked in history through the construction of this environment in the words of the chroniclers from the sixteenth century, we will also use two foods of the most represented by them and characteristic of this social metabolism: corn and potato. They are iconic for analyzing the relationships between Andean cosmovisions at the moment that populations were displaced across diverse environments, taking with them knowledge, plants and animals.

**Keywords:** History; Environmental history, Inca history; Agroecological perspective; Socio-environmental metabolism; Agriculture in Latin America; Cosmovision.

## Lista de Figuras:

- Figura 1** - Mapa altitudinal e zonas agroecológicas do Peru.....46
- Figura 2** - Mapa do Peru, Quito e de Nova Granada para ilustração da viagem de Pedro Cieza de León 1542 – 1550.....56
- Figura 3** - Mapa da expansão Inca na cordilheira dos Andes e sua divisão em quatro sub-regiões políticas.....57
- Figura 4** - Mapa mundi del Reino de las Indias de Felipe Guaman Poma de Ayala.....78
- Figura 5** - PONTIFICAL MVNDO de Felipe Guaman Poma de Ayala.....99
- Figura 6** - Gráfico de Biodiversidade, complexidade e heterogeneidade.....105
- Figura 7** - [256] VTVBRE, VMA RAIMI Quilla [mes de la festividad del agua] / Carnero negro ayuda a llorar y a pedir agua a dios con la hambre que tiene. / procición que piden agua a dios Runa Camag.....25
- Figura 8** - Terrazas de formação lenta na zona de Píscol, Cusco.....135
- Figura 9** - Croquis reconstitutivos dos efeitos benéficos das terrazas de cultivo de formación lenta (2), com relação à ladeiras escarpadas do terreno (1).....135
- Figura 10** - Camellones ou Waru-warú na região de Puno.....136
- Figura 11** – Croqui esquemático de sua formação e relação de infiltração com a água acumulada .....136
- Figura 12** – TRAVAXA: ZARA CARPAI, IACO MVCchoy rupay pacha de Felipe Guaman Poma de Ayala.....139
- Figura 13** - Foto de Andenes na região de Pisac.....143

<b>Figura 14</b> - Croquis da disposição de Andenes no terreno.....	143
<b>Figura 15</b> - Distribuição espacial dos adoratórios de altura na Cordilheira dos Andes e localização das montanhas onde se realizaram oferendas humanas.....	150
<b>Figura 16</b> - <i>TRAVAXO: PAPA OCA TARPVI PACHA [tiempo de sembrar papas y ocas], dezienbre</i> de Felipe Guaman Poma de Ayala.....	217
<b>Figura 17</b> - <i>TRAVAXOS: PAPA ALLAI MITAN PACHA [el tiempo del turno de la cava de papa], junio</i> de Felipe Guaman Poma de Ayala.....	218
<b>Figura 18</b> - <i>TRAVAXA: ZARA PAPA APAICVI AIMORay [mes de llevarse maíz y papa de cosecha], julio</i> de Felipe Guaman Poma de Ayala.....	219
<b>Figura 19</b> - <i>TRAVAXO: ZARA TARPV MITAN [el ciclo de sembrar maíz] / zetienbre</i> de Felipe Guaman Poma de Ayala.....	242
<b>Figura 20</b> - <i>TRAVAXA: CHACRAMANTA PISCO carcoy pacha a tiempo de oxear de la sementera en este rreyno, utubre</i> de Felipe Guaman Poma de Ayala.....	243
<b>Figura 21</b> - <i>TRAVAXA: ZARA, PAPA HALLMAI MITA [maíz, tiempo de lluvias y de aporcar], enero</i> de Felipe Guaman Poma de Ayala.....	244
<b>Figura 22</b> - <i>TRAVAXO: ZARAP TVTA CAVAI MITAN [el tiempo de vigilar el maíz por la noche], febrero</i> de Felipe Guaman Poma de Ayala.....	245
<b>Figura 23</b> - <i>TRAVAXOS: ZARAMANTA ORITOTA CARcoy mitan [tiempo de expulsar los papagayos del maíz], marzo</i> de Felipe Guaman Poma de Ayala.....	246
<b>Figura 24</b> - <i>TRAVAXO: ZARA PVCOI ZVVAMANTA uacaychay mita [maduración del maíz, tiempo de protegerlo de los ladrones], abril</i> de Felipe Guaman Poma de Ayala.....	247

**Figura 25** - *TRAVAXO: ZARA CALLCHAI ARCVI PAcha* [tiempo de segar, de amontonar el maíz], mayo de Felipe Guaman Poma de Ayala.....248

**Figura 26** - Representação da cosmovisão Incaica por Juan de Santa Cruz Pachacuti.....253

## SUMÁRIO:

<b>1.INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2.CAPÍTULO I .....</b>	<b>41</b>
<b>Descendo a cordilheira: uma análise metodológica da construção do ambiente andino pelas crônicas de um espanhol, um mestiço e um ameríndio.....</b>	<b>41</b>
1.1 Pedro Cieza de León: o príncipe dos cronistas.....	51
1.2 Inca Garcilaso de la Vega: um cronista mestiço?.....	63
1.3 Felipe Guaman Poma de Ayala, o “outro”: cronista ameríndio e iconográfico.....	74
1.4 O ambiente andino nas crônicas: caminhos possíveis.....	81
1.5 Atravessando os Andes centrais: entre vales, punas e yungas...104	
<b>3.CAPÍTULO II.....</b>	<b>117</b>
<b>No caminho das águas: o papel dos sistemas hidráulicos no manejo agroecológico Inca.....</b>	<b>117</b>
2.1 Sistemas produtivos de retenção de água e acumulação de saberes eco-lógicos.....	126
2.2 Circulações verticais de água e saberes na formação do metabolismo social Inca.....	142
2.3 Exemplos de expansão: os casos de Collasuyu (Tiwanaku), Ayacucho (Wari) e Vale del Colca (Cuntisuyu).....	164
2.4 A água vira alimento e continua circulando: sustentáculo e problemas.....	179
<b>4 CAPÍTULO III .....</b>	<b>193</b>
<b>Cosmovisões e transformações eco-lógicas a partir da produção do alimento: tubérculos, milhos e outras histórias.....</b>	<b>193</b>
3.1 O alimento como indicador sócio-ambiental.....	193
3.2 O pão andino: o papel dos tubérculos na sustentação do metabolismo social Inca.....	208
3.3 Produção e sacralização do alimento nas terras do Deus Sol: o destaque do milho.....	231

3.4 Alimentos que circulam e cosmovisões que se alteram.....259

**5.CONSIDERAÇÕES**

**FINAIS.....273**

**Transformações e descentralização? O início do fim.....273**

## 1 INTRODUÇÃO:

O termo andino *pacha* é um vocábulo quechua-aymara que possui diversas conotações dependendo de sua utilização e forma. Todas elas indicam uma perspectiva terrena, no sentido de se olhar ao rés-do-chão para um objeto, sem perder a vista da totalidade interagente do mesmo com os outros aspectos que o rodeiam. Filosoficamente o significado que lhe é atribuído é a junção dos conceitos de *espaço-tempo-mundo* como algo indissociável.<sup>1</sup> Sua aproximação maior para nossa concepção ocidental parece ser com o termo grego *Kosmos*, que inclui e não separa o que seria o mundo natural do mundo humano. Essa relacionalidade com o cosmos é a base sapiente da possibilidade de existência e do ser na visão andina.<sup>2</sup>

A organização social ou o etno-organismo<sup>3</sup> mais recente que participou da construção desse conceito antes da chegada e documentação dos espanhóis foi o que ficou conhecido como *Tawantinsuyu* Inca. A expansão da influência incaica sobre outras etnias ao longo dos anos e dos Andes foi um processo

---

1

ESTERMANN, Josef. **Si el Sur fuera el Norte**: Chakanas interculturales entre Andes y Occidente. Quito: Editorial Abya Yala, 2008.

2 Para saber mais: MANGA QUESPI, Atuq Eusebio. Pacha: un concepto andino de espacio y tiempo. **Revista española de antropología americana**, Madrid, n. 24, 1994, pp155.

3 Op. cit. MANGA QUESPI, 1994.

longo e de difícil demarcação cronológica, já que cada vez se aprofundam mais os conhecimentos arqueológicos acerca do contato entre estas em tempos cada vez mais regressos. No entanto, se convencionou demarcar o período a partir do final do século XIV e início do século XV do calendário gregoriano como um marco dessa expansão. Mais precisamente, se referem a Pachacuti e seu período (+- 1438 a 1471 D.C.) como o primeiro grande representante do *Tawantinsuyu*, o nono chefe Inca, o “reformador da terra”.<sup>4</sup>

O primeiro grande movimento expansivo ocorreu no que conhecemos hoje como Andes Centrais ou até como centro-sul andino, nos arredores próximos aos vales de Cusco. Tanto na direção leste dos altiplanos, quanto ao norte, beirando os altos picos nevados (cordilheira branca) como a oeste em direção ao pacífico, esse movimento encontrou um grande leque de etnias que habitavam as diversas regiões ecológicas que caracterizam a cordilheira. Esse é justamente o entreposto espaço-temporal que esse trabalho pretende se debruçar.

---

<sup>4</sup> Alguns até se referem como este sendo o primeiro “Rei” Inca que inaugura o período histórico dessa etnia. Até ele, todos os ancestrais entrariam numa espécie de panteão lendário. Ver mais em: DUVIOLS, Pierre La dinastía de los Incas: ¿ monarquía o diarquía?: Argumentos heurísticos a favor de una tesis estructuralista.. **Journal de La Société Des Américanistes**. Paris, p. 67-83. jun. 1979.



Estima-se que no momento máximo da expansão Inca havia uma população total entre seis a doze milhões de habitantes<sup>5</sup>, estando sob um estrito regime de tributação e burocracia ligado ao poder central cusquenho. Se utilizava e se impunha nesses “domínios” a língua *quechua* que alcançou quase a totalidade do que ficou conhecido como território incaico, uma das mais extensas e populosas organizações conhecidas na América pré-hispânica.<sup>6</sup> Numa longitude de aproximadamente 6000 km de norte a sul haveria uma divisão em quatro unidades geopolíticas, os chamados *suyus*, conformando o que ficou conhecido como *Tawantinsuyu* ou as quatro regiões que se subdividiam a partir do centro na cidade de Cusco. Veremos no capítulo I onde e como se convencionou delimitar cada uma das quatro regiões.

Ao se analisar o mundo andino pré-hispânico temos que ter em conta que natureza e cultura formavam, portanto, um todo indissolúvel.<sup>7</sup> Espaço-tempo onde as montanhas eram tratadas como *apus* ou deidades com as quais as pessoas se

---

5

COOK, Noble David; ESPINOZA, Javier Flores. **La catástrofe demográfica andina: Perú, 1520-1620**. Lima: Fondo Editorial, Pontificia Universidad Católica del Perú, 2010.

6 VITRY, Christian. Los espacios rituales en las montañas donde los inkas practicaron sacrificios humanos. **Revista Paisagens Culturais Contrastes Sul-Americano (Escola de Belas Artes UFRJ), Rio de Janeiro**. Carlos Terra e Rubens Andrades Editores, v. 4765, 2008. pp2

7 Op. Cit. VITRY, 2008. pp2

relacionaram através de uma interação mediada por oferendas; onde pedras poderiam ter almas, espíritos poderiam habitar mananciais e a morte de uma criança serviria para restaurar o equilíbrio com esse universo.<sup>8</sup> Dentro deste esquema cosmológico, onde diversos aspectos da natureza parecem ter sido objetos de culto, as montanhas tiveram um lugar privilegiado, principalmente se observarmos a grande quantidade de energia investida em quase duzentos cerros ao longo da cordilheira onde se localizaram evidências arqueológicas. Isso fica evidente quando a organização incaica começou a florescer e se expandir no século XV. Nesse período, construíram nas elevadas montanhas, pequenos edifícios destinados ao culto (*Huacas*) das divindades da montanha (*apus*) que hoje, principalmente no Peru, se denominam de “adoratórios de altura”.<sup>9</sup> Certamente, as montanhas já eram veneradas em quase toda cordilheira por outras etnias antes do período de expansão Inca. O que mudou nesse período foi a forma como ela ocorria e parte do seu significado. Como veremos, essa foi uma tônica nos diversos aspectos a serem analisado no presente trabalho. Afinal, como afirma Meyer em

---

<sup>8</sup> Segundo a crença Inca essas crianças oferendadas não morriam, mas se reuniam com seus antepassados com quem observavam as ayllus desde o topo das montanhas. Ver mais em: MCEWAN, Colin. Reconhecendo e demarcando a paisagem andina: perspectivas radial, concêntrica e hierárquica. In: BERTAZONI, Cristiana.; SANTOS, Eduardo N. dos.; FRANÇA, Leila Maria (ORGS.) **História e Arqueologia da América indígena: tempos pré-colombianos e coloniais.** Florianópolis: Editora UFSC, 2017. pp 99 – 125.

<sup>9</sup> Op. Cit. VITRY, 2008. pp6

seu argumento sobre o papel de construção do *Tawantinsuyu* sobre as antigas etnias:

*el gran y sorprendente éxito de los incas no fue debido tanto a su capacidad guerrera como a su habilidad para revitalizar antiguos valores perdidos, desde la simbología religiosa hasta un campo tan profano como el uso de la tierra, dando a los pueblos sometidos un nuevo sentido social en un contexto que sólo podemos captar deficientemente con nuestros modelos tradicionales de “estado” o “imperio”.*<sup>10</sup>

Logo, será indissociável pensar esse movimento histórico a partir de uma concepção que tente unir a dimensão espaço-temporal em uma só análise. Para tal, se fará uso da História Ambiental como um campo do saber que cresce cada vez mais nos estudos latino-americanos, criando novas abordagens e fazendo revisitas a temas tradicionais que ainda estavam presos a uma visão culturalista ou social do objeto. Segundo Manuel Gonzalez de Molina e Joan Martinez Allier:

---

<sup>10</sup> MEYERS, A. Los incas: ¿bárbaros advenedizos o herederos de Tiahuanaco?. In: **El Hombre y los Andes**, T. II. Lima: Pontfíca Universidad Católica del Perú, 2002.. pp533.

Este replanteamiento crítico [de la Historia] debe partir de un cambio epistemológico que restituya la unidad que nunca debió perderse entre el Género Humano y la Naturaleza. Esta separación artificial, que reposa en la vieja idea de que los seres humanos debían y podían dominar la Naturaleza en su propio beneficio, tomó cuerpo con la Ilustración y sigue dominando aún tanto el quehacer científico como la mayor parte de nuestros comportamientos. Cualquier revisión historiográfica debiera reintroducir en el análisis histórico las variables ambientales; no desde la perspectiva de los obstáculos que para el desarrollo económico suponen las condiciones impuestas por el ambiente, sino desde la consideración de los humanos como componentes indisociables de la Naturaleza.<sup>11</sup>

A perspectiva da História ambiental pressupõe que tanto o homem como a natureza que lhe integra e de onde decorre o tempo, estão interagindo em processo contínuo de movimento e

---

<sup>11</sup> GONZALEZ DE MOLINA, MARTINEZ ALIER, Joan. **Historia y Ecología**. Serie Ayer, nº 11, Madrid: Asociación de Historia Contemporánea-Marcial Pons, 1993 pp12.

transformação.<sup>12</sup> Dependendo da definição que se promova, esse espaço, ambiente, lugar e/ou território não serviria como um simples cenário para o desenvolver das relações humanas. Tão pouco as variáveis ambientais, como bem argumenta De Molina e Martinez Alier, podem ser analisadas como obstáculos ou simples condicionantes impostas ao viver humano. Podemos constatar nesse argumento um dos maiores esforços da presente pesquisa ao tentar desconstruir a imagem ou representação da cordilheira andina como ambiente inóspito, impedor, onde a valorização das culturas desenvolvidas ali, somente ocorrem pois estas teriam vencido ou se “adaptado” a essa tida barreira ecológica que congregaria elevadas inclinações, fortes variações climáticas e solo pobre. Entendê-las assim seria não compreender o homem como parte dessa natureza variante, ativa, que circula e se reconstrói a todo momento. Portanto, e principalmente, não desmerece o saber indígena construído nos andes, mas pelo contrário, valoriza o processo em que o mesmo surge em consonância como uma lógica ligada também aos fatores ambientais.

É preciso salientar que o trabalho do historiador ambiental é uma investigação interdisciplinar por essência e isso pode ser atestado na bibliografia utilizada que envolve textos de engenheiros hidráulicos, paleoclimáticos, antropólogos, linguistas, biólogos, agrônomos, arqueólogos, demógrafos, geógrafos, e, claro, historiadores. Sem essas diversas

---

<sup>12</sup> PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 24, n. 68, p. 81-101, 2010

contribuições seria impossível se analisar o problema dentro da perspectiva proposta nos objetivos principais do trabalho.

O caso Inca, portanto, aparece como emblemático para desenvolver essa perspectiva da história ambiental associada ao entendimento holístico e sistêmico que constituiria a base da cosmovisão andina a partir do conceito de *pacha*. Foi justamente essa associação que incentivou a busca por uma nova análise desse processo, atualizando abordagens muito ricas e diversas feitas ao longo do século XX.<sup>13</sup>

Dentre os objetivos principais colocados no início desse trabalho, nos propomos a analisar as especificidades da constituição da sociedade Inca a partir de sua estrutura de abastecimento alimentar complexa, na sua relação direta com uma diversidade ambiental onde a mesma se consolidou. A partir deste, buscaríamos os objetivos específicos como: entender o metabolismo sócio-ambiental andino a partir de uma perspectiva agroecológica da história; compreender e verificar como a ocupação desse meio tão específico foi fulcral para o estabelecimento e crescimento do *Tawantinsuyu* durante o século XV; verificar como a lógica espacial de ocupação desses ambientes era definida e definia a cosmovisão local; e

---

<sup>13</sup> Para se deter aqui em algumas que forma fundamentais para o trabalho, ver: ROSTWOROWSKI, María. **Redes económicas del Estado inca: el 'ruego' y la dádiva**. En: VICH, Victor. **El Estado está de vuelta: desigualdad, diversidad y democracia**. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2005. pp15-47; ZUIDEMA, R. T. **Inka dynasty and irrigation: another look at Andean concepts of history**. In: *Anthropological History of Andean Polities*. Cambridge University Press, New York, 1986. pp177-200.

demonstrar como a circulação promovida de pessoas e alimentos gerou impulso mas também instabilidade no sistema inca nesse processo de expansão.

Foram fundamentais também para o desenvolvimento inicial do presente trabalho as obras de Tom Zuidema e sua forma estruturalista de pensar a divisão espacial a partir das formas de concepção do mundo andino; de Nathan Wachtel e sua grande contribuição nas análises sobre sociedade e ideologia a partir de seus ensaios em história e antropologia<sup>14</sup>; de María Canseco Rostworowski e sua concepção de territorialidade descontínua para se pensar uma economia baseada na reciprocidade; de Brian S. Bauer e suas mais recentes investigações arqueológicas que revisam diversas premissas já estabelecidas e nos traz cada vez mais novos dados sobre as formas de organização nos Andes; e de John V. Murra, ainda hoje paradigmático (e para todos os autores já citados) sobre estudos andinos durante o período incaico, a partir, principalmente, de seu conceito de zonas de arquipélago e complementariedade ecológica<sup>15</sup>. Tais autores, dentre outros, obviamente, são o ponto de partida para qualquer análise do mundo andino no período incaico. Ao longo do texto veremos como a contribuição destes e seus conceitos permearam as

---

<sup>14</sup> WACHTEL, Nathan. *Pensée Sauvage Et Acculturation: : L'Espace Et Le Temps Chez Felipe Guaman Poma De Ayala Et L'Inca Garcilaso De La Vega*. **Annales. Histoire, Sciences Sociales**, Paris, v. 26, n. 3/4, p.793-840, 1971

<sup>15</sup> MURRA, J. V.: **La organización económica del estado Inca**, Instituto de estudios peruanos, Ciudad de Mexico: Siglo XXI editores, 1987.

discussões propostas e de que forma o trabalho pretendeu avançar além desses parâmetros fundamentais.

Caberá, no entanto, se deter em dois conceitos que nos trarão de volta a especificidade do ambiente andino como elemento primordial para a escolha da problemática e os objetivos que nortearão o texto. São eles: **territorialidade descontínua** e **complementaridade ecológica**.

Apesar do foco principal do trabalho não estar direcionado para a questão da territorialidade nos Andes ou sobre como essa era demarcada em um espaço tão vasto e particular, sua percepção de descontinuidade é fundamental como ponto de partida e na relação com o outro conceito mencionado. Rostworowski alcunha esse termo **territorialidade descontínua** para o ambiente andino no sentido de designar como as diversas organizações sócio-políticas (que se baseavam numa relação de parentesco) habitavam a verticalidade da cordilheira.

As formas de organizações bases ou os etno-organismos fundamentais para o desenvolvimento dos posteriores acordos e trocas são as *ayllus*<sup>16</sup>, que possuem como referência um

---

<sup>16</sup> “Na base dos diferentes grupos étnicos, o ayllu constitui um núcleo endogâmico, que reúne em si um certo número de famílias e possui coletivamente um número delimitado de terras. Os ayllus agrupam-se e encaixam-se uns nos outros a fim de formarem as chamadas <metades>, que, mais tarde, acabam por vir a constituir grupos étnicos de extensão variável, passando a representar um nível intermediário mais lato que o de simples parentesco;(...)” In: WACHTEL, Nathan. A reciprocidade e o Estado Inca: de Karl



ancestral comum a todos os habitantes da mesma. Nas palavras de Pierre Clastres:

(..) o pensamento andino, ao contrário do pensamento amazônico, esforça-se por marcar a continuidade entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos: continuidade da comunidade camponesa que ocupa o mesmo solo sob a proteção de seus deuses e seus mortos. O ancestral mítico era frequentemente representado por uma rocha, venerada tanto quanto o lugar, *pakarina*, através do qual o ancestral havia surgido do mundo subterrâneo.<sup>17</sup>

A forma das *ayllus* se colocarem nesse ambiente, revelariam uma descontinuidade no sentido de não se precisar seus limites em uma zona ecológica específica ou de os mesmos aparecerem dispersos em vários pontos da cordilheira<sup>18</sup>. Ao se conceber, portanto, que uma organização social pode ocupar diferentes zonas ecológicas não necessariamente conectadas

---

Polanyi a John Murra. In: **Para uma história antropológica**. Lisboa: Edições, v. 70, 1978. pp 78.

<sup>17</sup> CLASTRES, Pierre. Mitos e ritos na América do Sul. **Arqueologia da violência: Ensaio de Antropologia Política**. São Paulo: Editora brasiliense, 1982. Pp 86.

<sup>18</sup> A esse movimento de ocupação, Murra dará o nome de zonas de arquipélago. Veremos no capítulo II como esse conceito pode ser transformado a partir uma concepção de circulação e dos deslocamentos nessa cordilheira.

umas às outras, leva a ideia de ilhas de produção e de habitat tão cara a Murra. Maria Rostworowski claramente parte do emblemático antropólogo ucraniano e da própria ideia de **complementaridade ecológica** que o mesmo vem a desenvolver. Afinal, estando as *ayllus* distribuídas irregularmente pela cordilheira, sua grande vantagem seria a disponibilidade de uma diversidade de recursos ecológicos, sendo essa tida como a base de sustentação das etnias que ali viviam.

Ambos os conceitos, portanto, se relacionam a partir da própria influência que os estudos de Murra tiveram sobre Rostworowski<sup>19</sup>. E demonstram também uma clara imbricação das qualidades do ambiente andino nas relações construídas junto a este. Porém, obviamente, uma análise desse processo histórico poderá revelar outros fatores que não estariam assim tão harmonicamente imbricados. A justificativa pela escolha do objeto, do local e pelo período não poderiam cair em armadilhas de análises construídas principalmente nas décadas de 1950, 60 e 70 com o que ficou conhecido como movimento indianista<sup>20</sup>. Sem deixar de se levar em consideração as contribuições durante esse período, se tentará aqui demonstrar as rupturas e conflitos inerentes a esse próprio modelo que seguiremos. Aliás, seria a linha tênue entre chave do sucesso e do fracasso do modelo de

---

<sup>19</sup> Ambos participaram da criação do Instituto de Estudios Peruanos em 1964 ampliando seu diálogo.

<sup>20</sup> Talvez a principal obra que congregou diversos dos aspectos levantados no período foi: REINAGA, Fausto. **La revolución india**. Ediciones PIB (Partido Indio de Bolivia), 1969.

complementariedade ecológico andino uma das principais hipóteses do presente trabalho como veremos mais a frente.

Portanto, se consideram esses dois conceitos como pontos de partida para uma problematização dos objetivos dessa pesquisa. Analisar de que modo essa expansão andina se calcou numa base mais do que Agrocêntrica<sup>21</sup>, ou seja, tendo a agricultura como base para todas as relações sociais, políticas e culturais, mais sim numa perspectiva agroecológica, segundo parâmetros colocados pelo historiador ambiental Donald Worster<sup>22</sup>. Para isso, será preciso verificar que ambiente era esse e como o mesmo foi sendo diversamente reconstruído ao longo dos anos, atentando também aos fatores praticados para se estabelecer uma coesão sócio-político durante o período de expansão de um grupo sobre os outros. Estando esta emblematicamente conectada aos fatores ambientais, como se crê aqui, podemos falar que esse processo também levou a formação de um novo metabolismo sócio-ambiental nos moldes colocados por Gonzalez de Molina e Victor Toledo.<sup>23</sup> E que a constituição desse somente foi possível com a circulação de fluxos de energia, ou seja, com o deslocamento de trabalhadores

---

<sup>21</sup> VALLADOLID, Julio. Agroastronomía andina. In: GRESLOU, François et al. **Cultura Andina Agrocéntrica**. Lima: PRATEC, 1991.

<sup>22</sup> Veremos mais a frente os três pilares fundamentais dessa perspectiva de Worster. Por hora, o que se vale ressaltar é que essa perspectiva histórica une os fatores ecológicos e culturais dentro do estudo da produção de alimentos em comunidades humanas.

<sup>23</sup> GONZÁLEZ DE MOLINA, M. y V. M. TOLEDO. **Metabolismos, naturaleza e historia**: Hacia una teoría de las transformaciones socioecológicas, Barcelona: Icaria, 2011.

sazonais e águas, que se tornaram a base do *Tawantinsuyu* e talvez também, seu calcanhar de aquiles.

Para realizar o trabalho necessário de fornecer beneficiados agrícolas numa crescente zona de influência que se retroalimentava através de acordos que envolviam também determinados tipos de produtos e seus simbolismos, tivemos que pensar de que modo esses deslocamentos sazonais para realização de trabalhos em favor dos Incas, denominada como *mit'a*, também pode ser caracterizada como um fluxo de energia. Ademais, e para isso se propôs utilizar o conceito de cosmovisão<sup>24</sup>, seria fundamental pensar a partir dessa hipótese, que esses deslocamentos de pessoas para os mais variados ambientes foram também um fator preponderante para a caída frente a chegada espanhola. Consideramos essa hipótese por entender que o ambiente é constituído através das vivências e representações que dele se fazem, tanto quanto suas características climáticas, hidrológicas e de solo. Essa crença permeia de diferentes formas a análise dos três capítulos e demonstra uma complexidade teórica que também é objetivo do trabalho se colocar. Discutir esses fundamentos de forma imbricada e relacional com a problemática faz parte também dos pressupostos de uma perspectiva provinda da História Ambiental.

Várias questões primordiais para o seguimento da pesquisa nortearam esse mergulho na relação homem-natureza

---

<sup>24</sup> Este estará mais bem explicitado no capítulo III.

nos Andes Centrais. Afinal, é fundamental em um trabalho de história ambiental, destacar quais são as características desse ambiente, como é sua composição de clima, relevo, solos, regimes de chuva e etc. Porém, é primordial investigar também como o conhecimento sobre esses fatores “naturais” foram construídos historicamente, e de que maneira os mesmos possibilitaram a visão que temos hoje de um ambiente andino. Isso implica, obviamente, reconhecer um ambiente em constante transformação narrado por diferentes sujeitos históricos. Essa narrativa era permeada por um problema fundamental: os documentos escritos sobre esse período se encontram numa base de conhecimento basicamente europeia, visto que os Incas não possuíam um sistema de escrita. Esse fato pode e deve até ser questionado, mas preferimos optar por colocar a construção conjunta do conhecimento nesse período em debate e portanto, as informações referentes as leituras dos *quipus* seriam incipientes para esse presente trabalho.<sup>25</sup>

Isso não subentende a ultrapassada definição de que “povos sem escrita são povos sem história” e sim ao contrário, visa propor um método interdisciplinar de análise metodológica

---

<sup>25</sup> Esse fato é questionado por alguns pesquisadores que consideram o sistema de *quipus* como um meio de transmissão de informação e de contar histórias. Para saber mais ver grupo de pesquisa da Universidade de Harvard: <<http://khipukamayug.fas.harvard.edu/>> e o conceito de mídia andina no artigo: BROKAW, Galen. Semióticas, estéticas e o conceito quéchua de *quilca*. In: BERTAZONI, Cristiana.; SANTOS, Eduardo N. dos.; FRANÇA, Leila Maria (ORGS.) **História e Arqueologia da América indígena: tempos pré-colombianos e coloniais**. Florianópolis: Editora UFSC, 2017.

que enriquece a perspectiva histórica nos estudos dessas etnias. Segundo Eremites de Oliveira: *Assim a etno-história caminhou para se consolidar como um método que congrega, principalmente, aportes da antropologia e da história, mas também e com grande importância de outras disciplinas, tais como a arqueologia e a linguística, por exemplo.*<sup>26</sup> Logo, já no capítulo um, partiremos de uma problemática metodológica sobre como analisar as fontes numa perspectiva etno-histórica que seguiria os preceitos de Bartolomeu Meliá ao colocar em debate a tentativa de construção a partir dos esquemas culturais e relações de valores próprios as etnias andinas.<sup>27</sup> Para tal, utilizaremos uma diversidade de fontes produzidas por ameríndios ou não, pensando, por outro lado, através de Gruzinski que crê que em alguns casos uma ênfase extrema e radical em fontes tidas como “puramente indígenas” podem ocultar as relações coloniais o que não seria positivo para o presente trabalho nem para os próprios defensores dessa história indígena.<sup>28</sup>

Ou seja, como seria possível compreender que esse ambiente andino – considerando este na relação dos habitantes humanos e não humanos com o espaço – foi fruto de uma

---

<sup>26</sup> Apud. EREMITES DE OLIVEIRA, 2003. In: CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. **Etno-história e história indígena**: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa. São Paulo: História v.30, n.1, p. 349-371, jan/jun 2011 ISSN 1980-4369.

<sup>27</sup> MELIÀ, B. **El Guaraní Conquistado y Reducido**. Ensaio de Etnohistoria. 4ª Ed. Asunción: CADUC: CEPAG, 1997.

<sup>28</sup> DE ALMEIDA, Maria Regina Celestino. História dos índios na América: abordagens interdisciplinares e comparativas. **Revista Tempo**, São Paulo, v. 12, n. 23, p.196-198, 2007.

reconstrução a partir do olhar e da narrativa desses cronistas que se basearam em tradições orais, construções e objetos que estão presentes até os dias de hoje. Mas também e além disso, numa concepção de que o mesmo (ambiente andino) foi fundamental para se repensar uma divisão espacial do mundo a partir dessa nova relação desenvolvida. Para isso, tentamos observar o olhar de um espanhol, um mestiço e um ameríndio a partir de suas crônicas sobre os Incas nos séculos XVI e XVII, no posterior momento da expansão desta. Isso envolve pensar o lugar social que cada um desses ocupava naquele período, reconhecendo este como um tempo de forte transformação e disputas no entorno das visões sobre o mundo e da construção do conhecimento. O fato de escolher essas três categorias de personagens busca ilustrar, de forma a enriquecer a análise, o papel também dos outros diversos cronistas nesse momento e que o processo de conquista dos europeus mais do que uma imposição, foi fruto de negociações que possibilitaram o aparecimento dessas três categorias referenciais de vozes no período colonial.

Se pensou, portanto, em se propor as problemáticas metodológicas, a análise e apresentação das fontes, assim como a localização geográfica do objeto de pesquisa logo nesse primeiro capítulo. Além de situar o leitor no trabalho, essa intenção trazer as questões mais relevantes que guiarão a leitura que faremos nos capítulos seguintes. Afinal, entender como e por quem eram construídos esses relatos sobre o ambiente andino, é também adentrar no reconhecimento da diversidade de relações que haviam com este desde antes da

chegada espanhola. E isso aparecerá como central na perspectiva de um ambiente complexo e multidiverso como fator preponderante para a expansão a partir de Cusco.

No capítulo dois se almejou uma análise do manejo hidráulico nos Andes centrais como elemento embasador dessa expansão e transformação nas relações ambientais durante o século XV. As *acequias* como são retratadas pelos cronistas implicariam em relações de poder a partir de um saber ecológico específico que deveria ser controlado pelos Incas. Seu funcionamento tinha, portanto, um fim e um princípio que precisavam ser colocados para se perceber de que maneira se davam os deslocamentos de pessoas e águas para sustentar os acordos interétnicos durante esse período. Afinal como diria o antropólogo e historiador francês Nathan Wachtel: “O Império Inca não introduziu nenhuma técnica nova nos Andes, mas impôs formas sociais e políticas ao processo de produção que modificaram seu sentido e sua escala, integrando elementos pré-existentes em uma nova estrutura.”<sup>29</sup>

Nesse sentido, houve uma tentativa em não se analisar puramente as tecnologias ou técnicas de cultivo aprimoradas e desenvolvidas nos Andes centrais, como são encontrados na maioria dos trabalhos sobre o tema. Hoje, existe no próprio Peru uma importante corrente de engenheiros, notadamente hidráulicos, que busca a valorização e o reconhecimento dessas

---

<sup>29</sup> WACHTEL, Nathan; TANDETER, Enrique. **Los vencidos: los indios del Perú frente a la conquista española (1530-1570)**. Lima: Alianza Editorial, 1976. pp. 100.



tecnologias ancestrais numa perspectiva de se alcançar uma sustentabilidade maior no enfrentamento de questões climáticas contemporâneas<sup>30</sup>. Apesar de ter que relatar seu funcionamento para pensar uma estimativa de fluxo de energia como vital para a problemática do trabalho, e de se reconhecer a importância do esforço desse grupo de estudiosos, tentou-se não incorrer numa história das tecnologias agrícolas. Para isso e por outras questões teóricas, o conceito usado e explicitado de metabolismo social será fundamental, como veremos.

Pensar através de um metabolismo é considerar os movimentos históricos como não somente sociais como também ambientais na medida em que os dois aspectos fariam parte de um mesmo organismo vivo. Uma expansão de um povo sobre outro, geralmente, é analisada como um fator simplesmente político e também territorial quando pensamos espacialmente. No entanto, as transformações ocorridas no ambiente e as relações entre o saber sobre este são fundamentais para se pensar diversos movimentos na história. O caso Inca aparece com destaque por se tratar de uma “dominação” que se estendeu longamente acompanhando o desenho da cordilheira andina que mais que permitir uma adaptação, foi fundamental para a ocorrência desta. Sua diversidade e complexidade ambiental caracterizaram essa expansão e como veremos, foram a base para as políticas de alianças estabelecidas entre as etnias e, ao mesmo tempo, possíveis geradoras de conflitos e problemáticas

---

<sup>30</sup> Para maiores informações, buscar o grupo liderado por Acajima em [Hidraulicainca.com](http://Hidraulicainca.com). Acesso em 12 de setembro de 2016.

a partir dos deslocamentos forçados de pessoas para outras ecozonas. Essa é uma das hipóteses do presente trabalho que busca no conceito de cosmovisão pensar essa circulação de pessoas associadas as diferentes relações estabelecidas com esse ambiente diverso como um sustentáculo determinante porém frágil na expansão e estabelecimento do *Tawantinsuyu*.

Tal é o objetivo do capítulo três que busca pensar nessas relações a partir dos dois principais alimentos andinos retratados nas crônicas e mais disseminados no mundo hoje, e que em si possuem uma grande diversidade, são eles, o milho e os tubérculos. Eles representam a relação humana com esse ambiente a partir dos conceitos de complementariedade, complexidade e reciprocidade. Nesse ponto seriam verdadeiros indicadores sócio-ambientais de cada eco-região andina. Ademais, demonstrariam como se pode conceber as diferentes cosmovisões construídas a partir deles, em acordo com as transformações ambientais que os mesmos demandavam para serem produzidos.

Nesse ponto, seguiremos o raciocínio do capítulo dois numa análise que envolve os fluxos de energias necessários para o plantio desse alimento e a manutenção de suas estruturas, aliados também as formas de se conceber essas relações em acordo com o cosmos local. Afinal, considerando também os humanos como fluxos energéticos, a partir de seu deslocamento para trabalhos, e sendo estes portadores de um conjunto de saberes ecológicos específicos, relacionados a determinados

alimentos, se colocam as balizas para se pensar em que medida um coletivo provindo de uma etnia plantadora de tubérculos nos altiplanos, se portaria tendo que construir estruturas específicas para o cultivo do milho. Ou em que momento crianças camponesas com dieta rica em carboidratos (batatas) ao serem designadas para fonte de sacrifício e oferenda, passam a ser alimentadas com proteínas de charque de *llama* e com o milho que normalmente eram consumidos pela elite incaica.<sup>31</sup>

Além de compreender por que determinado tipo de alimento aparece relacionado a um estrato da sociedade e a um lugar mais do que a outro, entendemos que será necessário nesse capítulo três, pensar como as relações cosmológicas sobre a produção desses alimentos podem ter sido alteradas com uma nova organização colocada pelos Incas. Para isso, necessitamos pensar nas questões fundamentais do conceito de cosmovisão:

O conceito de cosmovisão está relacionado, em primeira instância, ao sentido que uma população confere ao universo que a rodeia. Nessa definição se inserem as compreensões da origem e dos ciclos da vida, das divisões parentais, do funcionamento da natureza e até

---

<sup>31</sup> BERTAZONI, Cristina. O sacrifício Inca e as extirpações de idolatrias no Peru. In: BERTAZONI, Cristiana.; SANTOS, Eduardo N. dos.; FRANÇA, Leila Maria (ORGS.) **História e Arqueologia da América indígena: tempos pré-colombianos e coloniais.** Florianópolis: Editora UFSC, 2017. pp263.

mesmo dos planetas e estrelas. (...) esses conhecimentos (...) passam a nortear a organização interna dos grupos e a produção material.<sup>32</sup>

Ou seja, para além do capítulo I, não se trata somente de verificar as visões de mundo (cosmos) que estavam em jogo, mas compreendê-las de modo a elucidar os diferentes modos de organização social nos Andes Centrais. Nesse sentido, ainda pensando sobre o conceito, Piñeda, tratando da polêmica entre cosmovisão e perspectivismo, rebate a crítica de que a cosmovisão parte de uma distinção inexistente entre cultura e natureza. O autor crê que isso não procede pois essa diferenciação, tomada a partir da visão dessas culturas, não existe.<sup>33</sup> A ideia de cosmos dentro do estudo que o mesmo promove na região da mesoamérica, abarcaria todos os seres numa mesma teia da vida, o que também ocorreria no caso das percepções andinas que unem cultura e natureza sob o conceito de *pacha*.

---

<sup>32</sup> LA CHIOMA, Daniela. Música, morte e transcendência no período Intermediário Inicial andino. In: BERTAZONI, Cristiana.; SANTOS, Eduardo N. dos.; FRANÇA, Leila Maria (ORGS.) **História e Arqueologia da América indígena: tempos pré-colombianos e coloniais**. Florianópolis: Editora UFSC, 2017. pp 129.

<sup>33</sup> PINEDA, Gabriel Espinosa. Acerca de la polémica entre perspectivismo y cosmovisión. In: GÀMEZ ESPINOSA, Alejandra; AUSTIN, Alfredo López (coords.). **Cosmovisión mesoamericana**. Reflexiones, polémicas y etnografías – Ciudad de México: FCE, Colmex, FHA, BUAP, 2015. pp125

Pleiteamos aqui a existência de uma diversidade de cosmovisões que estariam ligadas diretamente às diversidade ambientais ao longo da cordilheira. Através dos saberes ecológicos que problematizaremos no capítulo dois, tentaremos verificar em que medida essa diferenciação pode ser um problema para o *Tawantinsuyu*. Afinal, mesmo considerando uma série de pressupostos elementares que poderiam constituir uma cosmovisão “pan-andina”, reconhecemos que sob esse véu estão disputas ou questões que podem ser problematizadas a partir de uma perspectiva agroecológica da história.

Portanto, além de compreender esse ambiente em sua diversidade, se procurará observar o papel deste no mosaico multiétnico que caracterizou a sociedade do *Tawantinsuyu*. A utilização dos preceitos de uma história ambiental nesse caso nos ajudará a pensar porque o caso Inca é tão emblemático para se pensar essas problemáticas. Afinal, como veremos:

*Las grandes distancias recorridas, las horas de trabajo invertidas construyendo recintos pircados en condiciones extremas propias de la alta montaña, las ofrendas humanas de niños y sus ajuares suntuosos, entre muchos otros elementos, dan cuenta de la organización del espacio a través de la significación religiosa, donde los inkas adaptaron y construyeron socialmente nuevos paisajes acorde a la cosmovisión que se*

*estaba imponiendo en los territorios conquistados. Este espacio geográfico es un reflejo del poder de un grupo dominante que lo manipula para materializarse en el paisaje. Un espacio de poder que se aprovecha en función del poder simbólico del espacio, al que pocos tienen la posibilidad de generarle cambios conceptuales o físicos de significación.*<sup>34</sup>

A forma de construir tanto o espaço cerimonial como o cultivo nas montanhas estabeleceram uma diferenciação e uma relação de complementaridade entre uma parte alta *Hanan Pacha* e outra baixa *Hurin Pacha* nesse ambiente verticalizado. Essa dualidade composta de outras interfaces é uma das bases que permeiam as cosmovisões das diferentes etnias, constituindo, em certa medida, um modo andino de significar o mundo. Veremos ao longo do trabalho, de que modo a mesma se desdobra nas diversas formas de ocupação e interação com os elementos do ambiente a partir da produção agrícola. Afinal, os alimentos que eram mais produzidos como o milho e a batata estariam associados a essa dualidade.

---

<sup>34</sup> Op Cit. VITRY, 2008. pp.8

Evidentemente, quando pensamos em analisar os saberes eco-lógicos<sup>35</sup> temos que pensar de que forma as relações com esses ambientes ocorriam antes e durante o processo de expansão. Os caminhos iniciais construídos ao longo da primeira parte desse intento expansivo inca denotam escolhas e necessidades que se colocavam a partir de um centro que era Cusco. Pensar esses primeiros lugares incorporados como periferia, pode ser problemático pelo próprio conceito que levamos de nosso tempo até aquele período. Havia a expansão de um pensamento que se centrava, evidentemente, na cidade de Cusco, mas como veremos, as estratégias revelaram que houve uma maior incorporação de saberes de outras etnias durante esse processo do que uma simples extensão ou repetição das práticas já consolidadas no umbigo do mundo.<sup>36</sup> Tal aspecto pode parecer conclusivo, no entanto, consideramos que salientá-lo de antemão é fundamental para pensarmos principalmente a lógica dos deslocamentos de saberes ocorrida através da *mit'a*.

Nessa lógica está um dos principais objetivos do presente trabalho que é reconhecer na multiplicidade dos saberes a própria força desse metabolismo andino sem desconsiderar que suas diferenciações também podem ter sido um problema

---

<sup>35</sup> Quando tratarmos especificamente dos saberes sobre determinada relação entre homem e ambiente, utilizaremos o termo eco-lógico (separado) para ressaltar uma biologia fenomenológica da cognição como será colocada ao final do capítulo II. Essa perspectiva nos ajudará a pensar, posteriormente, as problemáticas que envolvem os deslocamentos e as diferentes cosmovisões.

<sup>36</sup> Designação dada a cidade de Cusco durante o período colonial. Talvez como reinterpretação de sua centralidade no Tawantinsuyu.

para a elite cusquenha. Observar de que maneira esse ambiente foi vivenciado e construído, seja pelos que o representavam nas fontes ou os que o pensavam, organizavam e trabalhavam durante o período de expansão inca, é perceber que a diversidade e a complexidade das relações desse lugar são verticalizadas acompanhando o movimento das cordilheiras andinas.

Logo, compreender essa dinâmica espaço-temporal no caso Inca, implica construir uma outra perspectiva em relação a essa história. Em lugar de se perceber essas relações como se coloca nos princípios de ilhas biogeográficas que leva ao princípio da fragmentação na formação de comunidades e nichos, perceberemos como esse movimento histórico se torna mais claro quando pensado em suas circulações, sejam de homens, plantas, águas ou animais. Veremos como esses entremeios verticais da cordilheira podem revelar mais do que análises específicas feitas separadamente e de forma hierárquica ou central a partir da elite cusquenha. Desse modo, os capítulos estão estruturados de forma a entender as diversas formas de se compreender e construir esse ambiente, de transformá-lo a partir do movimento de fluxos de energia e de pensá-lo em sua diversidade através do conceito de cosmovisão.



## 2      **CAPÍTULO I**

### **Descendo a cordilheira: uma análise metodológica da construção do ambiente andino pelas crônicas de um espanhol, um mestiço e um ameríndio**

O ambiente americano como concebemos hoje, suas balizas, definições, limites e especificidades, são frutos de uma construção que ocorre desde antes do século XVI nas relações ameríndias de transformação do mesmo, mas também nas redefinições europeias que posteriormente neste solo pisaram. As complexas relações das etnias anteriores a chegada espanhola nos Andes, por vezes, podem aparecer resignificadas quando tratamos de analisar os escritos dos cronistas sobre essas sociedades ágrafas no que tange a um alfabeto formal codificado. Nesse ponto, se torna importante observar, como essa transformação do ambiente ocorreu materialmente e também como ela foi compreendida ou codificada por outros humanos que possuíam, nesse momento, uma vivência muito curta neste continente, assim como uma cultura desenvolvida em um ambiente exterior a ele.

No caso andino em particular, essa reapropriação de um ambiente estranho ao europeu aparece ainda mais destacada para pensarmos nos limiares ou limitantes de uma perspectiva humanista em construção sobre uma natureza

montanhosa e diversa. Conceberíamos esses limites não provindos das esparsas montanhas elevadas, climas austeros e ambiente impedor, mas numa tentativa de inverter essa perspectiva que ainda nos acompanha, e entender a montanha andina e sua extensa cordilheira como um lugar de movimento de fluxos de energia socioambientais que constituíram o metabolismo de uma das maiores organizações humanas que constituíram essa *nova orbis* a partir do século XVI. A visão planificada e eurocêntrica sobre esse espaço e suas relações com este, tem de ser, portanto, problematizada, no afã de superar as fronteiras e barreiras desta elaboração epistêmica e não somente a de um ambiente a se dominar e do “outro” até então estranho, a combater.

A chegada a um “novo mundo” assim como os “primeiros contatos” dos europeus com as etnias ameríndias são dois aspectos que denotariam a inserção ou criação de novas perspectivas no conhecido/conhecimento ocidental do século XVI. Não caberá colocar o debate sobre a representação desse fato para a história humana em geral, pois tal propósito, ainda que de extrema relevância, desvirtuaria o conjunto de questões que penso ser mais primordial nesse trabalho. O que não podemos negar aqui são as concepções espaciais dentro de uma relação homem/natureza como aspectos que decorrem dessa nova ou reformada epistêmica, na criação de uma visão mais universalista de natureza em detrimento de diversas visões particulares, locais e regionais. Essa complexa relação

entre o global e o local permeará a discussão como veremos mais adiante.

A partir dessas observações, sem sair do invólucro de tais questões fundantes, tentará se compreender como o ambiente andino é descrito pelos cronistas, tomando as implicações de suas percepções na construção de uma paisagem do que seria conhecido como Império Inca. Portanto, é fundamental a análise dos aspectos de como essa natureza era codificada pelos europeus<sup>37</sup> que a acabara de encontrar, levando em consideração a estranheza ou maravilhamento, as intenções e a formação desses cronistas a partir de suas colocações. Nesse intuito, será importante problematizar como esse ambiente era visto e por quem, sejam ameríndios, mestiços ou espanhóis, de modo a perceber como essas visões se relacionavam na formação de novos conceitos que implicam e são implicados em novos modos de interações entre esses seres e o ambiente. Esse espaço narrativizado não seria estático, estando em constantes transformações, cabendo portanto, compreendê-lo em seus múltiplos aspectos e temporalidades.

Os Andes Centrais que englobam hoje os territórios de Peru e Bolívia, estavam inseridos em um (dito) Império mais extenso como coloca o cronista mestiço Garcilaso de la Vega<sup>38</sup>: *“al norte llegaba hasta el rio Ancasmayu, que corre*

---

<sup>37</sup> Essa mesma visão não seria singular mas sim diversa.

<sup>38</sup> Filho ilegítimo de uma indígena incaica com um capitão espanhol, Garcilaso é um dos principais cronistas que constrói uma narrativa sobre os Incas.

*entre los confines de Quito y Pastu(...) Al médio dia tenái por término al rio llamado Maullí, que corre Leste hueste, pasando el reino de Chili, e llegar a los Araucos, el cual está más de cuarenta grados de la equinoccial al Sur.”*<sup>39</sup>. Os rios como marcos territoriais e a visão quadripartide do espaço longitudinal na obra de Garcilaso serão problematizados devidamente mais adiante. O que vale ressaltar preliminarmente aqui, é justamente a grande extensão do território que o relato nos coloca. O que o autor tem em mente é demonstrar que esses confins onde o poder central de Cusco alcança, não representam nessa narrativa uma necessária periferização dos aspectos andinos, mas sim demonstram uma amplitude espacial das influências/interferências dos Incas nos Andes. Para pensarmos a questão mais profundamente, será necessário compreender esse ambiente onde nos localizaremos durante toda a análise.

A específica região objeto desse estudo abrange alguns tipos principais de condições macro-ecológicas que transformavam os modos e meios para o cultivo e ocupação. Um aspecto central da geografia andina é o carácter recortado de seu relevo, constituídos por montanhas de inclinações consideráveis atingindo alturas de mais de 4.500 metros em relação ao nível do mar, definindo-a assim como uma cordilheira. No entanto, tal constituição também revela uma

---

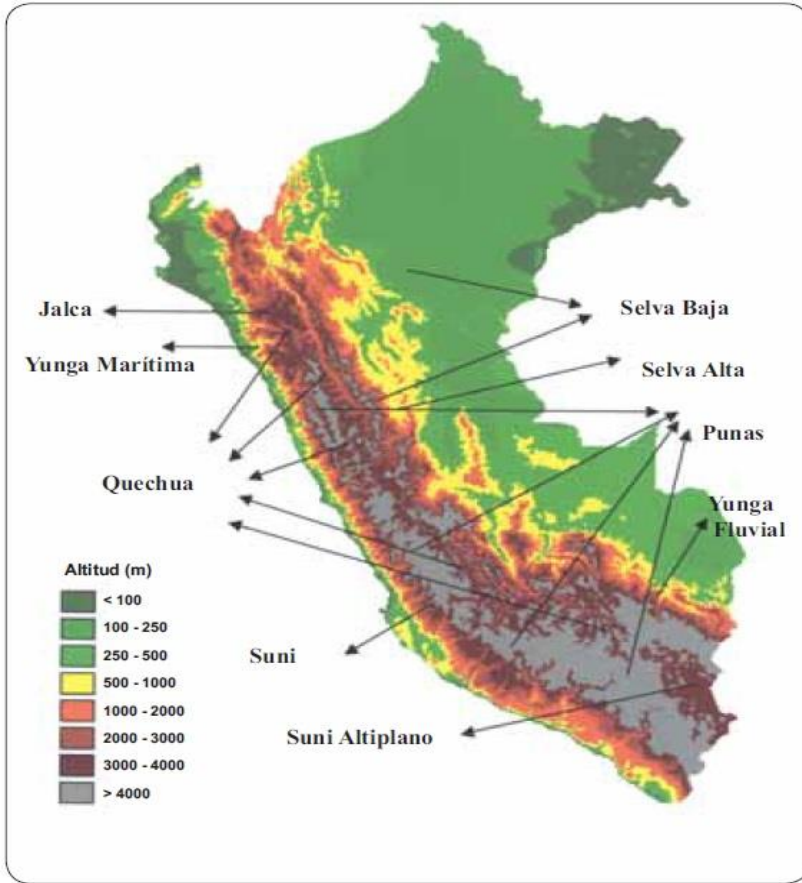
<sup>39</sup> GARCILASO DE LA VEGA, Inca. **Comentarios reales de los Incas**. Lima: Biblioteca Peruana - Ediciones Peisa, Tomo I, II, III, 1973. Pp125.

pluralidade de eco-zonas<sup>40</sup> que foi fulcral para compreendermos se haveria uma lógica que sustentava a sociedade encontrada pelos viajantes europeus nesse período. A interconexão entre esses diferentes pisos garantiria, portanto, uma segurança alimentar em meio a qualquer variabilidade climática.

---

<sup>40</sup> JONG, Gerardo M. Agricultura Peruana de la sierra: Una estructura productiva milenaria define las posibilidades del presente. Capítulo IV. En: **Introducción al método regional**. Lipati-UNC: Neuquén, 2001. Pp 60-71.

Figura (1): Mapa altitudinal e zonas agroecológicas do Peru



Retirado de: TAPIA, Mario. Agroecologia de los cultivos andinos subexplotados. In: Cultivos Andinos – FAO. Capítulo 2., Roma, 2007.

Disponível em

<http://www.rlc.fao.org/es/agricultura/produ/cdrom/contenido/libro10/cap02.htm> Acesso em Maio de 2016.

Willian Cronon em seu clássico *Changes in the land*<sup>41</sup> coloca a problemática de se analisar as transformações ecológicas no novo continente a partir da principal fonte que tinha: os relatos de viajantes. Seguindo na mesma linha, J.V. Murra<sup>42</sup> argumenta sobre a dificuldade na descrição climática dessas zonas a partir de conceitos europeus pré-estabelecidos. Observou que uma região de *puna* (termo andino que remete aos Altiplanos, regiões elevadas acima de 3.200m em relação ao nível do mar), por exemplo, muitas vezes era retratada com uma espécie de pradaria tropical alta e fria, ou estepes. Este fato, como bem teria salientado Murra, pode ser um indicativo importante de como a visão europeia pode se propagar revelando uma perda das potencialidades e das especificidades da zona Andina. Convém, portanto, fazer uma análise mais detida das condições em que viviam essas sociedades, como bem constrói Tápia<sup>43</sup> na busca de um entendimento mais eficaz do espaço ecológico andino. Para isso, será necessário abarcar um maior número possível de fontes que possibilitem uma análise mais condizente com a complexa organização social em questão<sup>44</sup>. Ainda que não seja possível colocar todos os cronistas da época em debate, em vista de uma coesão textual e metodológica para a pesquisa, se manterá o objetivo de comparar o máximo de autores que sejam representativos para a

---

<sup>41</sup> CRONON, W. **Changes in the land**: Indians, colonists, and the ecology of New England. New York: Hill and Wang, 1983.

<sup>42</sup> Op. Cit. MURRA, 1987.

<sup>43</sup> Op. Cit. TAPIA, 2007.

<sup>44</sup> Nesse capítulo nos deteremos na análise de Pedro Cieza de Leon, Garcilaso de la Vega e Felipe Guamna Poma de Ayala.

promoção do debate que se tem em mente. Como dito anteriormente, esses foram selecionados principalmente pelo lugar de fala, seja ele social e/ou cultural, que deflagram intenções ou não-ditos<sup>45</sup> na percepção e construção dos aspectos relacionais dessas sociedades (ameríndias e europeias) com o ambiente em questão.

Por se tratar de uma sociedade ágrafa, as possibilidades de fontes da época se restringem aos vestígios materiais, às permanências de saberes oralizados que perpassaram gerações e/ou às crônicas escritas sobre os Incas após a chegada dos espanhóis. Ao verificarmos essa situação, teremos que lidar com questões que surgem de seus usos. O enfoque maior aqui será dado nas fontes escritas por esses narradores que observam esse ambiente andino. No entanto, observaremos também as correlações destes com os vestígios materiais e com os saberes atuais que possibilitem ampliar o diálogo e os questionamentos sobre essas visões construídas durante o século XVI e princípio do século XVII. Dentre eles, observaremos ao longo do trabalho as construções dos sistemas de irrigação (capítulo II), os modos de plantio e outras formas

---

<sup>45</sup> CERTEAU, M. **A operação historiográfica**. In CERTEAU, M. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982. pp 56-109.



de relação com o ambiente que persistem de alguma forma aos olhos contemporâneos<sup>46</sup>.

Como já mencionado, a visão europeia sobre a natureza e formação social ameríndia, traz em seu sistema de códigos e valores da época, um determinado traço que por muitas vezes (se não na maioria) pode dificultar uma análise mais compromissada com a história Inca antes de sua chegada. Não são raros os trabalhos que tratam de tal questão. Podemos trazer como emblemático na historiografia brasileira, a brilhante análise de Sergio Buarque de Hollanda em seu ensaio *Visões do Paraíso*<sup>47</sup>, quando apresenta a questão do mito edênico que orientou muitos dos primeiros navegantes ibéricos recém-chegados na América. No entanto, já no caso português, essa visão precisa ser problematizada, pois nem sempre os cronistas relatam uma natureza dadivosa e mítica, por questões diversas, como veremos.

Nessa questão, nos soa mais interessante partir da instigante análise de Laura de Mello e Souza em “O inferno Atlântico”<sup>48</sup>, que nos conduz a uma complexificação da proposta de Buarque de Hollanda, notadamente referindo-se ao caso português. Para a autora, existe uma diferenciação entre a visão sobre a natureza americana e os habitantes da mesma

---

<sup>46</sup> Podemos pensar nas Amunas, Andenes, Terrazas, Waru-Waru dentre outros que, tendo ou não continuidade no seu uso, até hoje são marcadores da paisagem Andina.

<sup>47</sup> HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

<sup>48</sup> MELLO E SOUZA, Laura de. **O inferno Atlântico**: demonologia e colonização, séculos XVI-XVIII. São Paulo, Cia. Das Letras, 1993.

dentro dos dois primeiros séculos de contato. Inicialmente, essa natureza, em sua maior parte, é considerada de fato dadivosa, sendo construída em suas representações a partir do mito cristão do Éden paradisíaco e preenchendo o imaginário dos mais instigados aventureiros da Corte. No entanto, o aspecto “humano” selvagem (não o “bom selvagem” de Montaigne), de animal a ser domesticado e, posteriormente, demoníaco dos ameríndios, revelaram uma vivência nem sempre favorável ao homem português que cruzava o Atlântico. Aliado a isso, estavam aspectos que se demonstrariam depois dos primeiros anos de ocupação, de um clima reconsiderado como proliferador de insetos, pragas e animais peçonhentos nunca antes vistos e em quantidades assustadoras. Talvez tenha sido, portanto, a vivencialização problemática desse mito, seu próprio desconstrutor, assim como, será a complexificação dentro da construção europeia sobre o ambiente encontrado.

Tal fato revela, portanto, que será necessário realizar uma pequena discussão etno-histórica para utilização dessas fontes, levando em consideração as suas origens, a época e onde viviam seus autores, assim como para quem se endereçavam ao contar as histórias do *Tawantinsuyu*.<sup>49</sup> Estas produções, sendo vistas na perspectiva em que são produzidas, revelam intencionalidades de um fazer histórico na construção de um conhecimento sobre o passado de um outro e o ambiente

---

<sup>49</sup> Nome em idioma quéchua que remete ao território sob influência Inca.

onde esse vivia. Como bem nos coloca Ginzburg em *Relações de Força*, temos que atentar bem para essas fontes pois, a ideia de expressar o ponto de vista indígena pode ser vista também como uma *tentativa de introduzir uma dissonância deliberada, que insere uma dimensão dialógica numa narração substancialmente monológica*<sup>50</sup>. Nesse caso, antever esses discursos como tentativas conjecturais destinadas a captar uma realidade é trabalhar com a atenção devida sobre os diversos fatores que envolvem a vida e obra desses cronistas que nos relatam as relações incaicas com o ambiente andino.

### 1.1 - Pedro de Cieza de Leon: o Príncipe dos cronistas

A chegada de Francisco Pizarro e seus comandados no território andino revelou novos aspectos que foram incorporados a uma geografia renascentista a qual esses homens europeus estavam colaborando a construir<sup>51</sup>. O maravilhamento das edificações e a imponência do grande “Império” que encontraram nos Andes, designou a elevação dos feitos do homem sobre essa natureza diferente, de difícil ocupação e, portanto, hostil, como os mesmos colocam em suas narrativas. No entanto, o próprio termo “Império Inca” e sua designação presente até hoje em nossos livros de história,

---

<sup>50</sup> GINZBURG, Carlo. **Decifrar um espaço em branco**. In: *Relações de força: história, retórica e prova*. São Paulo: Cia das Letras, 2002. pp89

<sup>51</sup> MIGNOLO, Walter D. *The Colonization of Space*. In: **The Darker Side of the Renaissance: Literacy, Territoriality and Colonization**. The University of Michigan Press, USA, 1995. pp 219 - 334.

precisa ser problematizada. Essa noção provavelmente vinda da antiguidade ocidental e exemplificada pelo notável caso romano, dificilmente abarcaria os aspectos fulcrais da expansão Inca. Talvez, por não delimitar necessariamente um território contíguo para execução de uma autoridade, tendo em vista o caráter fragmentário da ocupação do espaço andino, essa noção de Império tenha sido usada no caso Inca, ainda que cause algumas incoerências remeter a figura do Inca a uma autoridade imperial<sup>52</sup> que expande seu poder político e administrativo subjugando outras etnias. A redução na cosmologia, dos aspectos de expansão e mesmo da lógica produtiva que a sustentava, parece clara ao construir essa ideia de autoridade simplesmente ligada ao poder, por vezes remetendo-o até a uma tirania sobre outras etnias *bestiales*<sup>53</sup> numa lógica civilizacional dominadora que provinha do ideário desses cronistas:

*Por las relaciones que los indios del Cuzco nos dan se colige que había antiguamente gran desorden en todas las provincias deste reino que llamamos Peru, que los naturales eran de tan poca razón y entendimiento que*

---

<sup>52</sup> Ainda que Cieza de León trabalhe a partir dessa perspectiva e Garcilaso os vê como Reis.

<sup>53</sup> CIEZA DE LEÓN, Pedro de. **La crónica del Perú**. Madrid: Dastin, 2000.pp 174.

*es de no creer; porque dicen que eran  
muy bestiales (...)*<sup>54</sup>

O historiador espanhol Manuel Ballesteros, que organizou e comentou essa edição de “La Cronica del Perú”, levanta nessa passagem a problemática que volta a reaparecer em Garcilaso de la Vega, essa caracterização desqualificante dada pelos próprios Incas de Cusco sobre as outras etnias, relatadas pelos cronistas. Argumenta que os achados arqueológicos desmitificam a construção dessa visão, o que, de certa forma, possui um sentido mais concreto, pois é comprovado o alto grau de desenvolvimento de algumas sociedades muito antes da expansão Inca. A historiografia atual tende a seguir essa linha de raciocínio, demonstrando como esses saberes incorporados posteriormente pela lógica incaica foram fundamentais para o sustentáculo dessa expansão, o que veremos mais especificamente nas crônicas de Felipe Guaman Poma de Ayala.<sup>55</sup> Provavelmente, o fato de aparecer nas crônicas de Cieza de León e Garcilaso de la Vega, revela uma continuidade desse ideal desqualificante que pode demonstrar uma estratégia argumentativa dos próprios Incas relatados durante o processo de “hibridização” com a cultura

---

<sup>54</sup> Op. Cit. Cieza de León, 2000 . pp 174.

<sup>55</sup> GUAMAN POMA DE AYALA, Felipe. **Nueva crónica y buen gobierno I e II**. Lima: Ebisa, 2011.

européia.<sup>56</sup> Por outro lado, destacam-se uma hermenêutica desenvolvida por esses cronistas que chegavam após ler os escritos de anteriores viajantes, mantendo assim a lógica civilizacional que há em seus relatos e uma intencionalidade revelada por seu lugar de fala. Destacadamente em Garcilaso de la Vega, há uma exaltação da cultura Inca nos Andes, aproximando-os muito ao ideal civilizacional europeu daquela época. Porém, pode-se ter em consideração, como já foi dito, as intenções individuais de cada cronista, para além dessas duas conjunturais estratégias. O exemplo de Felipe Guaman Poma de Ayala<sup>57</sup>, o cronista ameríndio, talvez seja o mais ilustrativo nesse sentido, pois o mesmo parece não exaltar a cultura Inca já que pertencia a uma outra etnia “dominada” por ela.<sup>58</sup> Tampouco poupava críticas aos mestiços que prestavam serviços de corregedores à Coroa. Tais problemas serão recorrentes nesses documentos, e caberá aqui aprofundá-los começando pelo viajante espanhol.

Pedro de Cieza de León nasceu entre 1518 e 1520 e faleceu em 1554, estando presente nas “Índias” durante 15 anos de sua vida, de 1535 a 1550. Esse jovem soldado real é considerado um dos principais e primeiros cronistas sobre a

---

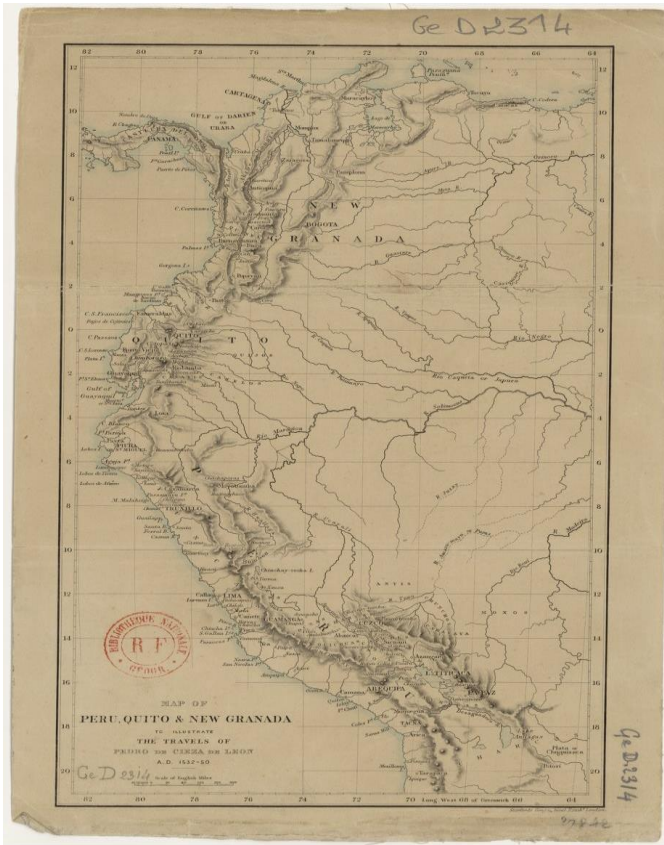
<sup>56</sup> GRUZINSKI, Serge. **Introdução; A pintura e a escrita; Conclusão.** In: A colonização do imaginário: sociedades indígenas e colonização do México espanhol – Séculos XVI-XVIII. (1988). Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cia das Letras, 2003, pp. 13-112; 409- 412.

<sup>57</sup> Op. Cit. GUAMAN POMA DE AYALA, 2011.

<sup>58</sup> Se dizia de etnia Yarovilca de Huanúco, senhores do Chinchaysuyu, anteriores aos Incas.

antiga sociedade inca, derrotada emblematicamente no ano de 1532 com queda de Atahualpa frente aos homens de Pizarro. Alega ter caminhado do sul da atual Colômbia até o norte do que hoje é território chileno, passando pelos atuais Equador, Peru e parte da Bolívia. Teve, portanto, uma perspectiva privilegiada sobre quase todo o território que durante o século anterior esteve sob influência Inca. Como evidencia a figura a seguir, seu caminho se traçou acompanhando o movimento da cordilheira andina de norte a sul, sendo referência ainda no século XIX quando se produziu tal documento. A posterior figura demonstrará o sombreamento do território político sob influência Inca que também acompanha esse movimento.

Figura (2) Mapa do Peru,  
Quito e de Nova Granada  
para ilustração da viagem  
de Pedro Cieza de León  
1542 – 1550.

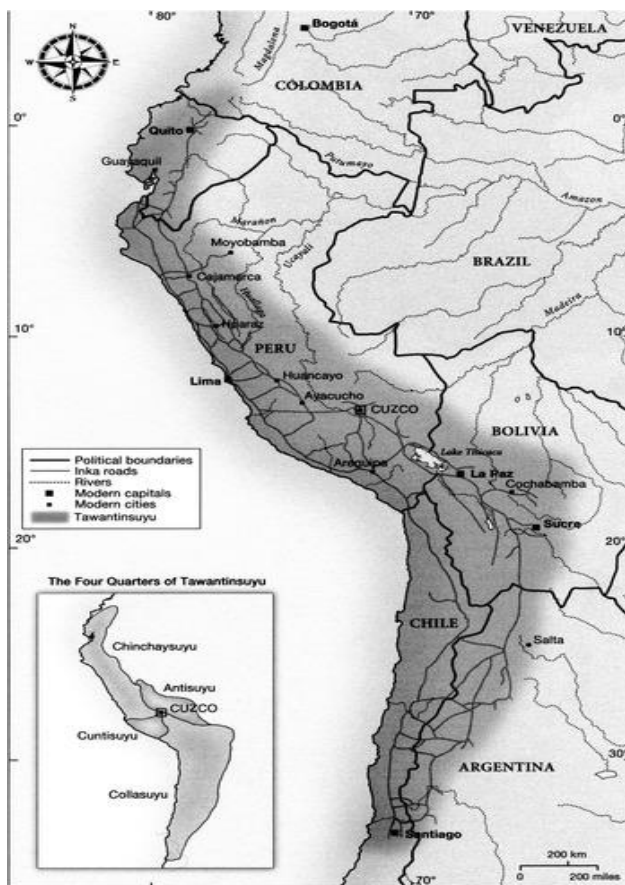


Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Retirado de:  
<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8441175j.r=m>  
 aps%20per%C3%BA



Figura (3): Mapa da expansão Inca na cordilheira dos Andes e sua divisão em quatro sub regiões políticas



Retirado de Urton, G. (2015). Inka administration in Tawantinsuyu by means of the knotted-cords. In N. Yoffee(Ed.), *The Cambridge World History* (The Cambridge World History). Cambridge: Cambridge University Press. doi:10.1017/CHO9781139035606.012

O cronista em questão provinha de uma conhecida família de Extremadura na Espanha e ainda que sua biografia tenha sido contada e recontada durante anos, segundo Ballesteros, se pode afirmar com quase certeza seu local de nascimento e o espaço onde o mesmo se formou: “um pequeno e fechado clã Llerenés (da cidade de Llerena), de gente acomodada, entre as quais há escribas e comerciantes que migram à Sevilla, atraídos pela importância crescente dessa cidade como cabeceira das Índias(...)”<sup>59</sup>. Apesar das expedições que desse local saíam, regressarem apenas poucas, o jovem Cieza de Leon teria embarcado no baixo de seus 13 a 15 anos. (Ballesteros levanta a problemática sobre como pessoas tão jovens embarcavam nessas missões). Se observa em suas anotações, a alegação para alguns padres na embarcação com destino a Cartagena, que não era um dos proibidos, ou seja, judeu, mulçumano ou cigano. Tal fato nos coloca a reflexão de que formação teria um rapaz cristão tão jovem e se de algum modo esta influenciou na sua escolha pela viagem, mesmo sendo de uma família em situação aparentemente estável. Apesar do pouco tempo material para frequentar algum centro docente superior, Cieza, como bem argumenta Ballesteros, aprendeu bem o ofício de escriba, talvez com algum membro de sua família.

Nos parece sempre bom ter em mente que esse pequeno esforço de tentar compreender a formação e as circunstâncias que cercavam esses homens que escreveram

---

<sup>59</sup> Op. Cit. Cieza de León, 2000. pp9

sobre o continente americano não seria um mero capricho biográfico dentro da presente pesquisa. Michel de Certeau argumenta que toda interpretação histórica depende de um sistema de referências, o que seria um “não-dito” dentro da obra de um autor.<sup>60</sup> Essa condição proviria de seu “lugar social” que influi diretamente na própria linguagem científica desenvolvida por esses produtores de conhecimento histórico. Para se pensar, portanto, o que a história diz de uma sociedade, seria necessário pensar como esse saber se articula dentro dela. De certa forma, esse lugar de onde provém o historiador, permite e/ou interdita determinadas investigações em função de suas conjunturas e problemáticas comuns. Nesses termos chegamos a uma ideia de limite, ou o “ponto cego”<sup>61</sup> da pesquisa histórica, nas palavras de Certeau, tema que devemos atentar também na relação colocada por um ambiente material a ser descrito, como veremos mais à frente.

Após conhecermos, ainda que brevemente, a trajetória inicial desse autor, e sabendo que a mesma estará ainda em formação nos seus caminhos pela geografia andina, podemos observar como Cieza de Leon interagiu e codificou o espaço o qual teve contato a partir de 1535. O mesmo esteve presente na fundação de algumas cidades por expedicionários da Coroa, principalmente no que seria hoje território Colombiano. Ballesteros argumenta que tal fato conferiu distinção ao jovem, que também colaborou no combate a sublevações indígenas em

---

<sup>60</sup> Op. Cit. Certeau, 1974.

<sup>61</sup> Op. Cit. Certeau, 1974. pp 74.

princípios da década de 1540. Ao passar, não sem questionamentos, por conflitos entre capitães espanhóis, chefes de expedição, o “soldado obscuro” que escrevia sobre suas jornadas, se torna Cronista Oficial de Índias em 1548 nomeado por Pedro de la Gasca.<sup>62</sup> Cronista e não historiador, aos olhos da época, pois não reconstituía um passado e sim relatava os acontecimentos contemporâneos.

Os mapas das figuras 2 e 3 demonstram não somente o caminho geográfico percorrido por Cieza junto à divisão do espaço Inca na formação do *Tawantinsuyu*. Estes também nos relatam construções, fabricações de espaços que revelam intenções e olhares sobre esse ambiente. O fato do mapa 1 (figura 2) ter sido produzido no século XIX coloca que o mesmo seria o resultado ou a consolidação de um intenso processo de construção de uma concepção geométrica do espaço que ocorria desde o Renascimento, como veremos mais adiante acompanhando o argumento de Walter Mignolo. Este primeiro mapa (figura 2) pouco nos revelaria da relação à época (século XVI) de como esse percurso foi vivenciado, sendo uma tentativa simples e objetivada de demonstração de um aspecto principal, o caminho feito por Cieza, como parte mais detalhada do mapa. Ao restante dele cabe uma geografia de composição, com a presença de alguns rios no interior do continente que não necessariamente teriam relação com esse caminho. Essa separação revelada pode indicar que a preocupação que segue no relatar das crônicas está vedada a

---

<sup>62</sup> Apud. Ballesteros in: Cieza de León, 2000, pp 16.

uma perspectiva conquistadora de uma cadeia montanhosa, símbolo de isolamento, inospidez e desconhecimento frente ao viajante europeu. Essa interpretação pode nos ser extremamente relevante, todavia, temos que tomar cuidado com ela, pois como veremos mais a frente, essa simbologia construída é um pouco mais complexa do que transparece sua simples dicotomia.

O mapa 2(figura 3), de caráter mais didático, revela a expansão de uma etnia ao longo da cordilheira, codificando o ambiente como um espaço de controle ao longo de um determinado tempo. O propósito de o mesmo estar presente no trabalho, seria para nos situarmos, ainda que superficialmente, sobre a que localidade estamos falando e qual a sua relação com as divisões da ocupação Inca. O que valeria por fim ressaltar, seria o caráter geográfico desse processo expansivo, notando que o mesmo acompanha o contorno da cordilheira andina para norte e para sul, tendo como referência o centro étnico do mapa em Cuzco e denotando a relevância do ambiente andino nesse processo. A divisão quadripartide destacada no mapa será abordada também durante esse capítulo como um embate das diferentes visões de mundo que se fez presente no momento do contato dos espanhóis com os ameríndios. Ademais, nos passa a noção, ainda que pouco detalhada, da composição dessa organização social inca em quatro grandes regiões que aparecem referenciadas durante as crônicas.

Utilizaremos a figura 2 para pensarmos as relações desse caminho percorrido por cima das cordilheiras e os rios que são representados interiorizando-se pelo continente. A importância dos cumes andinos para o metabolismo hidrológico<sup>63</sup> dessas sociedades será um ponto chave para compreendermos as relações de interdependência existentes entre esses seres e o ambiente no capítulo seguinte. A centralidade de uma geografia espacial no mapa, até sobre o caminho percorrido por Cieza é notória pelo modo representativo que concebe a presença destacada da cordilheira e dos rios frente ao caminho humano. Não à toa, a pequenez do homem perante esse grande espaço físico, aumentaria, na concepção europeia, a virtude do conquistador, que o percorreu de ponta a ponta relatando ali suas percepções sobre o que encontrava.

Para a presente pesquisa, seu papel foi maior que simplesmente relatar os fatos ocorridos durante os aproximados quinze anos de sua presença. Cieza de León produziu um documento histórico sobre a sociedade a qual se defrontava, revelando-se sob uma fachada conquistadora, presente nessa primeira parte de sua vasta obra. Tanto é assim, que nosso próximo cronista o utiliza como fonte para estabelecer determinadas relações e comprovar parte de seus escritos sobre essa sociedade, sendo essa uma prática comum

---

<sup>63</sup> Partindo do conceito de metabolismo social presente em Molina e Toledo, se irá propor (no cap. II) uma análise deste a partir dos sistemas hidrológicos, sejam eles provindos de degelos, chuvas, ou desvios de bacias de rios, que representariam e constituiriam a circulação de vida no ambiente verticalizado da cordilheira.

entre os humanistas e eruditos da época. Obviamente, deve-se ter em conta que o conceito de autoria, à luz daquele momento, era diferente do que estamos acostumados hoje em dia, destacando-se em muitos casos uma prática copista, ainda que no caso que se segue, bem mais referencial. As problemáticas de uma outra concepção sobre o ambiente descrito, porém nem sempre conhecido e vivenciado, será o que, de fato, precisaremos ter mente.

### **1.2 - Inca Garcilaso de la Vega: um cronista mestiço?**

O intuito de escolher a obra de Garcilaso de la Vega<sup>64</sup> para a presente análise se baseou, além claro de ser um cronista emblemático nas principais reflexões sobre a sociedade Inca, pela contraposição que pode exercer ao observarmos um olhar dentro de um tempo posterior e diferente ao primeiro cronista, e de outros já no século XVII. O domínio espanhol, outrora incipiente, já parecia consolidado nos principais centros andinos com exceção das terras mais altas (*serrana*) onde estes ainda não almejavam chegar (voltaremos a ideia de limite físico posteriormente). A obra de Garcilaso se situa no mínimo, uma geração posterior de Cieza de Leon, representando uma outra visão sobre um espaço conquistado. A própria origem desse peruano mestiço, filho ilegítimo do capitão espanhol Sebastian Garcilaso de la Vega com Isabel Chimpo Ocllo, membra da elite incaica, torna interessante

---

<sup>64</sup> Mais precisamente seus *Comentários Reales*. Op. Cit. Garcilaso de la Vega, 1973.

buscar em suas crônicas esse outro olhar, observando que aspectos dessa construção narrativa do espaço se assemelham ou se diferem de Cieza e outros cronistas.

A primeira parte de seus *Comentários Reales* foi publicada em Lisboa no ano de 1609, sete anos antes de sua morte em 1616. Aparentemente, e assim como a obra de Cieza de Leon teve ampla circulação em boa parte da Europa sendo traduzido para o francês e o holandês ainda no mesmo século. Tal fato revela além da posição social favorável que o autor ocupava, o considerável desejo europeu em se alimentar de informações sobre aquele lugar ainda irreal para as diversas monarquias do continente europeu. Alia-se ao fato de ser um período de intensificação do controle Espanhol sobre o território, interna e externamente, derivando em abusos denunciados, como veremos no contraponto das “esquecidas” crônicas de Felipe Guaman Poma de Ayala.<sup>65</sup>

Diferentemente de Cieza de Leon e Guaman Poma de Ayala, Garcilaso teve uma formação humanística mais substancial, desde sua juventude em Cusco e posteriormente em sua partida aos vinte anos para a Europa, onde permaneceu o resto de sua vida. Garcilaso, de certa forma, já era um fruto do processo de colonização em andamento, que a princípio não renegava as origens incas, mas valorizava-a em alguns aspectos para aperfeiçoá-la com a introdução dos valores europeus e cristãos.

---

<sup>65</sup> Nueva cronica y buen gobierno só foi encontrada em um arquivo em Copenhage no primeiro decênio do século XX.



*“(..) en fin no tuvieron más dioses que al Sol, al cual adoraron por sus excelencias y beneficios naturales, como gente más considerada y más política que sus antecesores, los de primera edad, y le hicieron templos de increíble riqueza y aunque tuvieron a la Luna por hermana y mujer del Sol y madre de los Incas, no la adoraron por diosa ni le ofrecieron sacrificios ni le edificaron templos.”<sup>66</sup>*

Bernand e Gruzinski demonstram bem essa trajetória de como Garcilaso foi tentado a se identificar com os conversos durante sua longa e primordial estadia espanhola, divididos como ele, entre duas tradições opostas e privados dos apoios escritos das suas concepções anteriores<sup>67</sup>. Se reconheciam os legados e a força estrutural da sociedade ameríndia, e ainda que se questionassem suas relações com o sagrado, observou-se o potencial em termos de produção desses remanescentes. O filho de um capitão espanhol com uma ameríndia da elite incaica não seria, portanto, uma simples representação estratégica dessa visão, mas o fato de mesmo sendo ilegítimo ter acesso a uma formação europeia, demonstra como esses acordos e visões para com a sociedade dominada eram

---

<sup>66</sup> Op. Cit. Garcilaso de la Vega, Tomo I, 1973. pp70

<sup>67</sup> BERNAND, Carmen e GRUZINSKI, Serge. **História do Novo Mundo 2**: as mestiçagens. São Paulo: EDUSP, 2006. pp120

intrincados e precisam ser levados em consideração. Ser ilegítimo e mestiço, portanto, não apareceria como uma barreira ou impedimento nessa sociedade, mas como uma norma ou estratégia que a constitui.

Alia-se o fato de Garcilaso ter escrito toda sua obra na Europa, após servir por quase trinta anos o exército espanhol em territórios do “velho mundo”. Isso acarretou em um afastamento não só geográfico, mas também afetivo (em parte) e semântico quanto aos aspectos da natureza andina:

*“Hay otra fruta muy buena,  
que los españoles llaman pepino,  
porque se le parece algo en el talle,  
pero no en el gusto ni en el saludable  
que son para los enfermos en  
calenturas, ni en la buena digestión  
que tienen; antes son contrarios a los  
de España; el nombre que los indios  
les dan se me ha ido de la memoria;  
aunque fatigándola yo en este paso  
muchas veces e muchos días, y  
reprehendiéndola por la mala  
guarda que ha hecho y hace de  
muchos vocablos de nuestro  
lenguaje, me ofreció, por  
disculparse, este nombre: cácham,  
por pepino; no sé si me engaña,*

*confiada de que por la distancia del lugar y ausencia de los míos no podré averiguar tan áína el engaño; mis parientes, los indios y mestizos del Cozco y todo el Perú, será jueces desta mi ignorancia, y de otras muchas que hallarán en esta mi obra; perdónemelas, pues soy suyo, y que sólo por serviles tomé un trabajo tan incomportable como esto lo es para mis pocas fuerzas (...)*<sup>68</sup>

Em 1590, após algumas condecorações, o capitão Garcilaso, no alto de seus 50 anos, retira-se do exército para dedicar-se a literatura, poesia e história, frequentando os círculos humanistas espanhóis na região da Andaluzia. Cabe salientar que não será o enfoque da presente pesquisa analisar os problemas de um mestiço nessa empreitada em solo europeu, desde as forças armadas até a inserção em um círculo de intelectuais da época.<sup>69</sup> Mas podemos nos balizar em alguns aspectos fundamentais que diferenciam a trajetória entre Garcilaso e Cieza de León. O fato de a narrativa de Leon ser produzida ao longo de sua jornada pelo local observado, durante um processo intenso de descoberta (do espaço pelos espanhóis) e conquistas, revela aspectos distintos de Garcilaso

---

<sup>68</sup> Op. Cit. Garcilaso de la Vega, Tomo III. Libro Octavo, cap. XI. Pp 102

<sup>69</sup> Op. Cit. Garcilaso de la Vega, 1973.

que escreveu sua obra na Espanha, após muito estudo e baseado provavelmente na obra de algum outro viajante, fato comum na época.

Nota-se no relato anterior sobre o dito “pepino”, o que Bernand e Gruzinski atentam como uma falta de memória de Garcilaso no final da vida, período em que escreve seus *Comentarios Reales*. Apesar, como os mesmos ressaltam, que as missões cumpridas por ele em território andaluz poderiam ter lembrado o ambiente peruano, o mesmo “indagava-se sobre a falta de memória, pois com frequência as palavras *quéchuas* lhe escapavam”.<sup>70</sup> Isto acarreta numa problemática relevante também trazida por esses autores, no sentido de compreender o apelo e a legitimidade que Garcilaso sempre teve ao colocar um conhecimento adquirido no “leite materno”, repousado em uma tradição oral *quéchua* frente a um observável minguar desse idioma de origem na sua degastada memória mestiça. Provavelmente, ele teria permanecido “fiel a seus amigos de Cuzco, que lhe escreviam regularmente”<sup>71</sup> e a proximidade de Sevilha também teria facilitado o contato com outros viajantes e cronistas da época que circulavam as informações sobre o ambiente andino.

Tal seria o caso do padre jesuíta Blas Valera Pérez um estudioso do período Inca, nascido em solo “peruano” que foi acusado de tecer comentários favoráveis ao *incanato* e por isso expulso do território americano e mandado para a Europa

---

<sup>70</sup> Op. Cit. BERNAND e GRUZINSKI, 2006.Pp 120

<sup>71</sup> Op. Cit. BERNAND e GRUZINSKI, 2006. Pp 117

tendo se instalado em Cádiz em 1590. Estava aí, portanto, no saque inglês a cidade em 1596<sup>72</sup> e a isso se atribui a perda da maioria de seus escritos. Dos fragmentos que se conservaram, entregou-os a Garcilaso em 1597 e por isso o mesmo remete, por vezes, à seu trabalho.

A questão de como essas informações eram lidas e ao mesmo tempo como elas influenciaram na intencionalidade desse autor mestiço, são problemáticas centrais para a representação que Garcilaso construiu sobre a sociedade que de certa forma provinha e buscava valorizar.

*És tan agradable la 'Cuca'  
(Coca) a los indios, que por ella  
proponen el oro y la plata y las piedras  
preciosas; plantandola con gran cuidado  
y diligencia y cógenla con mayor;  
porque cogen las hojas de por sí, con la  
mano, y las secan al sol, y así las comen  
los indios (...)*<sup>73</sup>

---

<sup>72</sup> Parte da Guerra Anglo-espanhola (1585-1604), o saque à Cadiz representou uma grande vitória da marinha inglesa aliada aos Países Baixos sobre o território espanhol. Pilhagens, incêndios e capturas de personalidades para pedido de resgate foram os principais atos praticados nessa cidade.

<sup>73</sup> Padre Blas Valera apud. Garcilaso De La Vega, Garcilaso. Libro Octavo, capítulo XV. pp97

A citação acima demonstra um exemplo das inúmeras referências do Padre jesuíta Blas Valera<sup>74</sup> na obra de Garcilaso. Além dele, outros autores são citados, inclusive Cieza de León (talvez o autor com maior número de referências). Os escritos jesuíticos tiveram grande circulação nesse meio intelectual humanista no Renascimento, sendo deles que, geralmente, provinham as maiores contribuições acerca do cotidiano e das formas desse “outro” desconhecido pelos europeus. Cabe notar, nesse caso, que a citação demonstra a visão desse padre jesuíta sobre a utilização e a valorização da folha de Coca na sociedade ameríndia, demonstrando a importância da mesma para aqueles indivíduos. No entanto, convém observar que Blas Valera estabelece uma escala de valoração desta perante o ouro e a prata, sendo essa uma equiparação que somente se desenvolve na relação entre sua cultura europeia para com as demais nesse contexto. Caberá termos em vista, nesses casos, o aspecto material dessas descrições, sem perder o alcance das relações que eles imbricam ao serem descritos, além de considerarmos a controversa história da morte de Blas Valera e da chegada desses escritos às mãos de Garcilaso<sup>75</sup>. Como essas relações influenciam nosso trabalho na construção do ambiente Inca através das crônicas é o que devemos ter em mente.

---

<sup>74</sup> Jesuíta também mestiço que teria sido expulso do Peru e entregue seus escritos à Garcilaso na Espanha sem poder publica-los pouco antes de sua morte.

<sup>75</sup> Para saber mais: Op. Cit. Bernand e Gruzinski, 2006. Existe um debate a partir da “descoberta” dos documentos Miccinelli em Nápolis por Laura Laurencich Minelli que colocariam a morte do jesuíta Blas Valera em como uma farsa jurídica e que denunciariam os escritos de Garcilaso como plágio da obra desse Padre.

Roger Chartier em seu texto sobre práticas e representações<sup>76</sup>, ao procurar compreender de que forma a história se insere como mediadora de estruturas mentais e materiais, no afã de perceber de que modo ela é construída, pensada e dada a ler, dialoga em parte com a questão colocada pela trajetória de Garcilaso, que de certa forma, se pensa e tenta reconstruir a história a partir de sua linhagem Inca, usando para isso, no entanto, ferramentas e modos de pensar de sua formação humanística, inspirando-se nas visões renascentistas clássicas da Europa do século XVI. Não perde também o ideal civilizacional presente em outras narrativas, a partir do momento que exalta a cultura Inca frente as outras etnias “bárbaras” (*bestiales*) que foram incorporadas. De certa forma, esse seu modo de construir a sociedade Inca, parece remeter aos degraus de uma escada, onde o próximo passo seria a entrada dos espanhóis para desenvolver ainda mais esses aspectos positivados, agora sobre uma jurisdição cristã. Não deixa de ser, portanto, uma apropriação de saberes na construção de uma representação sobre essa sociedade, que tem por fins práticos, que norteiam e são norteados, um ideal civilizacional. Além disso, podemos observar que seu meio de produção permitiu contatos com muitos judeus conversos e suas obras, dentre eles, o médico

---

<sup>76</sup> CHARTIER, Roger. **Por uma sociologia histórica das práticas culturais; Textos impressos, leituras. Práticas e representações: leituras camponesas em França do século XVIII; Cultura política e cultura popular no Antigo Regime.** (1988). In História Cultural: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Ed. Difel: Lisboa, 1990, pp. 13-29; 121-140; 189-214.

Leão de Hebreu, um filósofo e médico neo-platônico<sup>77</sup>. Esta visão foi um exemplo trazido por Bernard e Gruzinski, e teria sido uma chave intelectual que permitiu a Garcilaso superar a dualidade de seu ser mestiço e interpretar seu próprio passado mediante categorias universais do amor e da alegoria como dita corrente preconizava. Mas quais seriam as implicações desse ideal na reflexão sobre o ambiente andino a partir desses cronistas?

A utilização e, portanto, a construção do ambiente andino dentro dessa perspectiva, nos leva a pensar de que forma esse novo espaço, sendo concebido nos ideais anteriormente citados, moldou e foi moldado pelos mesmos. Walter Mignolo em seu argumento decolonial, propõe o que seria uma negação da coetaneidade (*denials of coevalness*)<sup>78</sup> durante esse período, ou seja, de que modo a construção desse novo ambiente (a partir também da interação com seus elementos) se coloca no mundo e define uma hierarquização entre diferentes espaços e sociedades. Criam-se novas categorias, como no caso andino, o ar rarefeito das altitudes e as grandes variações climáticas em um mesmo dia que acompanhavam o movimento vertical da cordilheira, e que impressionavam os europeus a medida que reconheciam como esse lugar era habitado e ocupado.

---

<sup>77</sup> Escreveu a obra “Diálogos de Amor” em 1502 D.C. Para compreender melhor essa relação entre ele e Garcilaso ver: DE QUEIROZ, Maria José. Leão Hebreu e Garcilaso de la Vega, o Inca: um encontro à sombra de Platão. **Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, Belo Horizonte, v. 6, n. 10, 2012. Pp 93-101.

<sup>78</sup> Op. Cit. Mignolo, 1995.



Dentre outros efeitos no espaço, a dissociação entre um centro étnico (seja subjetivo, político ou ideológico) e um centro geométrico (seja objetivo, neutro e científico – posteriormente) produz a ilusão de que a geometria espacial não está intrincada com uma base de perspectiva étnica. Tal fato, segundo Mignolo, leva a uma construção de conhecimento (base para a transformação epistemológica que o humanismo renascentista trazia) que ao mesmo tempo em que coloca as Américas no mapa, negam sua interpretação particular do mundo/ambiente ou pior, a hierarquizam como selvagem e atrasadas e, portanto, inválidas e combatíveis.

Cada concepção de mundo e de natureza estariam, nesse sentido, postos hierarquicamente dentro de parâmetros construídos por homens com os quais temos que trabalhar agora. O exemplo de Garcilaso de la Vega talvez seja o mais emblemático nesse sentido, por sua predisposição inicial de trabalhar numa espécie de resgate de suas genealógicas tradições. Para isso, no entanto, se baseia em suas memórias e nas obras de outros autores humanistas e que tenham passado mais tempo que ele no ambiente andino o atualizando sobre seu suposto lugar de origem. Um deles, como vimos, era o padre Blas Valera que teria deixado seus escritos com Garcilaso ao regressar a Europa. O mesmo teria se envolvido numa polêmica com o próximo cronista que analisaremos, o ameríndio Felipe Guaman Poma de Ayala. Isso nos ajudará a pensar como esses personagens circulavam e se relacionavam entre si, não havendo um lugar de fala totalmente separado um

do outro. Portanto, teremos que observar tais fatos não como impedimentos de análise, mas como agregadores de possibilidades já que apesar de aparentemente negarem o “outro” em sua base epistemológica, coexistiram e deste “outro” nutriram-se de concepções que nos são caras na pesquisa atual.

### **1.3 - Felipe Guaman Poma de Ayala: o “outro”, cronista ameríndio e iconográfico**

Os cronistas que documentam o *Novus Orbis*<sup>79</sup> trazem visões que estão arraigadas de um processo de hibridização cultural<sup>80</sup> como parcialmente analisado no emblemático caso do cronista mestiço. A tentativa de trazer uma visão dos vencidos<sup>81</sup>, ou desse “outro”, se revelaram problemáticas ao longo da história. Como observado, é improvável pensar que não houve um mínimo de utilização de alguns elementos culturais hispânicos, a começar pelo alfabeto escrito até ao que conceberíamos, ordinariamente, como visões de mundo. Seria, portanto, possível nos aproximar ainda mais das concepções desse “outro”, digamos do ameríndio, sobre o ambiente com o qual se relacionava? Existiriam momentos bem definidos desse processo presentes nessas visões ou poderíamos identificar cada caso a partir de suas particularidades e chegar a uma

---

<sup>79</sup> Novo mundo.

<sup>80</sup> Nos termos de Gruzinski em: Op. Cit. Gruzinski, 2003.

<sup>81</sup> LEON\_PORTILLA, Miguel. *Visión de los Vencidos: relaciones indígenas de la conquista*. Ciudad de Mexico: Ediciones de la Universidad Autonoma, 1959.

aproximação? Em que medida tratamos as visões que são construídas como fruto desse encontro? Tendo em conta essas problemáticas e crendo na contribuição de uma iconografia para a análise da *pacha*<sup>82</sup> andina, parece relevante pensar nas construções feitas por Felipe Guaman Poma de Ayala.

Contemporâneo de Garcilaso de La Vega, Guaman Poma nasceu e viveu toda sua vida nos Andes. Filho de Gusmán Malqui de Ayala e Juana Curi Ocllo, filha mais nova do Inca Tupac Yupanqui possuía em sua linhagem paterna a ascendência nobre de pré-Incas da região de Huanuco (*Chinchasuyu*). Esse prover de duas etnias e culturas anteriores a chegada espanhola, por si só, complexificaria as relações com esse ambiente vivenciadas e produzidas por ele, além de diferenciar a maneira de como os aportes ocidentais foram recebidos e transformados por esse autor.<sup>83</sup>

Nascido no período pós incaico (1534/1550 D.C. a 1618 D.C.) “*Porque yo no nací en tiempo de los Yngas para sauer todo lo que destas cordilleras lo supe y lo fui escriuiendo*”<sup>84</sup> e após

---

<sup>82</sup> Como vimos na introdução, tempo e espaço na cosmovisão andina estão sob um só conceito *pacha*, o que pode revelar novas possibilidades de se pensar a relação entre história e ambiente. Para o paralelo colocado entre a visão ocidental de tempo e a andina de *pacha* na obra de Guaman Poma de Ayala ver: OSSIO, Juan. Las cinco edades del mundo según Felipe Guamán Poma de Ayala. **Etnohistoria y antropología andina**, 1977.

<sup>83</sup> WACHTEL, **Nathan** Pensée Sauvage Et Acculturation: : L'Espace Et Le Temps Chez Felipe Guaman Poma De Ayala Et L'Inca Garcilaso De La Vega. **Annales. Histoire, Sciences Sociales**, Paris, v. 26, n. 3/4, 1971. pp794

<sup>84</sup> Op. Cit. Guman Poma de Ayala, 2011. Pp860. A data de nascimento desse autor ainda é imprecisa.

viver sua infância em Huamanga<sup>85</sup>, teria percorrido diversas regiões andinas acompanhando visitantes eclesiásticos como Cristóbal de Albornoz, desenvolvendo nesse período seu aprendizado da escrita e seu interesse pelas ordens religiosas<sup>86</sup>. Publicada provavelmente entre 1613 e 1615, sua obra *El primer Nueva Cronica y Buen Gobierno* se trata de uma longa carta manifesta dirigida ao Rei de Espanha onde coloca suas preocupações com os abusos cometidos pelas reduções toledas<sup>87</sup> e pelo sistema de *encomienda*, ao mesmo tempo em que demonstra todo seu conhecimento e empatia pelas concepções cristãs de mundo. Não são raras em seu texto e iconografia, paralelos entre história bíblica e as “eras” andinas, confluindo muitas vezes uma com a outra na sua formação da concepção de tempo e de espaço.

Tratado por vezes como personagem ambíguo, em algumas ocasiões desconsiderado como fonte histórica<sup>88</sup>, Felipe

---

<sup>85</sup> A atual Huamanga é uma das onze províncias que conformam o departamento de Ayacucho. Se encontra aproximadamente a 500 km a oeste de Cusco.

<sup>86</sup> Não se sabe se é auto-didata ou treinado por frades e jesuítas.

<sup>87</sup> Ato administrativo por parte do Vice Rei Francisco de Toledo que reorganizava espacialmente as diversas etnias andinas com fins econômicos, políticos e religiosos.

<sup>88</sup> DUVIOLS, Pierre; ADORNO, Rolena; LÓPEZ-BARALT, Mercedes. **Sobre Waman Puma de Ayala**. La Paz: Hisbol, 1987. pp 43-92. Outros recentes estudos que colocam a obra desse cronista como suspeita de ser uma transcrição dos pensamentos de Blas Valera. Essa suposição parte dos documentos supostamente encontrados por Laura Laurencich Minelli que indicariam a farsa na morte do Jesuíta Blas Valera em Cádiz, seu retorno ao Peru, e o suposto empréstimo do nome Felipe Guaman Poma de Ayala para a transcrição de sua obra e pensamento. Tal tese ainda se encontra

Guaman Poma de Ayala revela diferentes facetas em sua própria obra. Autores(as) como Rolena Adorno defendem que Guaman Poma pode ser considerado o mais importante cronista indígena, principalmente por sua iconografia que representaria, apesar da aparente assimilação à nova cultura dominante, uma visão fidedigna aos valores de sua própria cultura<sup>89</sup>. Existe nesse argumento uma diferenciação entre a cultura escrita como símbolo de dominação, e um texto iconográfico que poderia expressar uma lógica andina. Para a presente pesquisa, tal análise se torna fundamental para o debate onde alia-se a importância de se observar uma rara iconografia produzida sobre a relação com esse ambiente andino. Como todas as fontes históricas esta precisa ser problematizada em sua produção, no entanto, após me aprofundar nos debates que a permeiam, optei por utilizá-la crendo verdadeira (referida ao tempo, local e autoria) e relevante em sua contribuição para a pesquisa.

---

pouco corroborada pelos principais historiadores Peruanos e Peruanistas.

<sup>89</sup> ADORNO, Rolena. Paradigmas Perdidos: Guamán Poma examina la sociedad española colonial: Guamán Poma examina la sociedad española colonial. Revista Chungará, Arica, n. 13, p.67-91, 1984.

Figura (4): Mapa mundi del Reino de las Indias / un reino llamado Antisuyu hacia el derecho del mar de norte, otro reino llamado Collasuyu, sale el sol/ otro reino llamado Condesuyu hacia la Mar del Sur Ilal(...) [incompleto] / otro reino llamado Chinchasuyu del Mar del Norte.



Retirado de: GUAMAN POMA DE AYALA, Felipe. **Nueva crónica y buen gobierno II**. Lima: Ebisa, 2011. Pp 354, 355. (figuras 983, 984)

O mapa mundi de Guaman Poma aparece como um exemplo das problemáticas suscitadas em torno de sua figura até o presente momento. Levando em consideração a composição iconográfica, seu desenho possui diversas informações e tende a uma instigante reflexão sobre seu modo de perceber esse ambiente. Por outra parte, sua descrição textual sobre o mesmo tema parece confusa, imbricada e não totalmente correspondente ao retratado na iconografia. Tal observação vai ao encontro das perspectivas abordadas, onde existiriam dois modos de conceber o autor: o que provém de sua exposição textual, que apesar do caráter denunciante, tem apreciações negativas sobre alguns aspectos do próprio mundo andino incaico; e o que provém de sua iconografia, que destacariam alguns aspectos positivos das relações pré-hispânicas estabelecidas nesse espaço. Cabe ressaltar que esses dois modos aparecem de forma complementar e não em oposição, revelando a complexidade das organizações sociais multiétnicas nesse ambiente também diverso.

Tendo, portanto, essa perspectiva em mente, pode-se ressaltar na sua representação o modo como os Incas organizaram o espaço com a pretensão de incorporar o conjunto de senhorios (outras etnias) ao *Tawantinsuyu*, conformando assim, uma totalidade orgânica dirigida desde o centro (Cuzco). Essa ideia de totalidade pode ser observada com a extensão do mapa desde as altas montanhas até o mar que rodeia esses territórios. Para além, caberia observar a presença de alguns aspectos no interior dessa representação, como a incorporação de elementos ecológicos e atividades sociais preeminentes dos diferentes grupos étnicos.

Tudo isso abarcaria uma noção holística que demonstra a complexidade e o equilíbrio desse vasto “Império”.

A visão quadripartida do espaço tendo em Cuzco seu centro será abordada e problematizada mais adiante, por se tratar de uma concepção comum aos diferentes cronistas. O que vale considerar preliminarmente é o esforço desse cronista em ressaltar os aspectos andinos, anteriores a expansão Inca, mas que posteriormente compôs o chamado Tawantinsuyu. Ao contrário de Garcilaso, tal aspecto pode ser propositivo para se pensar o metabolismo social incaico diverso e heterogêneo, onde a circulação de saberes não somente o caracterizava como o sustentava dentro de uma relação de complementariedade e não somente de dominação. Para isso, Guaman Poma não demoniza o que ficou conhecido como Império Inca, apesar de carregar seu texto de críticas em relação a esse. Talvez sua crítica seja mais concentrada a estes do que aos invasores espanhóis, visto o próprio caráter do documento e a quem se destina. Logo, poderíamos colocá-lo numa concepção localista de se conceber o espaço, ou seja, partindo de concepções cosmológicas andinas para se pensar nas relações que a mesma estabeleceria com a cultura dominadora europeia.

Essa aparente relevância de Guaman Poma frente aos outros cronistas, não simplificaria a questão dentro de nossa análise, mas a complexificaria, pelo simples fato que não existe nesse caso uma simples inversão do olhar sobre esse ambiente. Esse cronista ameríndio pode ser o “outro” olhar que se busca,



mas não dentro de uma concepção essencialista, já que a mesma remeteria a um processo vetorial eurocêntrico de cultura. Sua utilização, assim como dos demais cronistas analisados, nos permitem ampliar os diálogos e compreender esse processo dialógico de (re)construção das lógicas locais de natureza andina para uma abordagem universalista da mesma.

#### **1.4 - O ambiente andino nas crônicas: caminhos possíveis**

O espaço físico andino em transformação, objeto de análise desses cronistas, parece em um primeiro momento não favorecer a domesticação de espécies com sua cordilheira elevada em inclinações altíssimas e com climas muitas vezes austeros à própria presença humana (frio, baixa umidade, pressão atmosférica). Como salientado por Brailovsky<sup>90</sup>, as montanhas sempre foram sinônimos de isolamento numa perspectiva de ocupação humana em média e larga escala. Ao largo da história, grandes civilizações se estabeleceram nos leitos de rios, em grandes planícies férteis, nas costas marítimas ou em qualquer outro sítio que favorecesse as comunicações, o escoamento de produtos e os mecanismos de controle sociais e produtivos. No entanto, floresceu neste local uma das maiores organizações sociais encontradas pelos viajantes europeus que chegavam ao continente americano durante o século XVI. Ademais, foram justamente essas

---

<sup>90</sup> BRAILOVSKY, Antonio E. **Historia ecológica de America**: de los Mayasal Quijote. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2006.

condições, *a priori* consideradas adversas, que possibilitaram a riqueza estrutural dessa organização.

Através de uma tecnologia própria, um modo de produção milenar, observações meteorológicas e um uso racional do solo, o homem andino desenvolveu uma das dietas mais diversificadas à sua época e uma rede de trocas de excedentes que sustentou as sociedades andinas por centenas de anos. Esse sistema já existente foi incorporado pelos Incas durante o período retratado pelos cronistas e, de certa forma, surpreendeu os europeus por sua complexidade e funcionamento.

Tal aspecto nos faz voltar a um ponto já citado anteriormente, de que essa natureza andina encontrada pelos espanhóis não parecia dadivosa nem edênica<sup>91</sup>, a não ser por uma pressuposta promessa de um eldorado que de certa forma se materializou posteriormente no *cerro de Potosí*. A geografia andina, com suas altas montanhas, montes nevados e altiplanos desérticos, em nada remetiam a uma planície fértil, onde tudo que se planta dá, e onde o esforço humano é quase desnecessário. Como afirma Alain Corbin em seu trabalho sobre o território do vazio, oceanos e montanhas apareceriam como traços caóticos da catástrofe, partes “pudendas” da natureza.<sup>92</sup> Observemos a seguinte passagem de Cieza de Leon:

---

<sup>91</sup> Op. Cit. Buarque de Hollanda, 2010.

<sup>92</sup> CORBIN, Alain. **O território do vazio: A praia e o imaginário ocidental.** Tradução Paulo Neves – São Paulo. Companhia das letras, 1989.pp 16.

*“Digo que en esta tierra de Perú, son tres cordilleras o cumbres desiertas y a donde los hombres por ninguna manera podrían vivir (...) Y por ninguna manera podrían tampoco vivir gentes en esta longura de sierras, por causa de la mucha nieve y frio, [ y tambien por que la tierra no da de si provecho], por estar quemada de las nieves y de los vientos que nunca dejan de cojer.”<sup>93</sup>*

O autor de “La cronica del Perú” relata neste e em diversos momentos do texto, uma paisagem em relação dialética com a presença humana, onde a ocupação teria que vencer ou se adaptar às difíceis condições impostas pela natureza andina. Exalta por vezes, os grandes feitos ameríndios, quando ao longo do seu trajeto vai descobrindo construções de grandes centros populacionais ou imponentes templos e centros de observação no alto dessas montanhas. Valorizava-se o modo de produção Inca, ou se apropriando de uma terminologia diferente, o modo como estes ameríndios transformavam esses ambientes, tão inapropriados para a construção de uma complexa sociedade aos olhos europeus.

---

<sup>93</sup> Op. Cit. Cieza de Leon, 2000. pp 168.

*“Cierta es cosa notable y nunca vista que en tierra donde ni llueve ni cae sino algún pequeño rocío puedan gentes vivir a su placer.”<sup>94</sup>*

Talvez Cieza demonstre uma preocupação maior em descrever esse espaço desconhecido e surpreendente, enquanto Garcilaso e Guaman Poma se detenham mais nos aspectos da organização social no interior desses ambientes, sem perdê-los de vista, obviamente. Pensando a partir de seu lugar de formação, tanto Cieza como Garcilaso possuíam, cada um em seu grau, uma educação humanística que altera drasticamente o pensamento sobre a natureza a partir do Renascimento. O exemplo acima dos escritos de Cieza, revelam a construção de uma paisagem que des-significa a natureza local ao retirá-la da lógica ameríndia. Ao valorizar-se essa interação dialeticamente entre o homem e a natureza, perde-se em grande parte o sentido que regia essa ocupação do espaço pelos Incas, assim como desvaloriza as relações que os mesmos tinham com esse ambiente. Mignolo caracteriza esse processo como um esvaziamento do espaço que estava sendo mapeado e que colocava as concepções ameríndias e seus sujeitos à margem ou nas bordas desse território.<sup>95</sup> Talvez, como já dito, esse seja um dos maiores problemas ao analisar essa sociedade pelos olhos desses cronistas, fundantes, em certa medida, desse

---

<sup>94</sup> Op. Cit. Cieza de Leon, 2000. pp271.

<sup>95</sup> Op. Cit. Mignolo, 1995.

conceito de paisagem, que é afastamento de um sentido unitário de natureza no seu conjunto.

A natureza não tem frações; é a unidade de um todo, e no momento em que dela algo se aparta deixará inteiramente de ser natureza, por que ele só pode existir no seio dessa unidade sem fronteiras, só pode existir como uma onda da torrente conjunta que é 'a natureza'.<sup>96</sup>

Essa afirmação de Simmel pode ser facilitadora para compreensão do conceito de paisagem, mas traz diversos problemas quando pensamos na relação entre discursos e materialidades na constituição dessas crônicas. Claro que esse extenso debate que percorre as diferentes ciências do conhecimento é colocado aqui apenas como forma de ressaltar a principal problemática já citada, de se pensar o ambiente andino através desses relatos exteriores a ele. Para o presente trabalho, a natureza não é somente uma construção cultural ou social, ela existe materialmente e nos é constituinte, fazendo com que exista uma relação de complementariedade nas formas de interação entre ela e nós humanos. Não se pode pensar a sociedade andina sem considerar as interdependências

---

<sup>96</sup> SIMMEL, Georg. *Filosofía del paisaje*. In: **El individuo y La libertad: ensayos de crítica de La cultura**. Barcelona: Ediciones Península, 1986. pp 176

desse ambiente e sua importância para a constituição dessa sociedade. Obviamente, quando se trata de narrativas sobre esta, devemos estar atentos na forma como estas constroem uma representação que re-significa essa relação, ainda que dentro de certos limites.

A contribuição de Braudel<sup>97</sup> quando o mesmo coloca uma duração histórica do ambiente mediterrâneo é fundamental para compreendermos essa incorporação do meio na história humana, bem como um novo regime de tempo biológico, permanecendo ainda paradigmático quando nos deparamos com uma análise no sentido em que propomos. A ideia de limite, e nesse ponto o estudo de uma ocupação humana em grandes montanhas como no caso incaico pareceu-nos ser emblemático, permanece nas análises de historiadores posteriores e até críticos a visão braudeliana. Como diz Certeau, para citar um exemplo posterior, a combinação entre permissão e a interdição é o ponto cego da pesquisa histórica e a razão pela qual ela não é compatível com qualquer coisa.<sup>98</sup>

Logo, sabendo da amplitude dessa discussão teórica, tentaremos pensar que essa ideia de limite, pelo menos como foi colocada por Braudel, está de certa forma (e nesse ponto me refiro a quando pensamos nessa relação com o ambiente), intrincada de um ideal civilizacional que por vezes aparece em sua obra e que manteria portanto uma relação dialética com a

---

<sup>97</sup> BRAUDEL, Fernand. **Introdução; O peso e o número.** In BRAUDEL, Fernand. *Civilização material e capitalismo.* (1967). Tomo 1. Lisboa; Rio de Janeiro: Edições Cosmos, 1970, pp 09-12; pp17-83.

<sup>98</sup> Op. Cit. Certeau, 1974. pp74.

natureza. Nas crônicas analisadas tal fato é visível, mesmo na tentativa de Garcilaso de valorizar as características incaicas e suas cosmologias nas relações com o espaço, que existe uma predominância nos aspectos culturais em detrimento de uma valorização desse meio como fundamental para o estabelecimento e a expansão Inca. Neste ponto, destacando a importância dos saberes pré-incaicos, Nathan Watchel<sup>99</sup> argumenta como Garcilaso nos coloca que esses *bestiales* se diferenciavam pelos seus objetos adorados e que os mesmos não serviriam como simples divindades mas como símbolos de alteridades entre essas diversas etnias andinas. Isso significaria supor que essas concepções identitárias, logo constituintes, das sociedades pré-incaicas se relacionavam com determinados ambientes específicos já que suas divindades, como aparecem na obra do cronista mestiço, são representadas por sua interação com os diversos aspectos do espaço onde as mesmas coexistiam (homens, rios, montanhas, animais, plantas e etc).

*“Y porque en los tiempos venideros no se causase alguna confusión, ponía nombres propios y nuevos a los montes y collados, campos prados y fuentes, y a los demás lugares, cada uno de por sí, y si de antes tenían nombres, si los confirmaba, añadiéndoles alguna cosa nueva que*

---

<sup>99</sup> Op. Cit. WACHTEL, 1971.

*significase la distinción de las otras regiones, lo cual es muy mucho notar para que adelante veamos de dónde nació la veneración y respeto que aun hoy día tienen los indios a aquellos semejantes lugares, como adelante diremos.*"<sup>100</sup>

Nesse sentido, o recorte sobre essa natureza, além de estabelecer um conjunto de paisagens que formavam esse espaço, demonstra também de que forma foram adotadas estratégias de análise que estavam diretamente relacionadas com o momento em que essas obras foram produzidas. A valorização de uma cultura, a busca por estudos filológicos da língua *Quéchuá* e dos aspectos jurisdicionais do sagrado ameríndio, revelam o que Gruzinski coloca como a problemática da apropriação e/ou codificação cultural de uma sociedade em processo de hibridização.<sup>101</sup> Essa estratégia de dar nome a uma paisagem, ou compreender sua natureza a partir de uma terminologia incaica, é também tornar essa paisagem sua, transformando-a em território, pois ao dar-se o nome, se apropria deste espaço, não figurativamente, mas com intenções de uso, estando presente neste ponto a importância desses estudos filológicos durante a segunda metade do século XVI. Esse é mais um dos fatores que diferem as obras desses três cronistas analisados. Enquanto Cieza de León, escreve sem

---

<sup>100</sup> Op. Cit. Garcilaso, Tomo II. 1973. pp79

<sup>101</sup> Op. Cit. Gruzinski, 2003.



nenhuma preocupação ortográfica as terminologias *quéchuas*, Garcilaso tenta buscá-las nos seus usos cotidianos, estando imbuído das problemáticas que de certa forma mencionamos. Por sua vez, Guaman Poma de Ayala parte do *Quéchua* para uma tradução em um castelhano rústico, denotando, em certa medida, uma inversão do estilo de Garcilaso e estabelecendo uma semântica que pode revelar, dentre diversos problemas, outras formas de se colocar as relações com o ambiente andino.

/1146[1156] *Junio.*

*Haucaicusqui quilla. En este mes se come papas, ocas, ollucos y hacer chuño, cocobatanos caui caya, y sembrar las papas, quillaman chucha este mes se llama papa, oca, olluco, masua, allayquilla [abundante cosecha de papas], quinauscoy quilla, chuño, mocaya, zaroy quilla, couicaya, mazay quilla [mes de hacer chuño y moraya].<sup>102</sup>*

Vê-se aqui, na tentativa de enumeração dos alimentos consumidos no mês de junho, uma mescla do castelhano com as terminologias *quéchuas* de tempo/espço. Tal aspecto se repete constantemente nos dois volumes da extensa obra de Felipe Guaman Poma de Ayala.

Diferentemente, no caso de Cieza de León, a construção de uma nova territorialidade em seu conceito e definição

---

<sup>102</sup> Op. Cit. Guaman Poma de Ayala, 2011. pp460.

européus, revelam problemas que influem diretamente numa outra perspectiva:

*“Es tierra toda la que tiene por términos al parecer estéril, pero en efecto es muy fértil; porque en ella se crían todos los ganados abundantemente, y lo mismo todos los otros bastimentos de pan y legumbres, frutas y aves. Es la disposición de la tierra muy alegre, y en extremo parece la de España (...)”*<sup>103</sup>

A narrativa de Cieza de Leon sobre o ambiente andino vai se alterando a medida que o domínio espanhol se consolida e as sublevações indígenas são derrotadas. A passagem acima demonstra um aspecto recorrente nas crônicas sobre esse espaço, que é uma valorização dessas terras quando as mesmas se adaptam aos cultivos de espécies trazidas pelos europeus. Não chega a ser novidade a incessante tentativa europeia de produzir em terras americanas os alimentos que carregavam em sua memória sensitiva em detrimento das espécies locais. Boa parte dos alimentos oriundos desse novo mundo, hoje mundialmente difundidos como o milho, a batata, o tomate, dentre outros, tardaram no mínimo dois séculos para caírem no gosto europeu.<sup>104</sup> Tal fato observado claramente nessas fontes

---

<sup>103</sup> Op. Cit. Cieza de Leon. 2000. pp

<sup>104</sup> SANFUENTES ECHEVERRÍA, Olaya. Europa y su percepción del nuevo mundo a través de las especies comestibles y los espacios

denotam uma estratégia, ainda que nem sempre consciente, de valorização de uma cultura sobre a outra, que influem diretamente na concepção e no uso espacial.

Todorov em sua clássica obra sobre a conquista da América<sup>105</sup> desenvolve o argumento sobre a hermenêutica desse contato com o novo, ou seja, como os espanhóis orientavam suas observações sobre essa natureza estranha de forma a nela confirmar teses já construídas de antemão, reforçando assim sua autoridade sobre a mesma. Em certa medida, dialoga com Edward Said<sup>106</sup> em sua perspectiva do orientalismo, quando o estudo e as construções sobre o outro não ocorrem de forma empírica, mas se baseiam em pressupostos que vão a campo somente para confirmar sua teoria. Esse discurso exterior gera autoridade, classifica, mapeia e disciplina essa natureza andina. Essa reconstrução do espaço é exercida, portanto, por uma geografia imaginativa (tomando emprestado um termo da fenomenologia) que os espanhóis utilizam, trazendo para o familiar esse ambiente outrora estranho e “in-habitável”. Nesse sentido, Mignolo argumenta que: “(...) os usos cosmopolíticos do território de organizar e governar foram transpassados por uma concepção territorial vinculada a um complexo burocrático e distintas

---

americanos em el siglo XVI. **Historia (santiago)**, Santiago, v. 39, n. 2, p.531-556, dez. 2006.

<sup>105</sup> TODOROV, Tzevetan. **La conquista de América**: el problema del otro. – Madrid: SIGLO XXI editores S.A, 2010.

<sup>106</sup> SAID, Edward. O alcance do Orientalismo. In SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. (1978). Tradução RosauraEichenberg. São Paulo: Cias das Letras, 2007, pp61-163.

formas de poder que esvaziam os espaços, ignorando as territorialidades previamente estabelecidas.”<sup>107</sup>

Tal perspectiva se complexifica a partir das reduções toledas em 1567-68<sup>108</sup> quando se aumentam os contatos e a busca por uma compreensão maior sobre as cosmologias incaicas.<sup>109</sup> Não por acaso, nesse período surgem novos escritores ameríndios ou mestiços como é o caso de Guaman Poma de Ayala e Garcilaso de la Vega, e a análise dessas fontes nos permitem pensar em como uma visão marxista que de certa forma aparece em Said, entre exploradores e explorados, se tornaria insuficiente para pensar esses escritos. A *Geografía e Descripción universal de las Indias* elaborada por López de Velasco<sup>110</sup>, demonstra como a produção sobre o conhecimento desses ambientes pode ser complexa: dentro de um questionário de cinquenta páginas, os *indios viejos* respondiam perguntas direcionadas, num caráter de memorando jurídico que visava uma descrição objetiva desse espaço onde habitavam. Esse “colocar os indígenas no mapa” através de mandatos e questionários, como nos traz Mignolo, implica, como o mesmo coloca, na concomitante configuração

---

<sup>107</sup> Op. Cit. Mignolo, 1995. pp 313. (tradução livre)

<sup>108</sup> Vice-rei do Peru, Francisco de Toledo (1515-1584) promove nesses anos o que ficou conhecido como reduções Toledanas. Trata-se de um reagrupamento espacial e funcional de diversas Ayllus, no sentido de controlar a força de trabalho e a economia a partir da atuação dos ecomenderos.

<sup>109</sup> PORTUGAL, Ana Raquel M. da C. M. Dialogando com as crônicas quinhentistas: a representação do ayllu andino. **R. Mestr. Hist., Vassouras**, v. 4, n. 1, p. 7-26, 2001/2002

<sup>110</sup> DE VELASCO, Juan López. **Geografía y descripción universal de las Indias**. Madrid: Ediciones Atlas, 1971.

de um novo gênero de relato direto para um controle territorial e na transformação do homem de letras humanista em notários públicos e homens da lei.<sup>111</sup> Talvez, como argumenta Gruzinski, seja necessário pensar essa produção através de uma teia composta de diversas conjunções que se revelam nas intencionalidades expostas ou não.

*Y así iban ganando todo el cerro poco a poco, allanándolo por sus andenes a manera de escalera, gozando de toda la tierra que era buena para sembrar y que se podía regar. Donde había peñascales quitaban las peñas y llevaban tierra de otra parte para hacer andenes y aprovechar aquel sitio, por que no se perdiese.<sup>112</sup>*

Percebe-se nas crônicas de Garcilaso, como no trecho acima, uma preocupação maior de valorizar os aspectos incaicos de relação com o ambiente. Tal estratégia provém de toda uma conjuntura já colocada, mas também de uma preocupação pessoal desse autor em reconciliar-se ao fim da vida com sua linhagem Inca. A exaltação da cultura incaica e do domínio sobre outros povos *bestiales* é também uma forma desse mestiço, que altera seu nome quando embarca para Espanha em homenagem ao pai recém-falecido, assumir, em

---

<sup>111</sup> Op. Cit, Mignolo, 1995. pp 283.

<sup>112</sup> Op. Cit Garcilaso, Tomo II, 1973. Pp73.

certa medida, essa herança que nunca o abandonou e que ele carregou em solo europeu. Esse cenário exprime a dificuldade de se pensar esse ambiente nas palavras desse autor.

No entanto, existem algumas balizas que foram possíveis de serem trabalhadas ao longo do tempo pela historiografia. A questão da territorialidade era uma delas, mas não somente ela. A divisão das terras para plantio, os alimentos que eram produzidos e as cosmovisões que dessa relação provinha, são outros fatores de destaque que balizaram materialmente o estudo sobre essa sociedade.

*Habiendo aumentado las tierras, median todas las que habian en toda la provincia, cada pueblo de por si, y las repartían em tres partes: la una para el Sol y la outra para el Rey y la outra para los naturales. Estas partes se dividían siempre con atención que los naturales tuviesen bastantemente em que sembrar, que antes les sobrase que les faltase.(...) Los andenes por la mayor parte se aplicaban al Sol y al Inca, porque los había él mandado hacer. Sin las tierras del maíz que se regaba, repartían otras que no alcanzaban riego, en las cuales sembraban de sequero*

*otras semillas y legumbres que son de mucha importancia (...).*<sup>113</sup>

A citação acima indica alguns caminhos que podem ser buscados mesmo tendo em conta todas as dificuldades de análise expostas até o momento. Existe em algumas descrições, certa materialidade de como os Incas ocupavam estas terras, como era feito seu uso, quais alimentos eram trabalhados e de que forma transformavam esse ambiente a princípio tido como um espaço impedor aos olhos de um estrangeiro. Além disso, certa disposição territorial pode revelar também uma lógica cosmológica que orienta esse processo, ou seja, é plausível a tentativa de se buscar, mesmo através de narrativas europeias, os aspectos que construíram essa imensa teia andina por cima dos altiplanos e cordilheiras.

---

<sup>113</sup> Op. Cit Garcilaso, Tomo II, 1973. Pp72,73

Nesse ponto, a história ambiental traz uma perspectiva de análise interessante quando, reconhecendo os problemas de uma moral de paisagem retórica presente nas narrativas<sup>114</sup>, busca através de alguns valores considerados sólidos, como evidências, sentidos ecológicos (ações humanas e efeitos reais sobre essa natureza) e um princípio de interdependência<sup>115</sup>, onde nenhuma espécie, pessoa, ou sociedade tem chance de sobreviver sem a energia ou ajuda de outro, demonstrar que existem certas balizas a serem tomadas em conta. Esse processo não estaria numa posição dialética somente com o ambiente, se consolidaria num princípio relacional com o mesmo, onde a ideia de interdependência evidencia sua materialidade. O enfoque nas mudanças revelado no trabalho que o historiador se propõe, se torna válido a medida que mapeia a diversidade de cadeias dialógicas que garantem uma coexistência em sua análise. Por isso o esforço aqui feito de levantar os aspectos que compõe essa problemática.

O “Império” Inca como ficou conhecido, narrado por Garcilaso como tendo Reis e vassallos, revela sua

---

<sup>114</sup> CRONON, W. **Un lugar para relatos: naturaleza, historia y narrativa**. In PALACIO, G; ULLOA, A. *Repensando la naturaleza: Encuentros y desencuentros disciplinarios en la naturaleza*. Bogotá, Colômbia: Universidad Nacional de Colombia-Sede Leticia; Instituto Amazónico de Investigaciones Imani; Instituto Colombiano de Antropología e Historia; Colciencias, 2002. pp 29-65

<sup>115</sup> WORSTER, A natureza e a desordem na historia. In FRANCO, J. L. de A.; DUTRA e SILVA, S.; DRUMMOND, J. A.; TAVARES, G. G. (orgs). **Historia Ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. pp 333-366.



territorialidade no próprio nome: *Tawantinsuyo*, que significa quatro grupo de cantos, ou regiões, que se compunham como partes desse todo, o território: “*Los reyes Incas dividieron su Imperio en cuatro partes, que llamaron Tahuantinsuyu, que quiere decir las cuatro partes del mundo, conforme a las cuatro partes principales de cielo: oriente, poniente, setentrión y medio-día.*”<sup>116</sup> As subdivisões sobre essa ocupação tinham, portanto, sempre em conta, uma ordem de complementaridade relacional, entre suas sub-regiões, como vimos também em Guaman Poma de Ayala (figura 4).

Pensando no espaço atual, podemos nos referir a divisão feita da seguinte forma:

*Al noroeste del Cusco se ubicaba el Chinchaysuyu formada por la costa y sierra norte peruana y el Ecuador. El antisuyu estaba ubicado al nordeste e incluía las laderas del Este de los Andes sur-centrales y las altas cuencas del río Amazonas. Hacia el Sudeste y comprendiendo al lago Titicaca, la mayor parte del actual Bolivia, como también el norte de Chile y noroeste de Argentina, se encontraba ubicada el Kollasuyu. Finalmente, el Cuntisuyu, se encontraba hacia el Sur y sudoeste del Cusco comprendiendo la*

---

<sup>116</sup> Op. Cit. Garcilaso de La Vega, Tomo I, 1973. pp 95.

*costa sur-central peruana y Arequipa. Cada uno de estos suyus recibia el nombre del grupo étnico más poderoso de la unidad geopolítica respectiva.<sup>117</sup>*

---

<sup>117</sup> Op. Cit. Vitry, 2008. pp 3.

Figura (5): PONTIFICAL MVNDO  
 / las Yndias del Pirú en lo alto de España/ Cuzco / Castilla en lo auajo de  
 las Yndias / Castilla



O Pontifical Mundo de Guaman de Ayala retoma a já mencionada lógica de ocupação do espaço como uma forma presente nas crônicas onde pode-se encontrar os diferentes modos de se compreender a relação desses homens com o ambiente onde nos situamos. A perspectiva quadripartide de divisão do espaço dentro da representação Inca possui diferentes problemáticas. Walter Mignolo salienta que a “civilização europeia, mesoamericana e andina tinham em comum uma organização quadripartide da terra” destacando o processo renascentista de incorporação desta quarta parte do mundo após o conhecimento da América numa visão cristã outrora tripartide (T/O) do cosmo.<sup>118</sup> Para demonstrar essa coexistência de duas descrições territoriais no mesmo espaço gráfico, Mignolo usa Guaman Poma como maior representante de uma perspectiva fraturada de um subalterno ameríndio. Essa visão podemos observar no *desenho* anterior (figura 4), onde Guaman Poma coloca as duas perspectivas numa mesma representação, com uma inversão do nosso olhar contemporâneo usual, destacando acima de Castilla, o *Tawantinsuyu*, mais próximo do sol e dos cumes montanhosos sagrados.

---

<sup>118</sup> Op. Cit Mignolo, 1995. pp246. Mignolo assinala a divisão T/O ou tripartide do espaço conhecido como uma concepção cristã pré-renascentista de um mundo centrado na Igreja (Jerusalém e posteriormente Roma) e os três espaços conhecidos (Ásia, África e Europa – cabeça). Essa visão começa a se modificar, segundo o autor, com a introdução de um novo continente e uma consequente ligação entre os quatro cantos do mundo.

Ao final, essa representação se torna vital para o argumento do presente trabalho. A posição ao alto do *Tawantinsuyu* não indicaria somente uma ideia de superioridade hierárquica sobre Castilla, mas revelaria também a ligação cosmológica e material com os cumes montanhosos e as geleiras, invertendo ou relativizando a dialética desses ambientes com a ocupação humana. Estes possibilitariam o uso da água e a circulação e não estagnação desses fluxos de energia. Veremos isso mais claramente no capítulo seguinte. O que deve-se ter em mente por enquanto, com este trabalho de Guaman, e como bem salientado por Mignolo, seria a coetanidade dos dois mundos que está sendo projetada dentro de um diagrama cosmológico ligando o *deseño* geográfico com o transcendente *design* do cosmos.<sup>119</sup>

Essa divisão do espaço, reveladora de “esquemas mentais”<sup>120</sup>, foi estudada por uma Antropologia estruturalista que conectava formas de conceber o mundo com modos de ocupação e de se relacionar com os ambientes. Dois nomes emblemáticos dessa perspectiva no caso andino são Nathan Wachtel<sup>121</sup> e Tom Zuidema<sup>122</sup> que se aprofundaram em perceber

---

<sup>119</sup> Op. Cit. Mignolo, 1995. pp254

<sup>120</sup> Numa perspectiva estruturalista, esquemas mentais estariam ligados a tentativa de se compreender o pensamento do outro a partir das formas de ocupação e ou organizações sociais que o mesmo estabelecia.

<sup>121</sup> Op. Cit. WACHTEL, 1971.

<sup>122</sup> ZUIDEMA, R. T. Inka dynasty and irrigation: another look at Andean concepts of history. In: MURRA, John; WACHTEL, Nathan; REVEL, Jacques (eds.) **Anthropological History of Andean Politics**. Cambridge University Press, New York, 1986. pp177-200..

como um mundo dividido em quatro partes, se sub-dividia em duas oposições binárias, que seriam realocadas num jogo combinatório que organiza o cosmos e a sociedade. Wachtel destaca como os quartos desse “Império” se opõem igualmente dois a dois colocando em um só termo (*pacha*), o espaço e o tempo. A divisão espacial estaria relacionada com o passar do tempo sendo marcada pelos dois solstícios e os dois equinócios. Zuidema, semelhantemente, já havia proposto por sua vez, uma hipótese de correspondência direta entre a implantação das *acequias*<sup>123</sup> e as divisões do tempo. Apesar, do mesmo reconhecer a falha em sua proposição, seu trabalho se tornou emblemático e retornaremos a ele quando discutirmos a ideia de metabolismos e águas nos Andes durante o capítulo seguinte.

O que nos cabe analisar aqui, seria o modo como Wachtel utiliza os dois cronistas, colocando Guaman e seu castelhano rústico truncado em oposição ao considerado estilo harmonioso do mestiço Gracilaso de la Vega. Isso, segundo ao autor, nos levaria a conceber duas visões de tempo e espaço diferentes, ainda que contemporâneas. Enquanto Garcilaso haveria tentado um regresso nostálgico a partir de uma visão ocidental do devir, Guaman Poma de Ayala, um ameríndio andino que, ao contrário do mestiço, viveu concretamente a opressão indígena (e por isso o tom panfletário de sua obra) possui uma visão mais diacrônica ou cíclica do tempo, revelando uma outra forma de receber os aportes ocidentais também sobre o espaço em que habitava. Ainda segundo

---

<sup>123</sup> Sistemas de irrigação para plantio.

Watchel, este cronista revelaria também um diferente modo de conceber a territorialidade, por pertencer a uma outra etnia que reconhece os saberes e cosmologias anteriores aos Incas. Para tal, nos parece importante compreender, ainda que brevemente, essa noção territorial de incorporação de diferentes cosmologias. Para além das diferenças colocadas entre esses dois cronistas, seria esse o problema maior a ser enfrentado para chegarmos na compreensão dessa sociedade multiétnica e sua relação com a diversidade andina.

A definição de uma territorialidade se dava a partir de linhagens, ou seja, relações de parentescos ligados a um antepassado comum que os unificava e significava seu processo conjunto de ocupação. Esse modo milenar de organização entre as diversas etnias, foi utilizado também pelos Incas em sua expansão durante o século XV, ao fazerem alianças com *curacas* locais por meio de uniões da linhagem incaica com as filhas dessa etnia local. Essa conjugação transformava-os em um único grupo, compartilhando os mesmos ancestrais, trazia benefícios produzidos em outras sub-regiões (eco-zonas no caso da presente pesquisa) para essas localidades, bem como proporcionava novas terras e mão de obra para o poder central cusquenho.

A medida que se expandia, o *Tawantinsuyu* incorporava os saberes locais sobre as formas de lidar com um ambiente específico e, de certa maneira, ocorria um processo de hibridização cultural que se presenciaria na cosmologia construída a partir desses territórios interligados. E essa

complexa teia de relações humanas na interação com um ambiente ecológico extremamente diversificado é um dos objetos principais desse presente trabalho.

### **1.5 - Atravessando os Andes centrais: vales, punas, yungas e entremeios**

A intenção de ter em mente a visão dos cronistas sobre o ambiente andino se revela estratégica e permanente para seguirmos atravessando (ou tentando diluir) as fronteiras durante o trabalho. Os Andes centrais como vem sendo abordado, são um recorte espacial necessário para uma análise mais aprofundada porém não menos sistêmica, visto que este ambiente é emblemático por comportar a maioria da diversidade de micro-climas andinos. Considera-se o fato também que não deixaremos de ter em vista as relações que esse espaço poderia ter com as outras regiões da cordilheira, sendo elas fundamentais para a pesquisa. Tal escolha também remete ao período de expansão Inca ocorrido no princípio do século XV, destacadamente antes da linha temporal tênue onde entre o auge e a queda do *Tawantinsuyu*. Pensar em acordo aos aspectos temporais e espaciais, simultaneamente, além de acordar com a perspectiva metodológica em questão, oxigena o possível ar rarefeito para se pensar as circulações que constituem esse ambiente e o metabolismo incaico.

A forma de nos relatar as diferentes ecologias desses ambientes, muitas vezes seguindo padrões externos a eles,



como anteriormente discutido, implicam na ainda maior importância de se compreender esses espaços dentro de uma lógica integrada que privilegie suas concepções internas. Para tal, tentar-se-á analisá-los a partir de suas nomenclaturas em Quéchuá<sup>124</sup> que vigoram ainda hoje, mas para além disso, conceber de que forma estes se constituem a partir de suas interações e não de suas diferenciações.

Figura (6): Gráfico de Biodiversidade, complexidade e heterogeneidade

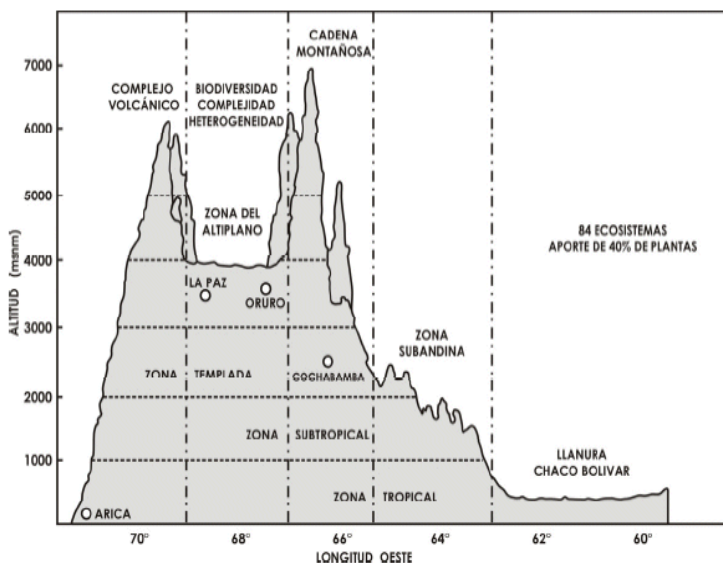


Gráfico retirado de Op. Cit. Tápia, 2007. pp 47.

<sup>124</sup> O próprio termo Quéchuá denotaria uma eco-região específica entre 2000m e 3500m de altitude em relação ao nível do mar.

A figura 6 auxilia a figura 1 (pp 32) a situar o trabalho nesse ambiente diverso onde ocorrem as interações mencionadas pelos cronistas. Coloca em perspectiva a região da atual Bolívia (*Collasuyu*) que como região centro-sul da cordilheira andina, compartilha aspectos comuns ao relevo dos Andes Centrais e com ele se relaciona. Notadamente, revela que entre as faces orientais e ocidentais da cordilheira existe uma extensa zona planáltica, as Punas que juntamente com os vales nas zonas mais temperadas, formam o conjunto ecossistêmico predominante nessa região. Ademais, pode-se observar uma complexificação daquele espaço anteriormente problematizado em sua divisão e esquemas mentais, sendo fundamental observar também sua verticalidade como chave para se compreender a circulação de seres e diversificação das relações de complementariedade entre estes e um ambiente heterogêneo.

A perspectiva eurocêntrica, além de dificultar a compreensão das relações ameríndias dentro desse espaço pela utilização de sua própria nomenclatura e epistemologia renascentista, hierarquizou esse ambiente de forma que se torna difícil o entendimento de como o mesmo era pensado pelos que antes aí viviam. Uma mesma etnia poderia ocupar diferentes eco-zonas, de climas e relevos completamente diversos, assim como várias etnias poderiam se encontrar dividindo o mesmo espaço geográfico, se diferenciando a partir das relações que estabeleciam entre si. Maria Rostworowski<sup>125</sup> nomeia esta forma de organização de

---

<sup>125</sup> Op. Cit. ROSTWOROWSKI, 2005.

“territorialidade descontínua”. Essa verticalidade das ocupações espaciais, talvez tenha sido a maior dificuldade para a compreensão europeia das perspectivas ameríndias, pois estes não pensavam, necessariamente, a divisão do espaço a partir de balizas físicas desse ambiente, como um rio, uma montanha ou um lago, que seja.

*Los índios están poblados en grandes sierras ásperas y muy altas (...). Lo alto de las más dellas, en todo lo más del tiempo está llenos de copos de nieve. Y siembran sus comidas en lugares abrigados, a manera de valles, que se hacen entre las mismas sierras.*<sup>126</sup>

Pode-se nesse ponto, ainda que preliminarmente, conceber os tipos majoritários de ocupação “descontínua” desses ambientes que visualizamos na figura (5). Uma mesma etnia poderia estar situada no alto de uma serra e se relacionar com ambientes de fundos de vale, numa verticalidade de quase 1000m entre diferentes eco-zonas. Essas altas inclinações possibilitavam que esse metabolismo funcionasse, não somente com a vantagem de se percorrer essas diferentes regiões climáticas em um período curto de tempo, como também pela utilização estratégica de canais de irrigação com águas provenientes das altas geleiras, que desciam alimentando os diferentes tipos de relações com esses espaços (rituais,

---

<sup>126</sup> Op. Cit Cieza de León, 2000. pp 309.

doméstico, políticos). Tal fato de primordial importância para compreensão do caráter metabólico revelado no grande processo circulatório e expansivo do *Tawantinsuyu* ficará ainda mais claro no próximo capítulo.

Além disso, a diversidade morfológica e altitudinal da região com intensidades de chuvas não homogêneas poderia revelar a estratégia de ocupação vertical do terreno com vistas ao objetivo de uma segurança alimentar. No entanto, o que aparece com maior relevância nesse momento seria a problematização de como esses novos aspectos frutos da interação ambiental desses indivíduos são codificados pelos diferentes cronistas e de que modo essa percepção revela ou apresenta questões consideráveis acerca do tema.

A imagem da *Ayllu*<sup>127</sup> andina como aglomerações humanas que formam uma sociedade segmentária<sup>128</sup>, pode ser emblemática para se pensar em como tal questão foi carregada por uma visão europeia que estabeleceria outros sentidos em sua descrição, influenciando também numa nova divisão espacial que ocorrerá ao longo do século XVII. A visão europeia que de certa forma viajou até as Américas, relacionava o conceito de territorialidade aos limites espaciais que esse ambiente colocava e que posteriormente se definiria em delimitações jurisdicionais. A cosmologia ameríndia

---

<sup>127</sup> *Ayllu* como unidade organizadora do espaço através de alianças entorno de um ancestral comum.

<sup>128</sup> Ideia de Frank Salomon de sociedade não necessariamente estatal, centralizada.

andina colocava, por sua vez, o vínculo de parentesco para se estabelecer a relação territorial.<sup>129</sup>

Obviamente, como bem destaca Ana Raquel Portugal, os Incas necessitavam de novas áreas de cultivo para manter este sistema que o sustentava. No entanto, a grande riqueza que essa sociedade desmonetizada almejava possuir, era o controle sobre os recursos humanos e não sobre o ambiente. A principal forma de tributo cobrada pelo poder central era o trabalho da *mit'a* para o aumento de cultivo e produção para encher os depósitos incaicos para futuras trocas com outras etnias. Os europeus ao descreverem essas unidades de parentesco, as *ayllus*, transferiam seu conceito territorial de aldeia<sup>130</sup>, que estava mais diretamente ligada a demarcações espaciais. Essas inter-relações apareceriam em quase todos os cronistas, portanto, como simplificados aspectos da dominação de uma etnia pela outra, sem levar em conta uma lógica recíproca de trocas ou de circulações de saberes que poderia existir.

O que nos interessa problematizar nesse momento, ou ao menos ter em mente para a análise principal, seria justamente a forma que essa aparente dicotomia externa cultural (entre uma visão europeia e uma ameríndia) coloca à penumbra uma complexidade de questões que denotariam concepções espaciais

---

<sup>129</sup> Op. Cit Portugal, 2002.

<sup>130</sup> Uma aldeia europeia do século XVI tinha sua territorialidade definida principalmente pelas suas zonas de produção, por seus aspectos geográficos e nem sempre por uma unidade de parentesco comum. Por isso, se torna necessário atentar em que medida essa visão também altera uma possibilidade de se pensar as formas de ocupação do solo pelos incas, assim como as cosmologias que as cercavam e re-significavam aquele determinado espaço.

distintas calcadas em relações políticas, econômicas e também culturais que essas sociedades tinham com o ambiente. Portanto, seria preciso, nesse sentido, multiescalar ou muticriteriar, nos termos usados por Victor Toledo<sup>131</sup> essa perspectiva de forma a entendê-la como unidade integradora de uma região ecológica diversa e em permanente (re) construção.

A partir de tal ponto, pensando nas relações que se davam dentro desse ambiente andino, em uma sociedade que não utilizava a moeda, o sistema de reciprocidades calcou o período de expansão e consolidação do Incanato (*Tawantinsuyu*) durante o século XV. A partir de uma complexa relação de dádivas<sup>132</sup> (benefícios e beneficiados agrícolas) o poder central incaico localizado em Cusco fidelizava curacas (chefes locais) e suas determinadas regiões ao *Tawantinsuyu*, além de movimentar uma grande quantidade de pessoas como força de trabalho (*mitmaq*) a seu serviço.

Nesse ponto, encontramos a problemática dos grandes deslocamentos de pessoas, de etnias heterogêneas provenientes de ambiente diversos, que ao se retirarem de sua lógica cosmológica e material, são obrigadas a reconstruir ainda que temporariamente, porém não sempre, uma nova forma de se relacionar com o espaço andino. Acreditamos que tal aspecto

---

<sup>131</sup> TOLEDO, Victor M. **Repensar la conservación: áreas naturales protegidas o estrategia bioregional?** Gaceta Ecológica, num 77, octubre-diciembre, pp 67-83. Secretaria de Medio Ambiente y Recursos Naturales. Distrito Federal, México, 2005.

<sup>132</sup> Não há como nos remetermos a esse conceito sem citar o clássico: MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva.** Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In : \_\_\_\_\_. *Sociologia e Antropologia*. v. II. São Paulo: Edusp, 1974.

seria fundamental para se compreender tanto o sucesso da expansão Inca quanto um possível fator de instabilidade que colaboraria com sua eminente derrocada.

Na visão de Garcilaso, por exemplo, essa troca que implicava numa reconstrução do ambiente, era sempre uma benesse por parte do poder central de Cusco para com as outras etnias:

*Que sea como dicen los primeros o como afirman los segundos hace poco al caso, que lo ganase el segundo Inca o el tercero, lo cierto es que ellos lo ganaron, y no con pujanza de armas, sino con persuaciones y promesas y demonstraciones de lo que prometían.<sup>133</sup>*

*El cual (el Inca), entre tanto que duró aquella conquista, se había ocupado en visitar su reino, procurando ilustrarle de todas maneras con aumentar las tierras de labor: mandó sacar nuevas acequias y hacer edificios necesarios para el provecho de los indios, como pósitos, puentes y caminos, para que las provincias se comunicasen unas con otras.<sup>134</sup>*

---

<sup>133</sup> Op. Cit. Garcilaso Tomo I, 1973. pp 107.

<sup>134</sup> Op. Cit. Garcilaso Tomo I, 1973. pp 115.

As palavras do cronista mestiço deixam claro sua perspectiva de enaltecer os feitos dos Incas que sempre buscariam uma solução “sem armas” até quando o possível, e para tal, concedia novas terras, enviava especialistas em sistemas de plantio e irrigação e fornecia produtos de outras eco-zonas para manter a fidelidade e o acordo com as etnias destes territórios. Veremos no capítulo seguinte como essas relações alteraram o ambiente de forma a utilizá-lo como um mecanismo de poder e dominação, com o entendimento que o mesmo constituía esse complexo metabolismo social. Sem desvincular dessa análise, podemos observar como o autor atribui a “construção” desse ambiente encontrado pelos espanhóis ao poder incaico. Não seria difícil constatar que essa atribuição, fruto de tal exaltação, acompanharia as visões que valorizam os feitos humanos sobre uma natureza hostil – compreendendo aqui também a natureza “bestial” das etnias dominadas.

No entanto, não podemos nos deixar levar por uma visão simplista de harmonia de um “Império” sem violência.<sup>135</sup> As conquistas de novos territórios bem como as alianças inter-étnicas, envolviam disputas e conflitos que nem sempre se demonstravam na forma de guerras ritualizadas como no caso mesoamericano. A determinante circulação de humanos e não

---

<sup>135</sup> SALOMON, Frank. Unethnic ethnohistory: On Peruvian peasant historiography and ideas of autochthony. *Ethnohistory*, Durham, v. 49, n. 3, p.475-509, 2002.



humanos, bem como o controle desse fluxo dentro desse ambiente andino, podem demonstrar mais sobre essas relações que nem sempre estão cristalizadas pelos escritos dos cronistas.

Para isso, no próximo capítulo, tentaremos inverter essa visão de espaço fragmentado e hierarquizado que como vimos, foi constituída e construída por esse humanismo que influenciou os escritos dos cronistas exemplificados em três até o presente momento. Entendê-lo como um espaço de circulação e logo metabólico, será também ver como as integrações entre os diferentes espaços e etnias foram mais preponderantes do que uma estática e destacada forma de ocupação no ambiente.

Obviamente, todas essas questões levantadas não estão separadas umas das outras. Ao contrário, são justamente seus aspectos intrincados que as tornam significantes para pensarmos essas possibilidades e interdições da análise. Tanto o lugar social, quanto as estruturas mentais, os limites e permanências de perspectivas assim como a relação hermenêutica com essa nova natureza, interação na concepção desses escritos sobre o espaço, o ambiente e a territorialidade andinos. Porém, como já salientado, não se deve colocá-los como impedimentos para uma análise possível dessa sociedade ágrafa tão relatada pelos olhos de outros. É preciso buscar certa materialidade que o ambiente pode conferir nesta relação, observando de que forma esses relatos convergem na construção desse espaço social tão diverso e rico.

A sociedade Inca possuía, portanto, em seu processo de expansão ao longo do século XV, uma relação de interdependência com o ambiente onde se desenvolvia. Este espaço físico é fulcral para compreensão das especificidades dessa composição social que é re-significada pelo domínio Inca e posteriormente, como pode-se observar aqui, pela chegada dos espanhóis. Por isso o objetivo deste primeiro capítulo foi levantar algumas problemáticas que surgem da análise desse ambiente e de suas relações com essa sociedade ameríndia, a partir do olhar de fora, ainda que este observador estivesse presente ao espaço ou mesmo, carregasse em seu sangue a memória de sua linhagem incaica.

As obras de Pedro de Cieza de León, Inca Garcilaso de la Vega e Felipe Guaman Poma de Ayala exemplificam nessa tentativa, diferentes modos de descrição do ambiente e de formas de conceber a ocupação andina. Eles são distintos porém dialógicos, pois estão atrelados diretamente ao momento em que foram escritos, com intencionalidades veladas ou não. Essas crônicas representariam uma confluência de discursos culturais que “transcendem, em certa medida, a realidade colonial, pois apresentam vestígios, pensamentos, ideais, conceitos e preconceitos sobre um mundo a desvendar”.<sup>136</sup> Representam, cada um a seu modo, um processo humanista dentro de um contexto de reforma religiosa e formação de uma elite de letrados a serviço do Estado. Ainda que esse material humanista tivesse dificuldade de chegar nos

---

<sup>136</sup> Op. Cit. Portugal, 2009. pp131.

primeiros anos das Américas (Cieza de Leon até confessa ser um homem de não muitas letras e Guaman foi alfabetizado incompletamente por Jesuítas), os primeiros cronistas estavam convivendo nesse ambiente que, de certa forma, os formou com suas problemáticas e visões de mundo.

No entanto, como esses aspectos se encontram interligados aos trabalhos aqui, creio que foi possível compreender essas narrativas sobre a natureza levando em conta seu lugar de escrita, a forma como essas informações foram coletadas, as traduções de uma cultura oralizada e o processo de hibridização que ocorreu após as primeiras crônicas como a de Cieza de León.

Demonstram no geral, que estes cronistas, principalmente ao final do século XVI e início do XVII, durante o processo de encontro, estavam mais interessados em estudos filológicos, jurídicos e teleológicos do que com esse ambiente estranho e suas espécies locais. Com exceção do ouro e da prata, nesses primeiros momentos, a natureza andina não é valorizada e não é o fruto principal de estudos e observações, com algumas exceções nos desenhos de Guaman Poma de Ayala. Somente durante o século XVIII, algumas dessas espécies se disseminarão e se tornarão elementos básicos da dieta mundial. Nesse momento, acompanhando esse processo, surgirão as primeiras expedições científicas que tentarão analisar mais detalhadamente o ambiente e as formas de produção nele praticadas, buscando conhecer outras espécies que podem ser valoradas.

Logo, é preciso estar atento às entrelinhas dessas narrativas, às suas estratégias e intertextualidades, para buscar compreender como esse espaço era constituinte da sociedade Inca, na medida que sua aparente impossibilidade de ocupação foi o que sustentou e significou a estrutura incaica.

## CAPÍTULO II

### **No caminho das águas: o papel dos sistemas hidráulicos no manejo agroecológico Inca.**

O século XV revelou uma das maiores expansões territoriais ocorridas em solo americano. Num período breve de um pouco mais de cem anos (+/- 1400 a 1532) os Incas alargaram sua zona de influência e poder acompanhando os traços da cordilheira dos Andes desde o sul da atual Colômbia ao norte dos atuais Chile e Argentina. Ademais, essa expansão reorganizou o ambiente de modo a formar um novo metabolismo sócio-ambiental nos Andes Centrais, com intensa circulação de pessoas, alimentos e saberes. Vimos, através de uma análise metodológica das crônicas sobre o período, que esse processo de expansão envolveu também uma reorganização espacial relatada como uma nova concepção de natureza a partir do olhar posterior a chegada dos europeus nesse ambiente.

A medida que se expandia, o *Tawantinsuyu* incorporava os saberes locais sobre as formas de lidar com o ambiente específico e, de certa maneira, ocorria um processo de interação cultural que se presenciaria na cosmovisão construída a partir desses territórios interligados. Mas poderíamos realmente chamar essas formas de relação de “territórios”? E como ocorreria a construção desses espaços nas relações entre os diversos saberes/fazeres (experiência)? Buscaremos problematizar essas questões a partir do papel da água como fator e meio de

circulação de humanos e não humanos designando estes como fluxos de energia que constituiriam o metabolismo incaico.

A tentativa de entender esse processo de incorporação étnica na formação do *Tawantinsuyu* como um processo metabólico sócio-ambiental, provém da concepção desenvolvida por Gonzales de Molina e Victor Toledo em sua obra: *Metabolismos, naturaleza e História: hacia una teoría de las transformaciones socioecológicas*<sup>137</sup>. A colaboração dessa forma de compreender as relações sócio-ambientais nos permitiria pensar de que maneira essa expansão da zona de influência Inca esteve ligada a uma transformação das relações entre uma multiplicidade étnica e uma diversidade ambiental em termos não só de identidades e territórios mas também de fluxos de energia e/ou deslocamentos.<sup>138</sup> Para tal, escolheu-se pensar esse processo a partir das reconhecidas construções hidráulicas que possibilitaram a ampliação da produção agroecológica de alimentos desse sistema metabólico.

Acreditamos que estas revelariam uma alteração nas formas de relação com o ambiente andino através dos deslocamento de pessoas envolvidas com a *mit'a*, ademais demonstrarem também um mecanismo de controle político através dos saberes ecológicos sobre esse trabalho. Não se trataria somente em pensar essa construção como uma produção de materiais, mas entendê-la também através do processo de como

---

<sup>137</sup> Op. Cit. Molina e Toledo, 2011.

<sup>138</sup> INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição; tradução de Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2015.

se trabalham com os materiais. Esse deslocamento proposto por Tim Ingold<sup>139</sup> oporia a perspectiva da construção à uma perspectiva da habitação. Sem negar que os humanos produzam ou construam coisas, mas privilegiando a apreciação dos fluxos materiais e das correntes sensoriais nos quais tanto as ideias como as coisas tomam forma reciprocamente.

Para tal, dentro de uma abordagem agroecológica da história<sup>140</sup>, são esses fluxos que interconectam os três pilares básicos da proposta clássica de Worster. A possibilidade de manejo da água indicava, portanto, quais as características necessárias do ambiente sobre os cultivos específicos e quais saberes e relações de poder se formavam na transformação do mesmo pelos Incas. Ademais, foram estas obras de irrigação que possibilitaram o plantio de alimentos de outras eco-zonas em regiões outrora não favoráveis, aumentando a complexidade ecológica existente nesses locais e provocando também o deslocamento de plantas alimentícias pela cordilheira adentro.

*“Ya he dicho cómo no llueve en ellos y cómo el agua que tienen es de riego de los ríos que abajan de las sierras, hasta ir para la mar del Sur. Por eso siembran el maíz y lo cogen en el año dos veces y se da en abundancia; y en algunas partes ponen raíces de yuca, que son provechosas para hacer pán y brebaje a falta de maíz, y*

---

<sup>139</sup> Op. Cit. Ingold, 2015, pp35

<sup>140</sup> Op. Cit Worster, 2003.

*críanse muchas batatas dulces, que el sabor dellas es casi como de castañas; y asimismo hay algunas papas y muchos frisoles, y outras raíces gustosas.(...) Nascen asimismo gran catidad de árboles de guayabas, y de muchas guabas y paltas, que son a manera de peras, guanabanas y caimitos, y pifias...”*<sup>141</sup>

Tal fato revelou em longo prazo, uma forma de empoderamento desse grupo sobre os outros, já que não dependeriam mais, de forma direta, daqueles benefícios agrícolas que não possuíam antes e que agora cultivavam. No entanto, como vimos no capítulo I, essa relação não foi unilateral como enfatizam Cieza de Leon e Garcilaso, envolvendo também os saberes de pessoas deslocadas para essa produção. Somente assim, teria sido possível alterar as relações humanas com o ambiente onde passariam a habitar.

Definida por Pedro Cieza de León, no início de suas andanças pelos Andes, como uma terra onde “*nadie podría vivir*”, a região com sua intensa variação topográfica, grandes zonas desérticas e climas austeros possuía, no seu reconhecido sistema hidráulico, um fluxo vital de energia. Através dele, como vimos, se desenvolvia a produção de alimentos sustentando o complexo sistema de dádivas e acordos com as outras etnias da cordilheira. Nessa região dos Andes Centrais o fluxo mais utilizado de água era o que provinha de pequenos mananciais – o que Cieza de

---

<sup>141</sup> Op Cit Cieza de Leon, 2000. pp262



León chama de *ríos que abajan de la sierra* – e do degelo das montanhas, bem como os sistemas de manutenção de umidade do solo e aproveitamento de água das chuvas, enchentes e dos rios. É fundamental re-salientar que todos esses saberes eco-lógicos são constituídos e praticados no período pré-incaico e como veremos, foi a sua reorganização e o seu redimensionamento que resignificaram as relações transformando o ambiente andino vivido.

Nesse ponto onde se insere a presente pesquisa, veremos que dois conceitos, aparentemente em oposição, servirão de parâmetros dialógicos para o estabelecimento das relações analisadas a partir das construções hidráulicas e das narrativas dos cronistas: o conceito de monumentalidade e o de vulnerabilidade. Ambos estariam presentes no crescente/complexo mosaico multi-étnico e agroecológico que se integrava dentro do que conhecemos como *Tawantinsuyu*. Delimitam também esse período de transição onde nossos questionamentos se inserem, além de representarem uma relação ritualística dessa transformação, como veremos mais claramente no capítulo III e também no decorrer deste.

O conceito de monumentalidade circunscreve na medida em que ocorriam as extensas e marcantes construções hidráulicas a partir da reunião de saberes eco-lógicos nos Andes Centrais. Denota, claramente, a dimensão que diferencia as dinâmicas locais de transformação do ambiente para com a tentativa de padronização numa organização social ampliada e que requeria o estabelecimento de uma ligação étnica – que por sua vez também seria política e comercial – de complementariedade. Ou seja, se

reflete em um aumento de escala administrativa, não necessariamente centralizada em Cusco, mas complexa em suas relações e acordos inter-étnicos que demandavam, portanto, engenharias monumentais que referiam uma ligação com esse poder em expansão territorial.

A grande contribuição de Karl Wittfogel para se pensar as sociedades em termos de cultura hidráulica ou sociedades hidráulicas em seu clássico *Despotismo Oriental*<sup>142</sup>, passa nos termos que todas as culturas hidráulicas maiores tiveram nas obras preparatórias de irrigação uma necessária complementação e combinação com obras protetoras para o controle de inundações. Tal fato não foi diferente na expansão Inca aliado a necessidade, que o mesmo coloca, de um grande deslocamento de pessoas e de cooperação no trabalho. No entanto, analisar essa construção monumental de sistemas hidráulicos como geradora direta de instituições de controle despóticas é pensar nos elementos naturais como a água, as plantas, os animais dentre outros, apenas como recursos a serem utilizados e controlados. Essa perspectiva infelizmente não findou com os anos 1960 onde essa obra de Wittfogel se insere, e a contribuição de a pensarmos a partir da História ambiental é entender que esses elementos, assim como os humanos, não são recursos, mas sim fluxos de energia que circulam formando um metabolismo sócio-ambiental.

Por sua vez, a vulnerabilidade apareceria como um conceito que interliga os dois momentos de gestão desses fluxos.

---

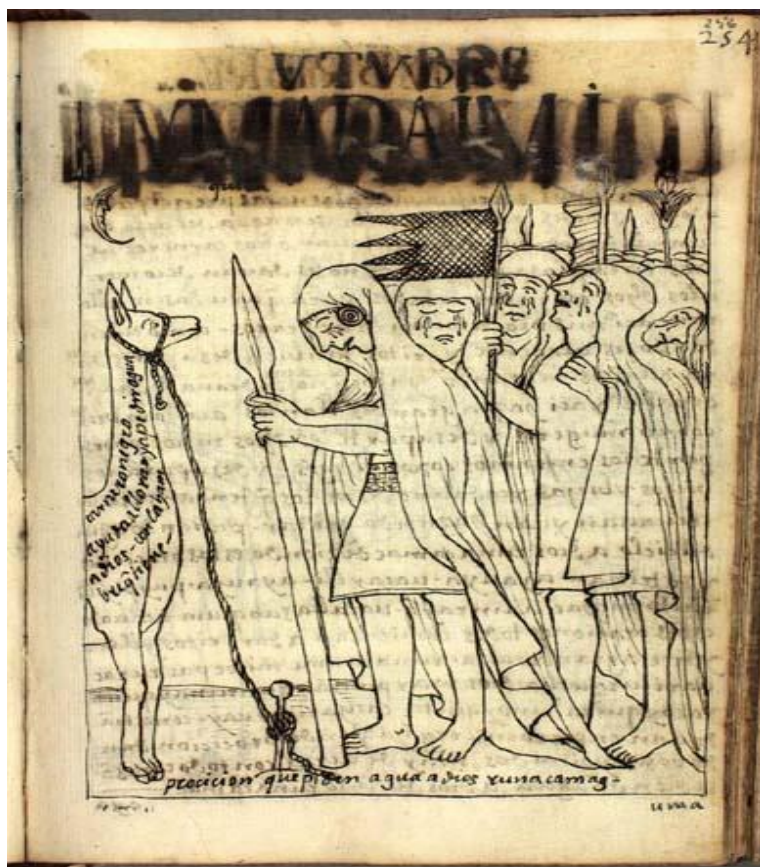
<sup>142</sup> WITTFOGEL, Karl A. **Despotismo Oriental**: Estudio comparativo del poder totalitario. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1966.

A linha tênue por onde se caminha entre expansão e queda está ligada não somente ao manejo de um elemento natural fundamental e vital como a água, como também aos acordos inter-étnicos que possibilitam a expansão do sistema e a incorporação de novos fluxos de energia representados pelos deslocamentos dos *mitmaqunas* (trabalhadores sazonais) e seus saberes/fazeres ecológicos. Como Guaman Poma demonstra no seu desenho *Uma Raymi Quilla* (figura 7), existiria uma construção do calendário entorno do manejo da água. A vulnerabilidade se observaria nas oferendas ritualísticas que se davam no final da estação seca (outubro/novembro) ao Deus *Runa Camac* (criador do homem) pelo sacrifício de llamas em troca de chuvas satisfatórias no período seguinte. Veremos com mais detalhes essa relação da cosmovisão andina com os elementos mais destacados daquele ambiente no capítulo III.

No presente capítulo serão trabalhados alguns conceitos e metodologias para compreensão das circulações de energia potencializadas pelas inclinações e diversidades no ambiente ao qual esse estudo se insere. O objetivo é seguir demonstrando como a construção de um grande metabolismo como o incaico, somente é possível pensando nas energias potenciais que existem nas suas relações com esse ambiente específico. Para tal, findaremos com alguns exemplos nas zonas que abarcam o início do processo de expansão Inca nos Andes Centrais. Afinal, são as íngremes cordilheiras, seus picos nevados e suas diferenciações de incidência de ventos e umidade que evocam metabolicamente essa interação que veio constituir o *Tawantinsuyu*. Ademais, são

estes fluxos que provém de outras eco-zonas que atuariam como elemento sintrópico em regiões distintas dos Andes, calcando que a diminuição da entropía desse sistema andino somente foi possível com sua distinta variabilidade que esses fluxos alimentavam e conectavam.

Figura (7): [256] VTVBRE, VMA RAIMI Quilla [mes de la festividad del agua] / Carnero negro ayuda a llorar y a pedir agua a dios con la hambre que tiene. / prociçion que piden agua a dios Runa Camag [creador del *hombre*] // *Uma Raymi*<sup>143</sup>



<sup>143</sup> Cedido pela Biblioteca Real da Dinamarca. Em:<  
<http://www.kb.dk/permalink/2006/poma/256/es/text/>> Acesso em  
 21 de setembro de 2016.

## 2.1 - Sistemas produtivos de retenção de água e acumulação de saberes eco-lógicos

A utilização e o desenvolvimento dos sistemas hidráulicos andinos estava diretamente em consonância com as possibilidades do ambiente onde estavam inseridas, caracterizado, em sua maioria, pela vulnerabilidade hídrica, seja por alagamentos sazonais nos fundos de vale ou por déficit e não retenção nas inclinadas encostas. Para cada região foram desenvolvidos saberes que perpassavam uma relação eco-lógica com o meio vivido, e, ao longo dos séculos, etnias interagiram com este de duas formas mais destacadas: através de uma tentativa de retenção das águas disponíveis de modo irregular ao longo do ano e do espaço; e através de sistemas maiores de captação hídrica de outras eco-zonas que exigiam grandes deslocamentos de energia (pessoas, minerais, plantas e água). Analisaremos primeiramente os sistemas de retenção, suas localizações e as implicações desse saber constituído dentro do processo de expansão do *Tawantinsuyu*.

Como visto no capítulo anterior, os Andes Centrais foram classicamente divididos em três grandes grupos ou zonas ecológicas que não se constituem, por sua vez, a partir de fronteiras bem definidas. São eles a *Puna*, os *Valles* e as *Yungas*. Cabe salientar que essas possuem suas particularidades dependendo dos níveis de interação ao longo da cordilheira e que os exemplos que serão trabalhados nesse capítulo denotam as primeiras áreas que estiveram sobre a influência Inca no processo

de expansão<sup>144</sup>. Em cada uma se mesclarão os modelos hidráulicos que transformaram a paisagem a partir das relações humanas e sociais. Ainda nesse sentido, seria importante salientar que se buscará analisar principalmente os sistemas de manejo de água voltados para a produção de alimentos em detrimento dos pequenos sistemas de abastecimentos domésticos. Afinal, como veremos de forma mais detalhada no capítulo três, são os sistemas agrícolas variados que materializaram essas circulações dentro de um metabolismo incaico.

Para iniciar a análise desses modelos, precisamos entender o termo *acequias* que está presente nos relatos dos cronistas de forma genérica, denotando quase todo modo de manejo hidráulico trabalhado pelos Incas. “*Solían sacar del río grandes acequias, con que regaban todo lomás del valle, por lugares altos y por laderas.*”<sup>145</sup> Como vimos, a definição *acequia* é utilizada para designar qualquer sistema hidráulico. O termo se refere, como o próprio nome dá a entender, a um regime aplicado em ambiente seco, onde o fundamental é a retenção da umidade do solo para assegurar que o manejo evite a *sequía* da terra. Seria, portanto, um sistema que aproveita as águas disponíveis sem utilizar irrigação.

O solo andino é extremamente variado em seus fatores. Seja pela localização latitudinal, umidade do ar, proximidade do mar, temperatura, vertente da cordilheira, influência dos ventos e dos regimes pluviais que interatuam moldando o relevo andino.

---

<sup>144</sup> Ao leste até a região do lago Titicaca, ao norte até a atual região de Ayacucho e ao Sul/sudoeste até a região de Arequipa.

<sup>145</sup> Op. Cit. Cieza de Leon, 2000. Pp 270

Partimos aqui, como já foi dito, da definição de verticalidade de Murra e seus três níveis principais na zona serrana (*Puna, Quechua e Yunga*), mas sabemos que existe uma variação grande entre os três e até mesmo no interior destes. Tal fato não desmerece a análise da verticalidade ecológica complementar, como pretende Garaycochea<sup>146</sup>. Só coloca uma complexidade que exige um deslocamento no olhar sobre essa importante contribuição de Murra.

O conceito de complementariedade vertical é importante como ponto de partida para nossa discussão, tendo em conta seus limites de análise como no caso da ocupação em arquipélago considerado um conjunto de sistemas fechados que trocam mercadorias entre si. Como veremos mais adiante, essa definição não leva em conta as interações e aberturas entre a diversidade ecológica e a circulação de fluxos de energia entre as diferentes altitudes. De tal modo que seria este justamente o problema a ser analisado nesse presente capítulo para melhor compreensão de uma perspectiva agroecológica nos moldes colocados por Donald Worster.

Pensando na região onde nos colocamos nesse presente trabalho, os Andes Centrais são constituídos em termos de solo através de constantes oscilações climáticas ao longo de sua história geológica. Essa constante variação entre períodos secos e chuvosos, marca registrada em curta ou longa duração, também intervêm na necessidade e no formato de um maior ou menor

---

<sup>146</sup> GARAYCOCHEA, Carlos F. Los límites del modelo económico de Murra. *Allpanchis*, Lima, v. 41, n. 76, p.173-232, 2010.



manejo hidráulico de acordo com a região. Existem, hoje em dia, estações de monitoramento dos glaciais que podem contar um pouco dessa história de longa duração. Bernard Francou e Hubert Sémiond relatam o estado desse monitoramento possibilitado pela pouca variação climática desses picos (menor que 3 graus) dentro de um ano<sup>147</sup>. Esses estudos almejam encontrar a presença oscilante do fenômeno El Niño na região e o aumento ou diminuição do período seco que ele propiciaria.

Além disso, necessitamos observar que, para além da diversidade intrínseca à cordilheira, existem padrões de continuidade que já foram estudados como fatores geodinâmicos que definiriam uma tendência morfoclimática nos Andes Centrais.<sup>148</sup> Os autores Ubeda e Estremera buscam compreender as unidades geomorfológicas endêmicas de cada piso morfoclimático da vertente Pacífica dos Andes Centrais. Para isso, definem e nomeiam duas grandes regiões como comparação: o domínio bioclimático amazônico andino (Altiplano) e o domínio bioclimático árido da costa e da rampa ocidental.<sup>149</sup> Respectivamente, seriam a grande região do *Collasuyu* e do *Cuntisuyu* no período de expansão Inca.

---

<sup>147</sup> FRANCOU, B; Sémiond H. Estado de la red de monitoreo existente e impactos de los eventos ENSO sobre el balance de masa de los glaciares en Bolivia y en el Peru. In: **Montanas, glaciares y cambios climaticos: memorias**. Quito: EPN; ORSTOM; FUNDACYT, 1997. pp 43-51.

<sup>148</sup> UBEDA, José; ESTREMERERA, David Palacios. El clima de la vertiente del Pacífico de los Andes centrales y sus implicaciones geomorfológicas. **Espacio y Desarrollo**, Lima. n. 20, p. 31-56, 2009.

<sup>149</sup> Op. Cit. Ubeda; Estremera, 2009.

O trabalho desses autores baseia-se na análise de fatores que visam demonstrar a combinação do efeito orográfico da cordilheira e do altiplano sobre a temperatura e a precipitação com os efeitos de uma geodinâmica externa (correntes de ar, marítimas, fenômenos climáticos e etc). Observa que os valores pluviométricos tendem a reduzir a medida que as massas de ar se distanciam da cordilheira oriental amazônica na direção sudoeste (indo para o pacífico). Portanto, numa zona de predominância altiplana (*Collasuyu*) dos Andes Centrais (*Punas, Suni e Quéchuas*) os índices pluviométricos oscilariam por volta de 800 mm/ano com três a quatro meses de seca bem definida. Já na parte das ladeiras pacíficas (*Cuntisuyu*) os índices estariam entre 100 a 300 mm/ano com 6 meses (no mínimo) de seca bem definida. A atual Arequipa, por exemplo, teria uma média de 116 mm/ano de precipitação definida em apenas três meses úmidos. Notadamente, são essas duas das três frentes iniciais de expansões inca que veremos ao final desse capítulo.

Após colocarmos as características de onde se situam esses tipos de manejo, tentaremos ver como cada um, dentro de suas especificidades, transformam esses ambientes e implicam em diferentes aportes na circulação de energia.

Começaremos pelas já conhecidas *Terrazas de formação lenta*<sup>150</sup>, talvez uma das mais antigas formas de manejo hídrico em zonas montanhosas no mundo inteiro e que na zona andina

---

<sup>150</sup> CANZIANI, J. **Paisajes culturales y desarrollo territorial en los Andes**. Lima: Cuadernos de Arquitectura y Ciudad - Edición.Digital\_001. 120. Departamento de Arquitectura - Pontificia Universidad Católica del Perú, 2007.

parece ter iniciado em 1800 – 500 A.C durante o período formativo<sup>151</sup>. Se caracterizam por sua formação lenta e a pouca necessidade de deslocamentos de pessoas para o trabalho<sup>152</sup>. Seu aplanamento do solo faz com que este retenha mais água e matéria orgânica, que possibilitam o cultivo no alto de vales e nas encostas das cordilheiras acompanhando suas curvas de nível. Os minerais eram deslocados em números pequenos e esse tipo de construção não é reconhecido por sua monumentalidade, como veremos mais adiante. Isso denota um menor aporte de energia no sistema agrícola, que poderia ser sustentado a nível local com esse manejo, mas em escalas maiores, poderia ser insuficiente. Se situam, majoritariamente, nas eco-regiões *Quechua* (2300-3500m) e *Suni* (3500 – 4000m), numa topografia agreste marcada por altas variações de temperatura entre o dia e a noite<sup>153</sup>. O regime de chuvas apresenta-se também irregular nessas regiões. Nesse caso, tal recurso técnico implicou numa diminuição da vulnerabilidade pois ao limitar a velocidade da água, diminui também o risco de erosões, aumentando a retenção e infiltração de umidade e matéria orgânica no solo. Afinal, em regiões onde as chuvas são distribuídas de forma irregular, existiria uma atenção especial para o seu máximo aproveitamento bem como sua influência nas características do solo.

Entre as espécies locais que se produziam nessas eco-regiões podemos citar os tubérculos: *papa* (*Solanum tuberosum*), *olluco* (*Ollucus tuberosus*), *oca* (*Oxalis tuberosa*), *mashua*

---

<sup>151</sup> Op. Cit. Canziani, 2007. pp 79.

<sup>152</sup> Op Cit. Canziani, 2007.

<sup>153</sup> Op. Cit Canziani, 2007.pp 78.

(*Tropaelum tuberosum*) e maca (*Lepidium meyenii*); e os grãos: quinoa (*Chenopodium quinoa*), Kiwicha (*Amaranthus edulis* ou *caudatus*), Cañihua (*Chenopodium pallidicaule* ou *canihua*); e leguminosas como Tarwi ou Chocho (*Lupinus Mutabilis*).

Outro reconhecido sistema andino de retenção de água é o que se desenvolveu em regiões altas e planas (Altiplano) das *punas* (3500- 5000m), notadamente em regiões de alagamento como no emblemático exemplo das margens do lago Titicaca na altura de *Tiwanaku*<sup>154</sup>. Geralmente localizados em áreas de pastos naturais como o *ichu* (*Stipa ichu*) e outras gramíneas (*Stipa spp.* e *Festuca spp.*) onde habitavam diversos camelídeos silvestres como a *Vicuña* (*Vicugna vicugna*) e o *Guanaco* (*Lama Guanicoe*) e outros domesticados como a *Llama* (*Lama glama*) e a *Alpaca* (*Lama pacos*); além de roedores como *Viscacha* (*Lagidium peruanum*) e o *Cuy silvestre* (*Cavia tushdii*), essa região é composta por médios caudais de água fria, pequenas lagoas e zonas pantanosas. Quanto a vulnerabilidade, alguns elementos que estavam sempre presentes são as geladas noites e os períodos críticos de seca (de maio a outubro) alternados com outros de inundações (de dezembro a março) principalmente com as águas que somavam às provindas do lago Titicaca.

O tipo de manejo dessa região é conhecido por diversas designações: *Waru-waru* nos termos aymarás, *camellones* nos termos castelhanos, *rised-fields* nos termos do moderno anglo-saxão científico. Se caracteriza por um processo de escavações de

---

<sup>154</sup> Tiwanaku fica na margem sudeste do Lago numa zona de intensos alagamentos com o movimento (cheias) deste em períodos de chuva.

valetas que colocam um pedaço de terra de forma retangular em elevação em relação à área alagada (figura 10). Este sistema provinha alimentos suficientes para sustentar uma das principais e maiores sociedades pré-incaica que se desenvolveu em *Tiwanaku*. Destaca-se o plantio de tubérculos nesse sistema, notadamente a *papa*, ademais o *olluco*, *oca*, *mashua* ou *isaño* (*Tropaeolum tuberosum*).

Denevan<sup>155</sup> relata ainda que as águas que envolviam as estruturas de plantio, também exerciam um importante papel de regulação térmica, o que seria vital para a vulnerabilidade apresentada na região. Perante as intensas variações de temperatura do dia para a noite, essas valetas de água absorviam o calor das irradiações solares e durante a noite mantinham a temperatura mais quente no entorno do sistema. Essa água e o calor retido nela gerariam uma série de algas e micro-organismos que se alojavam no fundo das valetas gerando um rico sedimento orgânico que era aproveitado através da limpeza coletiva dessas valetas que retiravam esses sedimentos. Essa reunião coletiva de “limpeza” ocorria também nos canais de irrigação, marcando o final da época de chuvas, sendo denominado posteriormente como *Faenas*<sup>156</sup>. Analisaremos mais adiante o papel desse ritual

---

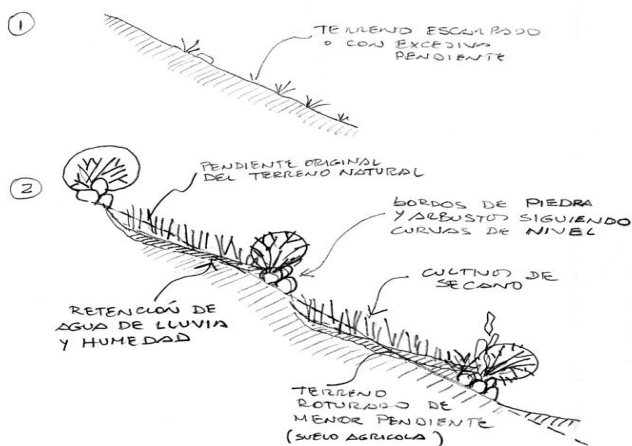
<sup>155</sup> DENEVAN, Willian. **Cultivated Landscapes of Native Amazonia and the Andes**. Oxford: Oxford University Press, 2003

<sup>156</sup> O significado de *faena*, nesse caso, representa os trabalhos agrícolas feitos durante períodos bem definidos do calendário andino. A reunião coletiva para fazer esses trabalhos durante o período Inca ficou conhecida como *Minka*, que também envolvia laços de reciprocidade. Ainda hoje é chamada de *yarqa aspiy* ou *larca minca* dependendo da região centro-andina.

local que marcava o calendário agrícola andino e era vital para o metabolismo das sociedades pré-incaicas e incaicas.

Quanto ao aporte de energia necessário para manutenção ou ampliação desse metabolismo, este não exigia grandes deslocamentos e aportava uma quantidade de alimentos que proporcionavam um retorno energético maior do que o aplicado. Esse trabalho não revelava, portanto, uma monumentalidade, apesar de constituir uma grande sociedade nas zonas de *punas* onde a criação de camelídeos também se destacava energeticamente. Estes serviam de transporte que facilitava as trocas com outras eco-zonas e portanto, uma complementação energética, assim como o próprio consumo de sua carne como alimento e seu pelo para a fabricação de vestimentas.

Figura 8 e 9: Terrazas de formação lenta na zona de Pisco, Cusco (foto Canziani); e croquis reconstitutivos dos efeitos benéficos das terrazas de cultivo de formação lenta (2), com relação à ladeiras escarpadas do terreno (1) (desenho: Canziani).<sup>157</sup>



<sup>157</sup> Op. Cit. Canziani, 2007. pp 79 e 81.

Figura 10 e 11: Camellones ou Waru-waru na região de Puno (foto Canziani); e croqui esquemático de sua formação e relação de infiltração com a água acumulada (desenho: Canziani).<sup>158</sup>



<sup>158</sup> Op. Cit. Canziani, 2007 pp 95-96.



Outro exemplo de manejo hidráulico baseado na retenção de energia, não tão destacados na literatura andina, são as *q'ochas*, que se designam como conjuntos de lagoas e reservatórios naturais ou artificiais que acumulam águas da chuva e se conectavam formando um sistema de abastecimento para aproveitamento na agricultura. Esse sistema na concepção colocada no presente trabalho se situaria numa posição mista entre um sistema de retenção e um sistema de circulação, mas por ter como princípio o uso de uma energia (água) acumulada dentro do próprio ambiente, podemos ressaltá-la aqui antes de analisarmos as outras formas que veremos a seguir.

O sistema de *q'ochas* foi importante em diversas regiões andinas notadamente na região do Altiplano. Alan Kolata<sup>159</sup> numa classificação feita sobre a vulnerabilidade dos sistemas de manejo hidráulico na agricultura andina coloca esses reservatórios e lagoas artificiais como os menos vulneráveis e os últimos que mantêm o fornecimento num período longo de seca. Tal fato destaca a importância destes, aliado ao fato de serem integrados a outros sistemas hidráulicos. Essa relevância se demonstra na única representação feita sobre um processo de irrigação por Guaman Poma de Ayala na figura 12.

Ao relatar a importância do sistema de irrigação no cultivo do milho durante último mês de seca (novembro), Guaman confirma a indicação feita por Kolata que o sistema de

---

<sup>159</sup> ORTLOFF, Charles R.; KOLATA, Alan L.. Climate and collapse: agro-ecological perspectives on the decline of the Tiwanaku state. **Journal Of Archaeological Science**, Cambridge, v. 20, n. 2, p.195-221, 1993.

*Q'ochas* era talvez o mais resiliente já que esse foi o representante utilizado para demonstrar o ápice da estiagem anual no Andes Centrais. Revela ademais que o mesmo também fazia parte do plantio mais valorizado pelos Incas, revelando uma exceção à monumentalidade conhecida no plantio do milho e, portanto, uma energia menor investida na diminuição da vulnerabilidade hídrica. Para além de uma exceção, no entanto, tentaremos percebê-lo nessa escala como, provavelmente, o sistema que garantiu a sobrevivência de grupos pré-incaicos num período longo de seca a partir do ano 1000 D.C como veremos adiante.

Figura 12: 1162 [1172] <sup>160</sup>

TRAVAXA: ZARA CARPAI, IACO MVCchoy rupay pacha [tiempo de regar el maíz, de escasez de agua, tiempo de calor], nobiembre, Aya Marçay Quilla [mes de llevar difuntos] / carpaz zipas comonidatda capcita riega [joven que riega la comunidad, sementeras del común] / cocha yaco a, agua del pozo para regar / nouiembre / Aya Marçay // sara qarpay, yaku muchuy, ruphay pacha / Aya Marq'ay Killa / qarpaq sipas comunidatda sapsita / qucha yaku / Aya Marq'ay / a agua de la laguna



<sup>160</sup> Figuras cedidas pela Real Biblioteca da Dinamarca: Disponível em <http://www.kb.dk/permalink/2006/poma/info/es/frontpage.htm>

Enumeramos aqui os principais exemplos de manejo a serem destacados como transformadores do ambiente andino através de sistemas de cultivo de retenção de águas e energia em ambientes secos (o que designou o termo genérico *acequias*, como dito anteriormente). Operavam sem grandes deslocamentos de água, minerais e pessoas, ou seja, sem desenvolver um grande gasto energético através de obras não monumentais e feitas em longo prazo, diminuía a vulnerabilidade desses grupos que viviam nas específicas regiões. Portanto, aumentava sua sintropia diminuindo a vulnerabilidade do metabolismo através de um aumento da complexidade da vida, através da relação de menos gasto e maior produção de energia através do manejo do elemento água.

Com exceção da representação de Guaman Poma de Ayala (figura 12), as fontes escritas dos cronistas analisados pouco ou quase nada relatam desses modos de manejo, muito por conta, como vimos, de ou valorizarem os feitos de uma etnia sobre a outra, ou se basearem na memória de alguns *indios viejos* que reconhecem principalmente o manejo Inca em suas vivências. Ademais, as genéricas *acequias* são quase sempre colocadas como forma de conquista de um lugar ou etnia pelos sistemas incaicos de manejo, que privilegiariam as circulações de águas entre um ambiente e outro. Garcilaso dedica alguns capítulos relatando a construção de *acequias* como forma de bem-estar Inca sobre a outra e o ambiente:

*Nuevas provincias que el Inca sujeta, y una acequia para regar los pastos: Habiendolas ganado, despidió el ejército; ordenó lo que al beneficio común de los vasallos convenía, y, entre cosas que mandó hacer, fue sacar una acequia de água de más de doce piés de hueco, que cogía más de ciento y veinte leguas de largo; (..) servía para regar los pastos de aquellos despoblados. Destas acequias para regar los pastos hay muchas en todo el Império que los Incas gobernaron; es obra digna de la grandeza y gobierno de tales principes.<sup>161</sup>*

A ampliação desse conjunto de sistemas e por decorrência o aumento da sua complexidade é realmente chave para entender o sucesso inicial da expansão Inca. Para sustentar esse crescente metabolismo se torna fundamental entender como a interação com esse ambiente vertical foi fundamental para a geração e circulação de energia. Ainda que devemos ter o cuidado nessa análise ao não incorrer de forma leviana numa visão simplista de dominação como soa nas palavras desses cronistas. Para tal, partiremos do exemplo de um tipo de *terraza*, o mais emblemático, dentre os tipos de manejo hidráulico relacionado ao período incaico: os *Andenes*.

---

<sup>161</sup> Op. Cit. Garcilaso, 1973 Tomo II. Pp 103- 104.

## 2.2 - Circulações verticais de água e saberes na formação do metabolismo social Inca

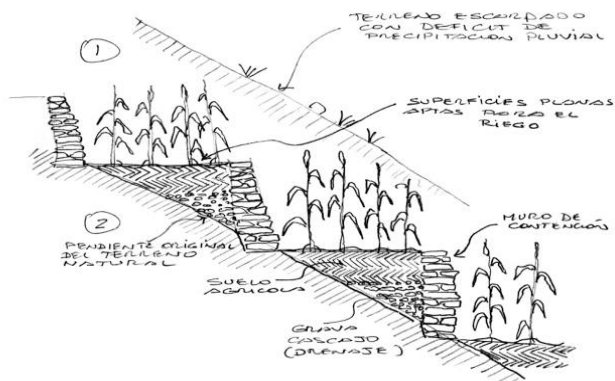
Trazer as coisas à vida, portanto, não é uma questão de acrescentar a elas uma pitada de agência, mas de restaurá-las aos fluxos geradores do mundo de materiais no qual elas vieram à existência e continuam a subsistir. Essa visão, de que as coisas estão na vida ao invés de a vida nas coisas.<sup>162</sup>

A imagem principal que vem a mente quando pensamos no período incaico ou quando realizamos uma busca rápida sobre o mesmo na internet, são das inclinadas ladeiras andinas repartidas em grandes degraus com algumas “casas” de pedra no topo. Estas construções que permaneceram até os dias atuais, marcam nossas impressões por sua destacada monumentalidade inserida em um ambiente que até com os olhos modernos parece de difícil habitação. Essa imagem também representa um sistema de manejo hidráulico que provocou não somente grandes mudanças nessa paisagem como também envolveu um grande número de pessoas que se deslocavam de seus lugares para trabalhar na construção e posteriormente no plantio desenvolvido nesses *andenes*.

---

<sup>162</sup> Op Cit. Ingold, 2015. pp63.

Figura 13 e 14: Andenes na região de Pisac; e croquis de sua disposição no terreno.<sup>163</sup>



<sup>163</sup> Op. Cit. Canziani, 2007. pp 85-86.





O sistema de *andenes* agrícolas é um tipo de *terrazza*<sup>164</sup> que envolve um grande deslocamento de minerais, água e pessoas para serem construídos. Isso pressupõe não só um aumento coordenativo por parte de um poder central, como presente na obra de Wittfogel<sup>165</sup>, mas principalmente, analisando a partir do ambiente onde se construiu, um grande fluxo de energia que influía diretamente nas relações dos humanos entre si e para com *habitat* que construíam. É a partir desse emblemático modelo hidráulico que problematizaremos algumas questões fundamentais para compreendermos de que forma essa transformação ocorrida no meio andino foi possibilitadora de um manejo agroecológico nesse metabolismo.

Podemos ver na descrição de Pedro Cieza de León, um dos primeiros registros sobre o sistema de *Andenes* incaicos de cultivo, perto de Cusco:

*Antiguamente fue este valle (de Sacsahuana) muy poblado y lleno de sementeras, tantas y tan grandes, que era cosa de ver, por ser hechas con una orden de paredes anchas; y con su compás algo desviado salían otras, habiendo distancia en el anchor de una y outra para poder sembrar sus sementeras de maíz, y de otras raíces que ellos sembran.*<sup>166</sup>

---

<sup>164</sup> Op. Cit. Canziani, 2007. pp 84.

<sup>165</sup> Op. Cit. Wittifogel, 1967.

<sup>166</sup> Op. Cit. Cieza de Leon, 2000. pp321-322.

Assim como as *terrazas* vistas anteriormente, os *andenes* também se localizam nas eco-zonas denominadas *Quechua* e *Suni*. No entanto, além de presentes nessas regiões, se encontrariam também em outros pisos ecológicos como as *Punas* no altiplano e até em zonas baixas como as *yungas* e vales de selva na vertente oriental. Segundo Luis Masson Meiss, nos anos 1990, já se haviam mapeado mais de um milhão de hectares de *andenes* em solo peruano, sendo desses, somente 25% em uso agrícola.<sup>167</sup> O difundido uso desse sistema no período pré-hispânico denota seu valor e importância em períodos pré-incaicos e incaicos. A incorporação e a expansão desse saber já existente foi extremamente relevante no período dos Incas. Como veremos mais adiante, essas obras que necessitavam grande aporte de energia eram voltadas para o posterior plantio de milho para a organização incaica tanto política como religiosa (rituais). Por ser esse cereal valorizado dentro desse metabolismo, seu plantio e até duas colheitas ao longo do ano foram possibilitadas em eco-zonas outrora não favoráveis, a partir do processo de irrigação.<sup>168</sup>

*Allanárola todo lo que pudo,  
quintadole peñas y peñascos, hicieron  
andenes, los cuales cubrieron con tierra*

---

<sup>167</sup> MASSON MEISS, Luis. Contribución al conocimiento de los andenes. *Sepia*, Arequipa, p.21-45, 27 ago. 1993.

<sup>168</sup> TAPIA, Mario. **Cultivos Andinos subexplotados y su aporte a la alimentación**. Santiago: FAO – Organización de las Naciones Unidas para la agricultura y la alimentación (2ed.), 2000. Capítulo 2, 2007.

*buena y fértil, traída de lejos, para que pudiese llevar maíz, porque en toda aquella región, por ser tierra muy fría no se coge de ninguna manera. En aquellos andenes lo sembraban con otras semillas, y, con los muchos beneficios que hacían, cogían algunas mazorcas (...), las cuales llevaban al Rey por cosa sagrada y él las llevaba al Templo del Sol y dellas enviaba a las virgens escogidas que estaban en el Cozco y mandaba que se llevasen a outros conventos y templos que por el reino había, un año a unos y outro año a outros, para que todos gozasen de aquel grano que era como traído del cielo.*<sup>169</sup>

Ao narrar essa transformação empreendida pelo “*Reyes Incas*” mais especificamente na ilha do Sol, no meio do lago Titicaca, Garcilaso busca demonstrar como essa ação enobrecia o local com novos plantios e templos construídos para o Deus Sol. A positivação dessas obras realizadas durante esse período permaneceu na história de valorização de uma monumentalidade Inca perante as outras etnias. Essa nova forma de se relacionar com o meio, através do aumento de escala e introdução em outros ambientes de uma planta que identificava essa etnia, está de fato representada no sistema de *Andenes*.

---

<sup>169</sup> Op. Cit. Garcilaso, 1973. Tomo pp191.

No entanto, ao contrário do que se convencionou pensar, Treacy<sup>170</sup> destaca que esse manejo não estaria somente ligado a um processo de geração de solo fértil para plantio, procedimento que um sistema de *terrazas* simples já possibilitaria sem grande deslocamento de energia. A construção desse grande conjunto de solos planos na cordilheira era também uma resposta para se superar uma vulnerabilidade dos sistemas de plantios baseados na retenção de água na sua dependência em relação ao abastecimento de uma região com alta variabilidade atmosférica, de temperaturas, chuvas, ventos e pressão.<sup>171</sup> Portanto, acompanhavam essas construções, extensos canais de irrigação que percorriam todas as escadarias dos *andenes* (figura 13), trazendo água de outras regiões para abastecer energeticamente esse plantio. Essas águas provinham de mananciais formados em sua maioria no degelo dos altos picos nevados acima de 3000 m. e nas nascentes de bosques existentes em montanhas menores (até 2500 m.)<sup>172</sup>.

Os picos nevados eram cultuados como no caso de *Misti*, *Ampato* e *Pichu Pichu* próximos a atual Arequipa e *Llullaillaco*

---

<sup>170</sup> Treacy, 1994, apud. Canziani, 2007. pp85.

<sup>171</sup> Op. Cit. Canziani, 2007. pp84

<sup>172</sup> Para saber mais sobre a relação desses bosques de altitude nas crônicas de Guaman Poma, ver: CUSHMAN, Gregory T. The Environmental Contexts of Guaman Poma: Interethnic Conflict over Forest Resources and Place in Huamanga (Peru), 1540-1600. In: **Unlocking the Doors to the Worlds of Guaman Poma and His Nueva Corónica**. Edited by Rolena Adorno and Ivan Boserup. Copenhagen: Museum Tusculanum Press, 2015. Distributed by University of Chicago Press. Pp 37-90.

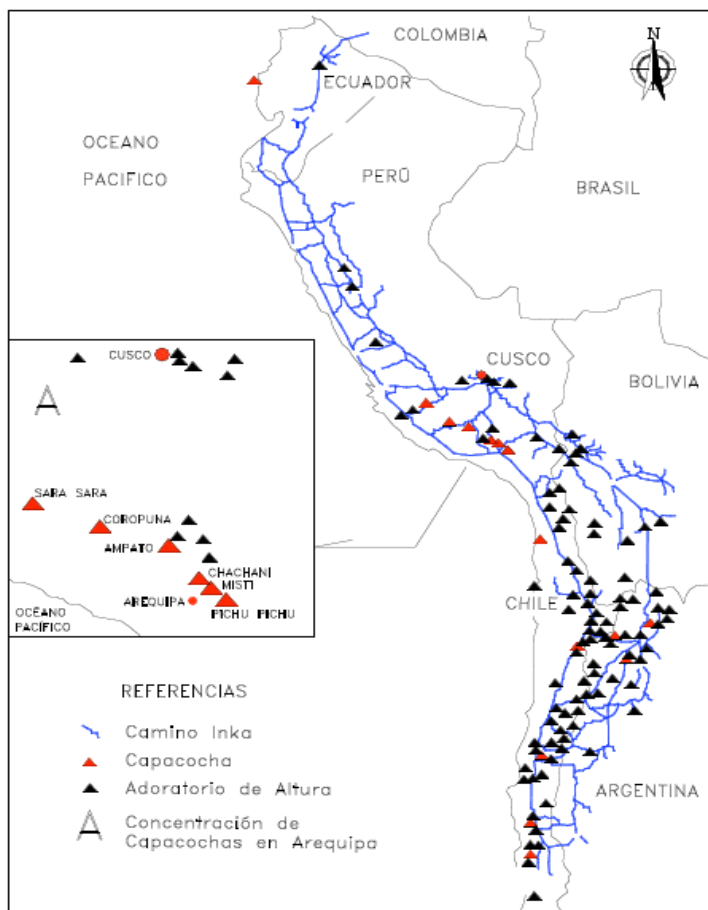
na divisa dos atuais Chile e Argentina (Salta).<sup>173</sup> É interessante notar que, nos Andes Centrais, a disposição dos adoratórios em grandes picos nevados coincide com as regiões que, em diferentes tempos, foram habitadas por uma alta densidade populacional. As três principais regiões que compõe essa região são Cusco, Arequipa e *Tiwanaku* nos arredores do Titicaca.<sup>174</sup>

---

<sup>173</sup> Investigações apontam mais de 16 oferendas encontradas nessas montanhas feitas acima de 5000m de altitude. Ver mais sobre esses espaços de culto na altitude em: Op. Cit. Vitry, 2008.

<sup>174</sup> Esse padrão não se reproduz mais ao sul por exemplo, onde adoratórios existe uma grande concentração de adoratórios construídos em áreas de pouca densidade populacional.

Figura 15: Distribuição espacial dos adoratórios de altura na Cordilheira dos Andes e localização das montanhas onde se realizaram oferendas humanas.<sup>175</sup>



<sup>175</sup> Retirado de: Op. Cit. VITRY, 2008. pp 18.

A relação entre o culto da água com as altas montanhas demonstram a importância desses picos nevados para o metabolismo incaico. Antes da circulação que aqui analisamos, esses picos são vistos como fonte potencial e reguladora de energia vital, pois, deles provinham diversos mananciais que abasteciam os plantios agrícolas dos povos andinos. Não eram, portanto, como Cieza quis definir, lugares inóspitos onde ninguém gostaria de viver, mas pelo contrário, sendo um lugar sagrado onde habitariam ancestrais que compartilhavam um dos elementos fundamentais que era a água para os que estavam no mundo de baixo e que por ali também circulavam. Essas entidades representadas nos picos e oferendadas muitas vezes com vidas humanas possuíam um papel regulador de energia vital nos Andes Centrais.

De Cusco a Arequipa vemos um aumento na concentração de corpos mumificados encontrados como oferendas rituais (*capacocha*<sup>176</sup>) nesses picos elevados como fica claro na figura 15. As construções dos adoratórios acompanham muitos desses picos ao sul de Cusco e aumentam na direção sudoeste<sup>177</sup>. Além delas, os *anden* construídos nos vales

---

<sup>176</sup> “Pouco se sabe sobre o sacrifício de *cápac hucha* e se, realmente, um número tão grande de crianças era oferecido ao sol. Entretanto, através de pesquisas arqueológicas realizadas na área andina, sabe-se que, de fato, os incas sacrificavam algumas delas. Um famoso exemplo é a múmia conhecida como *La Doncella*, colocada pelos incas há cerca de quinhentos anos no topo da montanha de *Llullaillaco* (a 6.739 metros de altitude), entre o Chile e a Argentina.” Em: Op. Cit. Bertazoni, 2017. pp262.

<sup>177</sup> Pelo menos em relação a disponibilidade de água, confirma-se a versão de Ubeda e Estremera que analisam a diminuição do índice

*quéchuas* seguiam os cursos dos mananciais e dos canais de irrigação das águas que desses picos provinham. Suas construções, portanto, estavam em acordo com uma lógica sagrada na cosmovisão andina como veremos no capítulo III, ao analisarmos os calendários solares e lunares ligados a produção de alimentos. Essa lógica poderia variar nos quatro cantos do *Tawantinsuyu*, onde também se faziam oferendas a outros seres celestiais, como, por exemplo, a Vênus (*Chasca Cuyllor*), Marte (*Chuqui Illa*), raios e relâmpagos (*Illapa*) e também às Plêiades (*Oncoy*).<sup>178</sup> Tal variedade de sacrifícios oferecidos indica, portanto, que os incas poderiam até permitir uma pluralidade de cultos de outras etnias desde que prevalecesse o culto a *Inti Raymi* (Deus Sol) como indicam as fontes dos cronistas.

O importante a adiantar dessa análise quando falamos de água, é saber que toda essa pluralidade de divindades constituía a diversidade da cosmovisão andina que refletiam o modo de entender sobre os ciclos naturais que ocorriam. Dentre estes, os regimes de chuva e os degelos nos períodos de incidência maior de sol. Nesse sentido, além desse grande indicativo, pensando no modo como era otimizada a captação de água desses mananciais provindos dos picos nevados até a chegada aos canais de irrigação, vemos os exemplos pouco estudados das *amunas* (*acequias amunadoras*) ou *franjas*, que eram canais de traços transversais que abasteciam também as *terrazas*. Em realidade, podemos pensá-la como um sistema misto de captação e

---

pluviométrico a medida que ocorre o afastamento sudoeste em relação a bacia amazônica. In: Op. Cit. Ubeda e Estremera, 2009.

<sup>178</sup> Op. Cit. Bertazoni, 2017. pp 263.



circulação de água, já que permitia a infiltração de água no alto das montanhas e posterior utilização mais abaixo nas zonas de plantio. Ademais, pensando em fontes de energia, percebemos essas estações criadas nas montanhas como fonte de geração de águas para a circulação posterior<sup>179</sup>. Esse antigo saber constituído na faixa mais desértica do atual norte do Peru, relacionaria, portanto, diferentes zonas altitudinais dentro de um mesmo sistema hidráulico, o que aumentou a grande escala com os canais de irrigação e os *andenes* durante o período incaico, que trouxe parte desse saber das etnias que ali habitavam. Relaciona-se esse saber ao final do período Nasca e início do período Wari (600D.C. - 700 D.C.) que alcançava essa região litorânea<sup>180</sup>. No entanto, os maiores achados arqueológicos nessa região apontam para o período Inca, demonstrando a expansão desse grupo a partir da incorporação dos saberes desenvolvidos anteriormente no local, onde se trabalhava a água numa zona onde a mesma aparecia mais escassa que nos vales altiplanos.

Além de diminuir o risco de perdas agrícolas em áreas de secas, cabe ressaltar também, como bem colocado por Keneth Wright em seus trabalhos sobre Machu Picchu<sup>181</sup>, que o manejo hidráulico nos *andenes* em consonância com os canais de irrigação, também serviam para diminuir a vulnerabilidade das ocupações em encostas com altos índices pluviométricos. Wright colocou seu olhar de engenheiro paleohidráulico para demonstrar

---

<sup>179</sup> Exemplo da estación de Lomas no litoral.

<sup>180</sup> Op. Cit. Canziani, 2007. pp. 65.

<sup>181</sup> WRIGHT, Kenneth R. et al. Hydrogeology and paleohydrology of ancient Machu Picchu. **Groundwater**, Westerville, v. 35, n. 4, p.660-666, 1997.

que as camadas que compunham os *andenes* construídos indicam uma preocupação de aumentar a permeabilidade desse solo plano. Com isso, as águas dessas chuvas penetravam no solo, evitando encharcamentos e circulando no interior desses, com saídas ligadas aos canais de irrigação que passavam por todo o sistema.

Compreender o deslocamento e a circulação dessas águas em conjunto com o deslocamento de pessoas (*mitmaqunas*) de outras etnias e das plantas de outras eco-zonas, seria remontar, portanto, de que forma esse mosaico multiétnico foi construído com base numa diversidade ecológica e de saberes que aumentavam sua complexidade com intuito de aumentar também sua resiliência.

Para iniciar essa reflexão, poderíamos especular a partir do conceito de território já abordado superficialmente no capítulo I. Afinal, poderíamos definir essa nova constituição a partir do deslocamento de saberes eco-lógicos e pessoas como um novo território Inca? São essas circulações entre diferentes eco-zonas da verticalidade andina, que denotariam uma integração entre as mesmas através da circulação de fluxos de energia representados aqui pelas águas, pessoas e minerais que ao materializaram-se em alimentos, possibilitavam os acordos inter-étnicos em torno dos Incas? Qual percepção poderíamos ter desse conceito em um ambiente verticalizado e tão diversificado como os Andes Centrais?

A concepção do que seria um território, englobaria diversos aspectos que se entrelaçam de modo a formar um conceito complexo e de difícil definição. A relação de um espaço

social construído perpassa experiências, saberes e memórias, que relacionam seres humanos e não humanos com o ambiente em que vivem. No caso andino, durante o período de expansão Inca, esse ambiente foi fruto de uma circulação quase ininterrupta que possibilitou a consolidação de um metabolismo social como bem definem Toledo e Molina. Os metabolismos, na visão de Molina e Toledo, são características que surgem previamente como base das condições pré-sociais ou histórico-naturais de todos seres humanos.<sup>182</sup> Ou seja, na formação de todas as sociedades, existiriam articulações específicas dos designados cinco processos metabólicos fundamentais (apropriação, circulação, transformação, consumo e excreção) e uma constituição respectiva das relações sociais que configuram cada um deles.<sup>183</sup>

Essa instigante proposição nos permitiria pensar em como uma dinâmica de apropriação e circulação de produtos agrícolas transformou não somente o espaço andino ou os próprios benefícios(dádivas) do sistema de reciprocidades, mas também re-significou as relações sociais que foram o sustentáculo para a consolidação do *Tawantinsuyu*. Cada modo de ocupação, e posteriormente, de apropriação da terra, possuía seu significado ecológico e/ou cosmológico, assim como a transformação e circulação de produtos e pessoas, que atuavam como fluxos de energia para a sustentação dessa grande expansão Inca no século XV.

---

<sup>182</sup> Op. Cit. Molina e Toledo, 2011. Pp59

<sup>183</sup> Op. Cit, Molina e Toledo, 2011.Pp69

Tal ponto é fundamental quando pensamos nas contribuições teóricas possíveis para examinar essas relações. O aqui já citado John Murra, uma das maiores referências nos estudos antropológicos sobre os Incas (talvez a maior para o presente trabalho), definiu os conceitos de pisos ecológicas e de sistema de arquipélago para caracterizar as bases que serviram de sustentáculo para o desenvolvimento dessa sociedade.<sup>184</sup> A influência desse pensamento se tornou (e ainda é) muito cara para a presente pesquisa, no entanto, tentaremos, por vezes, pensar a partir de uma outra perspectiva teórica, como talvez o leitor já tenha percebido. A ideia de se conceber um ambiente através de um conjunto de ilhas de produção (ou como no presente se pensa as Unidades de Conservação)<sup>185</sup>, mesmo que numa relação de complementaridade, formando um arquipélago, manteria uma lógica dialética entre cultura e natureza que tentamos aqui humildemente subverter. Por isso, a escolha de trabalhar com os deslocamentos poderá contemplar a ideia da permanente construção/reconstrução e habitação de territórios

---

<sup>184</sup> MURRA, J. V.: **La organización económica del estado Inca**, Instituto de estudios peruanos, Ciudad de Mexico: Siglo XXI editores, 1987.

<sup>185</sup> Nesse caso, todos os debates na relação entre pensamento moderno ocidental e criação de parques; ambientalismo e antropologia; etnobiologia e deep ecology foram fundamentais para esse raciocínio. Mais profundamente o debate realizado por Kiess e Watkins acerca de teorização do conceito floresta na Europa do século XVIII, como um conjunto natural de difícil caracterização mas cada vez controlado por especialistas em sua definição e jurisdição em: KIESS, Rudolf. 1996. **The word Forst/Forest as an indicator of fiscal property and posible consequences for the history of Western European forests**. In: Charles Watkins (ed.), *European woods and Forests: Studies in cultural history*. Cambridge: University Press, 1996. pp. 11-18.

interdependentes através de uma transumância no metabolismo sócio-ambiental andino. Vale reiterar que, obviamente, os trabalhos de Murra serão ainda referências bases para essa pesquisa. Alguns até tratam da questão da circulação de pessoas e alimentos, mas tendo como referência a ideia de sistemas ecológicos equilibrados e/ou fechados como era entendido na época de sua produção até meados dos anos 1990. Aqui tentaremos nos basear neles para ir além.

Tendemos, pelo presentismo da questão migratória, relacioná-la com o desenvolvimento de uma economia-mundo, desde suas pretensas raízes mercantis no século XVI. No entanto, ao observarmos tipos de sociedade anteriores, vemos que deslocamentos e alterações na relação com o ambiente são comuns em toda história humana.<sup>186</sup> Por isso, se considera legítimo trazer essas discussões contemporâneas para o período analisado, afinal, como bem ressalta Haesbaert<sup>187</sup>, essas perspectivas possuem um carácter diacrônico, ou seja, sucedem-se no tempo.

---

<sup>186</sup> Podemos pensar nos debates sobre deslocamentos forçados para a criação de parque promovidos pela disciplina ou até mesmo na expulsão dos camponeses ingleses das áreas comuns de florestas na Inglaterra do século XVIII. Vide: THOMPSON, Edward P. **Senhores e caçadores: a origem da Lei Negra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Parte I: Windsor (1, A Floresta de Windsor; 2, A Lei Negra; e 3, Transgressores e adversários), 1987. pp 29-144.

<sup>187</sup> HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre redes e aglomerados de exclusão. In: INÁ, Elias de. Et al: **Geografia: conceitos e temas**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

O caso Inca nos parece emblemático nesse sentido pelo fato de o *Tawantinsuyu* se constituir no que Murra chama de um poder trans-étnico. Trazer tais problemáticas para essa perspectiva ou cosmovisão ameríndia nos faz pensar numa questão espacial desse e também de outros processos de incorporação: por que determinadas etnias “aceitaram” uma nova identidade Inca? Como esse processo teria ocorrido, principalmente no que tange uma territorialidade recriada com base numa outra relação de saber/fazer, ou seja, ecológica? De certo modo, tentar-se-á ir ao encontro do postulado por Arturo Escobar<sup>188</sup>, no sentido de reintroduzir uma dimensão baseada no lugar em detrimento de um conceito mais abrangente e homogeneizador de espaço, com objetivo de reconhecer o aspecto de interdependência na constituição desses sujeitos e na construção desse ambiente.

Buscando compreender as relações estabelecidas durante esse processo de expansão andino, podemos tentar nos valer do que Haersbaert coloca de uma “função-estratégica de território”, ou seja, considerá-lo um lugar sobre o qual se exerce um domínio político e um controle de acesso (acessibilidade) tanto no sentido econômico como cultural (simbólico). Para o autor, interligado a isso, a produção do espaço envolve sempre, concomitantemente,

---

<sup>188</sup> ESCOBAR, Arturo. **El lugar de la naturaleza y la naturaleza del lugar: globalización o postdesarrollo?** In: Edgar Lander (comp.), *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2005. Pp 133-168.

a desterritorialização e a reterritorialização (T-D-R) que acarreta num processo de mudança social desses indivíduos. Para facilitar a compreensão desses conceitos, pensaremos a sociedade Inca desse período dentro de uma das categorias colocadas por ele, como sendo uma civilização tradicional produtora, que privilegia as malhas (áreas agrícolas) sobre os nós (cidades, pontos convergentes).<sup>189</sup> Ou, nas palavras de Ingold, *o que é comumente conhecido como a “rede da vida” é precisamente isso: não uma rede de pontos conectados, mas uma malha de linhas entrelaçadas.*<sup>190</sup>

Caberá então, a análise dessas comunidades localizadas nos Andes centrais, a partir do que Worster propõe como os três níveis de compreensão para o historiador ambiental: primeiramente, uma definição de como essa natureza se organizava no espaço, sendo a forma como esta se apresentava em suas características fundamentais; posteriormente, uma análise mais detida ao que dentro de uma perspectiva marxista se designou chamar “modos de produção”, ou seja, como o homem transformou a si e ao meio em que ele se encontrava, as tecnologias desenvolvidas nessa relação e as implicações dessas alterações na constituição de um metabolismo social do que se designou chamar Império Inca; e por último, como atuava a percepção desse mundo ecológico na vida cotidiana desses homens que ali habitavam, suas crenças, ideias e leis.<sup>191</sup>

---

<sup>189</sup> Op. Cit Haesbaert, 2005.

<sup>190</sup> Op. Cit. Ingold, 2015. Pp111.

<sup>191</sup> Op. Cit. Worster, 2003.

Ainda segundo Worster, o grande desafio da nova história não está em meramente identificar tais níveis de indagação, mas em decidir como e onde fazer as conexões entre eles. Nesse sentido, podemos pensar mesmo para além dos três níveis colocados inicialmente por esse mesmo autor, ou seja, tentar compreender através novas perspectivas ecológicas como bem nos demonstra Escobar, que existe um vínculo entre o saber e a experiência baseada no reconhecimento da continuidade da mente, do corpo e do mundo.<sup>192</sup> Pensando no exemplo de um dos modelos colocados por Escobar, que seria, segundo o próprio, o de uma biologia fenomenológica, a cognição sempre seria uma experiência arraigada que se leva a cabo em um transfundo histórico e que sempre se deveria teorizar desde o ponto de vista da “ininterrupta coincidência de nossa existência, nosso fazer e nosso saber”<sup>193</sup>. Cabe trazer essa análise para os problemas da expansão inca e a formação do que seria seu futuro território. Buscaremos através de uma breve análise de algumas regiões dos Andes Centrais, pensar nesse processo de (re) territorialização e deslocamentos como um devir das circulações de saberes e experiências que constituiriam a identidade dessa sociedade em formação.

Para tal, consideraremos também as *acequias* além de um saber-fazer ecológico que interligava o movimento das águas ao movimento dos trabalhadores que realizavam o manejo hidráulico, mas como um sinal de expansão coordenada de uma

---

<sup>192</sup> Op. cit. Escobar, 2005.

<sup>193</sup> MATURANA e VARELA, 1987 apud. Escobar, 2005.



organização desses saberes. Isso fica evidente quando observamos de que maneira essas construções atravessaram grandes extensões de diversos territórios onde se encontravam outras etnias. Esse movimento indicaria a formação de um ambiente que viria a ser trabalhado e habitado sob influência Inca.

*Otra acequia semejante atraviesa casi todo el Contisuyu, y corre del sur al norte más de ciento y cincuenta léguas por el alto de las sierras más altas que hay en aquellas provincias, y sale de los Quechuas, y sirve o servía solamente para regar los pastos cuando el otonõ detenía sus águas. Destas acequias para regar los pastos hay muchas en todo el Imperio que los Inca gorbneraron; es obra digna de la grandeza y gobierno de tales principes. Puédense igualar estas acequias a las mayores obras que en el mundo ha habido, y darles el primer lugar, consideradas las sierras altísimas por donde se levaban, las peñas grandísimas que rompían sin instrumentos de acero ni hierro (...) Las acequias eran de diez a doce piez de hueco, por la parte de la sierra a que iban arrimadas; rompían la misma sierra para el paso del agua, y por la parte de afuera les ponían grandes losas de piedra*

*labradas por todas sus seis partes, de vara y media, de dos varas de largo, y más de vara de alto, las cuales iban puestas a la hila, pegadas unas a otras y fortalecidas por la parte de afuera con grande céspedes y mucha tierra arrimada a las losas, para que el ganado atravesase de una parte a otra no desportillase la acequia.*<sup>194</sup>

A exaltação feita pelo cronista Garcilaso de La Vega no relato acima pode nos enganar nos termos exatos das medidas dos *andenes* e canais de irrigação que o mesmo descreve. No entanto, mesmo sabendo de antemão sua admiração e nostalgia pelos feitos incaicos, podemos ter como base a sua descrição apontando para o trabalho necessário para essa construção, ou seja, o investimento de energia necessária para o processo de expansão através desse manejo. Além disso, observamos o grande deslocamento de materiais para realização dessas obras. No relato se destacam as grandes rochas lavradas e a imensa quantidade de terra que era deslocada de uma região para outra da montanha reorganizando esse ambiente. Esse aporte energético, definitivamente, é de difícil cálculo matemático, mas podemos projetar os impactos que esses gerariam nas necessárias relações laborais e com a montanha.

Atravessando quase todo o *Cuntinsuyu* (também chamado de *Codesuyu*), como o cronista mestiço diz, ou seja, no

---

<sup>194</sup> Op. Cit. Garcilaso, 1993 Tomo II. Pp104.

local onde hoje se encontra o sudoeste peruano que iria de Ayacucho até a região de Arequipa, estariam estas concentrações de *andenes* e canais de irrigação. Talvez grande representante do *Cuntinsuyu* nesse período, a região concentrava picos nevadas e adoratórios como destacado na figura 15. Tal fato, unido a esse relato, indica a associação estabelecida entre essas localidades com grandes reservas de água no alto das montanhas e sua utilização e sacralização a partir de uma lógica incaica. Devido a isso, a região de Arequipa foi o ponto de encontro de duas grandes organizações sociais do período pré-incaico (como veremos a seguir) e uma das primeiras fronteiras de expansão no período Inca.

Podemos pensar, portanto, de onde poderiam ter vindo esses trabalhadores que participaram da reorganização desse ambiente a partir de exemplos que refiram as localidades anteriores a seus deslocamentos. Ademais, tentaremos observar que essa divisão do trabalho (pois se trata de uma) envolve uma cooperação metódica entre os diferentes elementos que necessita ser planejada como foi pelos Incas.

Logo, ao se compreender o humano como parte desse metabolismo socioambiental, se parte da análise da circulação das águas para se pensar também a circulação de pessoas e saberes que a acompanhavam dentro de um mesmo fluxo de energia para a produção de alimentos. As fontes dos cronistas bem como as construções e materiais que ainda nos deparamos nos dias atuais, deixam clara que cada aliança com as diferentes etnias envolviam a construção de novos sistemas de irrigação que eram

implementados a partir dos conhecimentos de especialistas de diferentes etnias coordenados pelo poder central de Cusco e com trabalhadores locais e de outras regiões que pagavam com seu esforço construtivo o tributo conhecido como *Mit'a*. Dentro de um dos significados dessa palavra *quéchua*, está o “eterno retorno” que denota esse processo migratório sazonal que constituiu a interação entre homem e ambiente na formação dessa complexa sociedade.

### **2.3 – Exemplos de expansão: os casos de Collasuyu (Tiwanaku), Ayacucho (Wari) e Vale del Collca (Cuntisuyu):**

Ausentar-se de sua etnia ou de sua região de origem parece haver sido mais comum nos Andes que em outras latitudes. Estamos acostumados a perceber as populações pré-capitalistas como camponeses pegados aos seus territórios; tal imobilidade ocorre, mas é provável que ainda em outras latitudes tenha havido muita mobilidade geográfica, a qual pode ter permitido encher continentes em épocas anteriores aos meios de transportes modernos.<sup>195</sup>

---

<sup>195</sup> Apud. MURRA. In: ANDERS. Martha B. **Historia y etnografía**. Los mitmaq de Huánuco em las visitas de 1549, 1557 y 1562. Lima: Instituto de estudios peruanos, 1990. pp15.

As regiões ou lugares escolhidos como exemplos, foram selecionados por serem as primeiras “fronteiras” de expansão incaica na virada do século XIV para o século XV<sup>196</sup>, e também por terem abrigado grandes e complexas organizações sociais pré-incaicas entre 700 D.C – 1100 D.C aproximadamente. Além disso, mesmo quase após 400 anos de descentralização, contribuíram de forma direta às formas de interação com o ambiente no período que aqui analisamos, inclusive nos deslocamentos de pessoas e águas como forma de energia metabólica. Tanto a organização *Wari* como *Tiwanaku* representam os dois maiores conjuntos de sociedade que estiveram no entorno da região de Cusco períodos antes do avanço Inca. Seus “surgimentos”, desenvolvimentos e declínios acompanham dois grandes períodos marcadamente secos na região, o de 500 a 750 D.C e o de 1000 a 1400 D.C.<sup>197</sup> Tais crises climáticas afetaram tanto a periferia como o centro desses agrupamentos sociais. Ademais, estudos demonstram que no seu

---

<sup>196</sup> Apesar de haver um marco cronológico que parte do conflito entre Incas e Chankas na região de Ayacucho, vestígios arqueológicos demonstram que a primeira grande região a estar sob influência Inca foi o Collasuyu no Altiplano. E somente depois, a região do Cuntisuyu onde hoje encontramos o estado de Ayacucho. Devemos destacar também que esta zona não apareceria notadamente como uma fronteira já que sua constituição a partir das relações entre homens e ambiente se constituiu através de deslocamentos interétnicos mesmo antes da influência de Cuzco, e se prolongou mesmo após o avanço Incaico, como veremos.

<sup>197</sup> ROSAS, Augusto Cardona. Reflexiones acerca del proceso cultural y legitimación Inca en Arequipa. **AREQUIPA A TRAVÉS DEL TIEMPO**, Centro de Estudios Arequipeños – Universidad Nacional de San Agustín: Arequipa, 2008. p. 31-47.

auge, estes grupos também possuíam uma intensa circulação de produtos e pessoas em moldes semelhantes ao que ficou conhecido como os *mitmaqunas* ou *mitmaes* no período Inca.<sup>198</sup> E muitos assentamentos, frutos desses deslocamentos e encontros, teriam sido criados na zona próxima ao *Valle del Colca*, atual Arequipa ou no *Valle Moquegua* na mesma região.

Torna-se importante salientar que quando nos referimos a *Tiwanaku*, estamos falando da principal e maior organização social no período pré-inca que se localizava no que posteriormente configurou-se como o *Collasuyu* que aqui referimos. Esse grupo e os *Wari* (que se localizariam no *Cuntisuyu* Inca), como já foi dito, realizaram intercâmbios que promoveram até fundações de novos agrupamentos populacionais próximo a Arequipa. Não por acaso, como destaca Rosas, a linha espacial que demarcava a divisão entre essas duas regiões Incas (o *Collasuyu* e o *Cuntisuyu*) passava pelo vulcão *Misti* e pelo rio *Chilli* em Arequipa. A influência notória de *Tiwanaku* dentro do *Vale de Moquegua*, na construção de canais de irrigação e zonas de produção complementares ao Altiplano (o Coração de *Tiwanaku*), revelam nessa região próxima Arequipa, uma coexistência<sup>199</sup> entre esses agrupamentos populacionais

---

<sup>198</sup> VAUGHN, Kevin J. Craft production, exchange, and political power in the pre-Incaic Andes. **Journal of Archaeological Research**, New York, v. 14, n. 4, p. 313-344, 2006

<sup>199</sup> OWEN, Bruce. Were Wari and Tiwanaku in conflict, competition, or complementary coexistence? Survey evidence from the Upper Osmore drainage, Peru. In: **59th annual meeting of the Society for American Archaeology**, Anaheim. 1994.

(*Tiwanaku e Wari*) a partir de seus *mitmaqunas* enviados para esse trabalho.

(...) *allanar caminos y emprearlos, aderezar y reparar o hacer de nuevo los templos del Sol y los demás santuários de su idolatría (...). Eran obligados a hacer las casas públicas, como pósitos y casa para los jueces y gobernadores; aderezar los puentes, ser correos que llamaban chasqui, labrar las tierras, encerrar los frutos, aparentar los ganados, guardar las heredades, los sembrados y cualesquiera outros bienes públicos; hacer casas de hospedaría para aposentar los caminantes (...). También declaraba esta ley que una vez al año se aderezasen los caminos y sus pretiles; se renovasen las puentes; se limpiasen las acequias de las aguas, para regar las tierras; todo lo cual mandaba la ley que lo hiciesen de balde, porque era em provecho común de cada reino y provincia y de todo el Imperio.*<sup>200</sup>

Garcilaso elenca na passagem acima, os diversos tipos de trabalho que constavam na *mit'a*. A maioria deles envolvia um deslocamento para a construção e manutenção de outros

---

<sup>200</sup> Op. Cit. Garcilaso, 1973. Tomo II. Pp85.

ambientes, ou mesmo, dos espaços de circulação que eram necessários para que essa própria determinação funcionasse. Vê-se que, como dissemos, havia uma divisão espacial do trabalho que reconfigurava de diferentes formas os ambientes, muitas vezes em periodicidades diferentes. Abrir caminhos deslocando pedras e terras, construir novos edifícios com essas pedras, trabalhar a terra, guardar os alimentos, limpar periodicamente os canais de irrigação, tudo isso é colocado pelo cronista como um trabalhos para o bem comum, ou seja, com resultados efetivos para todos os habitantes desses novos e dos antigos lugares. Não podemos deixar de ter em vista também – e veremos a implicação disso mais adiante – que muito desses trabalhadores provinham de etnias diferentes que ocupavam outros ambientes antes de ter que se deslocar para pagar tributo ao Inca. Então, como podemos entender essa diversidade de localismos sob o mesmo nome nas fontes históricas?

Nos termos de nosso caso específico, recorreremos a Murra que argumenta que os “*Mitmaes*” são de fato uma etiqueta colonial, aplicada de maneira imprecisa pelos invasores a uma diversidade de populações cujo denominador comum era sua separação, a ausência de seu lugar de origem ou “natural”<sup>201</sup>. Murra baseia boa parte do seu trabalho no mesmo documento que Martha Anders<sup>202</sup> utiliza sobre as entrevistas feitas durante a visita de Huánuco<sup>203</sup> em 1562, se esforçando em compreender os deslocamentos através de tais relatos, desmontando uma

---

<sup>201</sup> Op. Cit MURRA, 1990. pp13.

<sup>202</sup> Op. Cit. ANDERS, 1990.

<sup>203</sup> Região do atual Peru.



complexa teia de ausências e identidades nessa região. Cabe ressaltar o contexto desse documento, onde Anders analisa as entrevistas de Huánuco num cenário de tentativa de planificação do governo espanhol e litígio político com a crescente força dos *encomenderos* locais, que outrora apoiaram a coroa, mas que exerciam agora grande domínio sobre a construção do território bem como o deslocamento das diversas etnias. Avaliam também a produtividade dessas terras sob posse dos *encomenderos* e como a *mit'a* nesse sentido foi ressignificada.

Além disso, como salientado no capítulo I em algumas reconstruções feitas pelos cronistas, essas visitas geralmente inquiriam a memória dos mais velhos, principalmente no que se refere ao reconhecimento espacial por parte dos visitantes. Essa forma de reconstrução do espaço através dessa memória demonstra não somente uma situação de domínio territorial desses *encomenderos* como também uma ressignificação (em alguns casos não seria a primeira vez que esse processo ocorreria) do espaço por esses *indios viejos*.<sup>204</sup> Assim também se deram os registros feitos em *A visita a Chucuito* por Garci Diez de San Miguel em 1567 na região do lago Titicaca. Ambos representam um momento que, no intuito de averiguar o número da população ameríndia, seus bens e na tentativa de colocar novos tributos, retratam uma sociedade em transição com a chegada espanhola. Por isso deve-se sempre estar atento se o declarante das visitas é

---

<sup>204</sup> Essa discussão iniciada no capítulo I permeará toda a obra, já que perpassa a questão da memória e a construção cognitiva do que usualmente se convencionou chamar território.

um testemunho ocular da situação pré-colonial ou se fala de temas que bebem numa continuidade histórica.<sup>205</sup>

Apesar de provavelmente a expansão Inca ter atingido a região do *Collasuyu* antes de Huánuco, a presente obra se torna um paralelo a outras fontes de entrevistas como no caso da visita de Chucuito<sup>206</sup>. Revela-se também, na pesquisa dessa arqueóloga, uma questão cara ao presente trabalho, que podemos resumir como sendo um problema derivado dessa relação laboral: cosmologias, novas relações assalariadas e antigas visões de reciprocidades alteradas. Pensando num período anterior, podemos observar questões similares durante o processo de expansão e conquista Inca sobre outras etnias. Murra argumenta neste mesmo trabalho, que os mosaicos multiétnicos que registram os moradores entrevistados em 1562, somente 30 anos depois da “pacificação” imposta em Huánuco pela aliança hispano-huanca, nos permite entrever a rica diversidade étnica pré-colonial.”<sup>207</sup>

Voltando a pensar a ideia de território e deslocamentos na construção desses ambientes, adotaremos mais uma vez a perspectiva de Haesbaert quando o mesmo argumenta que a desterritorialização não é tão somente uma consequência econômica, mas aparece sempre nessa relação onde os produtos também se desenraizam, e as referências culturais que o compõe devem desenraizar gerando novos localismos. O processo de

---

<sup>205</sup> LUCHT, Roswitha. Una nueva lectura de la Visita a Chucuito (1567): Interrelaciones múltiples y el ganado de la comunidad. *Indiana*, v. 21, p. 175-194: Berlin, 2004.

<sup>206</sup> Op. Cit. Lucht, 2004.

<sup>207</sup> Op. Cti. MURRA pp14.

desterritorialização pode ser tanto simbólico como material (de preferência reconhecendo-os de forma interdependente) e para pensarmos essa relação no caso da expansão Inca, tentaremos abordar um aspecto que os denotaria de forma interseccional: a produção de alimentos (leia-se aqui, também, a alimentação).

Ao analisar a vertente oriental dos Andes, notadamente a região de *Kallawayá (Collasuyu)*, localizada a noroeste do entorno do lago Titicaca, Meyers parte de uma visão materialista<sup>208</sup> para analisar a formação dessas etnias, seus regimes de organização e seus modos de produção a partir das características do ambiente que as circunda.<sup>209</sup> Sem cair em qualquer tipo de determinismo, mas levando em conta a interdependência entre fatores ambientais e sociais, o autor argumenta que essa foi durante muitos anos uma região autossuficiente, pelo fato de sua localização lhe garantir provento de água durante todas as estações, com raros casos de seca em sua história. Estando no fundo do vale, cercadas por altas montanhas glaciais, essa região obtinha quase sempre ininterruptos mananciais (tendo como referência outros pontos

---

<sup>208</sup> Meyers relaciona em sua obra as características das etnias de acordo com o lugar onde habitavam ou provinham. Se fosse um lugar úmido e protegido, não precisariam fazer grandes movimentos para estabelecer a vida. Se fosse na Puna, teriam que se movimentar constantemente com seus rebanhos para assegurar as trocas que o mesmo poderia lhe proporcionar. E assim por diante.

<sup>209</sup> MEYERS, R. 2002. **Quando el sol caminaba por la tierra**. La Paz: Plural Editores. Pp 11- 54.

dos Andes) e grandes planícies férteis (*punas* – 4100m a 4800m) capazes de alimentar um grande número de camelídeos.<sup>210</sup>

Os cronistas que aqui analisamos, por sua vez, descrevem a região como uma planície fria e com pouca fertilidade, pensando quase sempre a partir da referente impossibilidade do cultivo do milho no local. Para isso, destacam uma “necessária” mobilidade para complementar sua dieta. Essa relação de complementariedade entre os ambientes ocorria no período pré-inca nas relações entre os diferentes grupos que ali habitavam:

*(...) que por ser fríos no eran tan fértiles y abundantes como los pueblos cálidos y bien proveídos, mandaron que, pues la gran serranía de los Andes comarcaba con la mayor parte de los pueblos, que de cada uno saliese cierta cantidad de indios con sus mujeres, y estos tales, puestos en las partes que su cacique les mandaban y señalaban, labraban sus campos en donde sembraban lo que faltaba en sus naturalezas, proveyendo con el fruto que cogían a sus señores o capitanes, y eran llamados mitimaes. 211*

---

<sup>210</sup> Quando nos referimos a camelídeos nessa região, estamos tratando de Llamas, Alpacas e em especial Vicuñas.

<sup>211</sup> Op. Cit. Cieza de Leon, 2000. pp340.

Estando no entremeio de cordilheiras que abasteciam a bacia do Lago Titicaca e as zonas baixas orientais amazônicas (*yungas*), os habitantes dessa região possuíam, como dito, a mobilidade como característica fundamental, já que segundo Meyers, tinham acesso a um grande número de animais de carga que auxiliavam no transporte de alimentos diversificados, provindos dos diferentes pisos ecológicos que a circundavam. Tais características tornaram-na cobiçada pela grupo incaico no seu período inicial de expansão, apesar da visão dúbia que possuíam em relação à mesma: por um lado o *Umasuyo*, região que a própria palavra referênciava como terra com água, umidade e riqueza agrícola, por outro o *Urcosuyo*, que trazia um discurso negativo, de terra “dos outros” de gente mesquinha e selvagem, os *yungas*.<sup>212</sup>

Tais observações denotam aspectos para além da delicada política de aliança que já existiria entre os curacas *Yungas* e *Chuchos* na região entre a puna e a vertente oriental, numa cosmovisão de complementaridade entre as partes opostas, como demonstrado na descrição de Cieza de León. Os Incas, provavelmente interessados nas características climáticas de *Umasuyo*, que poderia garantir colheitas continuadas de milho no fundo do vale (2700m - 3900m) onde a exposição solar e do vento eram regulares, e na larga extensão fértil da puna, que permitia um pastoreio de um grande número de camelídeos, alteraram a lógica espacial que regulava as relações entre as etnias ali já existentes, estendendo esse corredor de escoação da

---

<sup>212</sup> Op. Cit. Meyers, 2002.

produção até Cusco. Poderíamos afirmar nesse ponto, que houve um processo de (re) territorialização, ainda que sem necessariamente analisar os casos específicos da *mit'a* e deslocamentos nessas localidades, afinal, as relações com o próprio ambiente foram alteradas com uma nova cosmovisão sendo inserida, o que alteraria o devir e a auto-organização daquela região.

*También sacaban indios de provincias flacas y estériles para poblar tierras fértiles y abundantes. (...), como fue en Collao, que es una provincia de más de ciento y veinte léguas de largo y que contiene en sí otras muchas provincias de diferentes naciones, donde , por ser la tierra muy fría no se dá el maíz ni el “uchu”, que los españoles llaman pimienta, y se dán en grande abundancia otras semillas y legumbres que no se dan en las tierras calientes, como las que llaman papa y quinoa, y se cría infinito ganado. (...) y estaban desamparados, como desiertos, por que los indios no habían sabido ni tenido maña para sacar acequias para regar los campos.<sup>213</sup>*

Garcilaso descreve aqui parte da problemática que queremos alcançar. Apesar de sua visão que busca legitimar o

---

<sup>213</sup>

Op. Cit. Garcilaso, 1973. Tomo III, pp8.

saber Inca na conquista sobre as demais: *Diéronles riego, allanando la tierra*; podemos pensar nessa relação como uma solução a partir dos acordos que haviam numa completaridade ambiental que complexificava esse sistema. Por um lado, transformavam esse ambiente pela implantação de manejos hidráulicos antes não praticados naquela região, e por outro, estabeleciam um regime de trocas que sustentavam os acordos Inter étnicos: *trocando los bastimentos que sobraban a los unos y faltaban a los otros*. Porém, quando o mesmo diz que se retiravam índios de terras fracas e estéreis para povoar terras férteis e abundantes, além do problema de se valorizar os feitos de uma etnia específica, através de seu ambiente melhorado por seu saber, como analisamos no capítulo I, verificamos a problemática de que esse capítulo II trata, a dos deslocamentos forçados de pessoas para trabalhar em outros ambientes. Esse deslocamento agora se colocava a partir de um saber de fora, na construção de *Acequias* ou manejos hídricos para a produção de milho para Cusco. Sendo esse sistema uma forma de domínio baseado num saber ecológico que materializaria posteriormente na cosmovisão acerca do alimento milho.

Partindo de uma perspectiva semelhante, porém baseada dentro de outra proposição, Brian Bauer<sup>214</sup> reforça que a mobilidade forçada de pessoas já era característica da região andina antes mesmo da expansão Inca. Alega que o período entre

---

<sup>214</sup> BAUER, S. Brian and SMIT, Douglas K. Separating the wheat from the chaff: Inka myths, Inka legends and the Archaeological evidence for state development. In: SHIMADA, Izuda (ed.). **The Inka Empire: A Multidisciplinary Approach**. Austin: University Texas Press, 2015. pp 67 – 80.

o ano 1000 e 1400 d.C. é caracterizado por um deslocamento em largas escalas e que para entender a ascensão Inca, seria preciso levar em consideração dois processos de colapso de estados anteriores: *Tiwanaku* (no entorno do Titicaca) e *Wari* (na atual região de Ayacucho). Esses processos de descentralização teriam levado a um novo *habitar*<sup>215</sup> de caráter mais disperso, em pequenas comunidades, localizadas principalmente nas cabeceiras dos vales (3900m a 4100m), fortificadas, por motivos de defesa. Ainda com evidências paleobotânicas limitadas, Bauer argumenta que o estabelecimento nessas regiões altas indica uma predominância de um sistema agropastoril, notadamente de tubérculos, quinoa e camelídeos. Dentre as diversas espécies de tubérculos se destacariam: *a papa (Solanum Tuberosum)*, *a oca (Oxalis Tuberosa)* o *Ullucu (Ullucus Tuberosus)*, *o izaño (Tropaelum Tuberosus)* e *a papa amarga (Solanum Curtilabaum)*.

Os saberes envolvidos sobre o manejo e transporte desses tubérculos estão relacionados diretamente com as condições dessa eco-região da cabeceira de vale. Os tubérculos suportavam períodos de grandes geadas quando se encontravam dentro da terra e seu sistema de armazenamento era favorecido pelo clima seco e frio. Além disso, por um processo de desidratação, seu peso diminuía em até 40%, facilitando o transporte pelas íngremes regiões montanhosas. Nota-se, nesse caso, que o saber no entorno dessa produção, está ecologicamente ligado com o

---

<sup>215</sup> Para compreender melhor a utilização de habitar ver em: Op. Cit Ingold, 2015.



ambiente que estas etnias transformaram após um processo de deslocamento. O fato do abandono do sistema de “*raised-field*”<sup>216</sup> que sustentou a civilização de *Tiwanaku* durante séculos, por um povoamento disperso na cabeceira da montanha é um exemplo ilustrante desse fato. Essa experiência vem ao encontro das referências teóricas que discutimos anteriormente aqui, onde a construção de um território está diretamente ligada às relações estratégicas de poder, mas também as relações entre o conhecimento e a experiência que o constitui.

Essas regiões foram as primeiras “fronteiras”<sup>217</sup> de expansão da influência Inca durante o século XV. O fato dessas regiões, notadamente a do povo *Chanka* (Ayacucho), serem ocupadas dispersamente, dificultou esse processo de negociação gerando conflitos.<sup>218</sup> No entanto, para além dos conflitos, essa situação reforçava a importância das dádivas dentro de um sistema de alianças. Sociedades centralizadas que tiveram como experiência o colapso de suas estruturas poderiam, de certa forma, estar mais abertas a receber beneficiados agrícolas os quais não produziam o suficiente. Pode ser difícil aceitar essa

---

<sup>216</sup> Sistema largamente utilizado pela sociedade *Tiwanaku*, consistia na elevação do terreno para assegurar um maior controle dos agricultores sobre fatores ambientais como as frequentes inundações.

<sup>217</sup> Mais uma vez, fronteira no sentido de abertura de novas relações (encontros) e não de limites entre regiões ou barreiras naturais.

<sup>218</sup> Bauer em seu artigo parte da discussão do mito que define a origem do Império Inca que através da conquista sangrenta da região dos *Chankas* durante o período de governo de Pachacuti. O argumento principal do autor passa por desconstruir esse mito historicamente, através de estudos arqueológicos que demonstram um contato anterior e uma sociedade não centralizada dos *Chankas*. Em: Op. Cit. BAUER, S. Brian and SMIT, Douglas K., 2015.

simples dedução se pensarmos nas possíveis relações hegemônicas que dela decorreriam, mas são aspectos que devemos ter em conta quando pensarmos nessas novas alianças e no porque dessas etnias “aceitarem” uma nova identidade Inca.

Alia-se a este, também pelo seu lado simbólico e pela materialidade de sua produção, o fator alimentar. Como bem demonstra Braudel: a alimentação testemunha o seu estatuto social, a civilização, a cultura que o rodeiam.<sup>219</sup> Buscando pensar as civilizações a partir de seus hábitos alimentares, esse clássico historiador ainda argumenta que “são plantas de civilização” que organizaram a vida material e por vezes a vida psíquica dos homens com grande profundidade, a ponto de se tornarem estruturas quase irreversíveis”<sup>220</sup> Nessa perspectiva pode-se pensar os alimentos produzidos e consumidos por essas etnias desde seu lugar de origem até outra eco-zona onde habita para pagar a *mit'a*.

Além disso, e mais especificamente no caso andino, Murra, ao tentar analisar a importância dos tubérculos na história incaica, acredita que o grande número de variedades híbridas e de altura indica que no curso da ocupação humana dessa região, a pressão demográfica esteve dirigida para cima (o alto das montanhas). Se verificarmos os casos analisados por Bauer e Meyers aqui citados, essa visão seria corroborada, visto que a cada conflito, ou colapsos, os deslocamentos de etnias miravam

---

<sup>219</sup> BRAUDEL, Fernand. O pão de cada dia. In BRAUDEL, Fernand. **Civilização material e capitalismo**. (1967). Tomo 1. Lisboa; Rio de Janeiro: Edições Cosmos, 1970. Pp89.

<sup>220</sup> Op. Cit. Braudel. 1970. pp 92.

às cabeceiras dos vales e no caso a “domesticação” dessas regiões e da puna. Verifica-se também, como já foi dito, que um mesmo grupo étnico poderia praticar ambos os tipos de agricultura (tanto milhos quanto tubérculos), demonstrando que a inter-relação desses ambientes construídos não eram estáveis, mas fluidas no sentido do constante deslocamento entre esses “lugares”.

A representatividade cosmológica desses alimentos também designavam, de certa forma, que tipo de relação era estabelecida dentro dessas comunidades. Como veremos no capítulo III, Murra, ainda em seu artigo, sustenta que a pouca importância dada pelos documentos (crônicas) aos rituais envolvendo a produção e o consumo de tubérculos, não fazem jus a real importância que os mesmos poderiam ter dentro desses metabolismos. Apesar dessa produção geralmente ocorrer em terras comunais para autoconsumo e da transformação do ambiente não ocorrer de forma tão impactante como os *andenes* construídas para o plantio de milho, por exemplo, os saberes em torno das experiências dessas sociedades na relação com esse cultivo, foram fulcrais para a manutenção de certas etnias, durante o período pré-incaico e incaico.

#### **2.4 - A água vira alimento e continua circulando: sustentáculo e problemas**

O historiador deve começar adotando o conceito dos cientistas de ecossistema, e, então, se perguntar como este pode ser aplicado à agricultura

praticada em qualquer assentamento ou período.<sup>221</sup>

As formas de interação ecológica do homem com o solo, as plantas e os outros animais denotam, como estamos vendo até aqui, a construção de um lugar. Esses processos só possuem um sentido quando analisados conjuntamente dentro de determinados períodos históricos. O esforço segue no intuito de pensar como essas formas de interdependência variam de acordo com o propósito almejado dentro da construção da sociedade Inca, assim como, compreender até que ponto essas novas relações estabelecidas alteraram as antigas formas de interação, redefinindo novos ambientes.

Busca-se portanto, pensar a produção desse alimentos, dentro do que Worster concebe sobre um sistema agroecológico: um ecossistema reorganizado para propósito agrícola (domesticado): “em qualquer lugar, uma tal reestruturação envolve uma pressão das energias produtivas de algum ecossistema para servir mais exclusivamente a um conjunto de propósitos conscientes, muitas vezes localizados fora dele – a saber, a alimentação e a prosperidade de grupos humanos.

Pesando essa reorganização espacial e essas energias produtivas podemos notar uma qualidade múltipla da divisão desse ambiente entre terras de pousio, terras para produção do Estado, terras para produção ritualística e divisão comum entre etnias. Essa dinâmica ocorre também nas escolhas dos alimentos

---

<sup>221</sup> Op. Cit. Worster, 2003. Pp28.

a serem cultivados como por exemplo o milho, que era geralmente plantado numa zona de vales até alturas de 3500m, necessitando de canais de irrigação e utilizando por muitas vezes as *terrazas* ou *andenes*.<sup>222</sup> Essas estruturas não se localizavam em qualquer região dessa divisão espacial, pois por se tratar de um alimento sagrado e de alto valor para acordos Inter étnicos, ele era plantado geralmente nas terras do Estado e do Deus Sol<sup>223</sup>.

Herrera Wassilowsky traz uma grande contribuição na análise das tecnologias andinas para o sistema de *terrazas*<sup>224</sup>. Primeiramente, alega que existe uma variedade de formato de *terrazas* e *andenes*, mas que estas geralmente exercem uma função hidráulica similar (com diferentes escalas) no combate a erosões, no controle da umidade dos solos e no aproveitamento máximo das águas de um complexo sistema de irrigação e de fluxos de nutrientes do solo que geralmente acompanhava esse tipo de construção. Sua implantação demandaria o deslocamento de pedras e de uma grande quantidade de terras dos fundos dos vales andinos para as escarpadas encostas. Além disso, Wassilowsky sugere que existiria uma grande inversão de trabalho (*mit'a*) que denotava a contribuição de grupos beneficiários (no sistema de dádiva) incluindo etnias agricultoras assentadas nas partes médias e baixas do vale. Nesse ponto, citando Rostworowski, alega que

---

<sup>222</sup> Op. Cit. Tapia, 2007.

<sup>223</sup> Terra onde eram plantados alimentos para usos ritualísticos e de oferendas.

<sup>224</sup> HERRERA WASSILOWSKY, A. **La recuperación de tecnologías indígenas**. Arqueología, tecnología y desarrollo en los Andes. Lima: Universidad de los Andes, CLACSO, Instituto de Estudios Peruanos, PUNKU Centro de Investigación Andina, 2011.

fontes etno-históricas relatariam a participação de *yungas* (das partes baixas) para os trabalhos de manutenção de valas nas partes mais altas, o que seria uma retribuição pelo direito de uso de águas provenientes das montanhas tutelares dos povoadores das alturas.<sup>225</sup>

O controle da água era de fundamental importância para o estabelecimento de alianças dentro de um ambiente em que este bem natural não se fazia abundante. É sempre importante ressaltar que o plantio de milho, portanto, envolvia toda uma inversão de energia e deslocamentos de fluidos (pessoas, terras, águas, plantas) para que o sistema que o sustentava pudesse ser implantado. Essas terras e esse alimento tinham grande valor simbólico/ritualístico para as elites incaicas, o que denotaria que seu consumo não se dava em grandes quantidades pelas camadas mais baixas desse metabolismo.

A dieta provinda das terras comunais, baseava-se dentre outros, na batata e quinoa, plantadas em alturas até 4500m, sendo estes cultivos resistentes à seca e ao frio e que intercalados possuem alto índice cooperativo na reposição de nutrientes do solo. No entanto, seu cultivo era trabalhoso e existem relatos de maus súbitos de saúde em grandes altitudes para quem os ia cultivar. Como salienta Anders: “Deve recordar-se que a montanha não era um lugar especialmente agradável”.<sup>226</sup> Isso demonstraria não um limite físico, pensado na construção desse grande metabolismo, mas uma maior necessidade de rotação,

---

<sup>225</sup> Op. Cit. HERRERA WASSILOWSKY, 2011. pp71.

<sup>226</sup> Op. Cit. ANDERS, 1990.

deslocamento e movimento, que revelam uma nova perspectiva sobre a imagem fixa e isolada que o ambiente montanhoso costuma ser representado.

Os aspectos cambiantes desse ambiente verticalizado alteram, portanto, bruscamente as relações desses indivíduos (homens, vegetais e animais) com seus novos espaços. Braudel já colocava que “os incas tiveram que descer os vales dos Andes para encontrarem terras para sua população em aumento.”<sup>227</sup> Em realidade, sabendo que o lugar de predileção para a ocupação Inca eram os vales, observamos que esses novos ambientes criados através do fluxo de pessoas, nem sempre respondiam a uma demanda direta por alimento como dá a entender Braudel em sua afirmação. Essa eco-zona reconstruída dos vales andinos possuía grande valor para a produção de milho que muitas vezes não se destinaria diretamente ao prato de quem os produzia (*mitmakunas* – trabalhadores sazonais). Portanto não é possível entender esses deslocamentos, sem pensar no mosaico ecológico vertical, e neste ponto também entram as relações de saber e a experiência dessas etnias, como sustentáculo para essa sociedade.

A busca por novas terras e os deslocamentos, como já foi mencionado, possibilitam pensar na problemática elencada por Levy dentro da discussão levantada por Haesbaert, sobre a oposição entre formações de redes e territórios fixos. Dentro dessa perspectiva de Levy, o território apareceria como possuidor de um caráter delimitador, introvertido como no modo agrícola de ocupação do solo e espaço ocorrendo de modo estático revelando

---

<sup>227</sup> Op.Cit. BRAUDEL, 1970. pp 191.

superfícies, fronteiras e lugares. As redes por sua vez, apareceriam como sítios extrovertidos de abertura e relação entre espaços (não lugar) e polos. Apesar de Levy relacionar o processo de desterritorialização como noção básica para compreender o sistema em rede que compõe a “economia mundo” atual, podemos pensar essa relação na sociedade Inca revelando não uma noção de estado centralizador e delimitador, mas sim um sistema de rede, com polos, espaços extrovertidos de abertura e abertura entre espaços, ainda que numa visão hierárquica. Tudo isso antes do ponto de inflexão considerado como “abertura de uma economia-mundo” século XVI. Tal possibilidade de concepção dialoga com a ideia de territorialidade descontínua colocada por Rostworowski, talvez esta, sendo uma espécie de meio termo entre território e rede, no ponto em que a mesma trabalha com a rede de trocas e a formação de identidades.

Essas redes de interdependências – logo, de certa maneira, hierárquicas – revelariam, segundo Haesbaert, o fim do constrangimento das distâncias. Nesse sentido, as migrações que sustentavam o estado Inca, possuíam um caráter aglutinador, pois esse poder central se tornava mediador de relações Inter étnicas que anteriormente até já poderiam existir, mas tomam esse novo aspecto quando incorporados à outra lógica organizacional. Como bem salienta Brailowski: “A diferença entre os pequenos canais de irrigação indígenas e as grandes obras de engenharia incaicas não estaria nos princípios ecológicos que as regem, mas sim na organização social que as sustenta. As comunidades familiares descobriram a forma de cultivar os Andes sem erodir o solo,



porém, foi necessária uma organização social mais complexa para que essa tecnologia servisse para alimentar a milhões de pessoas.”<sup>228</sup>

Ao mesmo tempo em que mediava possíveis tensões internas, essa característica aglutinadora poderia também resultar em outros tipos de embates frutos dos deslocamentos forçados para pagamento da *mit'a*, por exemplo. Além, claro das novas construções ecológicas que se estabeleciam. Ao colocarem diferentes etnias convivendo e construindo esses novos espaços, o poder Inca estava também submetido a possíveis instabilidades que pudessem surgir desse novo arranjo. Anders coloca a questão de pressão por terras reveladas em alguns relatos sobre escassez de terras e que as *terrazas* já existiriam até o limite (natural e étnico). Pode-se pensar, portanto, em certo declínio desse “Império” antes da chegada dos espanhóis a partir de tais fatos, assim como em possíveis alianças entre europeus e alguma etnia contra o poder inca. Essa é uma das hipóteses que esse presente trabalho almeja ao pensar na construção dessas relações durante o processo de expansão incaica sobre as outras.

As migrações forçadas dentro de uma lógica incaica como forma de pagamento de tributos que sustentavam essa estrutura organizacional, se apresentaram de diferentes formas como alteradoras desse ambiente andino. A *mit'a* ocorria em diferentes modalidades de trabalho, desde cuidar de fortalezas, realizar construções, cultivar em novas áreas para o Estado,

---

<sup>228</sup> BRAILOVSKY, Antonio E. **Historia ecológica de America:** de los Mayas al Quijote. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2006.

dentre outras. Precisamos compreendê-las para além também de seu caráter coercitivo, ou seja, como bem demonstra Woortmann<sup>229</sup>, as migrações podem denotar uma multiplicidade de estratégias “camponesas” dentro do contexto onde se realizam. Revelar-se-ia a necessidade de compreender assim como Woortmann fez, as categorias simbólicas através das quais essas etnias pensam o parentesco buscando as atitudes e concepções que antecedem e constroem a possibilidade de aliança. Além desse sentido, devemos tentar pensar essas migrações como formadoras dessas identidades camponesas (territoriais e ecológicas), ao reconhecermos que essas estratégias possuíam uma lógica e que essa se formava atrelada ao que podemos denominar uma rede de significados desses indivíduos.

Fernand Braudel nos traz um exemplo emblemático para pensarmos nessa relação. Analisando o milho, pensa como essa planta que não se “faz” sozinha, representa a relação entre o movimento civilizacional e o ambiente andino. Argumenta que o milho não está sempre à mão, ou seja, se dispersando sozinho pela natureza, mas pelo contrário, para obtê-lo é preciso que haja uma transumância que o carregue e que o plante, e essa condição lhe é fundamental. Tal ponto demonstra como o movimento migracional pode também estar inserido em um conjunto de

---

<sup>229</sup> WOORTMANN, Ellen. Herdeiros, parentes e compadres. In: **Colonos do sul e sitiante do nordeste**. Basileia/São Paulo. EDUnB/Hucetec, 1995. pp 97 -155.

estratégias internas que compõem uma identidade camponesa e não são só frutos de “exterioridades”.

Pensando na construção desses novos ambientes pelos movimentos migracionais dos “colonizadores” estatais incaicos, Anders argumenta que “as terras que foram entregues aos *mitimaq* mantiveram as normas de complementaridade ecológica, o que permitiu a autossuficiência desde o ponto de vista econômico.”<sup>230</sup> Numa descrição do que seria essa produção em 1562, ou seja, já incluídas algumas espécies trazidas pelos europeus nota-se a diversidade que a verticalidade andina permitia: “*en las sierras cogen maíz y papas y oca y maxua y ollucos y taures y quinoa y frijoles y em las outras de los llanos cogen trigo y maíz y algodón y frijoles y camotes y ají y maní y zapallos*”<sup>231</sup>

Diferentes etnias (como já vimos) ocupavam essas zonas de produção, as vezes tendo que se acostumar a novos tipos de plantio como fica claro em uma das entrevistas analisadas por Anders: “*que este cacique y sus pachacas son de la sierra y no están habituados ir donde se rescata la cera y miel ni la coca*”.<sup>232</sup> Esse elemento, ademais das consequências problemáticas já citadas, revela também o caráter resiliente nas novas “adaptações” ocorridas por esses deslocamentos. Deflagra-se, de certa maneira, a característica sintrópica desse agente, ou seja, como esse indivíduo não pertencente aquele ambiente atua na organização da energia produtiva dessas diversas eco-zonas.

---

<sup>230</sup> Op. Cit. ANDERS, 1990. Pp 68.

<sup>231</sup> Op. Cit. ANDERS, 1990. Pp 69.

<sup>232</sup> Op. Cit. ANDERS, 1990. Pp 69.

Pensar nessa questão pode trazer a tona debates caros a História Ambiental, como quando Worster questiona a teoria de que ecossistemas seriam firmemente equilibrados, pois não existiria um consenso de como funcionaria ou qual seria sua resiliência. Para pensar a mensuração dos conceitos de danos e perturbação humana, precisamos dialogar com a ecologia e seus estudos baseados nas relações entre as diferentes espécies na formação de um ecossistema. Afinal, existiria um ecossistema fechado? Se a natureza possui também sua historicidade, devemos crer que é ela também agente e fruto de transformações e movimentos histórico, nos levando a repensar as ideias de nativo ou exótico nos indivíduos humanos e não humanos. Daí a importância dos estudos históricos e da ecologia nessas complexas relações.

Para alcançar tal perspectiva, vimos que um elemento que se materializa dessa circulação ocuparia papel fundamental: é o alimento que surge desse processo e tem papel chave na soberania de uma etnia construída a partir da utilização de diversas eco-zonas interligadas pelos fluxos de energia. Como vimos, essa produção que somente pode ser pensada em relação com essa dinâmica ambiental, foi fulcral para o estabelecimento Inca. Pensar nos deslocamentos durante esse período é vital para compreender a lógica e as problemáticas que regiam essa produção. Esse esforço nos parece importante dentro de um contexto que Altieri<sup>233</sup> coloca como um reconhecimento das

---

<sup>233</sup> ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. Guaíba/RS: Ed. Agropecuária, 2002.

práticas agrícolas ancestrais analisando permanências dessas técnicas na longa duração.

Por isso, nesse capítulo, houve a tentativa de se partir dos saberes andinos entorno da utilização e manejo da água, um elemento fundamental para se pensar esse ambiente antes tido como desértico e de difícil vivenciar, mas que no seu potencial aquífero permitiu a construção de um grande sistema hidráulico para superar qualquer vulnerabilidade. Ficou claro que apesar de considerar os aspectos de engenharia desses manejos, não foi o foco do trabalho aqui questioná-los quanto aos seus modos de construção. Priorizou-se utilizar as premissas de suas funcionalidades para estabelecer uma analogia com os saberes ecológicos que se relacionavam diretamente com essas construções. Verificamos que cada forma de se construir estava entrelaçada a um saber desenvolvido anteriormente que muitas vezes era deslocado para outras zonas com outras características.

Portanto, foi preciso entender as migrações dentro de uma lógica que caracterizava essa sociedade durante seu processo expansivo. Os *mitmaqkunas* agiam como uma espécie de agente colonizador em novas terras, levando consigo as espécies a serem cultivadas e seu conhecimento sobre as formas de ocupação, construção e plantio. Os grandes canais de irrigação que cruzam os Andes até hoje são um exemplo da utilização desses saberes locais dentro de uma nova e maior lógica organizacional que incorporava não são novas etnias mas também seus conhecimentos. Essa troca era estratégica não só para o poder central de Cusco, como também para as outras etnias que se

incorporavam. Apesar de algumas das vezes demonstrarem resistências e deflagrarem conflitos em relação a essa incorporação (como já seria esperado), os acordos estabelecidos em torno da *mit'a* garantiam também acesso a recursos diversificados por parte dessas etnias, fato que poderia ser extremamente valorizado como “dáviva” dentro de um complexo sistema econômico de reciprocidades. Além disso, como diria Haesbaert, não se pode ignorar o potencial de reterritorialização das redes.

Os deslocamentos realizados por vezes poderiam também aliviar a pressão por áreas cultiváveis abrindo novas possibilidades a essas etnias. No entanto, temos que pensar que além de estratégica, essa lógica poderia ocasionar em alguns problemas como vimos no decorrer do trabalho. Não trabalhamos aqui com o conceito de aglomerados de exclusão, mas podemos refletir sobre um aspecto inerente a esse que seria uma desterritorialização extrema, ou seja, como um deslocamento por vezes forçado pode alterar drasticamente uma identidade construída em determinados ambientes.

Levantamos algumas hipóteses e as tentamos levá-las até o extremo dentro de sua lógica e de seus problemas. Acreditamos que esses deslocamentos sazonais ou definitivos, podem revelar essas duas características, ainda que paradoxais se pensarmos que uma fortalece e outra enfraquece a coesão dessa organização maior. Afinal, como argumenta a arqueóloga Anders, “com frequência a distinção entre as categorias de pessoas que servem ao estado está obscurecida pela diversidade de padrões de

recrutamento, organização, manutenção, administração, obrigação e direitos, tanto do estado como das pessoas.”<sup>234</sup> Não está claro ainda a que se deve essa diferenciação. A autora argumenta que os padrões de assentamento, os planejamentos dos povoados, os estilos arquitetônicos, os estilos de cerâmica e outros aspectos poderiam diferenciar os grupos que ali estavam e suas diferentes funções.

Além desses fatores, acreditamos que um dos caminhos que podemos trilhar para pensar nessas diferenciações, seria o entendimento do que chamamos da diversidade de cosmovisões andinas em sua relação com o alimento, que, assim como os ambientes da cordilheira, poderiam variar extremamente. Considerando o alimento como um fator socioambiental, poderíamos entender as construções cosmológicas entorno dele e, a partir daí, pensar nessas diferentes cosmovisões como um elemento-chave para solucionar as problemáticas tratadas até aqui, na definição de um ambiente através dos permanentes deslocamentos durante esse período.

Caberá, portanto, um esforço ainda maior para compreender a natureza desses deslocamentos e sua importância para a construção dessa grande sociedade. Questões como direitos à terra ocupada por diferentes etnias, mudança de cosmologia relacionada a outros ambientes, utilização de conhecimentos próprios em benefício de outrem, dentre outros fatores, precisam ser mais bem aclarados para pensarmos mais

---

<sup>234</sup> Op. Cit. Anders, pp63

profundamente essa produção complexa de alimentos durante o século XV.



## CAPÍTULO III

### **Cosmovisões e transformações eco-lógicas a partir da produção do alimento: tubérculos, milhos e outras histórias.**

#### ***3.1 - O alimento como indicador sócio-ambiental***

O alimento na história pode ser compreendido através de sua apropriação, transformação, circulação, consumo ou descarte no ambiente. Essas cinco formas de metabolização do alimento se ligam a possíveis representações que delas advenham, conectando seu sentido sócio-cultural com a materialidade de sua produção. No caso Inca, se tentará analisar o papel desses alimentos dentro de uma sociedade estratificada que se diferenciava socialmente também pelos seus modos de ocupação e interação com o ambiente. O caso dos tubérculos ou raízes tuberosas bem como o do milho evidenciarão como essa reorganização sócio-ambiental se coloca a partir dos acordos e alianças que envolvem também o próprio alimento como benefício. Os alimentos eram produzidos e circulavam dentro de uma lógica que seguia um saber sobre determinados ambientes diversos e que se interligavam na formação de uma lógica maior que era o *Tawantinsuyu*.

Como vimos, para obtenção desses alimentos, era promovida, por vezes, uma transformação grande na relação entre pessoas e ambientes verticalizados, através dos deslocamentos dessas e de outros materiais, notadamente a água, como forma de energia que se transmutava no alimento produzido. Percebemos

ainda, no capítulo anterior, que quanto maior a monumentalidade, maior a indicação de aporte energético para a produção de alimentos, o que indicaria quais tipos destes são preteridos em relação a outros. Neste capítulo três, veremos de que forma esse alimento indicaria, através das fontes dos cronistas, essa transformação no metabolismo sócio-ambiental incaico, seguindo os deslocamentos promovidos durante o período de expansão Inca sobre outros ambientes na cordilheira. Entender essa dinâmica se torna fundamental para se chegar ao ponto de perceber o movimento dessa história englobando os diversos aspectos que a constituem. Não existem acordos políticos, movimentos humanos e conflitos étnicos, separados das relações com o ambiente onde estão inseridas. Nesse caso, a verticalidade influi diretamente na progressão ou digressão desse movimento de fluxos metabólicos.

Retomemos o ponto a partir do capítulo anterior, ao notarmos a diferença entre agricultura de retenção de água (*sequío*) e a agricultura a partir da circulação dessas águas (canais de irrigação). Garcilaso, ao analisar a diversidade do manejo hidráulico, determina que tipo de alimentos indicariam as diversas formas de ocupação desse espaço:

*“Los andenes por la mayor parte se aplicaban al Sol y al Inca, porque los había él mandado hacer. Sin las tierras del maíz que se regaba, repartían otras que no alcanzaban riego, en las cuales sembraban de sequero otras semillas y*

*legumbres que son de mucha importância, como es la que llaman papa y oca y ñus, las cuales tierras también se repartían por su cuenta y razón;(...)”* <sup>235</sup>

Nessa passagem, Garcilaso denota que o milho possuía um papel de destaque na relação de produção para o “Estado”, seja para uso político ou ritualístico. Como já vimos no capítulo anterior, os *Andenes*, que demandavam um maior custo energético, seja para a construção ou para a irrigação, demonstravam a valorização do *Maíz* (milho) dentro da produção e circulação de alimentos no *Tawantinsuyu: Al respecto de las tierras que daban para sembrar el maíz, repartían las que daban para sembrar las demás legumbres que no se regaban.*<sup>236</sup>

Veremos que os tubérculos possuíam também uma grande relevância para as etnias locais, como destaca Garcilaso, que por sua vez indicam outras formas de se relacionar com o ambiente. Ademais, observamos que a produção desses tubérculos era parte fundamental no calendário agrícola e os mesmos também eram estocados nos *pósitos (tambos)* para utilização nas garantias alimentares e alianças futuras (figura 18). No entanto, quanto a tal fato, existem poucas fontes por parte dos cronistas que denotem uma cosmovisão andina ligada as batatas (ou tubérculo e raízes tuberosas em geral), o que pode aumentar aqui os problemas de análise sobre os saberes eco-lógicos da

---

<sup>235</sup> Op. Cit. Garcilaso, 1973. Tomo II. pp 53

<sup>236</sup> Op. Cit. Garcilaso, 1973. pp. 57.

produção desse alimento e logo, de que modo o mesmo indicaria as transformações nessa relação com o ambiente.

Temos claro, por outro lado, de que forma a expansão Inca reorganizava algumas formas de ocupação da região andina, no sentido de destinação de parte dessa produção. Como já vimos, um terço das terras produziam para o Deus Sol, ou seja, para uso ritualístico; outro terço para sustentar acordos inter-étnicos, que sustentariam a coesão do *Tawantinsuyu*; e o último terço para uma produção de subsistência regional, trabalhada por forma comunal nas *Ayllus*.<sup>237</sup> Ainda que a predominância dos tipos milho e, secundariamente, dos tipos de tubérculos, sejam o destaque para todas essas formas de ocupação, podemos observar dentro dessas três formas de produção uma variedade de cultivos e criação de camelídeos descritos, ainda que brevemente.

Portanto, além desses dois alimentos que servirão de base para concluirmos os debates levantados nesse trabalho, observaremos de que forma outros alimentos se incluíam nesse processo, demonstrando que é a combinação entre eles que possibilitou uma das mais variadas dietas do planeta, diminuindo a entropia e a vulnerabilidade na relação de expansão humana sobre esse ambiente. Somente assim, alcançaremos em princípios teóricos metodológicos a perspectiva agroecológica de história como pretendido nos objetivos iniciais. A manutenção da vida se baseia no aumento da diversidade de seres nos ciclos que as constituem. Esse aumento ocasionado pelo homem ou por outro fluxo de energia (como no exemplo da água) se revelam como

---

<sup>237</sup> Vale lembrar que esses terços não possuiriam igual medida.

elementos sintrópicos na organização dessa complexa teia de elementos.<sup>238</sup>

Dentre os cronistas analisados, Guaman Poma de Ayala é um dos poucos que se esforça em enumerar numa lista parte da diversidade alimentar presente nos Andes durante a formação do *Tawantinsuyu*. Agrega também alguns poucos elementos europeus (seja na nomenclatura ou no próprio alimento), revelando por vezes a confusão entre os dois sistemas de conhecimento onde o mesmo se insere:

*De cómo tenían bastimentos de comida y regalos de maíz, sara, seis maneras, y de papas, turmas de la tierra, de tres maneras, ocas, rabanillos, ulluco, mastuerzos, año, masua, rábano falso, quinoa, comida de palomas, tauri, altramuces, chuño, caui, caya, tamos, carnero, guacay paco, guanaco, vicuña, luyco, taruga, cuy, conejo, nunoma, pato, yuto, perdíz, chichi, mosquito de los ríos, callampa, concha, paco, hongo de los dichos yuyos, llacoc, onquena, ocororo, pacoy yuyo, ciellayuyo, pinau, cancaua, onsure, llullucha, runto, huevos, chaluá, pescado, yucra, camarón, caranguejos, apancoray; y de los indios de yungas de*

---

<sup>238</sup> MAHULIKAR, Shripad P.; HERWIG, Heinz. Exact thermodynamic principles for dynamic order existence and evolution in chaos. **Chaos, Solitons & Fractals**, Londres, v. 41, n. 4, p. 1939-1948, 2009. ISSN:0960-0779

*las comidas, yuncasara, camote, apicho, racacha, mauca, suya, zapallos, santiya, achíra, llancay, llumo, porotos, frijoles, caihua, ynchic, maní, aripa, frutas, ají, uche, asnac ucho,, pucaucho, rocoto uchu, pepinos, cachum, plátanos, guayabas, sabindo, pacay, uauas, lúcuma, paltas, usuro, ciruelas, y otras yerbas y menudencias que ellos las comen, y se sutentan em el reino.*<sup>239</sup>

Ao colocar essa diversidade de alimentos tanto na ligação dos Andes Centrais com a cordilheira ocidental (*cordillera negra*) que acaba no pacífico, tanto quanto da cordilheira oriental (*cordillera blanca*) que encontra com os povos - denominados por ele - *yungas* na zona de florestas aos pés das montanhas, Guaman deixa claro que a constituição dessa complexa sociedade somente é possível se pensada através de suas relações com as diversas eco-zonas presentes. No capítulo anterior conseguimos observar, de certa forma, em que parâmetros essas relações se colocavam na circulação e logo, nas interligações entre as distintas regiões ecológicas. Observamos como estes fatores foram fundamentais para expansão e ao mesmo tempo, reveladores de problemas nas interações entre as diversas etnias e os ambientes habitados que se transformavam. Agora tentaremos seguir para compreender de que forma a

---

<sup>239</sup>

Op. Cit. Guaman Poma, 2011. Vol. 1. pp 51

produção de alimentos indicava as problemáticas surgidas dentro desse processo.

Um caso específico e talvez emblemático para o seguimento da análise está presente no estudo de Timothy Earle sobre a região do alto rio Mantaro<sup>240</sup>. Ainda que não pertença ao recorte geográfico que tivemos que fazer e que estamos analisando nesse trabalho, mas por se tratar de uma segunda frente de expansão Inca, a mesma serve de exemplo para outros casos que seguiram a lógica que sustentava essas relações e suas novas formas de habitar o ambiente. Ao princípio do seu trabalho, Earle, através de medições dos ossos através de carbono, notou que o povo Wanka (1300 – 1470 D.C) viveu em cidades densamente povoadas no alto das serras, se alimentando destacadamente de tubérculos e quinoa (*Chenopodium*). Após estarem sob influência Inca, ainda no século XV, foram remanejados e se instalaram nos vales onde o milho se dava melhor. As mostras de carbono desse período posterior, demonstrariam, por sua vez, através dos ossos humanos, que o milho se converteu em um importante elemento alimentar, presumidamente em forma de *chicha* (como era consumido boa parte do milho). Aconteceu então, uma diminuição no consumo de batata, o que, de certa forma, vai ao encontro da problemática que

---

<sup>240</sup> COSTIN, Cathy Lynne; EARLE, Timothy. Status distinction and legitimation of power as reflected in changing patterns of consumption in late prehispanic Peru. **American Antiquity**, Cambridge, v. 54, n. 4, Cambridge University Press, 1989. pp 691-714.

levantamos anteriormente, da falta de registros dos primeiros cronistas sobre a importância cosmológicas desses tubérculos nas sociedades andinas. Seus usos e seu consumo estão diretamente ligados aos saberes desenvolvidos durante sua produção e o deslocamento de pessoas para outras eco-zonas demonstram uma alteração destes, revelando, notadamente, durante o período de influência Inca (por volta de 100 anos), certo desprestígio desse alimento se comparado à produção de milho.

Tal fato ocorreu na tentativa de ampliação de determinada produção de alimento para sustentar uma política de aliança. Com isso, se colocou um novo saber e uma nova cosmovisão organizada pelos Incas.

Mas como poderíamos compreender essa reorganização através do conceito já explicitado de cosmovisão? Em que medida o mesmo significou uma negociação inter-étnica que estava implicada na produção de alimentos dentro do agroecossistema andino? Para se pensar tais questões, delimitaremos algumas balizas que serão importantes para o seguimento da discussão.

*Cabe advertir, sin embargo, que los dioses, las leyes cósmicas y los procesos anecuménicos han nacido de la necesidad humana de comprender los fenómenos del ecúmeno con el fin de optimizar la práctica cotidiana. Son obras de un pensamiento colectivo, casi siempre anónimo; son producciones diluidas que*



*van fraguando en la comunicación difusa, en el constante trato social. La orientación de estas concepciones nace de la búsqueda de las formas más apropiadas de explicar sistemáticamente la experiencia para prever las constantes transformaciones históricas.*<sup>241</sup>

O conceito de cosmovisão se difere do de cosmogonia, relativo a origem do mundo, e de cosmologia que se limitaria aos atos mentais de caráter cognoscitivo e reflexivo. Talvez, tanto um quanto outro, bem como quando falamos de saberes eco-lógicos, se enquadrariam dentro do conceito globalizante de cosmovisão. Em síntese, a cosmovisão pode dar conta perfeitamente tanto da unidade do cosmos e suas criaturas, como da existência de diversas perspectivas entre distintos seres de um mesmo cosmos.<sup>242</sup> Para esse trabalho cabe colocar ainda outras definições desse conceito.

Como vimos na passagem acima, Alfredo Austin López ao analisar o caso mesoamericano, crê num conceito de

---

<sup>241</sup> AUSTIN, Alfredo López. Sobre el concepto de cosmovisión. In: GÀMEZ ESPINOSA, Alejandra; AUSTIN Alfredo López (coords.). **Cosmovisión mesoamericana**. Reflexiones, polémicas y etnografías. Ciudad de México: FCE, Colmex, FHA, BUAP, 2015. .Pp 34

<sup>242</sup> PINEDA, Gabriel Espinosa. Acerca de la polémica entre perspectivismo y csomovisión. In: GÀMEZ ESPINOSA, Alejandra; AUSTIN, Alfredo López (coords.). **Cosmovisión mesoamericana**. Reflexiones, polémicas y etnografías – Ciudad de México: FCE, Colmex, FHA, BUAP, 2015. pp 121 – 138.

cosmovisão como uma rede intersubjetiva de atos mentais, ou seja, como um

*(...) hecho histórico de producción de procesos mentales inmerso en decursos de muy larga duración, cuyo resultado es un conjunto sistémico de coherencia relativa, constituido por una red colectiva de actos mentales, con la que una entidad social, en un momento histórico dado, pretende aprehender el universo en forma holística.<sup>243</sup>*

O autor deixa claro, portanto, que o conceito se constrói num processo histórico de longa duração através de um conjunto sistêmico de coerência relativa que se mantém num extrato de tempo estrutural, para pensarmos a partir das variantes braudelianas. Pineda concorda com tal perspectiva, apesar de notar que o mesmo conceito pode ser utilizado de diversas maneiras para referir aquilo que permite a uma cultura perceber e interatuar com o universo que a rodeia, conformando assim uma imagem desse.<sup>244</sup> Indica, portanto, estar mais em consonância com Johanna Broda, outra das grandes referências dessa discussão na mesoamérica. A autora busca analisar o conceito a partir de suas variantes mentais que se constroem ao longo do processo histórico, mas também, e principalmente, pela

---

<sup>243</sup> Op. Cit. Austin, 2015.pp44

<sup>244</sup> Op. Cit. Pineda, 2015. pp 122.

continuidade das condições materiais de existência das comunidades indígenas campesinas.<sup>245</sup> Argumenta que é preciso entender as variantes através dos ciclos e práticas agrícolas que ao transformarem a paisagem ecológica do lugar também se transformavam a si próprios em paisagens ritualizadas (geografia sagrada). Para isso, toma como unidade de análise os diferentes agroecossistemas, que possibilitariam compreender a amplitude da cosmovisão campesina dando conta dos elementos bióticos e abióticos que fundamentam sua visa material e simbólica.

Portanto, ao tentarmos desenvolver uma visão holística ou sistêmica do processo de transformação do ambiente durante a expansão incaica, estamos levando em conta a relação colocada por Broda onde o alimento em sua produção é também um indicador sócio-ambiental a partir da cosmovisão que o mesmo carrega. E esta é composta pelas suas representações bem como pelos saberes eco-lógicos que a definem na prática, o que no caso Inca acarretou numa espécie de ferramenta de influência, ou, dependendo da visão, de dominação. Logo, a mesma representa a união de dois extratos de tempo: a larga duração e as práticas cotidianas.

A dominação através do saber ecológico também foi um dos fatores fundamentais para compreendermos o processo de expansão, assim como as problemáticas advindas dos deslocamentos, como vimos anteriormente. Percebemos,

---

<sup>245</sup> BRODA, Johanna. *La cultura etnoagroecológica en la región Tetzaco-Calpulalpan: una visión comparativa*. In: PÉREZ, Francisco Castro. **Colapsos ambientales, transiciones culturales**. UNAM (vol.33), Ciudad de México, 2006. pp. 151-213.

portanto, que não somente teria sido importante o aumento da produção de alimentos a serem estocados para trocas em possíveis alianças resultando na conquista de novas terras, mas também o predomínio de um saber eco-lógico em todos seus aspectos.

Quando Garcilaso de la Vega diz: *Gástolos a semejanza de un buen hortelano, que habiendo puesto una planta la cultiva de todas las maneras que le son necesarias para que lleve al fruto deseado*<sup>246</sup>, indica que essa imposição de um saber sobre determinado cultivo por parte dos Incas, revelou não somente uma desvalorização dos outros saberes ecológicos, como salientamos no capítulo I, como também um deslocamento de pessoas e seus conhecimentos hortícolas para cultivar esse excedente em outras terras. Esse deslocamento num ambiente extremamente diversificado como os Andes Centrais revela problemas como salientamos ao final do capítulo anterior. A ideia de *reducciones sin conflicto* como almeja Garcilaso, ao enaltecer os feitos Incas frente aos outros, pode ser problemática, mesmo que concordássemos em relação a falta de um conflito bélico direto em alguns casos. O fato seria um possível surgimento, como acreditamos, de conflitos cosmológicos ou, em todo caso, de saberes que se deslocavam para ambientes totalmente diferentes de onde foram desenvolvidos. Tal fato revelaria uma desconsideração do saber local através, sobretudo, da produção de alimentos.

---

<sup>246</sup> Op. Cit. Garcilaso, 1973. Tomo I. Pp107.

O movimento de pessoas seria nesse caso, portanto, além de um fluxo de energia que potencializasse a produção de determinado alimento, um problema que aparece, por se tratar de um ambiente muito diverso onde um pequeno deslocamento já implicaria numa nova relação com esse outro lugar e com o alimento aí produzido, incluindo sua nova finalidade. Um outro exemplo seria o das etnias da região do altiplano (*kollas*) que apesar de já se deslocarem para regiões de Vales tanto na direção leste como na direção do oceano (oeste) – para estabelecer trocas e relações com outras etnias desse região – tiveram uma reorganização nesses espaços quando do aumento da influência Inca. Nesse momento histórico, muitos saíam de regiões frias do altiplano onde plantavam basicamente tubérculo e quinoa, para construir novas estruturas, em regiões de vales mais quentes e propícios para o planto do milho que servia a uma lógica incaica. Isso ocorreu com diversas etnias em diferentes localidades dos Andes Centrais durante a expansão, sendo em maior ou em menor grau. Tal fato demonstra a importância de se compreender essa relação a partir do alimento como indicador sócio-ambiental e sua influência a partir dos deslocamentos, sazonais ou não, de pessoas para ambientes diversos e que circulavam para construção de estruturas que propiciassem essa produção.

Apesar da menção e do reconhecimento da diversidade alimentar andina, como já abordado, essa variedade está representada nas fontes de forma desigual, podendo evidenciar uma certa hierarquia nas escolhas das formas de representação feita por cada cronista. Quando há menção aos outros alimentos

além do milho e dos tubérculos (dos diversos tipos deles), geralmente aparecem ou em forma de listas, elencados um a um, ou em forma de curiosidade, principalmente na comparação com a memória alimentar dos europeus.

Ainda que tal fato prejudique metodologicamente as análises das fontes, não podemos deixar de ter em vista que um manejo agroecológico está baseado numa malha de diversidade ecológica, ou numa complexidade vital de saberes que foram fundamentais para a organização das diversas sociedades andinas ao longo dos anos. Logo, a escolha de quais alimentos possuem mais valor que outros, podem ter um embasamento material, de relação com o ambiente onde é produzido; uma relação social, que identifica o papel do manejo deles nas relações entre as pessoas de determinado lugar; e a relação cosmológica que por vezes engloba essas duas últimas dentro de um conhecimento ou saber que pode ser manifestado através de ritos, ações ou palavras. Nesse aspecto, tentaremos compreender de que forma os Incas uniram esses tipos de saberes sobre a relação dos alimentos com os ambientes onde eram produzidos e como esse foi determinante para a formação de uma malha multiétnica e ambientalmente diversa sobre uma mesma influência organizacional.

A escolha aqui de partir de uma análise dos tubérculos e dos tipos de milho vão ao encontro das maiores possibilidades de compreender as transformações principais que nos relatam as fontes. A manutenção da ideia de diversidade mesmo no engodo metodológico que nos reduz para uma análise mais restrita, não

seria empecilho visto a diversidade genética que observamos entre as famílias de tubérculos e milhos nessa região dos Andes Centrais.

*A diversidade genética resultante aumenta a resistência às doenças que atacam espécies particulares de plantas, possibilita aos agricultores explorar diferentes micro-climas, atender suas necessidades nutricionais e obter, ainda, outros benefícios através de sua utilização.*<sup>247</sup>

Essa diversidade genética iria, portanto, ao encontro de nossa problemática pois foi propiciadora da diminuição da entropia que caracterizou essa influência Inca em expansão. Willian Mcneil salienta que a deliberada manipulação genética por parte dos andinos para plantio nas diversas condições climáticas, representa uma acumulação de saberes a partir de sua variabilidade genética.<sup>248</sup> Veremos, a partir do complexo caso dos tubérculos, de que maneira esses saberes foram construídos e como, apesar das poucas referências das fontes, poderíamos tê-los como fundamentais para a segurança alimentar desse processo.

---

<sup>247</sup> Op. Cit. Altieri, 2002. pp30.

<sup>248</sup> MCNEILL, William H.. How the potato changed the world's history. **Social Research**, Nova York, v. 66, n. 1, p.67-83, 1999. Pp69.

### 3.1 - “Turmas de tierra”: o papel dos tubérculos na sustentação do metabolismo social Inca.

*Cuenta una vieja leyenda andina que los hombres cultivadores de la quinua dominaron durante muchos años a los pueblos de las tierras altas y, a fin de dejarlos morir lentamente, les fueron disminuyendo la ración de alimentos para ellos y sus hijos. Ya al borde de la muerte los pobres clamaron al cielo y dios les entregó unas semillas carnosas y redondeadas, las cuales, después de sembradas, se convirtieron en hermosas matas que tiñeron de morado las gélidas punas con sus flores. Los dominadores no se opusieron al cultivo, con la mañosa esperanza de cosecharlo todo para ellos, llegada la oportunidad. En efecto, cuando las plantas se amarillaron e los frutos parecieron maduros, los opresores segaron los campos y se llevaron todo lo que juzgaron era una óptima cosecha. Desconsolados y moribundos de hambre, los vencidos pidieron outra vez clemencia al cielo y una voz les dijo desde las alturas: “Remuevan la tierra y saquen los frutos, que allí los he escondido para burlar a los hombres malos y enaltecer a los buenos.”*



*Y así fue, debajo del suelo estaban las hermosas papas, que fueron recogidas y guardadas em estricto secreto. Cada mañana, los hombres de las punas añadieron a su dieta empobrecida una porción de papas y pronto se restablecieron, cobraron fuerzas y atacaron a los invasores que, viéndose vencidos, huyeron para no regresar jamás a perturbar la paz de las montañas.<sup>249</sup>*

Os tubérculos ou raízes tuberosas tiveram papel fundamental no sustentáculo do processo de expansão da etnia Inca. Sua desvalorização nos estudos e nas fontes dos cronistas, principalmente a partir de poucas investigações sobre sua possível ritualização, o colocariam em papel marginal em relação ao milho (alimento sagrado e destinado diretamente ao poder central cusquenho). No entanto, não se pode pensar nas circulações desses humanos e animais que ampliaram e redefiniram as interações com o ambiente, sem se pensar no poder alimentar que esta classe de alimentos possuía sendo elas o pão base<sup>250</sup> nos escritos dos cronistas sobre essa sociedade. É comum observar as descrições e as lendas sobre os tubérculos

---

<sup>249</sup> GRAVES, Christine (Ed.). **La papa: tesoro de los andes: de la agricultura a la cultura**. International Potato Center: Lima, 2000. pp 63. Baseado em un mito recompilado nas alturas de Andahuaylas, Apurímac, Peru.

<sup>250</sup> *Pan del Indio* é uma qualificação atribuída por Bernabé Cobo aos tubérculos pelos mesmos se tratarem de um alimento fundamental e cotidiano, difundido nas diversas comunidades andinas.

relacionados a seu papel de elemento primordial para a segurança alimentar andina. Pedro Cieza de León foi o primeiro a caracterizá-las como *turmas de tierra* numa provável alusão às trufas (*Terfeziaceae*) que ocorriam em zonas mais áridas da península ibérica e norte da África<sup>251</sup>:

*El principal mantenimiento dellos es papas, que son como turmas de tierra, según otras veces he declarado em esta historia, y éstas las secan al sol y guardan de una cosecha para outra; y llaman a esta papa, despues de estar seca, chuño, y entre ellos es estimada y tenida en gran precio, porque no tienen agua de acequias como outros muchos deste reino, para regar sus campos; antes si les falta el agua natural para hacer sementeras, padecen necesidad y trabajo sino se hallan com este mantenimiento de las papas secas.*<sup>252</sup>

Como bem destacado por Cieza, a relação da produção desses tubérculos com a presença da água é evidente. Como vimos no capítulo anterior, a maior parte das grandes obras monumentais que garantiam a irrigação eram feitas para o plantio

---

<sup>251</sup> Estes fungos ocorreriam junto à raízes de arbustos das zonas desérticas do entorno mediterrâneo. *Turmas de tierra* ou *criadillas de tierra* são os nomes mais comuns. Para saber mais:

<sup>252</sup> Op. Cit. Cieza de Leon, 2000. pp 339.

de milho. Ademais, a batata no período próximo a colheita não poderia com excesso de água<sup>253</sup>, visto que apodrecem, sendo essa uma característica que determina desde o tipo de manejo até seu período de cultivo como veremos mais adiante. Essa transmutação de energia entre água e alimento também se produzia no seu momento de consumo, onde algumas variedades, aproveitando certas condições climáticas, eram desidratadas com vistas a sua conservação e deslocamento para outras regiões não produtoras. Tal fato influi também na circulação de energia através de um saber (para não dizer técnica) que envolve agora uma retirada de água acumulada nesse alimento. O produto desse processo recebeu o nome de *Chuño* e talvez seja o modo como os tubérculos (principalmente a *papa amarga* de altitude) eram mais representados nas crônicas analisadas. Vejamos o caso de Garcilaso quando analisa a região altiplana do *Collasuyu*:

*En toda la provincia llamada Colla, en más de ciento y cincuenta leguas de largo, por ser la tierra muy fría, no se dá el maíz; cógese mucha quinua, que és como arroz, y otras semillas y legumbres que frutificaban debajo de tierra, y entre ellas hay una que llama papa; es redonda y muy húmida, y, por su mucha humedad, dispuesta a corromperse presto. Para preservalas de corrupción la echan en el suelo sobre paja, que hay en aquellos*

---

<sup>253</sup> Op. Cit. Graves, 2000.

*campos muy buena (...) Desta manera preparada, se conserva la papa mucho tiempo y trueca su nombre y se llama chuñu. Así pasaban toda la que se cogía en las tierras del Sol y del Inca, y la guardaban en los pósitos con las demás legumbres y semillas.*<sup>254</sup>

A manutenção da umidade correta nesse caso seria fundamental, estando o sistema de manejo hídrico voltado para a conservação desse tubérculo dentro da terra. Essa característica, talvez a mais marcante – um “fruto” que dá dentro da terra – provavelmente foi o que ocasionou na nomenclatura “*turmas de tierra*” dada por quase todos os cronistas quando tentavam colocar em palavras esse alimento até então desconhecido. Além disso, foram justamente essas características que o tornaram emblemático de algumas regiões altas e frias dos Andes. Por estar dentro da terra poderia resistir a grandes variações climáticas presentes num mesmo dia, os ventos e as fortes geadas noturnas, também comuns a essas zonas climáticas. A adaptabilidade dos tubérculos é um dos aspectos que serviram para sua disseminação posterior em diversas zonas do mundo como elemento de segurança alimentar. No entanto, se analisarmos o período incaico sobre o olhar dos cronistas, podemos tentar entender porque, em parte, esse alimento não aparece aí muito valorizado dentro de uma hierarquia cosmológica incaica.

---

<sup>254</sup> Op. Cit.Garcilaso, 1973. Tomo II pp 61.

Seguimos em parte o pensamento de Murra que coloca que a pouca informação sobre os rituais com as *papas* tem a ver, justamente, com a difusão popular desse produto. O mesmo coloca que esse cultivo de tantos milênios de experimentação, perfeitamente “adaptado” a seu meio ambiente, não provocaria ansiedade a população. Enquanto o plantio de milho que era uma atividade mais recente, ecologicamente mais delicado e conduzido por “castas de poder” seguia num primeiro plano de valorização através das crônicas. Essa percepção seletiva dos cronistas aparece sempre na comparação dos tubérculos com o milho, onde, apesar de representarem a alimentação básica de grande parte da população, são retratadas apenas como solução para regiões onde não se poderia plantar o milho: *Otras muchas legumbres se crían debajo de la tierra, que los indios siembran y la sirven de mantenimiento, principalmente em las provincias estériles de “zara”*.<sup>255</sup>

Os diferentes nomes dados aos tubérculos em geral podem esconder a grande variedade desses na região andina. *Turmas de tierra* está relacionada a um “fruto” (que na verdade se trata de um fungo) que dá dentro da terra árida mediterrânea logo após o curto período de chuva de determinadas regiões. Essas trufas possuem formato bastante semelhante a algumas espécies de batata apesar de seu sabor destoar bastante. Além dessa denominação, Bernabé Cobo, seguindo Acosta, chamou essas espécies, como vimos, de *pan de los indios*. Todas as denominações atribuídas por esses cronistas estão relacionadas

---

<sup>255</sup> Op. Cit. Garcilaso, 1973. Tomo III. Pp 101.

com a problemática levantada no capítulo I, onde o conhecimento sobre essa “nova” natureza é incorporada aos poucos no sistema de conhecimento espanhol.

O que parece importante levar adiante é que as diferentes denominações desses cronistas, por vezes, não contemplariam a diversidade de tubérculos existentes. Somente entre os tipos de *papas*, existem uma variação entre dois grandes grupos que indicam um plantio específico e as zonas ecológicas onde podem ser cultivadas. São elas: as espécies de *papa amarga* e outras que predominam na *puna* por um lado; e das *papas maway* e outras mais doces por outro. Estas últimas se encontram geralmente plantadas em sítios mais abrigados, no alto de vales protegidos, enquanto as primeiras estão nas regiões altiplanas mais altas, onde as condições climáticas não permitiriam uma grande variedade de cultivos. Nota-se, portanto, uma variedade de saberes necessários para o cultivo desses tubérculos ao longo da cordilheira.<sup>256</sup>

As *papas amargas* são resistentes a fortes geadas e variações de umidade (seca e alagadiços) e é dela que, comumente (mas não só), se produz o *chuño*.<sup>257</sup>

---

<sup>256</sup> Trataremos aqui, principalmente, das *papas* ou batatas. Outros tubérculos e raízas tuberosas foram e continuarão sendo mencionados ao longo do texto. Os mesmos aparecerão em consórcio com os lugares de plantio das *papas* nos Andes.

<sup>257</sup> O consumo desses tubérculos necessita um processo trabalhoso de preparação para eliminar as toxicinas glicoalcaloides, responsáveis pelo sabor amargo. As zonas onde se prepara o *chuño* se encontram no altiplano, a 4000 metros de altura sobre o nível do mar.

*“Acosta, uno de los primeros cronistas españoles en describir los recursos agrícolas de los Andes, menciona que las papas amargas, al ser expuestas al frío de la noche y secadas después de ser apisonadas, eran transformadas en lo que se denominaba chuño y se utilizaban como el pan en Europa. Un siglo más tarde, el sacerdote Bernabé Cobo refería que en el altiplano existían papas silvestres y papas amargas, que los aymara denominaban “aphus” y que sólo se podían consumir procesadas como chuño, constituyendo el principal alimento en la región altiplánica entre Perú y Bolivia.”<sup>258</sup>*

A saber, portanto, que esse processo de desidratação do *chuño* retirava a água das *papas amargas* através de um conhecimento acumulado e facilitava, por sua vez, o maior deslocamento (reduzia até a 40% de seu peso original) dessa fonte de energia gerada com esse alimento. Esse acompanhava o deslocamento de pessoas pelas cordilheiras e podia ser armazenado nos *pósitos* por longos anos sem perder seu valor. Ou seja, era fundamental para a segurança alimentar das diferentes etnias que viviam no altiplano, mas também serviam fundamentalmente a lógica da administração incaica, sendo produto de troca e estratégico para fonte de energia nos

---

<sup>258</sup> Op. Cit. GRAVES, 2000. pp 212.

deslocamentos dos *mitmqunas* entre os diversos nichos ecológicos. Mas por que, então, esse alimento não apareceria com o mesmo destaque do milho nas fontes dos cronistas dos séculos XVI e XVII? E de que forma podemos pensar as cosmovisões construídas entorno das transformações eco-lógicas que esse alimento tão popular teve nas poucas fontes que o valorizam? A resposta pode começar através da análise de alguns dos *dibujos* de Guaman Poma de Ayala que tentam incorporar em sua representação o calendário agrícola andino ao calendário gregoriano de doze meses trazidos pelos europeus.



Figuras 16; 17; 18:<sup>259</sup>

1165 [1175]

TRAVAXO: PAPA OCA TARPVI PACHA [tiempo de sembrar papas y ocas], deziembre, *Capac Ynti Raymi Quilla* [mes de la festividad del señor sol]

/ labrador de papas / deziembre / *Capac Ynti Raymi* / *papa uqa tarpuy pacha* / *Qhapaq Inti Raymi Killa* /



<sup>259</sup> Figuras cedidas pela Real Biblioteca da Dinamarca: Disponível em <http://www.kb.dk/permalink/2006/poma/info/es/frontpage.htm>



1147 [1157] TRAVAXOS: PAPA ALLAI MITAN PACHA [el tiempo del turno de la cava de papa], junio, *Hauca Cusqui Quilla* [mes del descanso de la cosecha]

/ labrador, pachaca / junio / Hauca Cusqui /

/ papa allay mit'an pacha / Hawkay Kuski Killa / pachaqa /



1150 [1160] TRAVAXA: ZARA PAPA APAICVI AIMOray [mes de llevarse maíz y papa de cosecha], julio, chacra conacuy *quilla* [mes de la repartición de tierras]

/ *collca camayoc a*, despensero / julio / *Chacra Conacuy* /

/ *sara, papa apaykuy aymuray* / *Chakra Qunakuy Killa* / *qullqa kamayuq* /

a encargado de los graneros

As três representações de Guaman Poma tratam da transposição do calendário agrícola andino de plantio, que trata da colheita e armazenamento das *papas* (leiam-se tubérculos) para os moldes do calendário gregoriano. Nota-se o planejamento do plantio iniciando no mês de dezembro e a colheita ocorrendo seis meses depois, no mês de junho. Obviamente, necessitamos observar para além dos instituídos meses do ano e compreender a ligação cosmológica dos saberes andinos com os movimentos e transformações sobre o ambiente.

Ao observarmos os tempos em que ocorriam o plantio e as colheitas podemos perceber que ambos “coincidem” com os dois solstícios do ano solar. Nas representações das figuras anteriores (16, 17, 18), podemos notar um destaque maior ao sol (inclusive por seu tamanho na ilustração) dado por Guaman Poma de Ayala durante o período de dezembro, quando a incidência sobre o hemisfério sul atinge seu ápice. Inclusive relata esse período como um momento de festividade em homenagem ao Deus Sol (*Ynti Raymi*). Pensaremos, posteriormente, nas ritualidades descritas sobre tal momento que poderão nos revelar mais sobre a importância do plantio desse alimento na relação entre homem e o ambiente.

Além desses aspectos de representação e importância do Sol no calendário andino e Inca, segundo Julio Valladolid Rivera, ambos os solstícios também eram marcados pela aparição brilhante no horizonte de duas constelações ao longo das noites dos respectivos meses: *Collca* (pleyades) durante o mês de junho e *Amaru* (serpente na cosmologia andina e escorpião na

ocidental) durante o mês de dezembro. Estas, juntas com a *Chakana* (cruzeiro do sul), constituiriam as três principais constelações no sistema agroastronômico andino.<sup>260</sup> A aparição das Pleyades em junho marcariam o ano novo campesino, que hoje coincide com a celebração católica de São João<sup>261</sup>. A partir dessa data no hemisfério sul, os dias são cada vez mais longos, aumentando a incidência do sol até atingir seu ápice em dezembro. No calendário andino até os dias atuais, existe uma inversão entre o que se considera verão (estação seca de junho a setembro) e o que se considera inverno (estação chuvosa entre dezembro e março).

Pensando na combinação desses aspectos para o plantio dos tubérculos, pode-se notar que o mesmo ocorre no início do período chuvoso e num mês (dezembro) onde existe uma alta incidência de geadas e granizadas nas regiões mais altas<sup>262</sup>. Além dessa característica, o plantio geralmente ocorre no início do período chuvoso, denotando a forte capacidade desses tubérculos se manterem firmes e crescerem dentro da terra. A colheita, por sua vez, ocorre no início do período seco, o que favorece o final da maturação e a colheita com posterior armazenamento sem acarretar problemas de apodrecimento. Tais fatos demonstram um

---

<sup>260</sup> VALLADOLID, Julio. Agroastronomía andina. In: GRESLOU, François et al. **Cultura Andina Agrocéntrica**. Lima: PRATEC, 1991.pp185

<sup>261</sup> Op. Cit. Valladolid, 1991. pp 186

<sup>262</sup> SALAS, María Angélica. **Papas y cultura**: acerca de la interacción de sistemas de conocimiento en los Andes del Perú. 1996. 267 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Katholieke Universiteit Nijmegen, Nijmegen, 1996.

saber que se insere nos processos vitais agrícolas para essas sociedades. Nas palavras de Valladolid Rivera:

*La agroastronomía andina comprende un conjunto coherente de conocimientos de la colectividad de cuerpos celestes del Hanan Pacha (suelo arriba), directamente relacionados al crecimiento de las plantas de cultivo y a las reproducciones de los animales. Todo esto, considerado dentro de un contexto físico-agroecológico y sócio cultural histórico.*<sup>263</sup>

Além disso, pensando na transformação desse ambiente para o plantio, podemos observar algumas diferenças em relação ao milho no que tange à organização desse lugar para tal tarefa. Nas ilustrações de Guaman, percebemos o plantio em um terreno plano, sem demarcações claras na figura ou indicações da utilização de água para irrigação. Outros cronistas nos trazem a informação que esse plantio era realizado, como já dissemos, de forma comunal, pelos moradores locais, nas terras que lhe eram destinadas. O plantio dos tubérculos é relatado também, somente em seu início e fim, como se não houvesse maiores preocupações com os cuidados nos meses em que ficam na terra. Isso marca também uma diferença em relação à cultura do milho que como veremos mais adiante, envolveria uma cadeia de rituais, ações e

---

<sup>263</sup> Op. Cit Valladolid, 1991. Pp 202

peessoas, durante boa parte do seu processo de cultivo. Seria portanto, como havia indicado Murra, a adaptabilidade e a segurança ecológica dos tubérculos que levariam a uma menor necessidade de apelar para rituais e, logo, ser menos representadas posteriormente pelos cronistas?

O plantio de tubérculos era cercado por uma lógica e um saber bem demarcados na interação entre humanos e ambiente nos Andes. Esses tipos de alimento também circulavam como fluxos de energias fundamentais para a sustentação do metabolismo sócio-ambiental. O fato de não serem representados com o mesmo valor, não seria devido a uma falta de importância destes dentro da sociedade, muito pelo contrário. E seu saber manifesto envolvia também rituais que demarcavam os conhecimentos e práticas que possibilitavam o plantio nessas regiões como demonstrado nas figura de Guaman Poma e na passagem a seguir:

*Un revuelto de ponchos y chullos  
asciende por la ladera. Son los  
campesinos que llevan sus chaqui takllas y  
semillas de papa, acompañados por el  
ritmo de queñas y tambores. No faltan las  
jarras de chicha fresca de maíz ni las  
hojas sagradas de coca, elementos básicos  
de ceremonial con el que se les pedirá a*

*los dioses de la montaña permiso para  
iniciar la siembra.*<sup>264</sup>

As *Chaki takllas* são ferramentas utilizadas até os dias atuais como uma espécie de arado de pé. Eram utilizadas tanto para o plantio de tubérculos como para o plantio de milho. O relato anterior refere-se a um ritual de plantio ainda praticado atualmente, assim como a utilização dessa ferramenta em diversas regiões alto andinas. Podemos observar a referência ao alto das ladeiras, onde geralmente são plantados os tubérculos, além da presença do homem que as sobe com sua ferramenta e sementes ao som de tambores e flautas. A *chicha* feita de milho e as folhas de coca para oferenda eram trazidas por esses camponeses de outras eco-zonas onde são plantadas e colhidas. Os deuses da montanha, como já vimos, são referência às fontes potenciais de energia através da água dos nevados no alto dessas também constituindo parte importante dessa cosmovisão.

Em relação às sementes dos tubérculos e suas zonas de plantio, observamos que elas também se movimentam, fazem seu caminho, ainda que dentro de um mesmo *ayllu*. Importante lembrar que um mesmo *ayllu* incorporaria uma diversidade de eco-zonas em seu território. Como diriam Grimaldo Rengifo e Jorge Ishizawa<sup>265</sup>, as sementes tem seu próprio *ayllu*, suas

---

<sup>264</sup> Op. Cit. Graves, 2000.Pp 74.

<sup>265</sup> RENGIFO, Grimaldo; ISHIZAWA, Jorge. Los Caminos andinos de las semillas. In: PRATEC, **Los caminos andinos de las semillas**. Pratec. Lima, 1997. pp10



próprias autoridades, sua família. Encontra-se aparentada com um tipo de solo, com certos cultivos, com um microclima particular e um cuidado próprio que fazem com que ela floresça em um lugar mas não em todos. Tudo tem que coincidir com uma sintonia que não se alcança separadamente mas sim em companhia do próprio *ayllu*. Além disso, toda semente viria acompanhada de outras plantas, como veremos no caso do milho que eram acompanhados, geralmente pelo *atago*, *paico* (*Chenopodium ambrosioides*), o *huacatay* (*Tagetes minuta*) e outras plantas com valores medicinais.<sup>266</sup>

No caso das espécies de batata, o que sabemos é que até hoje seu plantio é consorciado, alternadamente, com o da quinoa, principalmente nos *waru-waru* (sistema de manejo hidráulico) assim como com outras espécies de cultivos numa rotação (*barbecho*) até o período de descanso do solo. Seria durante esse ciclo que essas sementes caminhavam verticalmente pelas mãos humanas, promovendo também um deslocamento energético através das eco-zonas das cordilheiras e construindo e reconstruindo novos ambientes de acordo com sua circulação. Podemos ver como, ainda hoje, ocorre essa circulação nas palavras de um campesino do distrito de Tilali na região de Puno:

*Desde antes siempre había existido  
los suyus. Los abuelos han hecho aparecer  
los suyus. Mi parcialidad es pequeña pero*

---

<sup>266</sup> Op. Cit. Rengifo; Ishizawa, 1997. pp10

*tenemos 6 suyus como: Wila wit'o, thuna, Philojjata o tika, phuku, lonteriya o waranka, chhojaja y leques lequene. Las papas caminan juntos con los suyus, cuando está descansada la tierra siempre primero lo sembramos papa en parcelas, luego el año siguiente sembramos oca (oxalis tuberosa) asociada com "jupha" (quinoa), algunas veces com izaño (Tropaeolum tuberosum- "papa amarga") y olluco (Ullucus tuberosus), en el tercer año se siembra cebada y en el ultimo año sembramos habas, así terminamos con la rotación de cultivos, luego la parcela tiene que descansar nomás (...) así creamos los suyus.<sup>267</sup>*

Observa-se nessa fala que as sementes (tubérculos) formam também, claramente, caminhos ou circuitos por onde circulam de um lugar ao outro, com propósito de se revigorar e por outro lado, incrementar a variabilidade do cultivo de acordo com as tendências do clima de cada região ou *suyu* que a mesma se encontrava.

Nota-se, portanto, que a complexidade agroecológica desses tubérculos, ademais seu papel fundamental na circulação energética dentro do metabolismo do *Tawantinsuyu* ("Império")

---

<sup>267</sup> Op. Cit. Rengifo; Ishizawa, 1997. pp52

dos quatro suyus/regiões), envolvem cosmovisões próprias que demonstram que esses conhecimentos eram construídos e reconstruídos junto com o ambiente ao longo dos anos. Tal ponto vai ao encontro da perspectiva de Murra que acredita que a maior adaptabilidade e, portanto, segurança ecológica em relação ao cultivo desses tipos de alimento, poderia ser a chave para entender porque os rituais envolvendo os mesmos não são tão retratados como o do milho (que seria mais vulnerável ecologicamente) pelos cronistas. O menor número de informações sobre tal fato podem ofuscar a importância desse alimento base para o período da expansão da etnia Inca sobre outros pontos da cordilheira.

A maneira como são retratados nas figuras de Guaman parecem indicar que esse cultivo não era tão organizado no espaço como o milho e por isso, teríamos poucos trabalhos que referenciem a sua importância das cosmovisões em relação a ele. Ainda hoje, na mesma região onde hoje se encontra o Peru, o consumo desses tubérculos é visto, por grande parte da população como alimento de pessoas com menores condições econômicas e acesso aos recursos. Logo, segue sendo desvalorizado. Talvez esteja aí a chave para compreendermos sua desvalorização em relação ao milho desde os relatos do século XVI.

Como vimos no capítulo I, ambos os relatos, sejam de ameríndios, mestiços ou espanhóis, se enquadram numa perspectiva de conquista, em geral valorizando os feitos de uma cultura/etnia sobre a outra ou de uma “civilização” sobre uma

natureza a ser domada. Cada um a seu modo retratam também a conquistas Inca sobre as outras etnias e a imposição (ainda que não forçada) de uma cosmovisão onde imperava *Inti Raymi* (Deus Sol) como criador da vida. Ainda que os Incas não impedissem os cultos locais em relação a outros elementos naturais como potencializadores da vida, a concentração na figura do Deus Sol Incaico que tem nos grãos de milho sua representação maior na produção alimentar (como veremos mais adiante), indica de onde pode ter decorrido o âmago da nossa problematização aqui. Ao valorizarem os feitos da etnia Inca sobre los *bestiales* dentro do processo de encontro com a cultura europeia, os cronistas desvalorizavam os saberes entorno do principal grupo de alimentos que sustentaram essas sociedades nos andes centrais ao longo dos séculos. Proposital ou não, foi essa representação que nos chegou e até hoje domina o imaginário e as práticas daquela região.

Os tubérculos passam então de fatores primordiais para segurança alimentar, de ser o *pan andino*, para um alimento de campesino pobre que não envolve saberes para sua manutenção e, por isso, tampouco remetem a uma necessidade de cosmologia própria (ao menos não passível de relato).<sup>268</sup> Apesar das criações das estruturas para irrigação e plantio do milho acompanharem o raciocínio de Murra sobre vulnerabilidade ecológica e ritualização do alimento, cremos que o apagamento desses ritos

---

<sup>268</sup> Os *Lupaças* de Chucuito por exemplo foram uma civilização (se mantermos-nos nessa concepção) que baseou sua centralidade produtiva nos tubérculos acerca do altiplano do Titicaca.

nas representações dos cronistas analisados estaria mais ligado a uma questão de valoração de saberes ecológicos de uma etnia sobre a outra, que impõe a necessidade de aumento de produção de um alimento que se liga diretamente a sua cosmovisão. O Deus Sol Inca (Inti Raymi) que aparece ligado à monumentalidade dos *andenes* para produção ritual do milho acabou sobressaindo-se sobre um alimento básico e fundamental do metabolismo socio-ambiental andino.

Tal ponto nos traz novamente à discussão sobre o *input* e *output* energético<sup>269</sup> através das transformações ambientais ligadas ao manejo hidráulico que vimos através dos conceitos de monumentalidade e vulnerabilidade no capítulo anterior. Havia um maior investimento energético para o plantio nas terras do Deus Sol e do “Estado”, onde ocorria a maioria do cultivo de milho. O ambiente era transformado e fluxos de água e pessoas

---

<sup>269</sup> Usualmente, a eficiência é medida pelo balanço de energia ou pela relação *output/input*, a qual é conduzida determinando-se a quantidade de energia obtida na forma de produto em relação à energia cultural utilizada no sistema para produzi-la. Energia cultural é toda a forma de energia manipulada diretamente pelo homem para o seu uso, como a energia do petróleo, hidráulica, eólica, nuclear, ou outras. O *output* de energia é determinado pela conversão direta do rendimento de produtos em energia, de acordo com o conteúdo de energia bruta de cada unidade do produto. O *input* de energia é de natureza mais complexa, podendo incluir amplos e variáveis tipos de entrada de energia, como a energia gasta pelo trabalho humano, pelo transporte de insumos e produtos, energia gasta na manufatura das máquinas, implementos e insumos agrícolas, energia gasta na armazenagem e industrialização dos produtos, entre outros, cuja identificação e quantificação exata são mais difíceis de serem feitas. In: KOZIOSKI, Gilberto Vilmar; CIOCCA, Maria de Lourdes Santorio. Energia e sustentabilidade em agroecossistemas. **Cienc. Rural**, Santa Maria , v. 30,n. 4,p. 737-745, ago. 2000 .

eram canalizados para essa intenção. Ademais, o milho possuía grande apelo ritual e de troca, bem como levava consigo outras plantas que apareciam consorciadas formando um grande complexo agroecológico nas ladeiras e nos vales inter-andinos. No entanto, a vulnerabilidade superada com menor *imput* energético era no plantio de tubérculos, que necessitavam de menos energia investida para assegurar e retornar em alimento o esforço desses homens e mulheres da cordilheira.

Ademais, compartilhamos a visão de Julio Valladolid que considera esses dois tipos de alimentos como fundamentais para compreender a relação de complementariedade na cosmovisão andina através da ligação relacional dos diferentes pisos ecológicos. A dualidade andina se representaria a partir deles e suas relações com as concepções de natureza e sacralidade que não apareceriam dissociadas dentro da cosmovisão andina. Podemos concluir que o milho e os tubérculos se encontram em polos opostos e complementares da concepção andina do universo, leiam-se *Hanan pacha* (Terra de cima) e *Hurin Pacha* (Terra de baixo). Ambos alimentos seriam atores vivos que participam da cotidianidade do ambiente andino com uma carga específica de história cultural. Voltando a Rengifo e Ishizawa: *Los granos de maíz llegan del cielo conforme a las más viejas tradiciones andinas. La papa, por su parte, se relaciona com la humedad y la tierra.*<sup>270</sup>

---

<sup>270</sup> Op. Cit. Rengifo; Ishizawa, 1997. pp28.

Tentaremos, portanto, analisar não as “culturas do milho” ou uma civilização do milho nos termos braudelianos, mas sim as culturas de complementariedade agrícola andina a partir do que já observamos sobre os tubérculos, o que nos coloca em consonância com as premissas de Donald Worster em sua perspectiva agroecológica da história que levantamos nos objetivos iniciais desse trabalho. No entanto, não perderemos a especificidade desse cereal nas transformações que o mesmo provocou e nas representações que sobre o mesmo foram construídas. Esse parece ser o desafio para nos aproximarmos das considerações finais sobre as problemáticas levantadas até aqui. *Afinal, es ostensible que el Estado Inka dedicó considerable esfuerzo, tanto tecnológico como ritual, a la propagación y cosecha del maíz, mientras que el cultivo de la papa estuvo básicamente a cargo de las unidades económicas familiares.*<sup>271</sup>

### **3.3 - Produção e sacralização do alimento nas terras do Deus Sol: a força do milho**

A valorização desse cereal nas diversas sociedades americanas demonstra a importância de se pensar a cosmovisão a partir do alimento. Sua sacralidade e ritualização largamente documentado desde seu processo de plantio até a colheita e consumo, facilita, em certa medida, a análise de como o mesmo

---

<sup>271</sup> GARRAFA, Rodolfo Sanchez. Simbolismo y ritualidad en torno a la papa en los Andes. **Investigaciones Sociales**, Lima, v. 15, n. 27, p.15-42, 2011.. pp19.

causou as maiores transformações sócio-ambientais que se seguiriam ao aumento de escala derivado da expansão Inca. Por outro lado, é preciso analisar esse alimento por outro ponto de vista, ou seja, consorciado com outras plantas e animais que de fato facilitavam sua circulação e seu destaque dentro daquela sociedade. Ademais, a exigência de sua produção em um ambiente verticalizado, além de provocar transformações ambientais, também re-significava esses ambientes para outras etnias que até então cultivavam aí outros tipos de alimento, bem como, quando as mesmas tinham que se deslocar para outra ecozona para trabalhar em sua produção para o poder central.

Os calendários rituais pré-hispânicos, como vimos até o presente momento nas fontes, pareceriam indicar uma preferência na elevação do milho como alimento principal a ser consagrado durante o período de expansão incaica. Percebemos que isso talvez se deva ao fato que a representação desse cereal indicaria uma cosmovisão da etnia Inca ligada a divindade solar *Inti Raymi*<sup>272</sup> sobre outras. No entanto, ao colocarmos a importância dos tubérculos para o sustentáculo do metabolismo andino em geral, observamos que existem limites para se considerar essa suposta hegemonia a partir de um simples contraponto entre as

---

<sup>272</sup> Designio do Deus étnico Inca, o Sol, que foi cultuado pelo *Tawantinsuyu*. Clastres nos diz como se deu esse processo de expansão do culto ao Sol através da utilização da figura pan-andina de Viracocha: “Por um processo inverso, nós os vemos (aos Incas) transformarem *Viracocha*, figura pan-andina, em um Deus tribal. Foi sob reinado do grande Imperador Pachacuti (1438 a 1471 D.C) que se precisa o remanejamento na hierarquia do panteão Inca, no final do qual *Inti* cede o lugar central a Viracocha, embora o imperador permaneça descendente do Sol.” In: Op. Cit. Clastres, 1982. pp91.



papas e o milho. De que forma, portanto, poderíamos compreender esse alimento em seu destaque, mas analisando-o como inseparável de uma lógica maior que envolvia também o plantio de tubérculos? Além disso e em referência ao objetivo maior deste trabalho, de que maneira essa possível relação de complementariedade entre os dois pode ser colocada na transformação do meio ambiente através da circulação (maior ou menor) de fluxos de energia para seus respectivos plantios?

Atualmente, no que se convencionou delimitar como território peruano, se observam uma variedade ao redor de cinquenta *razas* (variedades) de milho.<sup>273</sup> Os Andes seriam o epicentro mundial com maior diversidade de subespécies desse alimento junto com o atual México. Não entraremos aqui na extensa problemática e disputa sobre seu local de domesticação, mas esses números ressaltam sua importância dentro da região andina. Ademais, revelam que essa sua variabilidade geralmente ocorre devido a relação de dois fatores principais: latitude e altitude.<sup>274</sup> Não pareceria difícil compreender essa relação em um ambiente tão diverso como as inclinadas ladeiras dos andes centrais, onde o milho ocorreria entre as altitudes de 100m a 3500m, dependendo das condições e do aporte de energia para o seu plantio.

---

<sup>273</sup> SALHUANA, Wilfredo. Diversidad y descripción de las razas de maíz en el Perú. **Programa Cooperativo de Investigación en Maíz**. Universidad Nacional Agraria La Molina, Lima, 2004.

<sup>274</sup> Op. Cit Salhuana, 2004.

*En América se encuentran más del 90% de todas las razas conocidas de maíz, de las cuales se han descrito hasta el momento 260. Las razas del maíz se definieron después de haberse colectado toda la diversidad de cada uno de los países de América Latina y el Caribe. Así, por ejemplo, en Cuba se clasificaron siete razas, en México 50, y en Perú 49.*<sup>275</sup>

O número elevado de *razas* de milho indica, assim como o de tubérculos, que os pisos ecológicos andinos eram mais diversos do que as diferentes denominações que de acordo somente com a altitude os definiriam. Já exploramos um pouco dessas definições no capítulo I, mas entendê-las cada vez mais diversas através dos alimentos, nos ajudará no problema do deslocamento desses ao longo dos Andes Centrais. Saber por exemplo que a variedade *Chullpi*, tendo como centros de difusão as províncias de Cusco, Apurímac, Ayacucho e Huancavelica também pode ser encontrado em outras regiões ao norte da atual Argentina e Chile, assim como Bolívia e Colômbia, nos dão a ideia do poder de expansão dos cultivos ocorridos principalmente ao longo do período Incaico. Indica também sua valorização perante outras espécies de milho, delimitando em que parte das parcelas ou regiões da cordilheira iriam ser plantados. Tal ponto fica claro se o compararmos com a variedade *Pisccorunto* que apesar de ocupar a mesma região e florescer idealmente nas

---

<sup>275</sup> Op. Cit Salhuana, 2004.pp33

mesmas altitudes que o *Chullpi*, se cultivava em parcelas menores e de terra mais pobre servindo “apenas” como milho para tostar.

Ainda sim, se levarmos em consideração a centralidade como ponto de origem e difusão encontramos duas espécies de mais destaque ainda nessa imensa gama de *razas*. O primeiro deles já indicaria sua própria importância na nomenclatura: milho *Cuzco*.

A espécie *Cuzco* se cultiva em altitudes que vão desde 2.400m até os 3.300 metros em solos irrigados considerados férteis, ao largo dos Andes, desde o Equador a Bolívia e ao norte da Argentina. As zonas onde mais se encontram no atual Peru são os vales próximo a Cusco, Cajamarca e nas partes baixas de Junín, Huancavelica e Ancash. Sua grande dispersão foi, provavelmente, levada a cabo pela expansão incaica como resultado de sua política agrícola organizada que planejava substituir espécies que não interessavam e/ou tinham menor produção, pelo milho *Cuzco*. Murra argumenta e Garcilaso também o faz, que essa redistribuição incluíam também transferências de populações a novos ambientes pensados a partir de seus lugares “originários”, de forma que levassem consigo as plantas domesticadas para uma zona onde se encontrasse semelhantes condições ecológicas àquelas de seus lugares iniciais. A espécie *Cuzco* também foi semeada de forma forçada nas baixas altitudes da costa peruana e em altitudes pouco elevadas do vale de Mantaro onde se formaram novas *razas* derivadas dessa.<sup>276</sup>

---

<sup>276</sup> Op. Cit Salhuana, 2004.Pp16

Essa procedência da espécie que o próprio nome releva, pode colocar algumas questões pertinentes para pensarmos suas representações nas crônicas e as transformações decorridas de sua disseminação para outros ambientes diversos.

*Todo lo cual ni por mis ojos, y me sustenté hasta los nueve o diez años com la “zara”, que és el maíz, cuyo pan tiene tre nombre: “zancu” era el de sacrificios; “huminta” el de sus fiestas y regalos; “tanta” es el pan comum (..)<sup>277</sup>*

O relato de Garcilaso evidencia, de certa forma, a quem eram destinados parte da produção de milho (“zara”). Mestiço criado no seio de uma elite cusquenha ao longo do século XVI, Inca Garcilaso de La Vega vivenciou, assim como outros diversos cronistas recém-chegados ou que ali se formavam, o centro onde se aportava boa parte do milho destinado aos usos rituais e ao poder incaico. O centro administrativo do *Tawantinsuyu* construía, portanto, um outro olhar sobre quais eram os alimentos bases da dieta andina. Tanto que, em alguns relatos, como no que aparece acima, também seria relatado como “pão comum”, tal sua importância no cotidiano daquela região. Havendo na recente colônia um centro de produção de conhecimento como era Cusco, não fica difícil entender o que colocamos anteriormente. Muito da desvalorização das cosmovisões relacionadas aos tubérculos em relação ao do milho, possuem na produção do conhecimento histórico um fator preponderante.

---

<sup>277</sup> Op. Cit. Garcilaso, 1973. Tomo III pp 99.

Porém voltando às questões das transformações ambientais e cosmovisões construídas através das espécies de milho e seus deslocamentos, observamos que o milho *Cuzco* ao ser trasladado para condições similares ao seu pressuposto habitat natural, levava consigo as populações produtoras aos novos ambientes escolhidos para seu plantio. Essa circulação imposta por uma nova lógica produtiva, digamos assim, apesar do discurso pretender uma realização em regiões similares ao do plantio original, colocava etnias diversas e seus saberes ecológicos em contato num ambiente desconhecido e variado. Afinal, já observamos que a própria quantidade de variedade tanto de tubérculos como de milho indica uma grande diversidade de pisos. Apesar de estar numa mesma altitude dentro da cordilheira, nenhum piso seria igual ao outro em relação a ventos, umidade, solo e etc. Sua semelhança termina ou começa na reconstrução que era necessária realizar para o plantio desses, geralmente vinculados ao seu manejo hidráulico. Com esse aporte energético poderia se sustentar essa produção, mas os problemas iminentes dessa energia investida podem ter sido um dos principais problemas que fizeram com que o período de expansão da etnia Inca terminasse antes da chegada espanhola. Voltaremos a esse ponto fundamental no próximo tópico.

A outra variedade de milho que merece também destaque aqui é o milho *Mochero*, que como o nome indica, proveria do vale de Moche no atual departamento de Ica, Peru. Essa variedade se destacaria por diversos motivos, mas aqui indicaremos dois: sua precocidade e seu consumo. Quanto ao

primeiro fator, a precocidade de um milho poderia aumentar sua produção dentro do ciclo agrícola andino. Sendo esta floração de 70 dias (quase metade do tempo dos já citados aqui), poderiam haver três colheitas dele em vez de duas. Isso era fundamental se pesarmos que o segundo fator preponderante era que dessa *raza* se obtinha a *chicha*. Essa importante bebida fermentada tinha alto valor social e ritualístico dentro da sociedade andina desde o período *mochica* (100 A.C.- 800 D.C.) e sua produção foi controlada e aumentada pela etnia Inca a partir do século XV.

Isto indica também a apropriação de um saber de outras etnias no manejo hidráulico de uma espécie de milho em terreno muito seco assim como sua preparação e fermentação para o uso ritualístico. Apesar de já estar difundida em outras partes do continente Sul-americano, a *chicha* a partir da espécie de milho *Mochero* da qual derivava, possuía uma referência clara com os altos vales andinos, sendo parte fundamental de seu metabolismo social. Seu plantio e preparação envolviam saberes eco-lógicos diretamente relacionados com os vales secos da vertente ocidental (pacífica) da cordilheira andina.

*La chicha de maíz fermentado era la esencia de la hospitalidad, el denominador común de las relaciones ceremoniales y rituales [...] Era la bebida que los líderes generosos debían proveer como parte de sus obligaciones de autoridad. Las terrazas y la irrigación que permitieron el cultivo de nuevas tierras en*

*zonas templadas en el valle «sagrado» de Urubamba y en otras partes en el Tawantinsuyu no eran para productos alimenticios comunes sino para productos alimenticios y bebida prestigiosa que formaban parte de la sustancia de las relaciones sociopolíticas. El valor del maíz era tal que era transportado grandes distancias [...] Si la subsistencia era el único objetivo, el mismo monto de tiempo invertido en el cultivo de las papas probablemente hubiese alimentado más gente. Sin embargo, las sociedades complejas no se encargaron simplemente de la subsistencia.<sup>278</sup>*

Para que um grupo possa conseguir a mão-de-obra que necessitava, ele deveria redistribuir uma parte do excedente de *chicha*. Essa redistribuição podia ser realizada pela casa familiar que, por exemplo, ao convidar outra para poder realizar trabalhos em grande escala, retribuía com certa quantidade de *chicha*. Isso aumentou a um nível grandioso durante a administração incaica.<sup>279</sup> Betanzos trata desses acordos a partir de uma visão

---

<sup>278</sup> MORRIS, C. Value, Investment and Mobilization in the Inca Economy. En: J. Henderson y P. Netherly (eds.), **The Politics of Production and Consumption**, 34-55, Cornell University Press, Ithaca. 1993.[traducción del original del autor]

<sup>279</sup> PETRIE, Sebastien. La producción de chicha en los imperios inca y chimú. **La alimentación en la América precolombina y**

própria de dominação de um povo sobre o outro: *La chicha, bebida espirituosa preparada mediante la fermentación del maíz, estaba presente en todas las ceremonias, el maíz era «comida de las wakas», su harina era utilizada como señal de dominio sobre los vencidos, el robo de maíz era severamente castigado.*<sup>280</sup>

Nesse período, o consumo de *chicha* passou a ser restrito em ocasiões ritualísticas pré-determinadas no calendário andino. A embriagues gratuita e cotidiana não era tolerada, se tornando um grande problema durante o período colonial como nos relata Guaman Poma de Ayala. Compreendendo que o milho Cuzco era produzido nas terras do Inca, pois serviria como alimento para trocas com as outras etnias e para manutenção de trabalhadores deslocados a serviço incaico, o milho *mochero* talvez seja a espécie que predominava no terço de terra separado para plantio ao Deus Sol. Essa parcialidade era destinada somente a cultivos de usos ritualísticos e tinha além das funções de construção da estrutura hidráulica, o plantio do milho, e a fabricação da *chicha*, *mitmaes* especialmente designados para tomar conta da plantação: *las sementeras de maíz estaban a cargo de guardianes o kamayoq especiales, granos de maíz eran empleados en sortilegios y adivinación*<sup>281</sup>. Esses guardiães defendiam as plantações dos humanos (saqueadores), animais e variações

---

**colonial:** una aproximación interdisciplinaria, Madrid: CSIC-Institución Milà i Fontanals, 2009. p. 133-143.

<sup>280</sup> DE BETANZOS, Juan. **Suma y narración de los Incas**. Madrid: Linkgua digital, 2010. pp 69.

<sup>281</sup> DE MURUA, Martin; GAIBROIS, Manuel Ballesteros. **Historia general del Perú**. Madrid: Historia 16, 1987. pp 398.



climáticas como veremos a seguir nas ricas representações do cronista habitante de Huamanga. Além disso, tinham a função de reorganizar esse novo ambiente como um espaço produtivo das variedades de milho que interessavam à etnia Inca.

Figuras 19 a 25:

1156 [1166]

TRAVAXO: ZARA TARPV MITAN [el ciclo de sembrar maíz] /  
zetienbre / Coya Raymi Quilla [mes del festejo de la reina]

/ cienbrador de maýs, zara tarpoc, setienbre, Coya Raymi /

/ sara tarpuy mit'an / quya raymi killa / sara tarpuq / Quya Raymi /



1159 [1169] TRAVAXA: *CHACRAMANTA PISCO* *carcoy pacha* a  
 tiempo de oxear de la sementera en este rreyno, utubre, *Oma Raymi*

*Quilla* [mes de la fiesta de orígenes]

/ *parian arariua pachaca* b, ojeador / octubre / *Oma Raymi* /

/ *chakramanta p'isqu qharquy pacha* / *Uma Raymi Killa* / *paryan*  
*arariwa / pachaca* /

a tiempo de espantar los pájaros de las sementeras | b espanta gorriones,  
 GH, pp. 33, 279



132 [1142]

TRAVAXA: ZARA, PAPA HALLMAI MITA [maíz, tiempo de lluvias y de aporcar], enero, *Capac Raymi Quilla* [mes del mayor festejo]

/ labrador, *chacara camayoc* [responsable de sementeras] / enero /  
*Capac Raymi* /

/ sara, papa hallmay mit'a / *Qhapaq Raymi Killa* / *chakra kamayuq*



1135 [1145]

TRAVAXO: ZARAP TVTA CAVAI MITAN [el tiempo de vigilar el maíz por la noche], febrero, *Paucar Uaray Quilla* [mes de vestirse taparrabos]

/ espanta zurrillas de noche, *tuta cauai* a / oxeador de de [sic] noche, *tuta zara uacaychac* b / zorra / benado / zorrilla / febrero / *Paucar Uaray* /  
/ *sarap tuta qhaway mit'an* / *pawqar waray killa* / *tuta qhaway* / *tuta sara waqaychaq* /

a que vigila por la noche | b el que cuida el maíz por la noche





1138 [1148]

TRAVAXOS: ZARAMANTA ORITOTA CARcoy mitan [tiempo de expulsar los papagayos del maíz], marzo, *Pacha Pocoy Quilla* [mes de la maduración de la tierra]

/ *parian arariua* a oxeador / marzo / *Pacha Pucuy* /

/ *saramanta urituta qharquy mit'a* / *pacha puquy kitta* / *paryan araríwa* /

a espanta gorriones, GH, pp. 33, 279



1141 [1151]

TRAVAXO: ZARA PVCOI ZVVAMANTA *uacaychay* mita [maduración del maíz, tiempo de protegerlo de los ladrones], abril, *Ynca Raymi Quilla* [mes del festival del Inka]

/ labrador, *pachaca arariuaa* / *zara queuec zuuab* ladrón / *zuma llama* [llama del ladrón] / abril / *Ynca Raymi* /

/ *sara puquy*, *suwamanta waqaychay mit'a* / *Inka Raymi Killa* / *pachaqa arariwa* / *sara q'iwiq suwa* / *suwa llama* /

a labrador espantapájaros | b ladrón que arranca el maíz



1144 [1154]

TRAVAXO: ZARA CALLCHAI ARCVI PACHA [tiempo de segar, de  
amontonar el maíz], mayo, *aymoray quilia* [mes de cosecha]

/ zegador, *callchac a* / mayo / *Hatun Cusqui* [gran búsqueda] /

/ *sara kallchay, arkuy pacha* / *aymuray killa* / *kallchaq* / *Hatun Kuski* /

a persona que se ocupa en la cosecha del maíz



Figuras cedidas pela Real Biblioteca da Dinamarca: Disponível  
em

<http://www.kb.dk/permalink/2006/poma/info/es/frontpage.htm>



Através das figuras 19 a 25 se verifica uma adaptação do calendário agrícola andino aos meses do calendário Gregoriano, como vimos também no caso dos tubérculos. Nota-se que a maior parte desse calendário agrícola era destinado a representar o cultivo e a cultura do milho que nessa representação provavelmente se trate da espécie *Cuzco* pelo tempo de floração médio/tardia, seja nos aspectos produtivos ou ritualísticos do mesmo. A maior quantidade de ilustrações feitas sobre esse alimento em relação aos outros seria apenas mais um indicativo. Mesmo o cultivo sendo feito em período concomitante ao dos tubérculos como vimos anteriormente, fica claro a preocupação maior em se retratar o calendário de acordo com o plantio do milho.<sup>282</sup>

Ao analisarmos a representação percebemos a grande preocupação em se retratar o cuidado e a função de proteção do plantio a qual alguns trabalhadores eram designados. A organização espacial do plantio também difere em relação aos tubérculos, visto que aparecem demarcações claras entre as linhas de milho indicando uma tentativa de representar uma espécie de organização espacial específica para esse cultivo. Também se nota o elemento de uma casa ou construção próximas aos plantios em algumas das figuras acima, o que nos indica que havia uma necessidade de acompanhamento constante desse plantio, que incorreriam na construção de outras infraestruturas nos lugares

---

<sup>282</sup> Em realidade, se observado atentamente, haveriam dois ciclos de milho durante o ano (+ou- 140 dias) para cada. Dependendo da variedade de milho, até poderiam ser três ciclos, como veremos mais adiante.

onde eram plantados. Vimos que os manejos hidráulicos serviam fundamentalmente aos cultivos, mas também se encontram nas pequenas unidades domésticas. Logo, essa construção e alteração do ambiente envolvia uma energia que, provavelmente, se somava no planejamento de cultivo do milho, aumentando, ainda mais, o *imput* a ser considerado para a manutenção deste.

Observa-se também um aumento da fauna atraída pelo milho. Guaman Poma de Ayala traz a preocupação dos cuidadores em proteger a plantação de pássaros pardais (*Gorriones*) logo após a semeadura, e de papagaios (*papagayos de maíz*), veados e pequenas raposas (*zorillas - Conepatus chinga*) no período final de maturação do milho a partir do mês de fevereiro. Sendo introduzidos de outros nichos ou sendo proveniente das mesmas zonas ecológicas andinas, fica claro que esses animais são atraídos por esse alimento que começa a ser cultivado em um novo local. Fazem parte, portanto, desse novo ambiente que estava sendo transformado e (re)construído de acordo com uma cosmovisão específica demonstrada também nos calendários ilustrados por Guaman.

As variações climáticas também possuem papel de destaque nas ilustrações. A presença da chuva em quase todas as representações coloca essa espécie de milho no período chuvoso dos Andes Centrais, que ocorre justamente entre o período de dezembro a março. A necessidade de água para a manutenção do milho plantado acima dos 2500m poderia ser a explicação pela escolha desse período para o plantio. Ademais a presença dos trabalhos noturnos também chama a atenção. Além da presença

de animais e *ladrones*, esse período se caracteriza como de grande incidência de granizo e geadas noturnas que poderiam acabar com a plantação. Até os dias atuais, se observam uma série de saberes correspondentes ao intuito de evitar essas intempéris.<sup>283</sup> Esses podem ser incluídos no que estamos chamando aqui de cosmovisões desses grupos, sendo o conceito ao qual aprofundaremos mais adiante.

A rica representação de Felipe Guaman Poma de Ayala revela um pouco do que seria o calendário agrícola andino em relação ao milho. Enquadrando este aos meses do ano gregoriano, Guaman demonstra que havia uma preocupação em organizar esses saberes de acordo com os aspectos do cultivo. Ademais, revela que já haveria um calendário anterior à chegada dos espanhóis que como vimos aqui, se relacionava formando uma agroastronomia andina. Essa poderia variar de região para região dentro da cordilheira, mas alguns de seus aspectos constituíam uma rede bem entrelaçadas de saberes que foram se constituindo a medida que aumentava os deslocamentos de pessoas ao longo dos séculos. Podemos afirmar, como já vínhamos fazendo, que tal aspecto foi acentuado durante o período de expansão incaica e que sua codificação em uma agroastronomía andina em muito passaria por esse período de gerenciamento da diversidade de conhecimentos existentes.

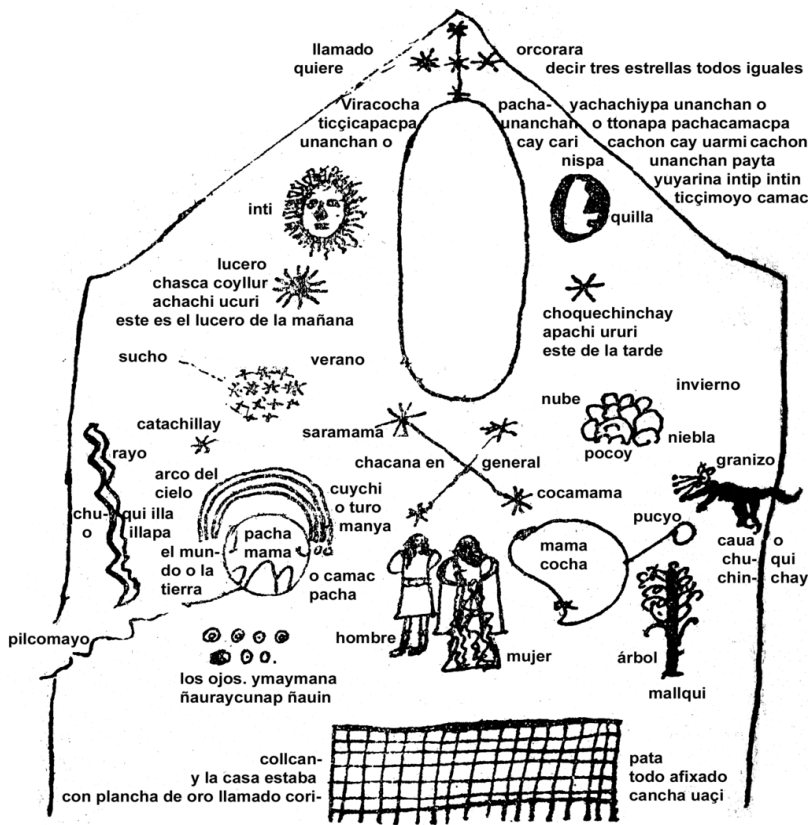
Um dos símbolos dessa complexa codificação por parte dos Incas e posteriormente pelos espanhóis é a Chakana (cruz

---

<sup>283</sup> PROYECTO ANDINO DE TECNOLOGIAS CAMPESINAS (PRATEC). 1990. **Agroecología y saber andino**. Lima: PRATEC. 1990.

andina) que em si guarda uma grande gama de representações até hoje sem um consenso de seu significado. Ela já estava presente há mais de 4000 anos nas cerâmicas rituais e nas construções em pedra dessas sociedades andinas. Julio Valladolid e outros a veem como representação da constelação cruzeiro do sul que ao reaparecer no horizonte celeste determinaria o final do calendário agrícola no atual mês de maio. Tal ideia se confirmaria ao analisarmos a ilustração de Guaman na figura (figura 25) que relata um homem e uma mulher no fim do calendário agrícola com a colheita do milho. Tal interpretação também se baseia na representação de Juan Santa Cruz Pachacuti que relata (copia) uma gravação feita em ouro e encontrada no altar maior do templo de Coricancha em Cusco.

Figura 26: Representação da cosmovisão Incaica por Juan de Santa Cruz Pachacuti<sup>284</sup>



284 Retirado de: URTON, Gary. El sistema de orientaciones de los incas y de algunos quechuahablantes actuales tal como queda reflejado en su concepto de la astronomía y del universo. *Anthropologica del Departamento de Ciencias Sociales*, Lima, v. 1, n. 1, p. 209-238, 1983.

Essas percepções se diferenciam com a de Gary Urton que se baseia nos escritos dos cronistas e também na imagem de Juan Santa Cruz de Pachacuti para entender esse símbolo que é a *Chakana* como uma ponte (talvez pelo escalonamento no formato da Cruz que indicaria um caminho), ligação entre o terreno e o mundo celeste. O autor vê no cinturão da constelação de Orion (*Mintaka, Alnilan e Alnitak* – popularmente conhecidas como as Três Marias) a ponte que atravessa o *Mayu* (rio) como foi compreendida a via láctea.<sup>285</sup> Essa conexão que une a dualidade presente na cosmovisão inca, estaria relacionada, segundo esse autor, ao escalonamento da *crux* andina (*Chakana*) e apareceria no alto da representação de Pachacuti. Reconhecendo a coerência dessa última perspectiva, é preciso salientar que a percepção mais aceita hoje em dia é que a *Crux* andina seja, realmente, uma representação da constelação do Cruzeiro do Sul.

Essas diferentes versões que colocam o símbolo da *Chakana* (e provavelmente outros) em disputa de interpretações se devem, ao que concebemos, a dois fatores históricos: a difícil interpretação das fontes dos cronistas sobre a construção de uma visão da relação pré-incaica com ambiente andino (como visto no capítulo I); e a possível multiplicidade de cosmovisões de acordo com a etnia e o lugar onde se inserem. Afinal, neste segundo fator, ao se tentar compreender uma agroastronomia andina, é preciso considerar o ambiente diverso e multiétnico da cordilheira como fator fundamental. Além de perceber que o mesmo foi fruto

---

<sup>285</sup> Op. Cit. URTON, 1983.

de encontros e deslocamentos que o re-significaram a medida que permanentemente o reconstruíam. Por isso se dá aqui o intuito de entendê-los dessa maneira, sabendo que a expansão andina talvez tenha sido o ápice da organização ou gerenciamento desses conhecimentos, assim como dos deslocamentos e encontros que os complexificaram.

O autor Hugo Burgos-Guevara, por exemplo, diferencia a concepção de um mito na região de Cañar, atual Equador, com as regiões mais próximas de Cusco. A partir do mito de *Urcoyaya* busca pensar nas diversas deidades relacionadas às montanhas nessas diferentes regiões. Enquanto na versão local da região equatoriana o mito estaria relacionado a *culebra* (cobra) como representação da água e da fecundação do feminino, na região do altiplano cusquenho, a simbologia se aproximaria mais do modelo cosmológico de Santa Cruz de Pachacuti ligado ao elemento celeste do centurião de Orion (*Orco-rara*) que também dá nome a um cerro dessa região. Os dois, de certo modo, se referenciam ao lado masculino da dualidade e na participação deste na criação dos homens e dos animais machos, o que indica que houve uma troca entre essas cosmovisões ao longo da história. O próprio elemento da cobra como união dos dois mundos, o de baixo e o de cima (*Hunin e Hanan pacha*), associada ao elemento da água, vai ao encontro do que buscamos aqui. Essas associações, ainda que carentes de uma análise etnológica mais profunda, abrem caminhos para se pensar essas diferentes cosmovisões nas relações com os ciclos agrícolas e a importância do manejo e circulação da água para essa realização.

O cerro *Orco rara*, localizado na atual província de Espinar (Peru), se encontra ainda na região cusquenha, porém, já a caminho da região de Arequipa e do *valle del moquequa* (como já vimos, foi ponto de encontro de diversas etnias ao longo do tempo). Nesse ponto existe um predomínio de zonas de puna ao redor de 4000m de altitude, onde, portanto, se destacam a produção de batatas e pastoreio de camélídeos. Já a região sul equatoriana de Canâr se caracteriza como uma zona serrana e de vales de produção agrícola variada mas com a base predominante de cereais numa altitude média de 2300m. Tais constatações nos possibilitam pensar que cada um desses lugares teria diferentes relações com os regimes hidrográficos e com suas montanhas. Afinal, tanto a batata como o milho (e os outros cereais) possuíam diferentes formas de se relacionar com o ambiente específico e portanto, criavam uma outra cosmovisão sobre esses lugares.

Tal fato se complexifica com a circulação também de pessoas nessas regiões, constituindo estabelecimentos periféricos que se caracterizavam pela interpenetração pluri-étnica dos *mitimqunas*. A medida que a influência incaica se expandia, exigia-se uma geração de vínculos com regiões cada vez mais distantes de Cusco. Essa criava, portanto, uma malha de ambientes que se relacionavam diretamente com a cidade principal dos Incas, seja por formas de benefícios agrícolas ou por trocas de saberes e cosmovisões sobre estes.

Ainda que fora dos Andes Centrais, mas de forma a marcar o alcance dessa problemática que parece ter se repetido de



diferentes formas em toda a região andina, Frank Solomon estuda a atual região de Quito em sua formação étnica e distributiva do espaço durante o período de influência Inca<sup>286</sup>. O autor argumenta que os maiores grupos linguísticos pré-incaicos foram reordenados pelo *Tawantinsuyu* de acordo com os sistemas de metades (moietes) *Hanan/Hurin* trazido para o interior dessas províncias. Ainda segundo Solomon, esse reordenamento significaria ali, uma reavaliação do caráter das relações políticas e organizativas estabelecidas entre o centro de poder e os territórios pré-incas.

Ao reconhecer o caráter descontínuo da expansão dessa influência, Solomon crê que a mesma pode ter sua dualidade descrita em termos geográficos:

*Las partes bajas y sureñas de la cuenca (Uyumbicho, Anan Chillo, Urin Chillo) continen terrenos casi ideales para el cultivo del maíz en chacras y en campos elevados, algo debajo de los 3000 m. Las partes norteñas (El Inga, Pingolqui, Puembo), por su sequedad parecen menos aprovechables para esta tecnica. En 1559 los aborígenes practicaban la siembra del maíz en secano. Pero en las profundidades de los cañones de los ríos atrincherados*

---

<sup>286</sup> SOLOMON, Frank. Frontera aborígen y dualismo inca en el Ecuador prehispánico: pistas onomásticas. **La frontera del Estado inca**, Quito: Fundación Alexander Van Humboldt; Editora Aby Ayala, 1998. pp. 59-86.

*que atraviesan el distrito norteño, existen tierras tropicales irrigadas y excepcionalmente productivas. Estas eventualmente fueron aprovechadas por mitmaq incas.*<sup>287</sup>

Segundo o autor, essa reorganização revelaria outras características além dos aspectos práticos do plantio de determinado alimento. A região mais ao norte (*pueblos norteños/Hanan pacha*) como Solomon coloca, estaria menos habitada, possuindo uma organização sócio-política menos complexa com ausência de *mitmaqunas* incas em sua maior parte. Nessa zona teriam se produzido incidentes de mobilização anti-inca e em prol dos espanhóis à época da chega destes. Já a metade sul (*Hurín Pacha*), seria mais povoada, com uma organização social mais complexa (cada localidade abrigaria múltiplos setores políticos) onde dois povoados (*Urin Chillo* e *Uyumbicho*) albergaram destacadamente *mitmaqunas* *Wayakuntus*<sup>288</sup> instalados pelo *Tawantinsuyu* e que durante a chegada espanhola se posicionaram a favor dos incas.

Portanto, se evidencia no trabalho desse autor, que boa parte dessa reorganização espacial dual, presente até os dias atuais, esteve ligado à expansão Inca. Continuamos verificando ainda que as variedades de milho estavam cercadas de uma maior preocupação produtiva ao protagonizarem uma complexificação

---

<sup>287</sup> Op. Cit. Solomon, 1998. pp56.

<sup>288</sup> Os *Wayakuntus* proviriam da atual região de Ayabaca, Piúra, Norte do Peru. Estes teriam se deslocado mais de 700 km até essa região próxima a Quito. Para saber mais sobre a história desse povo:

da relação homem e ambiente nos deslocamentos dos *mitmaq* e na construção de sistemas de irrigação. O aumento dessa produção estaria não somente atrelada a uma alteração desse ambiente como também a uma nova percepção sobre este processo. Afinal, o plantio de um alimento em uma zona onde outrora se plantava outro (ou nenhum) representaria o desenvolvimento de um outro saber eco-lógico nessa relação potencializada pela transumância demandada. A complexificação do sistema aumentava junto com o número de interações positivas que a sustentavam e que criavam novos habitats reduzindo o estresse daqueles ambientes. No entanto, podemos refletir sobre os problemas que estariam presentes nesses constantes movimentos entre um ambiente e outro e na mudança que o aumento da preferência de um cultivo sobre o outro poderia gerar.

### **3.4 - Alimentos que circulam e cosmovisões que se alteram:**

A circulação desses alimentos envolve também novas formas de ocupação e com elas, alterações de cosmovisões provindas dos deslocamentos, forçados ou não, entre os diferentes ambientes ou eco-zonas. Essa permanente reconstrução de saberes eco-lógicos refletido na produção de alimentos, caracterizou a sociedade inter-étnica do período Inca, numa rede complexa de trocas, alianças e reciprocidades que envolviam humanos e os alimentos produzidos para o “Estado”. Entender de que forma se deu essa alteração é vital para as considerações

finais do trabalho que se aproximam. Ademais, o aumento da produção desses alimentos estava diretamente ligado ao aumento do número de relações de reciprocidade que como conceito nos permitiria unir a dimensão material e simbólica (metabolismo e cosmovisão) na análise.

Como vimos, o milho possuía destaque nas relações cosmológicas e de trocas durante o período da expansão inca. Em se tratando de uma sociedade não monetizada, o milho, por algumas vezes aparece retratado pelos cronistas tendo valor de troca:

*De esta manera tuvieron los reyes abundancia de maíz en aquella tierra tan fría y estéril, y los collas llevaban en su ganado para trocar con sus parientes trasplantados grandísima cantidad de quinua y chuñu.[...] y mucho tasajo que llaman charqui y volvian cargados de maíz y pimientos y frutas que no las habían en su tierra [...].<sup>289</sup>*

Essa troca não era feita por uma simples medição de valor na relação oferta e escassez, como já salientamos no capítulo I. Obviamente, faziam parte os acordos baseados em simbolismos e cosmovisões específicas que vão além do valor de se poder ou não produzir determinado alimento em sua respectiva eco-zona. Como bem salienta Murra, o simples fato de

---

<sup>289</sup> Op. Cit. Gracilaso I, 1973. Tomo III. pp08

um objeto provir de Cusco aumentava muito seu “valor” e até melhorava o status social do indivíduo ou grupo que o recebia. Isso se torna claro no exemplo dos “pequenos milhos sagrados” que eram produzidos ao redor do Lago Titicaca e distribuídos para outras zonas cerimoniais a partir de Cusco.<sup>290</sup> Não era somente seu valor calórico ou fato dessa variedade simplesmente não ocorrer em outras regiões, mas o fator de sua proveniência que é significativa de sua existência para aquele complexo metabolismo.

A difusão de determinadas espécies bem como de suas variedades ao longo do território do *Tawantinsuyu*, indica para além de um controle incaico da quantidade da produção, uma valoração de uma cosmovisão bem definida desses alimentos sobre as outras. As relações de reciprocidade, como indica Rostworowisk, se baseiam não somente nas trocas e controle sobre produtos de diferentes eco-zonas, mas em compreender que essa espécie de milho recebido proveio de determinada região sacralizada ou que é possível através de um novo saber ecológico trazido dessa região, produzi-lo mais próximo e em condições até então adversas. Se constroem novos ambientes a partir de saberes pertencentes a uma cosmovisão trazida junto com um “valor simbólico” de determinado alimento. Essa, como já vimos, foi a base de sustentação e o calcanhar de aquiles do *Incanato* (período de maior influência Inca).

---

<sup>290</sup> Op. Cit. Murra, 1978. pp 178.

O cronista Inca Garcilaso de la Vega, registra as preocupações dos “*Reyes Incas*” ao deslocar os grupos habitantes da costa do Pacífico para colônias no interior:

*Por lo cual, como ya se ha dicho, tenían los Incas dada orden que cuando aí se transplantasen indios de una provincia a otra, que ellos llaman mítmac, siempre se cotejasen las regiones que fuesen de un mismo temple de tierra, porque no se les hiciese de mal la diferencia destemplada, pasándoles de tierra fría a tierra caliente o al contrario, porque luego mueren. Y por eso era prohibido bajar los indios de la sierra a los llanos, porque és muy cierto morir luego, dentro de pocos días.*<sup>291</sup>

Essa preocupação surge no discurso do cronista mestiço, como vimos no capítulo I, da tentativa de Garcilaso valorizar os feitos “nobres” da etnia Inca em seu processo de expansão. Sabemos que os saberes eco-lógicos que constituem as cosmovisões desenvolvidas nos lugares onde se produzem alimentos, não obedeceriam a uma razão simples de verossimilhança como tenta nos colocar Garcilaso. Em termos práticos, os cultivos podem até se desenvolver mas o fruto ou alimento não será o mesmo que era valorizado em outra eco-

---

<sup>291</sup> Op. Cit. Garcilaso, 1973. Tomo I, pp178.

região. Isso ainda se nota nos saberes encontrados nos dias atuais na região de Ayacucho:

*Cuando por alguna razón un campesino siembra cultivos de regiones distintas\_ que pueden parecer similares ecológicamente \_ ocurre a menudo que el cultivo crece, pero como ellos dicen: “se va en hojas”, o “solo da una campaña y luego no se da” mostrando con ello que para esas semillas, esas chacras no son de un ayllu que le es equivalente.<sup>292</sup>*

Reconhece-se, portanto, como já vimos, que cada semente se faz de acordo com sua *ayllu*, não somente pelas relações climáticas que a constituem, mas pelos saberes que a desenvolveram na relação direta dos elementos humanos e não humanos que as significavam. Além disso, volta-se a uma discussão promovida nos capítulos I e II e que se insere nos objetivos de todo esse trabalho ao tratar da contigüidade e mesmo a continuidade das eco-zonas, de suas semelhanças porém nunca como igualdade.

*Hay tantos centros como campesinos existen, pues la preferencia por una semilla no significa inevitablemente traerlo del supuesto*

---

<sup>292</sup> Op. Cit. Rengifo; Ishizawa, 1997. pp11.

*genocentro, microcentro o campesino conservacionista, sino de una zona particular que “conversa bien” con sus características, lo que no necesariamente significa coincidencia ecológica pues se pueden traer ciertas semillas de zonas en pisos altitudinales diferentes.*<sup>293</sup>

Nota-se que nem todas as definições de zonas ecológicas divididas de forma simples por seus níveis de altitude funcionam bem. Existe uma diversidade intrínseca que pode estar relacionada a fatores climáticos, latitudinais, de solo, influência de ventos e etc; como também ao modo como os campesinos que tratam dessas sementes nos diferentes ambientes. Por tais motivos a afirmação anterior de Garcilaso pode ser questionada, sabendo que esse processo de deslocamento para construção de novos ambientes que se assemelhavam aos antigos lugares de produção de alimentos, não era tão simples quanto a política pública narrada poderia indicar. Obviamente poderia haver o esforço nesse sentido, ainda que consideremos que essa visão de Garcilaso era construída também através de certos parâmetros pós-incaicos de se pensar esse novo ambiente.

Tais fatores nos trazem de volta a problemática central de pensarmos a (re)construção desses ambientes através de deslocamentos de energia e alimentos durante o processo de expansão. Ecologicamente, percebemos que existem dois fatores. Primeiro, uma reorganização do ambiente para um novo alimento

---

<sup>293</sup> Op. Cit. Rengifo; Ishizawa, 1997. pp13.



a ser produzido (e com eles outras diversas plantas consorciadas) que era(m) trazido(s) de uma zona semelhante para a tentativa de se expandir uma produção valorizada daquela eco-zona. Vimos, de certo modo, como essa reorganização ocorreria através do deslocamento de fluxos de energia no capítulo II. Tal ponto já indicaria uma grande necessidade de energia investida, o que por si só seria um argumento contra a ideia de um transplante de variedades por verossimilhança de outras regiões. Afinal, o aumento de energia investida demonstra que não existe um genocentro dado que se equivalha a qualquer outro dentro da cordilheira, por mais que trabalhem com as definições de zonas bem definidas de acordo com a altitude e a latitude.

O segundo ponto, relacionado a este primeiro, nos traz a dificuldade de pensarmos como esse deslocamento de cultivo implica não somente mudanças no ambiente mas na própria forma como esses novos habitantes o compreendem e o vivem. A estreita ligação entre as formas de cultivos e a observação dos elementos do cosmos, aparecem nas fontes do mesmo modo que a tratamos aqui, como uma forma de saber que se relaciona diretamente com cada ambiente:

*De como no sabían qué cosa era  
ayunar viernes, ni cuatro témporas,  
cuaresma, ni guardar fiestas, ni contar los  
domingos, sino contaban los domingos  
diez días, y un año, y los meses de la luna  
treinta días, y miraban el andar del sol, y  
el ruedo del sol y luna, sembrar la*

*sementera, miraban por la mañana el apuntar del sol y el poner del sol, y para coger el fruto y romper la tierra, y podar, y regar, y de otros beneficios que se hacen entendian los filósofos y astrólogos indios; y de ellos hasta hoy los entienden los viejos y los mozos que no saben leer ni escribir y pasan por ello los indios.*<sup>294</sup>

Percebe-se a diferenciação na construção desse saber nas palavras de Guaman Poma quando o mesmo difere um conhecer ameríndio ligado aos elementos da natureza, de um europeu dogmático cristão, no modo de se pensar o tempo a partir das práticas que se estabeleciam no cotidiano. Além disso, fica claro que esse conhecer andino que era transmitido oralmente, está ligado a um conjunto de saberes que são construídos de diferentes formas através das cordilheiras. Afinal, cada vez mais se reconhecem diferentes construções ligadas ao acompanhamento do movimento solar, como no exemplo emblemático de *Chankillo* no norte peruano. Esse saber que interatuava as formas de se olhar o cosmos e trabalhar a terra, corresponderia a uma percepção dos astros de acordo com referências locais como as montanhas e outros elementos do ambiente que obviamente variavam num ambiente verticalizado e extenso.

Ademais, cada planta trabalhada necessitaria um novo saber que deveria estar em consonância com esse novo espaço imaginado (tido como) semelhante. Já percebemos de que forma

---

<sup>294</sup> Op. Cit. Guaman Poma de Ayala, 2011, pp53

este era imposto e reorganizado pela administração Inca, que deslocava *buens hortelanos* e especialistas na construção de estruturas necessárias para bem cultivá-los. Mas não seria difícil imaginar como o deslocamento de um grande número de pessoas para plantios de alimentos, que os mesmos poderiam não estar acostumados a produzir, em um ambiente diverso e que envolveria outros conhecimentos, seria também um problema. Poderíamos, portanto, falar numa alteração de cosmovisões através desses deslocamentos dos cultivos alimentares? Se sim, corresponderiam essas alterações a uma cosmovisão imposta e conquistadora de outra etnia sobre outras? Ou seriam elas frutos dessa reconstrução de saberes em novos ambientes?

Para começarmos a desenvolver nossas conclusões, veremos como Garcilaso traz alguns dos saberes agroastronômicos atribuídos por ele e pelos outros cronistas à etnia Inca:

*Y desta manera dividian el año del otro regiédose para sus sembrados por el año solar, y no por el lunar. (...) También alcanzaron los equinocios y los solenizaron muy mucho. En el de marzo segaban los maizales del Cozco con gran fiesta y regocijo, particularmente el andén de Collcampata, que era como jardín del sol. El equinocio de septiembre hacían de las cuatro fiestas principales del sol, que*

*llamaban Cítua Raymi, quiere decir fiesta principal (...)*<sup>295</sup>

O predomínio do sol *Inti Raymi* como astro maior na cosmovisão incaica é uma visão que aparece de forma recorrente nos diversos escritos dos cronistas. Seu calendário agrícola, assim como aparece na obra de Guaman Poma, parece haver sido de fato baseado na percepção dos equinócios e solstícios. Apesar das negativas de Garcilaso nas palavras acima, aliados a estes elementos solares, os regimes de chuva se compreenderiam no consórcio com as fases lunares nesses respectivos períodos pré-definidos. Ou seja, a base do calendário poderia ser solar mas sua prática ocorre também com o entendimento das fases lunares e aparições de estrelas, como já vimos. Nestas datas se definiam festas, colheitas e construções de novas estruturas (*andenes*) para plantio de milho (*maizales*).

Seguindo ainda as palavras de Garcilaso, poderíamos compreender que as possíveis alterações nas cosmovisões andinas, se ocorridas, teriam sido fruto da *imposição* (grifo meu) de uma etnia sobre a outra. Os Incas, com seus saberes específicos e seu calendário bem definido, teriam estruturado uma nova forma de conhecer e se relacionar com o mundo através dos acordos com os chefes das etnias locais (*curacas*). Um saber pronto teria se colocado sobre outro. Tal ponto, reiterado por diversos cronistas, vai ao encontro da valorização e maior representação do milho sobre os outros alimentos, como

---

<sup>295</sup> Op. Cit. Garcilaso, 1973. Tomo I. pp118.

aqui já vimos. No entanto, a proposta desta pesquisa foi ir um pouco mais além e conceber as problemáticas dos deslocamentos como fundamentais para a construção e o desenvolvimento de novas relações com ambiente andino. Sabendo que os saberes eco-lógicos específicos de cada etnia ainda eram considerados, podemos concluir que os mesmos passaram por uma reconstrução junto com os novos ambientes aonde vieram a habitar ou trabalhar sazonalmente. Esse ponto parte da ideia que essas etnias não foram passivas no processo de expansão, tendo suas estratégias e conhecimentos também sido parte dos acordos com os Incas.

Tais acordos poderiam variar de formato dependendo do local, mas mantinham um certo padrão que assegurava a aliança até em zonas mais distantes como no norte do atual Equador. Como vimos no trabalho de Solomon, na região próxima a Quito, essa influência pode ter significado o apoio ou a falta dele quando da chegada espanhola. Os deslocamentos de mitmaqunas *Wayakuntus* para plantio de milho numa região outrora produtora de tubérculos e quinoa teve como efeito uma interação positiva com esse ambiente modificado, revelando o caráter sintrópico nesse metabolismo local<sup>296</sup>. Por outro lado, diferentemente de outros casos, essa etnia deslocada pareceu apoiar os Incas, enquanto a etnia local, que manteve-se na produção de tubérculos ao sul da mesma zona, teria se insurgido contra o incanato.

Esses fatores complexificam ainda mais nossa hipótese demonstrando que a mesma poderia também variar dependendo

---

<sup>296</sup> Op. Cit. Solomon, 1998.

da região onde se transformavam as relações entre as etnias e o ambiente. Solomon divide essas duas variantes de acordo com a ideia de fronteira externa e fronteira interna<sup>297</sup>. Ou seja, para este autor, as relações poderiam variar conforme se distanciavam de Cusco, ocorrendo de uma forma nos Andes centrais e de outra nas regiões mais afastadas da cordilheira ao norte ou ao sul. Remetendo a ideia de centro/periferia, essa visão nos coloca que as relações desenvolvidas nesses acordos variam proporcionalmente às distâncias de Cusco.

Em parte, a conclusão do autor demonstra que este tipo de relações leva a necessidade de se imaginar um território Inca como um conjunto de vinculações estabelecidas entre distintas regiões ao largo dos Andes e não como um Estado integrado e homogêneo. Por isso se destacou aqui a importância de se compreender esses vínculos entre zonas do exterior e do interior dos Andes Centrais. Estes ocorreriam através de uma grande malha de armazenamento e redistribuição de beneficiados agrícolas formando os laços de comunicação que foram fatores fundamentais numa “unificação” e manutenção dos nexos de áreas distantes com Cusco.

No nosso caso, nos debruçamos mais na preocupação da transformação desse metabolismo através da produção desses alimentos. Verificamos então que essa reconstrução do ambiente e modificação das cosmovisões são furtos dos deslocamentos de pessoas, águas e cultivos alimentares que juntos formavam esse organismo diverso. Isso indica que não teria havido um processo

---

<sup>297</sup> Op. Cit. Solomon, 1998. pp57.

homogeneizante de imposição de um saber sobre o outro. Sendo assim, os possíveis conflitos advindos dessas relações estariam intrincados diretamente com os problemas do deslocamento para trabalho (*mit'a*) nas diferentes regiões, o que alteraria uma cosmovisão formada com o ambiente outrora habitado.

O caso da papa se difere do milho pelo lugar que cada um ocupava não apenas na estrutura alimentar andina, mas nos reflexos interiores a uma cosmovisão específica de cada variedade desses alimentos. Tanto um como outro são denominados como pão andino, ou seja, como um alimento base para pensarmos as relações sócio-políticas-metabólicas, principalmente durante o período incaico. No entanto, como vimos neste capítulo, são as alterações cosmológicas que nos trouxeram maior ou menor informação dos saberes envolvidos nessa produção. Como os textos dos cronistas foram produzidos logo ao final do período de influência Inca nessas regiões, ficou destacada uma cosmologia do milho que acabou elevando este a um papel central nos estudos sobre esses saberes eco-lógicos. Os saberes e ritos relacionados a papa não aparecem bem organizados nessas fontes que analisamos.

Tentamos aqui problematizar essa construção histórica no sentido de entender esses dois alimentos como fundamentais dentro de diferentes cosmovisões andinas, que possuíam entre si aspectos comuns mas variáveis como no caso da representação da *Chakana* (na agroastronomia andina) e da perspectiva dual de ocupação do ambiente. Dentro do objetivo geral do trabalho essa observação colabora na compreensão de como a lógica de

ocupação e habitação desse ambiente define e é definida por uma cosmovisão. Além disso, possibilita entender como a complexa relação de reciprocidades e trocas de beneficiados agrícolas foi complexa e variável como o próprio ambiente da cordilheira. Consideramos, nesse sentido, estas características fundamentais para o sucesso da expansão Inca bem como para sua iminente queda.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

### **Transformações e descentralização? O início do fim.**

O tempo de expansão da etnia Inca talvez tenha compreendido um período curto se comparado aos grandes movimentos da história. Um pouco mais de cem anos foram suficientes para o estabelecimento e a decadência de uma das mais populosas organizações humanas vistas no continente americano até então. Vimos como essa se expandiu acompanhando a formação das serras e habitando as inclinadas ladeiras da cordilheira andina tendo na relação com esse ambiente seu fator preponderante.

Como observamos durante todo o trabalho, em um dos aspectos que nortearam nossos objetivos, utilizamos o arquétipo da montanha para tentar romper com uma dialética entre homem e natureza descrita pelas crônicas. Para isso colocamos essa cordilheira e seus picos nevados num contexto de movimentação e ação histórica, o que também possibilitaria concluir sobre a hipótese proposta inicialmente, de que o mesmo processo que constitui essa reconhecida expansão Inca, pode ter sido o que semeou sua futura queda. Esse foi um dos eixos dos três capítulos anteriores.

Para alcançar essa primeira hipótese mencionada utilizamos algumas estratégias que visaram entender a construção desse lugar com base no movimento. Uma delas foi a ideia de circulação de fluxos de energia através da análise simbiótica entre os deslocamentos dos *mitmaes* e das águas que provinham das

mais altas regiões andinas como visto principalmente no capítulo II. Isso colocou em cheque a própria ideia de poder centralizado na figura construída de um Estado ou de um Império. Seguindo essa linha de pensamento, vimos que faltam termos específicos que definam o metabolismo que foi o *Tawantinsuyu*. Logo, percebendo a dinâmica sócio-ambiental, notamos também que a organização incaica viria não somente como uma imposição de uma etnia sobre a outra, mas que os acordos feitos se baseavam igualmente nos interesses das etnias locais (nas mãos dos *curacas*) que coordenavam esses deslocamentos entre as diferentes eco-zonas. Acumular e deslocar saberes, assim como o funcionamento dos diferentes sistemas de manejo hidráulicos, ilustraram esse primeiro ponto destacado dentre os objetivos propostos.

A análise das transformações desses ambientes somente foi possível, a partir do entendimento sobre como as concepções que dele temos nos dias atuais foram frutos de uma construção conjunta entre as diversas visões que o pensaram e habitaram ao longo dos últimos séculos. Nesse sentido, o capítulo I contribuiu para observar que as problemáticas advindas das diferentes visões sobre os Andes a partir dos cronistas, e que, em certa medida o re-constroem, não são um impedimento para a análise. Se buscou os pontos de encontro entre esses diversos arquétipos e personagens do primeiro século colonial. Cada um a seu modo, abriu possibilidades de se perceber que a diversidade desses ambientes verticalizados era física mas também representacional de acordo com cada vivência (ou ausência de vivência) que se

teve com ele. Mais que se reter em barreiras ou limites de análise e geográficos, tentou-se abrir caminho para se pensar em circulações, interações e movimento. Tal foi o principal objetivo do capítulo I que pretendeu também entender esse ambiente como uma relação de lugares integrados que nos leva a outra das problemáticas iniciais: a ideia de etnias separadas em ilhas de produção formando entre si um arquipélago.

Essa ideia, cara aos autores que também estudam as relações andinas por um viés sócio-ambiental<sup>298</sup>, foi construída em um contexto histórico específico que se relacionava com percepções da ecologia e da biologia que hoje vem se modificando. Por isso, a contribuição pretendida aqui inicialmente, foi perceber de que forma essas eco-zonas se interligavam e não se separavam em nichos fechados. Notou-se nesse viés, que mais que uma complementariedade entre estas, houve um aumento do complexo metabólico a partir das interações potencializadas durante a expansão Inca. Caracterizamos esse aumento a partir do estudo dos fluxos de energia que se deslocavam pela cordilheira.

No capítulo II, como dito, partiu-se desse último ponto para se pensar o manejo hidráulico como caminho das águas e a formação de saberes em movimento pelo deslocamento dos trabalhadores e habitantes ao longo da cordilheira. Notou-se que as diversas formas de saberes desenvolvidos nesse manejo estariam relacionadas com aspectos de cada lugar variando no

---

<sup>298</sup> Tendo sido os principais nomes, como vimos: John Murra, Nathan Wachtel, Zuidema, Urton e Rostworowski.

tempo. Através de um jogo de se compreender as águas e os saberes a partir de um movimento entre retenção e circulação, se propôs reconhecer em que medida um *input* ou *output* energético poderia revelar a complexificação ou não de determinada formação de um metabolismo social com seu ambiente. Reconhecer que cada eco-região contribuía com um ou mais saberes, que a medida que se colocavam a serviço de outras etnias poderiam se alterar em escala e forma. Analisar esses modos de manejo não foi um simples estudo das tecnologias ou dos modos de adaptação a esses ambientes, mas um reconhecimento que havia neles um potencial de energia que, utilizado a partir de um método racional de aproveitamento organizacional, os transformaram.

O capítulo III colaborou para compreender em que medida essa circulação de energia foi se materializando no alimento que além de ser consumido ou descartado dentro de um complexo metabólico, era também pensado dentro do movimento do cosmo. Foi refletindo sobre suas relações entre o conhecimento local no cotidiano do plantio e dos aspectos de longa duração que incidiam no planejamento e execução do mesmo, que se caminhou entre diferentes alimentos e temporalidades para se observar em que medida foi problemático se forçar os deslocamentos de pessoas em grande escala durante o processo de expansão Inca. As cosmovisões alteradas indicam que houve um deslocamento não somente espacial mas também de temporalidade, por que a medida que se transformavam as perspectivas construídas numa observação de longa duração,

ocorriam num curto prazo alterações ambientais que seguiam novos padrões que se monumentalizaram dentro de um organismo mais extenso. Obviamente esse processo não ocorreu através de uma ruptura drástica mas, como já dissemos, a partir de negociações entre as diferentes etnias durante essa expansão.

A utilização dos principais tipos de alimento retratados nas crônicas demonstrou, portanto, que o destaque dado para as espécies de milho que representavam esse câmbio nos parâmetros andinos de produção e de se relacionar com o ambiente, foi fruto do aumento de influência da cosmovisão Inca. Percebeu-se, no entanto, através das papas e demais tubérculos, que houve uma permanência nas cosmovisões pré-incas bem como dos saberes que se relacionavam com outros elementos do cosmos além do Sol (*Inti Raymi*). Alguns autores afirmam que esses dois principais alimentos constituíram a base da complementariedade andina ou mesmo de seu pensamento dual (*Hunin/Hanan pacha*).

Porém o que tentamos enfatizar além disso aqui, foi a possível consequência de quando existe uma modificação ou alteração do ambiente junto com o cultivo que servia como base de sustentação de determinadas zonas. O aumento das terras para cultivo de milho, demandaram saberes especializados e novas estruturas que propiciaram uma maior circulação de elementos dentro do ambiente andino. A construção de uma nova (eco) lógica que surge dessa interação caracteriza o ponto alto do *Tawantinsuyu* mas também como podemos verificar, um fator preponderante para sua queda.

Portanto, analisar o processo de expansão da etnia Inca durante o século XV com os olhos da história ambiental, possibilitou a união dos três pilares que Worster coloca numa proposta de perspectiva agroecológica da história. Foi pensando na interação entre estes pontos, ou seja, entendo as características do ambiente (sabendo que também trabalhamos com construções humanas sobre elas), bem como a transformação ocorrida no mesmo (transformação como saber e ação integrados) e os ideais que surgem da maneira que o homem se relaciona com este (ligado a esses dois fatores) que buscamos compreender a fluidez dessa história que não pode ser analisada sem ter as montanhas andinas como protagonistas.

## BIBLIOGRAFIA:

ADORNO, Rolena. Paradigmas Perdidos: Guamán Poma examina la sociedad española colonial: Guamán Poma examina la sociedad española colonial. *Revista Chungará*, Arica, n. 13, p.67-91, 1984.

\_\_\_\_\_. Contenidos y contradicciones: : la obra de Felipe Guaman Poma y las aseveraciones acerca de Blas Valera.. **Ciberletras: Revista de crítica literaria y de cultura**, New Haven, n. 2, p.2-23, 2000. Disponível em: <<http://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v01n02/Adorno.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2016

ALFARO MORENO, Julio et al. La organización social del riego. **Ruralter**, Lima, n. 9, p.11-44, 1991.

ALTIERI, Miguel. **Agroecología: bases científicas para uma agricultura sustentável**. Guaíba/RS: Ed. Agropecuária, 2002.

ANDERS. Martha B. **Historia y etnografía: Los mitmaq de Huánuco em las visitas de 1549, 1557 y 1562**. Lima: Instituto de estudios peruanos (ed.), 1990.

ANDÍA, Juan Javier Rivera. Ritos agrícolas en el valle de Chancay (Lima): Testimonios sobre las celebraciones en torno a la limpieza de acequia recopilados 40 años después. **Anthropologica**, Lima, v. 20, n. 20, p.309-332, 2002.

ARCURI, Marcia. O Tahuantinsuyu e o poder das huacas nas relações centro x periferia de Cusco. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia.**, São Paulo, n. 8, p.37-51, 2009.

\_\_\_\_\_. Tribos, Cacicados ou Estados?: A dualidade e centralização da chefia na organização social da América pré-colombina.. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 17, p.305-320, 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/revmae/article/view/89795>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

AUSTIN, Alfredo López. Sobre el concepto de cosmovisión. In: GÀMEZ ESPINOSA, Alejandra; AUSTIN Alfredo López (coords.). **Cosmovisión mesoamericana**. Reflexiones, polémicas y etnografías. Ciudad de México: FCE, Colmex, FHA, BUAP, 2015. pp 17- 51.

AVILA, Juan Fernando Villafana. **Sistemas hidráulicos incas**. Lima: Lluvia Editores, 1986.

BAUER, S. Brian and SMIT, Douglas K. Separating the wheat from the chaff: Inka myths, Inka legends and the Archaeological evidence for state development. In: SHIMADA, Izuda (ed.). **The Inka Empire: A Multidisciplinary Approach**. Austin: University Texas Press, 2015. pp 67 – 80. Disponível em: [http://www.academia.edu/20564648/Separating\\_the\\_Wheat\\_from\\_the\\_Chaff\\_Inca\\_Myths\\_Inca\\_Legends\\_and\\_the\\_Archaeological\\_Evidence\\_for\\_State\\_Development\\_In\\_The\\_Inka\\_Empire\\_A\\_Multidisciplinary\\_Approach\\_Edited\\_by\\_Izumi\\_Shimada.University\\_of\\_Texas\\_Press\\_Austin\\_2015](http://www.academia.edu/20564648/Separating_the_Wheat_from_the_Chaff_Inca_Myths_Inca_Legends_and_the_Archaeological_Evidence_for_State_Development_In_The_Inka_Empire_A_Multidisciplinary_Approach_Edited_by_Izumi_Shimada.University_of_Texas_Press_Austin_2015). Acesso em: 20 de janeiro de 2017.

BERNAND, Carmen e GRUZINSKI, Serge. **História do Novo Mundo 2: as mestiçagens**. São Paulo: EDUSP, 2006.

BERTAZONI, Cristina. O sacrifício Inca e as extirpações de idolatrias no Peru. In: BERTAZONI, Cristiana.; SANTOS, Eduardo N. dos.; FRANÇA, Leila Maria (ORGS.) **História e Arqueologia da América indígena: tempos pré-colombianos e coloniais**. Florianópolis: Editora UFSC, 2017. pp261 - 272.

BRAILOVSKY, Antonio E. **Historia ecológica de America: de los Mayas al Quijote**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2006.

BRAUDEL, Fernand. **Introdução; O peso e o número; O pão de cada dia**. In BRAUDEL, Fernand. **Civilização**



**materiale capitalismo.** Lisboa (1967); Rio de Janeiro (1970): Edições Cosmos, Tomo I. 1970, pp 09-12; pp17-83; 84-

BRODA, Johanna. Cosmovisión como proceso histórico: el estudio comparativo del calendario anual de fiestas indígenas en Mesoamerica y los Andes. In: GÀMEZ ESPINOSA, Alejandra; AUSTIN Alfredo López (coords.). **Cosmovisión mesoamericana.** Reflexiones, polémicas y etnografías. Ciudad de México: FCE, Colmex, FHA, BUAP, 2015. pp161- 212.

\_\_\_\_\_. La cultura etnoagroecológica en la región Tetzoco-Calpulalpan: una visión comparativa. In: PÉREZ, Francisco Castro. **Colapsos ambientales, transiciones culturales.** Ciudad de México: UNAM (ed.) vol.33, 2006. pp. 151-213. Disponível em: [http://132.248.9.9/libroe\\_2007/1129828/A08.pdf](http://132.248.9.9/libroe_2007/1129828/A08.pdf). Acesso em março de 2017.

BROKAW, Galen. Semióticas, estéticas e o conceito quéchua de *quilca*. In: BERTAZONI, Cristiana.; SANTOS, Eduardo N. dos.; FRANÇA, Leila Maria (ORGS.) **História e Arqueologia da América indígena:** tempos pré-colombianos e coloniais. Florianópolis: Editora UFSC, 2017. pp. 24-44.

BRUSH, Stephen B.; TAYLOR, J. Edward. Diversidad biológica en el cultivo de papa. In: **La Chacra de la Papa:** economía y ecología. Lima: Centro Peruano de Estudios Sociales (CEPES), 1992. pp. 215-259.

CANZIANI, J. **Paisajes culturales y desarrollo territorial en los Andes.** Lima: Cuadernos de Arquitectura y Ciudad - Edición.Digital\_001. 120 pp. Universidad Católica del Perú, 2007. pp Disponível em: <http://repositorio.pucp.edu.pe/index/handle/123456789/28683>. Acesso em 23 de outubro de 2016.

\_\_\_\_\_. El Imperio Inka: la integración macrorregional andina y el apogeo de la planificación. **Cuadernos Arquitectura y Ciudad**. Lima: Universidad Católica del Perú, 2006. Disponível em: <http://repositorio.pucp.edu.pe/index/handle/123456789/28680>  
Acesso em: 28 de outubro de 2016.

\_\_\_\_\_. Las lomas de Atiquipa, un caso de paisaje cultural en la costa desértica del sur del Perú. In: **Paisajes culturales en los Andes**. Memoria Narrativa, Casos de Estudio, Conclusiones y Recomendaciones de la Reunión de Expertos. Arequipa y Chivay: UNESCO, 1998. Disponível em: <http://www.bcin.ca/Interface/openbcin.cgi?submit=submit&Chikey=393794>. Acesso em 25 de novembro de 2016.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa. **História**, São Paulo, v. 30, n. 1, p.349-371, jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v30n1/v30n1a17.>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

CERTEAU, M. **A operação historiográfica**. In CERTEAU, M. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982. pp 56-109.

CHARTIER, Roger. **Por uma sociologia histórica das práticas culturais; Textos impressos, leituras. Práticas e representações: leituras camponesas em França do século XVIII; Cultura política e cultura popular no Antigo Regime**. (1988). In *História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Ed. Difel: Lisboa, 1990, pp. 13-29; 121-140; 189-214.

CLASTRES, Pierre. Mitos e ritos na América do Sul. **Arqueologia da violência: Ensaios de Antropologia Política**. São Paulo: Editora brasiliense, 1982. pp 63 – 104.

CIEZA DE LEÓN, Pedro de. **La crónica del Perú**. Madrid: Dastin, 2000.

COOK, Noble David; ESPINOZA, Javier Flores. **La catástrofe demográfica andina: Perú, 1520-1620**. Lima: Fondo Editorial, Pontificia Universidad Católica del Perú, 2010.

CORBIN, Alain. **O território do vazio**: A praia e o imaginário ocidental. Tradução Paulo Neves – São Paulo: Companhia das letras, 1989.

COSTIN, Cathy Lynne; EARLE, Timothy. Status distinction and legitimation of power as reflected in changing patterns of consumption in late prehispanic Peru. **American Antiquity**, Cambridge, v. 54, n. 4, Cambridge University Press, 1989. pp 691-714. Disponível em:[http://www.jstor.org/stable/280677?origin=crossref&seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/280677?origin=crossref&seq=1#page_scan_tab_contents)

CRONON, W. **Changes in the land**: Indians, colonists, and the ecology of New England. New York: Hill and Wang, 1983.

\_\_\_\_\_ **Un lugar para relatos: naturaleza, historia y narrativa**. In PALACIO, G; ULLOA, A. Repensando la naturaleza: Encuentros y desencuentros disciplinarios en torno a lo ambiental. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia - Sede Leticia; Instituto Amazónico de Investigaciones Imani; Intituto Colombiano de Antropología e Historia; Colciencias, 2002. pp 29-65

CUSHMAN, Gregory T. The Environmental Contexts of Guaman Poma: Interethnic Conflict over Forest Resources and Place in Huamanga (Peru), 1540-1600. In: **Unlocking the Doors to the Worlds of Guaman Poma and His Nueva Corónica**. Edited by Rolena Adorno and Ivan Boserup.

Copenhagen: Museum Tusculanum Press, 2015. Distributed by University of Chicago Press. Pp 37-90.

DE ALMEIDA, Maria Regina Celestino. História dos índios na América:: abordagens interdisciplinares e comparativas. **Revista Tempo**, São Paulo, v. 12, n. 23, p.196-198, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=167013398011>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

DE QUEIROZ, Maria José. Leão Hebreu e Garcilaso de la Vega, o Inca: um encontro à sombra de Platão. **Revista Digital de Estudos Judaicos da Ufmg**, Belo Horizonte, v. 6, n. 10, p.93-101, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/1840>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

DE VELASCO, Juan López. **Geografía y descripción universal de las Indias**. Madrid: Ediciones Atlas, 1971. Disponível em: [https://archive.org/stream/sixteenthcent00lboprich/sixteenthcent00lboprich\\_djvu.txt](https://archive.org/stream/sixteenthcent00lboprich/sixteenthcent00lboprich_djvu.txt). Acesso em janeiro de 2016.

DILLEHAY, Tom. El colonialismo Inka, el consumo de chicha y los festines desde una perspectiva de banquetes políticos. **Boletín de Arqueología Pucp**, Lima, n. 7, p.355-363, 2012. Disponível em:<<http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/boletindeferqueologia/article/view/1998>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

\_\_\_\_\_; NETHERLY, Patricia. La frontera del estado inca. Quito: Fundación Alexander von Humboldt, Editora Abya-Yala, 1998. Disponível em: <https://repository.unm.edu/bitstream/handle/1928/10781/La%20frontera%20del%20estado%20inca.pdf?sequence=1>. Acesso em: 17 de outubro de 2016.

DOLLFUS, Olivier. The tropical Andes: a changing mosaic. In: **Anthropological History of Andean Polities**. Cambridge University Press: New York, 1986. Pp 11 – 22.

DUVIOLS, Pierre; ADORNO, Rolena; LÓPEZ-BARALT, Mercedes. **Sobre Waman Puma de Ayala**. La Paz: Hisbol, 1987. pp 43-92. Disponível em:

em:[https://books.google.com.br/books/about/Sobre\\_Waman\\_Puma\\_de\\_Ayala.html?id=GHgaAAAAYAAJ&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/Sobre_Waman_Puma_de_Ayala.html?id=GHgaAAAAYAAJ&redir_esc=y). Acesso em: maio de 2016.

\_\_\_\_\_. La dinastía de los Incas: ¿ monarquía o diarquía?: Argumentos heurísticos a favor de una tesis estructuralista.. **Journal de La Société Des Américanistes**. Paris, p. 67-83. jun. 1979. Disponível em: <[http://www.persee.fr/doc/jsa\\_0037-9174\\_1979\\_num\\_66\\_1\\_2171](http://www.persee.fr/doc/jsa_0037-9174_1979_num_66_1_2171)>. Acesso em: 11 jun. 2016.

EARLS, John. Coordinación de la proucción agrícola em el Tawantinsuyu. In: PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL SOBRE CULTIVOS ANDINOS, 1., 1977, Ayacucho. **Coordinación de la proucción agrícola em el Tawantinsuyu**. Ayacucho: Unsch-hca, 1977. p. 12 – 24.

ENCISO, Alfredo Jose; MENDOZA, Alberto Bueno. El ayni y la minka: dos formas colectivas de trabajo de las sociedades pre-Chavin.. **Investigaciones Sociales**, Lima, v. 15, n. 27, p.43-75, 2011. Disponível em: <<http://revistasinvestigacion.unmsm.edu.pe/index.php/sociales/article/view/7659>>. Acesso em: 11 set. 2016.

\_\_\_\_\_; ZAPATA, Marco Tulio. Un caso de fisura labiopalatina o " boca-de-lobo" en Makatampu, valle del Rimac, Perú, siglos XV-XVI. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 20, p.361-380, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/89941>>. Acesso em: 23 out. 2016.

ESCOBAR, Arturo. **El lugar de la naturaleza y la naturaleza del lugar: globalización o postdesarrollo?** In: Edgar Lander (comp.), *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires,

Argentina: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2005. Pp 133-168.

ESTERMANN, Josef. **Si el Sur fuera el Norte:** Chakanas interculturales entre Andes y Occidente. Quito: Editorial Abya Yala, 2008.

ESTHELMAN, Catharine Good. Las cosmovisiones, las historia y la tradición intelectual em Mesoamérica. In: GÀMEZ ESPINOSA, Alejandra; AUSTIN, Alfredo López (coords.). **Cosmovisión mesoamericana.** Reflexiones, polémicas y etnografías – México: FCE, Colmex, FHA, BUAP, 2015. pp 139 – 160.

FERNANDÈZ, Eduardo Grillo. Vision Andina del Paisaje. In: **Sociedad y naturaleza em los Andes.** Lima: PRATEC. PPEA/PNUMA. Tomo I, 1990.

FRANCOU, B; Sémiond H.(1997). Estado de la red de moniteero existente e impactos de los eventos ENSO sobre el balance de masa de los glaciares en Bolivia y en el Peru. In: **Montanas, glaciares y cambios climaticos: memorias.** Quito: EPN; ORSTOM; FUNDACYT, 1997. pp 43-51. Disponível em [http://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins\\_textes/pleins\\_textes\\_7/b\\_fdi\\_03\\_01/010011853.pdf](http://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/pleins_textes_7/b_fdi_03_01/010011853.pdf) > Acesso em maio de 2017.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso:** os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GALÀN DE MERA, Antonio Galán de et al. La vegetación de la alta montaña andina del sur del Perú. **Servicio de Publicaciones**

**Acta Botánica Malacitana**, Málaga, n. 28, p.121-147, 2003.

Disponível em:

<<https://riuma.uma.es/xmlui/handle/10630/3804>>. Acesso em: 21 maio 2016.

GARAYCOCHEA, Carlos F.. La articulación económica prehispánica del Peru sur andino. **Diálogo Andino**, Tarapacá, n. 49, p.197-207, 2016. Disponível em:

<[http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0719-26812016000100020&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0719-26812016000100020&script=sci_arttext). Acesso em março de 2017>. Acesso em: 09 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. Los límites del modelo económico de Murra. **Allpanchis**, Lima, v. 41, n. 76, p.173-232, 2010.

GARCILASO DE LA VEGA, Inca. **Comentarios reales de los Incas**. Lima: Biblioteca Peruana - Ediciones Peisa, Tomo I, II, III, 1973.

GARRAFA, Rodolfo Sanchez. Simbolismo y ritualidad en torno a la papa en los Andes. **Investigaciones Sociales**, Lima, v. 15, n. 27, p.15-42, 2011.

GEARY, P. J. Uma paisagem envenenada etnicidade e nacionalismo no séc. XIX. In. **O mito das nações: A invenção do nacionalismo**. São Paulo: Conrad, 2005. p. 27 – 55.

GINZBURG, Carlo. Decifrar um espaço em branco. In: **Relações de força: história, retórica e prova**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.pp 59-78.

GIOVANNETTI, Marco Antonio; RAFFINO, Rodolfo. Piedra raja: La arquitectura hidráulica INKA de escala monumental en El Shincal de Quimivil. **Estudios Atacameños**, San Pedro do Atacama, n. 42, p.33-52, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-10432011000200003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-10432011000200003&script=sci_arttext)>. Acesso em: 10 jan. 2017.

GONZÁLEZ DE MOLINA, M.; V. M. TOLEDO.

**Metabolismos, naturaleza e historia:** Hacia una teoría de las transformaciones socioecológicas, Barcelona: Icaria, 2011.

\_\_\_\_\_; MARTINEZ ALIER, Joan.

**Historia y Ecología.** Serie Ayer, nº 11, Madrid: Asociación de Historia Contemporánea-Marcial Pons, 1993.

GRAVES, Christine (Ed.). **La papa: tesoro de los andes: de la agricultura a la cultura.** International Potato Center: Lima, 2000.

GRUZINSKI, Serge. **Introdução; A pintura e a escrita; Conclusão.** In: A colonização do imaginário: sociedades indígenas e colonização do México espanhol – Séculos XVI-XVIII. (1988). Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cia das Letras, 2003, pp. 13-112; 409- 412.

GUAMAN POMA DE AYALA, Felipe. **Nueva crónica y buen gobierno. Vol. I e II.** Lima: Ebisa, 2011.

HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre redes e aglomerados de exclusão. In: INÁ, Elias de. Et al: **Geografia: conceitos e temas.** 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HERRERA WASSILOWSKY, A. 2011. **La recuperación de tecnologías indígenas.** Arqueología, tecnología y desarrollo en los Andes. Lima: Universidad de los Andes, CLACSO, Instituto de Estudios Peruanos, PUNKU Centro de Investigación Andina, 2011. Disponível em:

<http://bvsde.org.ni/clacso/publicaciones/Recuperaciondetecnologias.pdf> Acesso em: 12 de dezembro de 2016

HROCH, Miroslav. **Do movimento nacional à nação plenamente formada:** o processo de construção nacional na Europa. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org). Um Mapa da Questão Nacional. 1º edição. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. Cap. 3, p. 85-107.



INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição; tradução de Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p.25-44, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832012000100002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832012000100002&script=sci_arttext)>. Acesso em: 02 ago. 2016.

JENNINGS, Justin; CRAIG, Nathan. Politywide analysis and imperial political economy: The relationship between valley political complexity and administrative centers in the Wari empire of the central Andes. **Journal Of Anthropological Archaeology**. Chicago, p. 479-502. jun. 2001. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S027841650190385X>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

JONG, Gerardo M. Agricultura Peruana de la sierra: Una estructura productiva milenaria define las posibilidades del presente. Capítulo IV. En: **Introducción al método regional**. Lipati-UNC: Neuquén, 2001. Pp 60-71. Disponível em: <[http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal6/Geografiasocioeconomica/Geo\\_grafiaagricola/468.pdf](http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal6/Geografiasocioeconomica/Geo_grafiaagricola/468.pdf)> Acesso em 12 de maio de 2015.

KIESS, Rudolf. 1996. The word Forst/Forest as an indicator of fiscal property and posible consequences for the history of Western European forests. In: WATKINS, Charles (ed.), **European woods and Forests: Studies in cultural history**. Cambridge: University Press, 1996. pp. 11-18.

KNUDSON, Kelly J.; TUNG, Tiffany A.. Investigating regional mobility in the southern hinterland of the Wari Empire: biogeochemistry at the site of Beringa, Peru. **American Journal Of Physical Anthropology**. Washington, p. 299-310. Não é um mês valido! 2011. Disponível em:

<<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/ajpa.21494/full>>. Acesso em: 24 jul. 2016.

KOZIOSKI, Gilberto Vilmar; CIOCCA, Maria de Lourdes Santorio. Energia e sustentabilidade em agroecossistemas. **Ciencia Rural**, Santa Maria, v. 30, n. 4, p.737-745, 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84782000000400031&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84782000000400031&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 28 jun. 2016.

LA CHIOMA, Daniela. Música, morte e transcendência no período Intermediário Inicial andino. In: BERTAZONI, Cristiana.; SANTOS, Eduardo N. dos.; FRANÇA, Leila Maria (ORGS.) **História e Arqueologia da América indígena: tempos pré-colombianos e coloniais**. Florianópolis: Editora UFSC, 2017. pp 127-138.

LEON-PORTILLA, Miguel. **Visión de los Vencidos: relaciones indígenas de la conquista**. Ciudad de Mexico: Ediciones de la Universidad Autonoma, 1959.

LUCHT, Roswitha. Una nueva lectura de la Visita a Chucuito (1567): Interrelaciones múltiples y el ganado de la comunidad. **Indiana**, v. 21, p. 175-194: Berlin, 2004. Disponível em: <http://journals.iai.spk-berlin.de/index.php/indiana/article/viewFile/1895/1533> Acesso em: 12 de setembro de 2016.

INBAR, Moshe; BENAVIDES, Maria A. **Conservación y abandono de andenes**. Lima: Universidad Nacional Agraria La Molina, 2004.

MAHULIKAR, Shripad P.; HERWIG, Heinz. Exact thermodynamic principles for dynamic order existence and evolution in chaos. **Chaos, Solitons & Fractals**, Londres, v. 41,

n. 4, p.1939-1948, 2009. Disponível em:  
<<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0960077908003548>>. Acesso em: 12 maio 2016.

**MANGA QUESPI**, Atuq Eusebio Manga. Pacha: un concepto andino de espacio y tiempo. **Revista Española de Antropología Americana**, Madrid, n. 24, p.155-175, 1994. Disponível em:  
<<http://europa.sim.ucm.es/compludoc/AA?articuloId=690543>>. Acesso em: 02 mar. 2017.

MARIÑO, Carlos Choque; PIZARRO, Elías Pizarro. El Colesuyu Meridional: Espacio de articulación económica y cultural hispano-indígena en la segunda mitad del siglo XVI. **Allpanchis**, Arequipa, v. 73, n. 74, p.241-267, 2009. Disponível em:  
<[https://www.researchgate.net/profile/Carlos\\_Choque/publication/279516434\\_El\\_Colesuyu\\_Meridional\\_Espacio\\_de\\_articulacion\\_economica\\_y\\_cultural\\_hispano-indigena\\_en\\_la\\_segunda\\_mitad\\_del\\_siglo\\_XVI/links/5594537708ae5d8f392f6511.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Carlos_Choque/publication/279516434_El_Colesuyu_Meridional_Espacio_de_articulacion_economica_y_cultural_hispano-indigena_en_la_segunda_mitad_del_siglo_XVI/links/5594537708ae5d8f392f6511.pdf)>. Acesso em: 03 jul. 2016.

MARTINS, Cristina Bertazoni. Andes e Amazônia: história e arqueologia Inca no baixo Rio Madre de Dios. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 19, p.273-283, 2009. Disponível em:  
<<http://www.periodicos.usp.br/revmae/article/view/89890>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. Representações do Antisuyu em El primer nueva corónica y buen gobierno de Felipe Guamán Poma de Ayala. **Revista de História**, São Paulo, v. 153, p.117-138, 2005. Disponível em:  
<<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19008>>. Acesso em: 30 set. 2016.

MASSON MEISS, Luis. Contribución al conocimiento de los andenes. **Sepia**, Arequipa, p.21-45, 27 ago. 1993. Disponível em:  
<<http://www.sidalc.net/cgi-bin/wxis.exe/IsisScript=BIBLIOPE.xis&method=post&formato=2&cantidad=1&expresion=mfn=035650>>. Acesso em: 21 dez. 2016.

MATIENZO, Alberto Regal. **Los trabajos hidráulicos del Inca en el antiguo Perú**. Lima: Instituto Nacional de Cultura, 2005

MATOS, Pino; LUIS, José. El ushnu Inka y la organización del espacio en los principales tampos de los wamani de la sierra central del Chinchaysuyu. **Revista Chungará**, Arica, v. 36, n. 2, p.303-311, 2004.

MCEWAN, Colin. Reconhecendo e demarcando a paisagem andina: perspectivas radial, concêntrica e hierárquica. In: BERTAZONI, Cristiana.; SANTOS, Eduardo N. dos.; FRANÇA, Leila Maria (ORGS.) **História e Arqueologia da América indígena: tempos pré-colombianos e coloniais**. Florianópolis: Editora UFSC, 2017. pp 99 – 125.

MCNEILL, William H.. How the potato changed the world's history. **Social Research**, Nova York, v. 66, n. 1, p.67-83, 1999. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40971302>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

MELIÀ, B. **El Guaraní Conquistado y Reducido**. Ensaios de Ethnohistoria. 4ª Ed. Asunción: CADUC: CEPAG, 1997.

MELLO E SOUZA, Laura de. O Novo mundo entre Deus e o Diabo. In. **O Diabo e a terra de Santa Cruz**. São Paulo: Cia das Letras, 1986. pp 21 – 86.

#### **O inferno Atlântico:**

demonologia e colonização, séculos XVI-XVIII. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993.

MENDOZA, Román Robles. Sistemas de riego y ritualidad andina en el valle del Colca/Irrigation Systems and Andean Ritualism in the Colca Valley. **Revista Española de Antropología Americana**, Madrid, v. 40, n. 1, p. 197-217, 2010. Disponível em: <http://search.proquest.com/openview/d9c97b933385d4b777e1e4d836d1c8b/1?pq-origsite=gscholar&cbl=15432>. Acesso em 12 de outubro de 2016

MIGNOLO, Walter D. The Colonization of Space. In: **The Darker Side of the Renaissance: Literacy, Territoriality and Colonization**. The University of Michigan Press, USA, 1995. pp 219-334.

MINELLI, Laura Laurencich. La "culpa" del cronista peruano P. Blas Valera. In: **Anales del Museo de América**. Subdirección General de Documentación y Publicaciones, Madrid: 1999. p. 95-109. Disponível em: <file:///C:/Users/11507395760/Downloads/Dialnet-LaCulpaDelCronistaPeruanoPBlasValera-1455899.pdf>. Acesso em julho de 2016.

\_\_\_\_\_. Un complemento a la polémica sobre Guamán Poma de Ayala. **Anthropologica**, Lima, v. 17, n. 17, p. 422-427, 1999. Disponível em: <file:///C:/Users/11507395760/Downloads/DialnetUnComplementoALaPolemicaSobreGuamanPomaDeAyala-5126155.pdf>

\_\_\_\_\_. Presentacion del documento "Exsul immeritus Blas Valera populo suo. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL GUAMAN POMA E BLAS VALERA, 1., 1999, Roma. **Acta**. Roma: Iila, 2001. p. 12 - 43.

MEYERS, A. Los incas: ¿bárbaros advenedizos o herederos de Tiahuanaco?. In: **El Hombre y los Andes**, T. II. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2002. pp 525-535.

MEYERS, R. **Cuando el sol caminaba por la tierra**. La Paz: Plural Editores, 2002. Pp 11- 54.

MORRIS, C. Value, **Investment and Mobilization in the Inca Economy**, In: HENDERSON, J. ; NETHERLY P. (eds.). **The Politics of Production and Consumption**. Ithaca: Cornell University Press, 1993. pp 34-55.

\_\_\_\_\_. Storage, supply, and redistribution in the economy of the Inka state. In: MURRA, John; WACHTEL, Nathan; REVEL, Jacques (eds.) **Anthropological History of Andean Politics**. Cambridge University Press, New York, 1986. pp 59 – 68.

MURRA, J.V. Maíz, Tubérculos y ritos agrícolas. In: **El mundo andino: población, medio ambiente y economía**. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú e Instituto de Estudios Peruanos, 2002. pp143-152.

\_\_\_\_\_. **La organización económica del estado Inca**. Instituto de estudios peruanos, Ciudad de Mexico: Siglo XXI editores, 1987.

\_\_\_\_\_. The expansion of the Inka state: armies, war, and rebellions. In: MURRA, John; WACHTEL, Nathan; REVEL, Jacques (eds.) **Anthropological History of Andean Polities**. New York: Cambridge University Press, 1986. pp 49-58.

ORÉ, María Teresa. **Agua, bien común y usos privados: riego, estado y conflictos en La Archirana del Inca**. Lima: Fondo Editorial PUCP, 2005.

ORTIZ, Iñigo. **Visita de la provincia de León de Huánuco en 1562**. Tomo II. Jonh V. Murra (ed.). Huánuco: Universidad Nacional Hermilio Valdizán, 1967.

ORTLOFF, Charles R.; KOLATA, Alan L.. Climate and collapse: agro-ecological perspectives on the decline of the Tiwanaku state. **Journal Of Archaeological Science**, Cambridge, v. 20, n. 2, p.195-221, 1993. Disponível em: <[http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/43209542/Climate\\_and\\_Collapse\\_Agro-Ecological\\_Per20160229157816jc87n.pdf](http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/43209542/Climate_and_Collapse_Agro-Ecological_Per20160229157816jc87n.pdf)&AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1491071470&Signature=XgN9Zr5sMUwPUF5TXWNQtPiTLI=&response-content-disposition=inline; filename=Climate\_and\_Collapse\_Agro Ecological\_Per.pdf.>. Acesso em: 25 maio 2016.

OSSIO, Juan. Las cinco edades del mundo según Felipe Guamán Poma de Ayala. **Revista de La Universidad Católica:**

**Etnohistoria y antropología andina**, Lima, n. 2, p.67-89, dez. 1977. Disponível em: <[http://repositorio.pucp.edu.pe/index/bitstream/handle/123456789/49147/cinco\\_edades\\_juan\\_ossio.pdf?sequence=1](http://repositorio.pucp.edu.pe/index/bitstream/handle/123456789/49147/cinco_edades_juan_ossio.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 12 set. 2016.

OWEN, Bruce. Were Wari and Tiwanaku in conflict, competition, or complementary coexistence?: Survey evidence from the Upper Osmore drainage, Peru. In: 59TH ANNUAL MEETING OF THE SOCIETY FOR AMERICAN ARCHAEOLOGY, 59., 1994, Anaheim. **Anais...** Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 182 - 194. Disponível em: <[http://bruceowen.com/research/owen1994-saa-were\\_wari\\_and\\_tiwanaaku\\_in\\_competition.pdf](http://bruceowen.com/research/owen1994-saa-were_wari_and_tiwanaaku_in_competition.pdf)>. Acesso em: 21 nov. 2016.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 24, n. 68, p. 81-101, 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142010000100009&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142010000100009&script=sci_arttext&tlng=es). Acesso em: 15 de out. de 2010.

PETRIE, Sebastien. La producción de chicha en los imperios inca y chimú. **La alimentación en la América precolombina y colonial: una aproximación interdisciplinaria**, Madrid: CSIC-Institución Milà i Fontanals, 2009. p. 133-143.

PINEDA, Gabriel Espinosa. Acerca de la polémica entre perspectivismo y cosmovisión. In: GÀMEZ ESPINOSA, Alejandra; AUSTIN, Alfredo López (coords.). **Cosmovisión mesoamericana**. Reflexiones, polémicas y etnografías – Ciudad de México: FCE, Colmex, FHA, BUAP, 2015. pp 121 – 138.

PORTUGAL, Ana Raquel M. da C. M. Dialogando com as crônicas quinhetistas: a representação do ayllu andino. **R. Mestr. Hist.**, Vassouras, v. 4, n. 1, p. 7-26, 2001/2002.

\_\_\_\_\_. **O ayllu andino nas crônicas quinhentistas** / Ana Raquel Portugal. - São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

PROYECTO ANDINO DE TECNOLOGIAS CAMPESINAS. **Agroecología y saber andino**. Lima: Agruco/pratec, 1995. Disponível em: <<http://www.pratecnet.org/pdfs/Agroecologia-y-saber-andino.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

QUISPE, Quispe; HALLEY, Edison. Entre la magnitud y la vulnerabilidad: : variaciones climáticas, economía y sociedad: estudios de caso y de larga data: Arequipa, siglos XVIII y XIX. In: CONGRESO PERUANO DE HISTORIA ECONÓMICA, 1., 2013, Huamanga. **Anais...** . Huamanga: Laaphe, 2013. p. 15 - 44. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.minam.gob.pe/biam/bitstream/handle/minam/1657/BIV01428.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 31 ago. 2016.

RABIELA, Teresa Rojas; RUIZ, José Luis Martínez; LICEA, Daniel Murillo. **Cultura hidráulica y simbolismo mesoamericano del agua en el México prehispánico**. Instituto Mexicano de Tecnología del Agua, Ciudad de Mexico: 2009. Disponível em: [http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/38292989/2009b\\_libroprimeraparteCULTURA2\\_IMTA.pdfAWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1491079564&Signature=u6yJjKcsQE0h%2Bnp1lbG60j6nbs%3D&response-contentdisposition=inline%3B%20filename%3DEl\\_agua\\_en\\_la\\_antigua\\_Mesoamerica\\_usos\\_y.pdf](http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/38292989/2009b_libroprimeraparteCULTURA2_IMTA.pdfAWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1491079564&Signature=u6yJjKcsQE0h%2Bnp1lbG60j6nbs%3D&response-contentdisposition=inline%3B%20filename%3DEl_agua_en_la_antigua_Mesoamerica_usos_y.pdf). Acesso em: 08 de set. de 2016.

RENGIFO, Grimaldo; ISHIZAWA, Jorge. Los Caminos andinos de las semillas. In: PRATEC, **Los caminos andinos de las semillas**. Pratec. Lima, 1997. Disponível em:



<http://pratecnet.org/libros1/blog/2016/12/05/libros-por-codigos-bdag1/>. Acesso em: 23 de nov. de 2016.

ROBAZZINI, Alexandre. O papel da arqueologia na história indígena: algumas considerações. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, p.159-163, 2011.

Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/revmaesupl/article/view/113551>>.

Acesso em: 21 fev. 2016.

ROSAS, Augusto Cardona. Reflexiones acerca del proceso cultural y legitimación Inca en Arequipa. **AREQUIPA A TRAVÉS DEL TIEMPO**, Centro de Estudios Arequipeños – Universidad Nacional de San Agustín: Arequipa, 2008. p. 31-47.

ROSTWOROWSKI, María. **Redes económicas del Estado inca: el ‘ruego’ y la dádiva**. En: VICH, Victor. **El Estado está de vuelta: desigualdad, diversidad y democracia**. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2005.

pp15-47. Disponível

em:<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/peru/iep/estado/rost.pdf> Acesso em: 29 de maio de 2015.

\_\_\_\_\_. **Historia del Tahuantinsuyu**. Lima: LE.P. 2da. Eche., 1988.

SAID, Edward. O alcance do Orientalismo. In SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. (1978). Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Cias das Letras, 2007, pp61-163

SALAS, María Angélica. **Papas y cultura: acerca de la interacción de sistemas de conocimiento en los Andes del Perú**. 1996. 267 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia,

Katholieke Universiteit Nijmegen, Nijmegen, 1996. Disponível em:  
 <[http://repository.ubn.ru.nl/bitstream/handle/2066/146252/mmu\\_bn000001\\_23209635x.pdf](http://repository.ubn.ru.nl/bitstream/handle/2066/146252/mmu_bn000001_23209635x.pdf)>. Acesso em: 06 jun. 2016

SALDI, Leticia; WAGNER, Lucrecia S.. Aportes antropológicos a la Historia Ambiental en contextos y estudios latinoamericanos. **Revista Latino-americana de Historia (unisinós)**, São Leopoldo, v. 2, p.8-30, 2013. Disponível em:  
 <[http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/45811304/Aportes\\_antropologicos\\_a\\_la\\_historia\\_amb20160520-7783-12minje.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1493324082&Signature=6QmsZnEyGrN0vPGOq1cDCZrdYqE=&response-content-disposition=inline;filename=Aportes\\_antropologicos\\_a\\_la\\_historia\\_amb.pdf](http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/45811304/Aportes_antropologicos_a_la_historia_amb20160520-7783-12minje.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1493324082&Signature=6QmsZnEyGrN0vPGOq1cDCZrdYqE=&response-content-disposition=inline;filename=Aportes_antropologicos_a_la_historia_amb.pdf)>. Acesso em: 31 jan. 2017.

SANFUENTES ECHEVERRIA, Olaya. Europa y su percepción del nuevo mundo a través de las especies comestibles y los espacios americanos em el siglo XVI. **Historia (santiago)**, Santiago, v. 39, n. 2, p.531-556, dez. 2006. Disponível em:  
 <[http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0717-71942006000200006](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-71942006000200006)>. Acesso em: 12 abr. 2016.

SIMMEL, Georg. Filosofia del paisaje. In: **El individuo y La libertad: ensayos de critica de La cultura**. Ediciones Península. Barcelona. 1986. pp. 175-186.

SALHUANA, Wilfredo. Diversidad y descripción de las razas de maíz en el Perú. In: **Programa Cooperativo de Investigación en Maíz**. Universidad Nacional Agraria La Molina, Lima, 2004. Disponível em:  
[https://www.ars.usda.gov/ARUserFiles/50301000/Races\\_of\\_Maize/Diversidad%20y%20razas%20de%20maiz%20en%20Peru.pdf](https://www.ars.usda.gov/ARUserFiles/50301000/Races_of_Maize/Diversidad%20y%20razas%20de%20maiz%20en%20Peru.pdf). Acesso em: 21 de fev. de 2017.

SALOMON, Frank. Unethnic ethnohistory: On Peruvian peasant historiography and ideas of autochthony. **Ethnohistory**, Durham, v. 49, n. 3, p.475-509, 2002.

SHERBONDY DE TORD, Jeanette. Organización hidráulica y poder en el Cuzco de los Incas. **Revista española de antropología Americana**, Madrid, n.17, p. 117, 1987.

Disponível em:

<http://revistas.ucm.es/index.php/REAA/article/view/REAA8787110117A>. Acesso em: Julho de 2016.

TAPIA, Mario; **FRIES, Ana María. Guia de los cultivos andinos**. Lima: FAO y ANPE, 2007. Disponível em: <<http://www.fao.org/docrep/010/ai185s/ai185s.pdf>> Acesso em Maio de 2015.

\_\_\_\_\_. **Cultivos Andinos subexplotados y su aporte a la alimentación**. Santiago: FAO – Organización de las Naciones Unidas para la agricultura y la alimentación (2ed.), 2000. Disponível em: <

[https://issuu.com/b.mendozaelizabeth/docs/cultivos\\_andinos\\_su\\_bexplotados\\_y\\_s1](https://issuu.com/b.mendozaelizabeth/docs/cultivos_andinos_su_bexplotados_y_s1)>. Acesso em 12 de out. de 2015.

THOMPSON, Edward P. **Senhores e caçadores: a origem da Lei Negra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Parte I: Windsor (1, A Floresta de Windsor; 2, A Lei Negra; e 3, Transgressores e adversários), 1987. pp 29-144.

TODOROV, Tzevetan. **La conquista de América: el problema del outro**. Madrid: SIGLO XXI editores S.A, 2010.

TOLEDO, Victor Manuel. Repensar la conservación: áreas naturales protegidas o estrategia bioregional? **Gaceta Ecológica**, Cidade do México, n. 77, p.67-83, 2005. Disponível em:

<<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2878440>>.

Acesso em: 12 abr. 2016.

WACHTEL, Nathan. Men of the water: the Uru problem (sixteenth and seventeenth centuries). In: MURRA, John; WACHTEL, Nathan; REVEL, Jacques (eds.) **Anthropological History of Andean Politics**. Cambridge University Press, New York, 1986. pp283 – 310.

\_\_\_\_\_. A reciprocidade e o Estado Inca: de Karl Polanyi a John Murra. In: **Para uma história antropológica**. Lisboa: Edições, v. 70, 1978. pp 78 – 92.

\_\_\_\_\_; TANDETER, Enrique. **Los vencidos: los indios del Perú frente a la conquista española (1530-1570)**. Lima: Alianza Editorial, 1976.

\_\_\_\_\_. Pensée Sauvage Et Acculturation: : L'Espace Et Le Temps Chez Felipe Guaman Poma De Ayala Et l'Inca Garcilaso De La Vega. **Annales. Histoire, Sciences Sociales**, Paris, v. 26, n. 3/4, p.793-840, 1971. Disponível em: <[www.jstor.org/stable/27566759](http://www.jstor.org/stable/27566759)>. Acesso em: 21 maio 2016.

WATKINS, Charles (ed.) 1996. Themes in the history of European woods and forests. In: **European woods and Forests: Studies in a cultural history**. Cambridge: University Press, pp 1-10.

WOORTMANN, Ellen. Herdeiros, parentes e compadres. In: **Colonos do sul e sítiantes do nordeste**. Basileia/São Paulo. EDUnB/Hucetec, 1995. pp 97 -155.

WORSTER, Donald. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história. **Ambient. soc.**, Campinas, v.5, n.2, p.23-44, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-753X2003000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2003000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 07 de Junho de 2009.

\_\_\_\_\_, A natureza e a desordem na historia. In FRANCO, J. L. de A.; DUTRA e SILVA, S.; DRUMMOND, J. A.; TAVARES, G. G. (orgs). **Historia Ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. pp 333-366.

WRIGHT, Kenneth R. et al. Hydrogeology and paleohydrology of ancient Machu Picchu. **Groundwater**, Westerville, v. 35, n. 4, p.660-666, 1997. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1745-6584.1997.tb00131.x/full>>. Acesso em: 31 out. 2016.

UBEDA, José; ESTREMER, David Palacios. El clima de la vertiente del Pacífico de los Andes centrales y sus implicaciones geomorfológicas. **Espacio y Desarrollo**, Lima. n. 20, p. 31-56, 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/espacioydesarrollo/article/view/5438>> Acesso em março de 2017.

URTON, Gary. El sistema de orientaciones de los incas y de algunos quechuahablantes actuales tal como queda reflejado en su concepto de la astronomía y del universo. **Anthropologica del Departamento de Ciencias Sociales**, Lima, v. 1, n. 1, p. 209-238, 1983.

\_\_\_\_\_. The Cruciform in Quechua Astronomy. **Journal of Latin American Lore**, Los Angeles, v. 6, n. 1, p. 87-110, 1980.

VALENSI, Lucete; RANGLES, Wanchtel. História e antropologia econômica: a obra de Karl Polanyi. **Para uma história antropológica**. Lisboa: Edições, v. 70, 1978. p. 13-26.

VALLADOLID, Julio. Agroastronomía andina. In: GRESLOU, François et al. **Cultura Andina Agrocéntrica**. Lima: PRATEC, 1991. Disponível em:

<<http://pratecnet.org/libros1/blog/2016/12/05/libros-por-codigos-bdag1/>> Acesso em 13 de dez. 2016.

VARGAS, Ramón. **La cultura del agua: lecciones de la América indígena**. Montevideo: Programa Hidrológico Internacional para América Latina y el Caribe, UNESCO, 2006. Disponível em:

<http://www.redagua.org/advf/documentos/4666d185e4d68.pdf>.

Acesso em 09 de janeiro de 2017.

VÁSQUEZ, Víctor. Importancia de las variedades nativas de papa: Manejo campesino de semillas en los andes. **Proyecto Piloto de Ecosistemas Andinos (PPE); Proyecto Andino de Tecnologías Campesinas (PRATEC)**, Lima: Eventos técnicos, 1989. pp.155-158. Disponível em: <http://www.sidalc.net/cgi-bin/wxis.exe/?IsisScript=BIBLIOPE.xis&method=post&formato=2&cantidad=1&expresion=mfn=026581>. Acesso em 30 de setembro de 2016.

VAUGHN, Kevin J. Craft production, exchange, and political power in the pre-Incaic Andes. **Journal of Archaeological Research**, New York, v. 14, n. 4, p. 313-344, 2006. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10814-006-9007-2>. Acesso em 21 de fevereiro de 2017.

VITRY, Christian. Los espacios rituales en las montañas donde los inkas practicaron sacrificios humanos. **Revista Paisagens**

**Culturais Contrastes Sul-Americano (Escola de Belas Artes UFRJ), Rio de Janeiro.** Carlos Terra e Rubens Andrades Editores, v. 4765, 2008. pp47–65. Disponível em: [http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/31613558/Ofrendas\\_humanas\\_paisajes.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWO WYYGZ2Y53UL3A&Expires=1494785801&Signature=aSNE Oib8viYquGjt3tuhsxHs7Es%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DLos\\_espacios\\_rituales\\_en\\_las\\_montanas\\_do.pdf](http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/31613558/Ofrendas_humanas_paisajes.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWO WYYGZ2Y53UL3A&Expires=1494785801&Signature=aSNE Oib8viYquGjt3tuhsxHs7Es%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DLos_espacios_rituales_en_las_montanas_do.pdf). Acesso em: 13 de dez. de 2016.

ZEGARRA, Eduardo. **La investigación social sobre el manejo del agua de riego en el Perú:** una mirada a conceptos y estudios empíricos. En: In: **Investigación social sobre el manejo del agua de riego en el Perú: una mirada a conceptos y estudios empíricos.** 2002. Lima: Pulgar Vidal, M.(ed), p. 22-24, 2002. Disponível em: <http://www.grade.edu.pe/upload/publicaciones/Archivo/download/pubs/EZ-Manejo%20del%20agua%20de%20riego.pdf>. Acesso em 12 de agosto de 2016.

ZUIDEMA, R. T. Inka dynasty and irrigation: another look at Andean concepts of history. In: MURRA, John; WACHTEL, Nathan; REVEL, Jacques (eds.) **Anthropological History of Andean Politics.** Cambridge University Press, New York, 1986. pp177-200.

**FONTES ANALISADAS:**

DE ACOSTA, José. **Historia natural y moral de las Indias**. Madrid: Editorial CSIC-CSIC Press, 2008.

DE BETANZOS, Juan. **Suma y narración de los Incas**. Madrid: Linkgua digital, 2010.

CIEZA DE LEÓN, Pedro de. La crónica del Perú. Edición de Manuel Ballesteros – Madrid: Dastin, 2000.

GARCILASO DE LA VEGA, Inca. **Comentarios reales de los Incas**. Tomos I, II, III – Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1964.

GUAMAN POMA DE AYALA, Felipe. **Nueva crónica y buen gobierno. Vol. I e II**. Lima: Ebisa, 2011.

DE MURUA, Martin; GAIBROIS, Manuel Ballesteros. **Historia general del Perú**. Madrid: Historia 16, 1987.

ORTIZ, Inigo. **Visita de la provincia de León de Huánuco en 1562**. Tomo II. Jonh V. Murra (ed.). Huánuco: Universidad Nacional Hermilio Valdizán, 1967.



